

HELENA MAFFEI CRUZ

DA ALDEIA À CIDADE

**Narrativas de identidade de jovens adultos criados
na Aldeia SOS de Rio Bonito**

**MESTRADO
PSICOLOGIA CLÍNICA**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
SÃO PAULO
2007**

HELENA MAFFEI CRUZ

DA ALDEIA À CIDADE

**Narrativas de identidade de jovens adultos criados
na Aldeia SOS de Rio Bonito**

Dissertação apresentada à
Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, como exigência
parcial para a obtenção do
título de MESTRE em
Psicologia Clínica, sob
orientação da prof^a Dra. Rosa
Maria S. Macedo

MESTRADO – PSICOLOGIA CLÍNICA

PUC – SÃO PAULO

2007

DA ALDEIA Á CIDADE
Narrativas de identidade de jovens adultos criados
na Aldeia SOS de Rio Bonito

HELENA MAFFEI CRUZ

BANCA EXAMINADORA

.....
(Nome e assinatura)

.....
(Nome e assinatura)

.....
(Nome e assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em / /

“O que descrevo é aquilo em que presto atenção e no que me concentro. A vida é tão rica e plena que é impossível prestarmos atenção e nos concentrarmos em tudo ao mesmo tempo. Querendo ou não, devo selecionar o que focalizar, momento a momento. Minhas descrições e entendimentos são formados na linguagem, e só posso construí-los a partir do meu repertório. Portanto só posso prestar atenção e me concentrar naquilo para o qual eu tiver uma linguagem para descrever e compreender”.

Tom Andersen

À memória de Tom, pelos repertórios
éticos e poéticos com que me presenteou.

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação de mestrado é, como toda prática discursiva, uma produção de sentido. A dimensão histórica desse texto ultrapassa o tempo curto de sua produção. Perpassam por ele produções culturais que me precedem, e até mesmo ignoro. Envolvem-no as linguagens sociais presentes em minha história pessoal. A quem devo esses repertórios?

Nasci em uma cidade que nasceu com um colégio.

Nasci em uma família que gostava de aprender.

Sou grata a essas duas origens.

Irmãs mais velhas são professoras natas. Se nas outras brincadeiras eu era café-com-leite, lugar que detestava, quando brincávamos de escola, meu lugar de aluna era legítimo. Agradeço a Suzanna e Leonor por terem me ensinado a querer ir para a escola, e à minha mãe pela crença absoluta de que “profissão de estudante é estudar”.

No lugar da sisuda cartilha, meu pai me ensinou a ler com uma estória encantada. Agradeço a ele a magia que permitiu rimar prazer com ler. E tantos temas li, que só o aprendizado de ser mãe, me fez descobrir o prazer de aprender fazendo.

Para meus filhos Ciça, Pedro, Luli e Beto, pela graça e tolerância com que aceitaram os ensaios e erros, vai o maior agradecimento. Eles me ensinaram o que as crianças precisam e fizeram nascer o desejo de passar adiante esses saberes.

A viagem pelas Ciências Sociais, em anos difíceis de governo militar ensinou-me que as descrições únicas podiam ser muito perigosas. Agradeço aos colegas e professores da USP, ter sido obrigada a me fazer tantas perguntas naqueles anos de chumbo.

Outras pertinências foram fundamentais na travessia. Apreendi mais sobre mim nas terapias. Tornei-me terapeuta e entre mestres e supervisores, o agradecimento especial vai para Mari Carposi, generosa, engajada e curiosa. Sua falta uniu parte de seu grupo de estudos na busca por mais recursos, para os encontros com famílias. Agora, à distância tenho que agradecer até sua

saída de cena, que nos transformou em grupo autônomo e gerou o Instituto FAMILIAE.

Às minhas cinco companheiras de ousadia, Azair Vicente, Marília de Freitas Pereira, Neyde Bittencourt de Araújo, Rose Nahas e Vânia Curi Yasbek, obrigada por todas as sextas-feiras em que sonhamos, planejamos, estudamos, divergimos, discutimos e aprendemos a arte de conviver com as diferenças. Nesse processo, Gladis Brun ofereceu o mapa, com generosidade, afeto e humor, brindes extras no pacote de sua competência. Agradeço sua disponibilidade assim como a da equipe do ITF-RJ, na nossa formação.

Essa construção nos tornou parte da fundação das Associações Paulista e Brasileira de Terapia Familiar. Tais pertinências nos levaram a ampliar objetivos e ações de nosso Instituto, hoje uma família extensa, com várias gerações. Obrigada a todos os colegas que nos legitimaram como formadoras, cursando 15 turmas até agora.

Rosa Macedo, minha orientadora, é parte de narrativas outras, além desta dissertação. Com ela aprendi a complexa habilidade de montar um congresso – o primeiro da categoria Terapeutas Familiares, em São Paulo, 1994. Também me honrou com o convite para compor sua diretoria na APTF, no biênio 1996-7. Agradeço a oportunidade de aprender a importância de dedicar um tempo - bem sempre escasso, para por em ação nossas idéias.

À espantosa capacidade de trabalho de Marilene Grandesso, com quem compartilhei nova diretoria, no biênio 2000-1, devo o aprendizado de “abrir as portas dos consultórios e sairmos para a comunidade”

Meu interesse por trabalhos sociais ganhou ferramentas e acabou desembocando numa pesquisa meio tosca que, apresentada nos Seminários Família e Sociedade, no Núcleo de Estudos Da Mulher e das Relações de Gênero - NEMGE-USP, recebeu surpreendentes comentários, como “Isso dá um mestrado”! Agradeço à generosidade desse grupo, em especial à Lucila Reis Brioschi, Maria Helena Bueno Trigo, Lia Fukui e Miriam Moreira Leite, o estímulo para que eu prosseguisse no que acabou se tornando esta dissertação tardia. Durante o processo do mestrado, tive o privilégio de contar com a presença nesse grupo, de Ângela Mendes de Almeida, historiadora que

muito contribuiu para que eu aprendesse que conceitos têm história e geografia.

Quando expliquei por telefone, a Rosa Macedo, que estava interessada em compreender algo sobre as relações nas Aldeias SOS e não sabia se isto era um tema adequado para um mestrado; sua resposta-pergunta, foi imediata: “Você tem uma pergunta? Você tem interesse nela? Então não tem tema adequado ou desadequado”. Mais um agradecimento à incentivadora mestra.

Às professoras e colegas dessa nova jornada escolar agradeço o quanto aprendi nesses anos. Não cito nomes para não cometer injustiças. Mas participar de grupos de trabalho mais jovens, correr durante um ano, às sextas-feiras, para aprender-fazendo, um trabalho com crianças de primeiro ano de uma escola pública, sob a coordenação de Rosane Mantilla, muito contribuiu para aguçar minha escuta para a construção de identidades através das descrições que vão dando vida a alguns *selves* e colaborando para abortar outros.

Mary Jane Spink desenvolveu um caminho de pesquisa no qual ainda engatinho, de novo aprendendo-fazendo. Agradeço a oportunidade de ampliar meu repertório com aportes da psicologia social.

Novamente agradeço a Rosa, agora pela compreensão com meus vaivens e a enorme abertura para acompanhar tantas trajetórias diversas, de orientandos com interesses tão variados. Seu estilo de orientação me lembra o processo pelo qual um maestro constrói a interpretação da orquestra: ele não toca nada, mas tem cada um dos instrumentistas sob sua batuta. Entretanto a responsabilidade pela execução é do instrumentista. Neste caso, qualquer desafinado é meu.

Nos últimos sete anos colaborei com Tom Andersen em consultorias e coordenação de cursos. Sua voz solidária me acompanhou todo o tempo. Sei que aprendi pouco, mas sei também que esse pouco faz muita diferença. Espero ter sabedoria suficiente para continuar a ouvi-la, agora que ele reverteu definitivamente as luzes, apagando o seu lugar e deixando iluminado nossos campos de trabalho.

Durante estes mesmos anos participei de muitas atividades da Aldeia SOS do Rio Bonito. Sempre fui muito bem acolhida. Dirigentes trocaram de

posições, saíram algumas mães, entraram outras, mas o trânsito fácil nunca mudou. Em todos esses adultos responsáveis, fossem mães, tias, assistentes ou dirigentes, encontrei disponibilidade de compartilhar experiências, refletir sobre caminhos. A seriedade com que se engajam em seu trabalho, muito me ensinou sobre a enorme complexidade e a responsabilidade, que é de todos nós, sobre o destino das nossas crianças quando elas necessitam de uma alternativa segura para crescer.

Os membros do Comitê de Apoio, Inge Straub, Ralph Chistian e Mario Probst, além de meu marido, Frederico Melcher, compartilharam comigo o desafio de montar e acompanhar a execução de um projeto para aldeanos emancipados – o projeto Emacip-Ação destinado a colaborar na construção de uma rede que sustentasse as tentativas de um grupo de fazer a difícil passagem da Aldeia à cidade. Mais do que ajudá-los, aprendemos sobre a realidade social desses jovens e nos fizemos perguntas cujas respostas continuamos a buscar. Nessa pesquisa, suas vozes estão presentes.

Presentes também as observações e ações de Regina Wrasse, a coordenadora do projeto, que durante nove meses reuniu-se semanalmente com um grupo de jovens, e mensalmente conosco. Aprendemos, com sua prática, a interrogar mais cuidadosamente nossos pressupostos.

A esse grupo que tanto me enriqueceu, obrigada.

Karin Essler e Margarida Gioielli, a tia Karin e a tia Magui, tão importantes na rede social significativa dos aldeanos, como co-construtoras da experiência coerente no tempo e no espaço que constitui a **identidade** deles, possibilitaram que minhas descrições da Aldeia ganhassem vida.

Aos protagonistas dessa história, na palavra gratidão estão contidos respeito e compromisso. Abriram suas vidas generosamente para este trabalho. Fico -lhes devendo a transformação de minhas reflexões, em ações.

Tarefas rotineiras que costumam roubar horas preciosas de estudo são executadas eficientemente por meus auxiliares Lucia e Valdeci Ribeiro da Silva. Cecília Louzada poupa-me de agendas, contas, documentos e papéis em geral, além de especificamente neste caso, ordenar e reordenar as infindáveis “últimas” versões. Agradeço pelo oásis de tranquilidade que, graças a eles, é minha casa.

Finalizar um trabalho requer a humildade de dizer – isto é o melhor que consigo fazer. Leitores, nesse final são presenças inestimáveis.

Roseli Righetti, companheira de percurso na docência no FAMILIAE, e Cecília Cruz Villares, minha filha Ciça, que caminhou muito mais rápido do que eu, generosamente ofereceram sugestões e perguntas, que contribuíram para melhor organizar este texto.

Maria Cristina Jorge, com delicadeza, disponibilidade e enorme competência fez a revisão final.

Frederico, companheiro de todas as horas convidou-me a sete anos para acompanhá-lo à Aldeia do Rio Bonito, para uma reunião do Comitê de Apoio, do qual fazia parte então. Mal sabia que daquela visita, eu embarcaria em uma aventura que encurtou os fins de semana, restringiu viagens durante o ano letivo e roubou-me para horas de computador.

Sua cumplicidade e disponibilidade para me acompanhar a locais distantes onde vivem os entrevistados e sua leitura atenta às várias versões deste texto facilitaram enormemente minha tarefa. A boa música, que muitas vezes me acompanhou, tornou as jornadas mais leves. Obrigada pelo bem-estar, bem querer, bem-cuidar.

RESUMO:

CRUZ, Helena M. (2007). DA ALDEIA À CIDADE: *Narrativas de identidade de jovens adultos criados na Aldeia SOS do Rio Bonito, São Paulo*. (xxx p.) Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa tem como tema de estudo a constituição do si mesmo de jovens adultos criados em casas-lar sob os cuidados de uma mãe-social, na Aldeia de Rio Bonito, em São Paulo, instituição filiada às Aldeias Infantis SOS do Brasil. O objetivo geral é investigar os significados atribuídos às relações na instituição, como constitutivas da identidade dos jovens adultos, que lá viveram até sua maioridade, através da exploração dos sentidos atribuídos a casa-lar, mãe social, irmãos e aldeia - os quatro pilares da missão da instituição - nas autodescrições destes jovens; pretende também compreender a relevância destes sentidos em sua situação de jovens adultos, frente à necessidade de garantir a própria sobrevivência, considerada como indicador de maioridade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa onde a pesquisadora estuda, através das narrativas de quatro jovens sobre si mesmos, a presença dos pilares da instituição nessas autodescrições. A compreensão relacional da constituição do si-mesmo, comum às várias teorias sistêmicas e o construcionismo social, que propõe o significado como construído socialmente em linguagem, embasam a análise e interpretação das categorias propostas e das demais categorias construídas pelos relatos dos entrevistados. Os resultados apontam a presença das pessoas integrantes da rede constituída na e a partir da Aldeia como vozes fundamentais na co-construção de uma experiência de si mesmo, coerente no tempo e no espaço que constitui a **identidade**. Outras vozes sociais como o preconceito, surgidas nas entrevistas, fazem parte das restrições identitárias dos jovens, assim como o contexto socioeconômico mais amplo da cidade de São Paulo. A pesquisa oferece reflexão sobre a co-responsabilidade, entre a instituição e os agentes sociais externos, no caminho da Aldeia à cidade, em direção à maioridade dos jovens aldeanos emancipados.

Palavras-chave: Família – Instituição – Identidade – Construção - Narrativa

ABSTRACT:

CRUZ, Helena M. (2007). FROM THE VILLAGE TO THE CITY: *Narratives of identity of young adults raised in Adeia SOS do Rio Bonito, São Paulo*. (133 p.) M.A. Dissertation in Clinical Psychology. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

This research has as theme of study the constitution of the self of young adults raised in shelters under the care of a social-mother in the Aldeia de Rio Bonito, in São Paulo, institution that is linked to the Aldeias Infantis SOS do Brasil. The general objective is to investigate the meanings attributed to the relations in the institution, as constitutive of the identity of young adults who lived there, up to their adulthood, by exploring the meanings attributed to the shelter, social mother, brothers and village – the four pillars of the mission of the institution – in the self-descriptions of these young people; intends, also to comprehend the relevance of these meanings in their situation of young adults, due to the need to guarantee the self survival, considered as an indicator of adulthood. It is a qualitative research where the researcher studies, based on the narrative of four young people about themselves, the presence of the four pillars of the institution in these self-descriptions. The relational comprehension of the self constitution, common to many systemic theories and the social constructionism, which proposes the meaning as socially constructed in language, gives the bases to the analyses and interpretation of the proposed categories and the other categories constructed through the narratives of the interviewees. The results lead to the presence of the people who integrate the net constituted in the Village and from the village as fundamental voices in the co-construction of an experience of the self, in coherence with the time and the space that constitute the **identity**. Other social voices, such as prejudice, which came up in the interviews, are part of the restricted identity of these young people, as much as the wide social economic context in the city of São Paulo. The research offers reflection about the co-responsibility between the institution and the external social agents on the way from the Village to the city, towards the adulthood of these emancipated young people from the Village.

Key words: Family – Institution – Identity - Construction - Narrative

SUMÁRIO

Introdução	02
I - Família e Instituição no Brasil	08
II - Identidade e Self.....	33
III - A Família SOS	48
III.1 – O Fundador	48
III.2 – Aldeias Infantis SOS do Brasil	49
III.3 – Aldeia Infantil SOS de Rio Bonito	50
3.1 História.....	50
3.2 Descrição da Aldeia SOS do Rio Bonito	54
3.3 O contexto socioeconômico	56
3.4 Os quatro pilares em ação	57
3.4.1 Mãe Social	60
3.4.2 Os irmãos	70
3.4.3 A casa-lar e a Aldeia	72
IV – Método	75
IV.1 Justificação.....	75
IV.2 Participantes	79
IV.3 Procedimentos para a realização das entrevistas	80
IV.4 Análise das narrativas	80
IV.5 Considerações éticas	83
V – Análise e Interpretação das narrativas	85
V.1 Ricardo	85
V.2 Mariana	95
V.3 Denise	102
V.4 Suely	109
V.5 A Família SOS: co-contrutora das identidades de Ricardo, Mariana, Denise e Suely	119
VI Considerações finais	122
VII Referências bibliográficas	127

Introdução

Minhas narrativas sobre Família, Criança e Instituição começam com histórias contadas, intuídas, descobertas e ressignificadas com o correr do tempo, quando alguns silêncios foram sendo preenchidos por novas descrições - aquelas que não se fazem às crianças.

O dicionário, na família de origem de meu pai, ensinava que internato era o lugar para onde iam as crianças quando a mãe... ficava doente? Morria? Certamente, quando não estava mais presente.

Madrasta era igualzinha à da Branca de Neve, e o resultado dessa institucionalização das crianças nem sempre era bom. Algumas não davam certo, expressão que significava não terem completado os então chamados estudos preparatórios para o ensino superior, e, eventualmente, não ter, na vida adulta, emprego estável, dependendo de ajuda dos demais irmãos.

Na família materna, a morte da mãe (no caso, a mulher de um tio) implicou em que a criança pertencia à família do sobrevivente, isto é, avó paterna e todos os tios. Em um segundo casamento, essa rede protegia a criança do mal maior – a madrasta; entendida como má-drasta, uma categoria *a priori*, acima de qualquer possibilidade da candidata provar o contrário.

Essa rede oferecia pertencimento, afeto, responsabilizava-se pela saúde e educação, mas a marca da impossibilidade de substituição da mãe estava presente em todos os relatos.

Fui crescendo, lapsos foram preenchidos, mistérios esclarecidos, mas a verdade de que mãe é uma só, a que gestou e deu a luz, nunca foi posta em dúvida nos relatos familiares.

Irmã caçula de duas outras meninas, em minha casa o internato tomou outra conotação: castigo para reprovações ou maus resultados escolares.

Passei domingos e domingos visitando minhas irmãs no colégio interno, levando pratos de doces para o lanche que elas faziam conosco e, quando caminhávamos pelo parque no meio do qual se escondiam as classes, correndo e nos separando dos nossos pais, ouvia histórias de injustiças que hoje eu descreveria como imposições identitárias indiscutíveis como: boa

aluna, má aluna, comparações constantes e desqualificadoras, constituindo, para mim, um cenário a evitar a todo custo.

Tornei-me aluna exemplar e trilhei muitos caminhos por diferentes áreas de conhecimento antes de me voltar ao trabalho com crianças institucionalizadas.

Interessei-me pelas construções vigentes em relação à família, onde o centro da descrição é freqüentemente a qualidade da relação mãe-filho, e desenvolvi uma pesquisa sobre essas construções. (CRUZ, 2006a) Interessei-me pela história da institucionalização de crianças (CRUZ, 2004) e sobre discursos sobre a paternidade no Brasil. (CRUZ, 2006b)

Quando me propus a entender as construções de *self* de jovens criados em lares substitutos na instituição Aldeias Infantis SOS do Brasil, especificamente, na Aldeia de Rio Bonito, São Paulo, mantive-me atenta às categorias mãe biológica, mãe social, família biológica, família social, e os efeitos das ações da instituição, fruto de práticas discursivas sobre esses temas, proferidas pelos próprios jovens, pelos dirigentes da Aldeia e outros adultos relevantes na criação e acompanhamento desses jovens.

Olhando em retrospectiva para esse percurso, assim como refletindo sobre minha predileção pelo estudo e prática da terapia de família com crianças (Cruz, 2000), encontro meus fantasmas da infância instigando-me a desconstruir a irrefutabilidade do par mãe-madrasta, suas qualidades bondade, cuidado *versus* maldade, maus tratos, e as conseqüências: adulto-que-dá-certo, e adulto-que-não-dá-certo.

Talvez as experiências pessoais com terapias e o encontro com as ciências sociais, antes do percurso pela psicologia, tenham contribuído para que a pergunta de Tomás Ibañez: “Como se puede no ser construccionista hoy em dia?” (2001) título de artigo onde nomeia o legado da modernidade como Mitos, a saber: mito da representação, do objeto, da realidade independente e da verdade; tenha constituído um convite irrecusável a conhecer as novas perspectivas para a teoria e prática terapêuticas, oferecidas pelo desafio do construcionismo social.

Minha aproximação aos relatos e práticas sobre crianças vivendo longe de suas famílias de origem, em especial de suas mães, tem se pautado pela

busca de outras possibilidades narrativas em relação a essas situações. Ao problematizar os vocabulários familiares, venho procurando desenvolver uma escuta que compartilha afirmações como:

“Os problemas e suas soluções não brotam do solo da simples observação. A identificação de um problema para o qual uma solução deve ser encontrada depende tanto daquilo que está à nossa frente, quanto do que está atrás, ou seja, chegamos ao campo de observação trazendo conosco toda uma vida de experiências culturais. Mais importante ainda, trazemos também vocabulários para a descrição e a explicação daquilo que é observado. Portanto, enfrentamos as situações da vida munidos de códigos, pré-estruturas de entendimento que sugerem elas mesmas como devemos distinguir o problemático do perfeito.”

(McNAMEE; GERGEN, 1998, p.3)

Tendo colaborado tanto em cursos de capacitação de mães sociais em 2002, como em um programa que visava ampliar a autonomia e colaboração nas relações das mães sociais, entre si e com a direção da Aldeia SOS de Rio Bonito, durante o ano de 2004, repetidas vezes ouvi afirmações como “mãe que é mãe não abandona os filhos”. Ao mesmo tempo, as mulheres que aceitam o trabalho de Mãe Social devem, segundo o estatuto da instituição, propiciar à criança que perdeu seus pais naturais, ou foi deles separada por contingências da vida, “a segurança de um lar, cuidados, amor e carinho, necessários ao desenvolvimento normal e harmonioso de suas potencialidades”. (Estatutos das Aldeias Infantis SOS do Brasil. ANEXO I)

Na história da instituição isto significou que as crianças que hoje são jovens adultos, ao chegarem à Aldeia costumavam ouvir da mãe social: “agora esta é sua casa, estes são seus irmãos e eu a sua mãe”, e todo o esforço era feito no sentido de que elas esquecessem as “histórias difíceis” que haviam vivido.

López (2001, p.67) em pesquisa desenvolvida na mesma instituição descreve a visão dos profissionais dirigentes e técnicos sobre as crianças:

“que traz subjacente uma espécie de compaixão pelas condições de abandono e/ou rejeição que teriam marcado a experiência familiar, que (podem acabar) influenciando o modo como essas próprias crianças vêem a si, sua família de origem e a situação em que vivem, a ponto de elas passarem a se sentir ‘inferiores’ e ‘abandonadas’ apesar de não ser essa forma como sua família e o grupo social de origem encarar a questão”.

A autora observa que:

“Na prática, por mais que se adeqüe a construção de casais locais ao padrão local, que se trabalhe com mães sociais do país onde exercem sua atividade, que a equipe técnica seja também preferencialmente do mesmo país, há sempre uma definição a priori do que seja uma ‘família autêntica’ e de como as crianças devem ser educadas por ela ou sua ‘substituta’ (no caso, a família SOS), como se esses valores não fossem extremamente variados entre as culturas” (LÓPEZ, 2001, p.65).

Estas observações da pesquisa apresentam algumas vozes de adultos que passam a ser significativos quando as crianças são abrigadas na Aldeia, e podem se tornar parte de seus repertórios interpretativos, nas descrições que elas vão aprendendo a fazer de si mesmas.

Crianças privadas de sistemas cuidadores mínimos que garantam sua sobrevivência humana (biológica e social) podem ser, ou não, órfãs. No caso de terem um dos pais vivos, elas podem ter sido abandonadas ou retiradas de sua convivência pelo poder judiciário, por diversas razões: pobreza extrema, doenças físicas ou mentais, abuso físico e/ou sexual. Podem ainda, ser voluntariamente entregues, quando seus pais ou aquele que as mantém, encontram-se sem condições de cumprir requisitos mínimos de um sistema cuidador, socialmente legitimado e juridicamente reconhecido.

Podemos considerar que atualmente, no Brasil, tais requisitos são juridicamente regulados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, e

de sua interpretação pelos juizes dependem as decisões que afetam a vida das crianças no modo como são encaminhadas a instituições.

Assim, uma criança, ao chegar a uma instituição que se oferece para ela, como uma família substituta, traz consigo algumas narrativas: uma sobre relações vividas, encarnada nos modos como reconhece a si mesma e aos demais; outra pelos poderes que nomeiam suas experiências e que podem descrever sua família como negligente, indigente, violenta ou, de alguma outra forma, inadequada, no momento em que lhe é retirada.

O que ela vai encontrar na instituição Aldeias Infantis SOS?

Como as propostas de casa-lar, mãe social, irmãos sociais, contribuirão para a constituição de seu *self*, para suas descrições sobre si mesmo?

Esta pesquisa tem como **objetivo: investigar os significados atribuídos às relações na instituição, como constitutivas da identidade de jovens adultos, criados até a maioria na Aldeia de Rio Bonito, em São Paulo, instituição filiada às Aldeias Infantis SOS do Brasil. Esta investigação se faz através da exploração dos sentidos atribuídos a casa-lar, mãe social, irmãos e aldeia - os quatro pilares da missão da instituição nas autodescrições destes jovens; pretendendo também compreender a relevância destes sentidos em sua situação de jovens adultos, frente à necessidade de garantir a própria sobrevivência, considerada como indicador de maioria.**

No capítulo I dialogo com autores brasileiros que vêm estudando as relações entre Família e Instituição no Brasil.

No capítulo II apresento a noção de Identidade em diferentes campos das ciências humanas e seus usos, isto é, a que perguntas respondem.

No capítulo III descrevo a história do projeto Aldeias Infantis SOS, sua chegada ao Brasil, o contexto de criação da Aldeia de Rio Bonito, objeto dessa pesquisa, e as práticas discursivas orientadoras de sua implantação, através de relatos dos principais atores de então. Finalizo situando o contexto social do bairro onde se localiza a Aldeia, a Cidade Dutra, na cidade de São Paulo.

No capítulo IV apresento a metodologia de pesquisa e as considerações éticas.

No capítulo V, a análise e interpretação das entrevistas realizadas com os jovens adultos.

No capítulo VI, as considerações finais, que nesta proposta seriam melhor nomeadas como perguntas e reflexões, convidando a novas buscas e diálogos com o projeto atual da Aldeia, depois de vinte e cinco anos de funcionamento ininterrupto, ela mesma, uma jovem adulta.

Qual será sua identidade atual, e como estarão presentes nela os pilares iniciais dessa construção realizada a tantas mãos?

I – Família e Instituição na História do Brasil.

Entendo que

“a psicologia da pós-modernidade define o psicólogo como um agente de transformação social para o qual contribuem o pessoal, o político e o profissional, implicando necessariamente uma ética das relações, cujos traços mais significativos são a consciência da auto-reflexividade e a consciência de que suas práticas e seus métodos de estudo não são ideologicamente neutros”. (GRANDESSO, 2000, p.5)

Por outro lado, ao considerar a linguagem como constitutiva e não representativa da realidade (IÑIGUES, 2004; GERGEN, 1996; SHOTTER, 1994) sustento, emprestando as palavras de Tom Andersen (1995, p.6) que “não podemos deixar de ser preconceituosos. Não podemos não o ser”; nossos preconceitos ou pré-conhecimentos fornecem as suposições básicas sobre o quê e como devemos prestar atenção.

Reconhecendo-me comprometida com algumas construções sobre família, tenho claro que ao dialogar com certos autores e não com outros, faço escolhas teóricas, ao mesmo tempo em que trago comigo os discursos que nortearam minha experiência como filha e mãe e meus questionamentos cujas premissas são também outros discursos.

Tais repertórios interpretativos (MEDRADO, 1998) geram as categorias e qualificações para o que convencionamos chamar objeto de pesquisa, no caso, as subjetividades dos jovens em questão.

Minha escolha para pensar ‘família’ é começar pelo que considero como sistema protetor mínimo necessário ao desenvolvimento de um recém nascido, dotando-o de condições de pertencimento à sociedade onde ele nasceu, e compreender a intersecção entre os sistemas cuidadores de uma criança, considerados como família pelos próprios agentes da instituição e o que é juridicamente legitimado como família.

Se tentarmos imaginar a partir do lugar da criança, para quem um sistema protetor não é uma escolha, mas uma necessidade, ‘família’ seria um conjunto de pessoas, composta por um ou mais adultos com funções mais ou

menos especificadas e discriminadas por seus nomes, que constituem diferentes tipos de relação: quem alimenta, quem dá ordens, quem acalma os medos, quem alivia a dor, quem aceita e interpreta as comunicações – choro e outras expressões, quem obedece quem, quais as regras de participação de cada um, etc.

À experiência de viver em um sistema assim eu denominaria Pertencimento.

Trabalhos sobre a constituição da subjetividade, a partir da observação mãe-bebê, têm descrito esse processo sob diferentes pontos de vista. Segundo Humberto Maturana (1991, 4ª ed, p.25), biólogo que se dedicou à Biologia do Fenômeno Social, “o que nomeamos como psíquico não ocorre no cérebro, mas constitui-se como um modo de relação com o meio e/ou com o outro, que adquire uma complexidade especial na recursividade do operar humano na linguagem”.

Este autor descreve a humanização do bebê humano como um processo que ocorre necessariamente entre humanos através da comunicação dessa espécie, a linguagem. A função primeira da linguagem é “como coordenar ações com os sons” e esses sons devem ser familiares para que possam constituir um diálogo inicial.

Quando menciono Sons Familiares, refiro-me a algo muito concreto: sons ligados a rostos, cheiros, ações, experimentados como confortáveis/desconfortáveis, tranquilos/assustadores, a partir das primeiras sensações corporais.

Maturana e Verden-Zoller (2004) em estudo sobre a relação materno-infantil realizado, como eles enfatizam, com base no normal e não no patológico, apresentam como conclusão geral que “as consciências individual e social da criança surgem mediante suas interações corporais com a mãe, numa dinâmica de total aceitação mútua na intimidade do brincar” (p.124). Para compreender suas afirmações é importante explicitar que os autores entendem maternidade como “uma relação permanente de cuidado que um adulto adota com uma criança. Pode ser realizado tanto por um homem como por uma mulher” (p.137). Definem o ‘brincar’ como uma atividade realizada como plenamente válida em si mesma, no presente de sua realização sem nenhum

propósito que lhe seja exterior. Descrevem como “o bebê encontra sua mãe na brincadeira antes de começar a viver na linguagem”. (p.146); apontam para a importância, nessa relação, do uso pela mãe humana do brincar e da linguagem, pois esta já está na linguagem quando começam as conversações que constituem o seu bebê.

Também nessa direção encontram-se as observações da antropóloga Mary Catherine Bateson. Quando teve sua filha percebeu-se muito envolvida com suas funções maternas e sem desejo de se engajar em pesquisas de natureza diversa. Assim, buscou uma atividade, onde sua vivência como mãe servisse como fonte de *insights* para o trabalho e vice-versa. Trabalhando com filmes de interações mãe-bebê e observando padrões de vocalizações brincalhonas entre mãe e filho, enquanto corria nos intervalos para amamentar, assim descreveu este processo: “minha dupla experiência de observar meu próprio bebê e os bebês dos filmes foi o primeiro degrau na compreensão de que a participação precede o aprendizado”. (BATESON, 1994, p.40).

Seu pai, o antropólogo Gregory Bateson (1991), que dedicou grande parte de sua vida a pesquisas sobre o que hoje denominaríamos Construção Social da Subjetividade, definia aprendizado como o aumento da redundância entre aquele que aprende e seu ambiente. Para os seres humanos a maior parte do aprendizado é mediada pela linguagem: é um processo de familiarizar-se com o seu ambiente, guiado por um adulto, que resumimos sob o nome de ‘pertencimento’.

Bruner (1987, 1997) complementa o conceito de “competência lingüística” da teoria sobre aquisição de linguagem de Chomsky (1971), que inclui a noção de “dispositivo de aquisição de linguagem”, mostrando que este dispositivo não poderia funcionar sem a ajuda de um adulto que entra em relação com o bebê, em um “cenário transicional”, isto é, um cenário previsível de interação, criado usualmente pela mãe e pela criança, que pode servir de microcosmo para comunicar e estabelecer uma realidade compartilhada.

Todos os estudos que tomam a linguagem como o fator que especifica o humano, entendem os fenômenos mentais a partir da intersubjetividade e não como características intrínsecas de um indivíduo. Pertencimento passa a ser o

ato introdutório do filhote da espécie *homo sapiens, sapiens* na cultura humana. **Família** seria o instrumento desta introdução.

Sarti (2003b, p.27) ao discutir modificações que a família vem sofrendo e as variações empíricas nos diferentes segmentos sociais, propõe pensar a família como uma realidade que se constitui pelo discurso sobre si própria. “Quando ouvimos as primeiras falas, não aprendemos apenas a nos comunicar; captamos, acima de tudo, uma ordem simbólica, ou seja, uma ordenação do mundo pelo significado que lhe é atribuído segundo as regras da sociedade em que vivemos. O componente simbólico, apreendido na linguagem, não é apenas parte integrante da vida humana, é o seu elemento constitutivo”.

A história e a sociologia da família têm se ocupado das variações empíricas e das representações desse sistema protetor, e como algumas dessas formas chegam a ser escolhidas em detrimento de outras em cada sociedade, no tempo e no espaço. Aquelas formas que se tornam hegemônicas tendem a ser socialmente legitimadas como as únicas matrizes possíveis para a emergência dos membros reconhecidos como legítimos pela mesma sociedade.

Na história da humanidade tal reconhecimento tem passado por teorias de paternidade e maternidade. O remédio mais eficaz para a incerteza da paternidade, encontrado pelas sociedades ocidentais foi a família patriarcal. Do ponto de vista legal, isto é, daquilo que nos legitima como pertencentes à categoria de membros de nossa sociedade, o direito civil da família constitui, entre nós, a base de todo o direito civil. Uma pessoa passa a existir legalmente mediante seu registro de nascimento e o que a caracteriza e define são seu nome, data e lugar de nascimento, e filiação. Neste sentido a família é a base do direito civil, mas sua definição não é clara. Quando ela é constituída de pai e mãe, morando no mesmo domicílio, não há dificuldades. As questões começam a aparecer com outras configurações.

Se o que define basicamente uma pessoa é sua filiação, pai e mãe, o que está sendo privilegiado quando se denomina uma família Uniparental, é o **domicílio**. Por outro lado, nas políticas de estímulo à adoção está implícito o valor da família como **proteção**, ao mesmo tempo em que a predileção por

parentes biológicos, em relação a famílias substitutas, reforça a noção de família como **linhagem**. (DEEKEUWER, et al., 2001).

Em função dos sujeitos desta pesquisa pertencerem, em sua totalidade, a famílias pobres brasileiras, fiz o recorte da bibliografia que têm estudado as relações das famílias pobres com as instituições de cuidados à criança, no Brasil, e os desdobramentos dessas relações depois que a noção de infância gerou novas obrigações para com as crianças, intervenções do poder público na forma de leis e instituições e seus desdobramentos presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990).

Começamos então por uma reflexão sobre a categoria Pobres.

Na abordagem socioconstrucionista escolhida para esta pesquisa, entendemos que categorias não estão no mundo, mas são estratégias lingüísticas que criam e explicam mundos e através de utilização reiterada adquirem qualidade ontológica. (SPINK, 2000).

Cynthia Sarti (2003a, p.35), em levantamento sobre as descrições encontradas nas Ciências Sociais brasileiras, aponta para a “identificação por contrastes, fazendo dos pobres um “outro”, que muitas vezes diz mais de quem fala do que de quem se fala”.

Carência e falta são palavras-chave tanto na literatura científica como na de ficção: de estudos, trabalho, habitação e, recentemente, de cidadania e de inclusão.

Se essas palavras durante longo tempo descreveram o indivíduo pobre, sua categorização se dava pela falta das qualidades valorizadas socialmente, sobrando, para ele, qualificações negativas como: vadio, preguiçoso, desmazelado, ignorante, sem força de vontade. Pode-se dizer que o único que havia em excesso era o número de filhos.

A mudança de olhar do indivíduo pobre, presente no discurso assistencialista, para um enfoque de classe, presente na produção teórica mais recente, (KALOUSTIAN, 2002; ALMEIDA, 1987) coloca a explicação da pobreza social no sistema e não no indivíduo e muda o vocabulário: no lugar de vadio aparece o desempregado ou sub-empregado; no lugar do ignorante, desmazelado, surge o excluído.

Entretanto essa nova descrição ainda pensa os pobres a partir da produção; eles permanecem “mecanicamente destituídos de recursos simbólicos, como se à opulência no mundo capitalista, correspondesse a riqueza simbólica” (SARTI, 2003 a, p.39).

Sarti (2003a) propõe definir a pobreza, evitando para seus constituintes o lugar do “outro”; entende que esta é parte de um sistema mais amplo e que o processo de diferenciação social torna-se um problema em si, isto é, a lógica da identificação da categoria constitui o próprio fundamento do processo de construção de identidades sociais, concebido em termos relacionais, o que é justamente o objetivo desta pesquisa. Buscando compreender os valores que regem as relações entre os pobres, como componentes estruturais da ordem moral com a qual constroem o mundo social do qual fazem parte, compreende a família como universo moral.

A autora pesquisou os lugares de homem e de mulher nos relatos da família pobre; constatou uma diferenciação entre casa e família, onde a mulher se identifica com a primeira e o homem com a segunda. Ela é chefe da casa; ele, da família. “Ele é a autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar. Sua presença faz da família uma entidade moral positiva, na medida em que ele garante o *respeito*” (p.63).

Tal compreensão aponta para a vulnerabilidade desse arranjo: por um lado, o respeito de uma família depende da presença de um homem provedor, que por sua vez depende de condições externas cujas determinações estão fora de seu controle, expondo-o à instabilidade estrutural do mercado de trabalho para profissionais de menor qualificação profissional; por outro lado a mulher, ao precisar de um homem para mediar suas relações com o mundo externo independentemente de também trabalhar e contribuir para o sustento da casa, vê-se fragilizada quando cria seus filhos fora dessa estrutura.

As tentativas de preencher os requisitos de “família de respeito”, que talvez atualmente, em São Paulo, tenham como sinônimo principal “família protegida” (do tráfico ou da polícia) colaboram, nessas condições precárias de manutenção de vínculos, para a existência seqüencial de novos parceiros, filhos de vários pais, e eventual transferência de filhos de uniões anteriores, para casas dos parentes. Também, conforme Sarti, “a *desmoralização* ocorrida

pela perda da autoridade que o papel de provedor atribui ao homem [...] significa **uma perda para a família como totalidade**, que tenderá a buscar uma compensação pela substituição da figura masculina de autoridade por outros homens da rede familiar” (2003 a. p.67).

Essa contribuição propõe uma escuta para o contexto familiar de muitas crianças que chegam a instituições como abrigos e a própria Aldeia nos termos que os próprios atores o definem.

Em uma família que vem tentando manter o padrão *respeito*, a mãe pode escolher conviver com um padrasto que se desentende com um filho de união anterior, contribuindo para o afastamento deste da casa materna. Em algumas situações, seja por maus tratos, expulsão ou por não desejar mudar de cidade, o menino ou menina vai para a rua, ou é institucionalizado, via Conselho Tutelar. Essas práticas, denominadas de Circulação de Crianças (FONSECA 1989) sustentadas por repertórios interpretativos onde coexistem as categorias *sangue* e *criação* como parte do sistema de parentesco, apresentam nuances não facilmente percebidas pelo modelo de família nuclear burguesa. Quais as possibilidades de diálogo entre os dois conjuntos de valores: o discurso legal sobre os direitos da criança, e os valores da família que está sendo julgada?

As relações entre a mãe biológica, chamada de *verdadeira*, e a *de criação* passam por inúmeras possibilidades, dependendo de quem cria e qual a relação de parentesco entre as duas. Se os filhos *de criação* o são por parentes de sangue, é mais freqüente a igualdade entre os *verdadeiros* e eles. Mais instável é a situação de filhos de uniões precedentes, cuja criação, em momentos de conflito, é “jogada na cara” da/o companheira/o que é a mãe ou pai verdadeiro.

Outra questão diz respeito diretamente ao modelo de família social adotado pela instituição focada na pesquisa. As famílias das Aldeias SOS são, por estatuto, compostas por uma mãe social que deve ser solteira, viúva sem filhos, ou cujos filhos sejam maiores de 18 anos e não vivam na Aldeia. Como esse modelo de família é assimilado pelas mulheres e crianças que o compõem?

Buscando uma noção positiva de pobres, como membros de uma construção social que os produz e reproduz, que precisa de parte deles como força de trabalho e que atribui a existência dos “excedentes” à sua incapacidade de restringir o número de filhos - prática que floresceu no século XX nas classes médias e abastadas em função de seus valores - perguntamos pela nossa história de cuidado com essas crianças.

Não cabe nos objetivos deste trabalho pesquisar a história da pobreza no Brasil. No entanto, como a pobreza entre nós é a parte mais escura da população, considero importante assinalar que esse processo se iniciou com as atividades econômicas na colônia.

Pela carta de Pero Vaz de Caminha, certidão de nascimento do Brasil colônia, sabemos que o clima, a quantidade de água e a exuberância da vegetação propiciavam condições de abundância à população, e que nesta vigorava apenas uma divisão sexual do trabalho, não havendo divisão social entre trabalhadores cuja mão de obra fosse utilizada em benefício apenas de alguns. Toda a comunidade repartia o fruto da pesca, caça e plantio da mandioca.

Na metade do século XVI, quando se iniciam as plantações de cana nas capitanias de São Vicente e Pernambuco houve uma tentativa, não muito bem sucedida, de escravização de indígenas, bem como o início do tráfico de escravos negros africanos. Dessa maneira, em nosso país, a história da pobreza é a história da violência contra duas populações: os nativos da terra e os escravizados em suas próprias origens, despojados de todos os direitos humanos.

A história do abandono de crianças no Brasil, embora não coincida exatamente com a história da pobreza (MESGRAVIS, 1975; MARCÍLIO, VENÂNCIO, 1990; MARCÍLIO, 1998), permite compreender a história da institucionalização de crianças.

Há registros ou relatos de abandono de bebês na história da humanidade desde os tempos bíblicos, tendo este sido tolerado por muitas culturas durante toda a antiguidade. Segundo Marcílio (1998), foi na metade do século II DC, que Atenágoras, patriarca da Igreja Cristã, proibiu os cristãos de expor seus filhos, pois isto equivalia a matá-los, mas não foram impostas

sansões para o ato de abandono. Entretanto, foi apenas no século XIII, em 1203, que, chocado com o número de bebês atirados no rio Tibre, o papa Inocêncio III destinou o hospital de Santo Espírito, ao lado do Vaticano para recolher e cuidar desses bebês. Um irmão franciscano francês, frei Guy de Montpellier, instalou do lado de fora dos muros do hospital um dispositivo, com um colchãozinho para colocar o recém-nascido, que rodava deixando-o do lado de dentro do hospital. Essa foi a primeira Roda.

No Brasil, a partir de 1726, por ordem do rei de Portugal, as Santas Casas de Misericórdia foram incumbidas pelo recolhimento dos bebês abandonados, através da instalação das Rodas dos Expostos, a primeira sendo instalada em Salvador. A Roda de São Paulo, instituída em 1825, foi a última a ser desativada, em 1951.

As pesquisas sobre os expostos ou enjeitados, como eram denominadas as crianças abandonadas logo ao nascer, nas soleiras das casas (BACELLAR, 2002) nas igrejas ou, quando havia na cidade, na Roda dos Expostos (DA SILVA, 1997; MARCÍLIO, 1998; VENÂNCIO, 1999) apontam algumas das hipóteses historiográficas para o abandono em geral, que seriam aplicáveis ao Brasil:

- a) Condenação social aos nascimentos ilegítimos
- b) Miséria
- c) Morte dos pais.

Em relação à primeira, Venâncio, (1999, p.86) apresenta a interpretação do historiador inglês Russell-Wood, que estudou a história da Santa Casa de Salvador. Segundo este, “o abandono decorria da dupla moral das famílias brasileiras. Entre a população branca, o comportamento feminino austero era regra imposta e fiscalizada. Uma mulher branca que assumisse filho ilegítimo ficava sujeita à condenação social e familiar”.

Essa hipótese, embora seja cara às pesquisas focadas na questão de gênero, não pode ser confirmada, conforme as análises de Venâncio. Quanto à miséria, o cruzamento de dados de preços de alimentos de primeira necessidade indica correlação positiva no Rio de Janeiro, mas não em Salvador. A morte dos pais, dependendo do grau de pobreza, é a variável que apresenta correlação positiva mais consistente.

A análise minuciosa de registros quantitativos dos livros das Santas Casas, de dados qualitativos, na forma de bilhetes muitas vezes deixados com os bebês, e registros de mães ou pais que buscavam seus filhos anos depois, apesar da precariedade dos dados apontada pelo próprio autor, sustenta sua conclusão:

“No Brasil antigo, o abandono de crianças dizia respeito aos pobres, mas não a todos os pobres indiscriminadamente. A maioria das famílias humildes resistia a enviar o filho à Roda. Contudo, por ocasião da morte dos parentes próximos, essa decisão não podia ser protelada. A morte lançava os frágeis núcleos domésticos em uma crise na qual o recurso à instituição de caridade aparecia como única solução possível. Os juristas, médicos e irmãos da Mesa raríssimas vezes se deram conta dessa importante função de socorro aos expostos. Mas o que escapou à sensibilidade da elite instruída foi percebido pelo povo miúdo. Em Salvador do século XIX, a Casa da Roda, foi popularmente conhecida pelo nome de Pupileira ou Casa do Pupilo (Casa do Órfão) numa clara alusão ao papel tutorial desempenhado pela instituição”.(VENÂNCIO, 1999a, p.94)

A existência da Roda dos Expostos, cujas características materiais visavam em primeiro lugar manter o anonimato daquela que expunha seu bebê, configura uma prática sustentada por discursos morais e religiosos, ou seja, mediante o segredo desse ato o importante a se conservar era a honra das famílias onde houvesse um nascimento fora do casamento, ou então proteger de acusações morais o abandonante pobre e, secundariamente, permitir que a criança fosse batizada. A sobrevivência era infreqüente e o índice de mortalidade antes do primeiro ano chegava até a 90%.

Por outro lado, a sociedade como um todo era poupada da descoberta “a cada manhã de frágeis corpinhos mutilados que serviam de pasto a cães e outros bichos” segundo Venâncio (1999a, p.24), que descreve a instituição da Roda

como “cemitério de crianças”. Durante séculos, poucas foram as vozes a denunciar o abandono, os maus tratos e, no caso de pardos ou negros, a escravização dos poucos sobreviventes que por lei, seguindo o direito romano, eram livres. A consciência cristã contentava-se, sem outras ações efetivas, com a salvação das almas.

Oficialmente essa foi a primeira política pública em relação a crianças no país.

O foco dos relatos e estatísticas de época no exposto e nas instituições que o abrigavam, explica a pobreza de informações sobre as relações família-instituição durante o período colonial e imperial. Essa fase que vai até o século XIX é denominada como Caritativa por alguns autores (MARCÍLIO, 1998) e por outros, como Filantrópica. (SILVA, 1998).

Considero que a denominação Caritativa, em contraste à posterior, Filantrópica, descreve melhor as características distintas das duas, pois durante todo esse período a Igreja foi, em nome da caridade cristã, a responsável por buscar os meios, sempre escassos, para garantir a sobrevivência dos expostos; ao mesmo tempo, poucas teorias foram elaboradas sobre a identidade ou, na palavra mais empregada então, o caráter das crianças expostas. O recolhimento dessas crianças, seu encaminhamento para amas de leite e a posterior colocação foram, durante todo o período citado, responsabilidade da Igreja Católica, regida pelas leis da caridade, que viam na assistência aos pobres o caminho para a salvação, sintetizado no ditado “quem dá aos pobres, empresta a Deus”. Pobre era, principalmente, sinônimo de infeliz, desvalido, e raras são as afirmações em contrário.

O período seguinte, denominado Filantrópico (MARCÍLIO, 1998) ou Filantrópico-Higienista (VENÂNCIO, 1999a) vai do final do século XIX avançando pelo século XX até meados dos anos 20.

A filantropia nasceu nos Estados Unidos no final do século XIX, para complementar ou remediar as insuficientes ações governamentais em relação aos excluídos das imensas riquezas acumuladas pelos primeiros capitalistas. Seus ideólogos incentivaram os doadores a aplicarem métodos científicos aos problemas sociais.

O Brasil, nessa época, vive o início da imigração estrangeira e a criação de sociedades científicas que trabalham principalmente no controle das doenças epidêmicas. A atenção às crianças começa a ser pautada por idéias científicas e o discurso médico torna-se predominante. Inspirados pelas idéias de darwinistas sobre a evolução das espécies, discursos evolucionistas sobre a sociedade e raças superiores somam-se a teorias sobre degenerescência e hereditariedade de doenças.

Na Europa e nos Estados Unidos, o modo de produção capitalista instalava-se com seus corolários, entre os quais “o dom da filantropia, (que) pode ser encarado como uma categoria do capital, ligado ao seu próprio processo de reprodução, ”legitimando” a imagem dos capitalistas que com competência e oportunismo, criaram intensos processos de acumulação.” (DUPAS, 2006)

No Brasil, os acontecimentos relevantes para mudanças de atitude em relação aos filhos dos pobres ligam-se ao fim da escravidão, à queda da monarquia e à hegemonia do modelo médico, como discursos importantes para a produção de práticas socialmente aceitas de institucionalização. Já não se tratava de salvar almas, mas de não desperdiçar mão-de-obra barata.

Entre 1849 e 1855, acontecimentos de distintas origens contribuíram para a emergência de um projeto de política pública em favor dos menores abandonados, inspirado na nova mentalidade filantrópica: a abolição do tráfico de escravos deixou as elites temerosas de escassez de mão de obra, quer doméstica, quer agrícola; epidemias de febre amarela e cólera deixaram uma quantidade imensa de órfãos. Asilos de Educandos foram criados em quase todas as províncias visando o ensino elementar, a educação cívica, e a capacitação profissional das crianças.

As medidas higienistas elevaram a expectativa de vida dos recém-nascidos criados pelas amas, e as críticas à falta de ensino e disciplina para uma vida útil à sociedade desses expostos avolumavam-se.

O que denominaríamos, em linguagem atual, de características da identidade de jovens adultos, dos sobreviventes da caridade da Roda é descrito como “mão de obra bastante instável [...] meninos que iam e vinham sem parar, trocando de residência e não se fixando em ocupação

alguma”.(VENÂNCIO, 1999a, p.152). As meninas, encorajadas pelas Santas Casas, freqüentemente se casavam, mas também perambulavam; não havia políticas para os enjeitados de ambos os sexos que chegavam à adolescência, em situação que atualmente consideraríamos de “vulnerabilidade social”.

Visando melhorar a crônica deficiência de meios para exercer essas tarefas, governos provinciais fazem acordos com a Igreja para a vinda das primeiras irmãs de caridade, com destino a Salvador e Rio de Janeiro. Sua ação deu resultados tão bons para o encaminhamento dos expostos após o período de convivência com as amas de leite, que em pouco tempo as demais províncias fizeram o mesmo, trazendo para o país irmãs de várias ordens. Surgiram assim inúmeras instituições para meninas e meninos no país: Casa dos Educandos Artífices, Instituto dos Menores Artesãos, Asilo para a Infância Desvalida, Colônias Agrícolas Orphanológicas.

À caridade soma-se, nessa época, a ciência, buscando orientar para o trabalho essas crianças que já então começam a ser adjetivadas como delinqüentes, vadias, e futuros criminosos. A palavra menor, um adjetivo, começa a se transformar em substantivo, criando a realidade social de duas infâncias, em que o termo **crianças** passou a designar os filhos das famílias abastadas, enquanto **menores** denomina especificamente a infância desassistida.

Menor podia designar tanto uma criança abandonada ou órfã como uma que, filha de trabalhadores urbanos vivendo em precárias condições, em cortiços, passava os dias nas ruas, uma vez que pais e mães estavam trabalhando.

O culto à ciência dá ao médico dessa época o lugar de cientista social, participando de planejamento urbano, tornando-se analista de instituições, transformando o hospital em “máquina de cura”, criando o hospício que transforma o louco em doente mental e propondo novas formas institucionais de atendimento ao menor.

Os internatos, segregando as crianças e adolescentes carentes e sem família, aparecem explicitamente no Código Penal de 1890, que inclui em seus artigos a premência de se criar instituições preventivo-correcionais. O significado de prevenção nessas práticas é o de proteger a sociedade

abastada, que numa compreensão darwinista representa a vitória dos mais aptos; assim, vai se confundindo com segregação e correção.

Segundo Marcílio (1998. p.208), “a filantropia visava preparar a criança pobre e a abandonada para o trabalho. Mas buscava também valorizar a família para prevenir a ociosidade, a prostituição, a mendicância e o crime, o abandono do menor, a criança na rua. Com isso estava domesticando as ‘classes perigosas’”.

O discurso jurídico oficializa as construções do discurso médico; poderíamos analisar as práticas geradas por ambas as linguagens como se apoiando no pensamento médico ao buscar as “causas físicas e mentais”, operando de acordo com o jurídico ao se ocupar das “conseqüências”, isto é, a criminalidade.

A minoridade penal de 14 anos, no Código Penal do Império (1830), torna-se de 9 anos, sob a compreensão de que a criança tornava-se infratora por falhas de seus responsáveis, que não sabiam lhe dar educação adequada que os livrasse dos ‘germes do crime’. A solução, portanto, seria afastar estes menores da convivência com as pessoas perniciosas, oferecendo o quanto antes uma “educação saudável em ambiente disciplinar e regenerador” (MARCÍLIO, 1998, p.220). O ideário das instituições, que os mantinham isolados, é descrito consistentemente como calcado na repressão e na contenção. (VENÂNCIO, 1999b; SANTOS, 1999; MOURA 1999).

Com a urbanização e industrialização incipientes, os hábitos herdados de séculos de trabalho escravo, onde liberdade era sinônimo de não trabalhar, a ocupação dos espaços urbanos pelos garotos pobres com suas molecagens, lutas, brincadeiras e pequenas transgressões, tornou-se oficialmente criminosa, frente à lógica da produção capitalista. Os meninos das ruas tornaram-se “meninos de rua”. (SANTOS, 1999, p.229)

Quanto à valorização das famílias, as práticas discursivas tinham em geral como referência o modelo da família nuclear burguesa nascido na Europa a partir do século XVIII. Utilizo a definição de Maria Ângela D’Incao (1989, p.10).

“Por família burguesa entendemos aquela que nasceu com a burguesia e que vai, em seguida, com o tempo,

caracterizar-se por certo conjunto de valores que são o amor entre os cônjuges, a maternidade, o cultivo da mãe como um ser especial e o pai como responsável pelo bem estar e educação dos filhos, a presença do amor pelas crianças e a compreensão delas como seres em formação e necessitados, nas suas dificuldades de crescimento, de amor e compreensão dos pais”.

No Brasil, essas idéias encontraram uma sociedade onde as relações de produção baseavam-se menos na exploração econômica característica do capitalismo incipiente, e mais na dependência pessoal, característica do *ethos* patriarcal da sociedade; segundo Almeida (1999, p.16), para analisar a família no Brasil no século XIX é preciso “destrinchar o nó emaranhado entre a influência da mentalidade burguesa que chegava de fora e as resistências e adaptações praticadas em nome da mentalidade derivada das raízes rurais e coloniais”.

As incongruências entre os antigos costumes e as novas propostas são analisadas por Schwartz (1977), que as nomeia como “idéias fora do lugar” e Costa (1983), que historia a influência das teses higienistas, e seu incentivo à vida familiar. Segundo Almeida (1999, p.17), ambos autores apontam que “muitas vezes às idéias modernas que nos chegavam eram agregados “detalhes” considerados peculiares às nossas tradições, que transformavam a modernidade dessas idéias em pura formalidade, embora fortemente carregada de prestígio, como tudo que vinha de fora”.

Em relação ao objetivo dessa pesquisa, um “detalhe” importante é a ambigüidade oficial em relação à Roda dos Expostos. Gonçalves (1987), pesquisando a relação entre o discurso higienista e o da caridade cristã, aponta que, entre nós, a Roda era vista como um mal menor, visando proteger a mãe e o filho natural da opinião pública hostil, intolerante e inflexível. A autora conclui que as novas idéias ora abraçavam os novos tempos, ora defendiam um compromisso com o passado.

“O pensamento médico sobre a Roda dos Expostos, aqui apresentado, indicou que, com relação ao abandono infantil,

reproduzia a velha ordem colonial. Nesse retorno, a mulher e a família estavam preservadas. Provavelmente não se tratava de defender a estrutura familiar da colônia. Mas sim, através de uma atualização de papéis, eleger um perfil particular de mulher, passiva e ingênua, direcionada ao casamento e à maternidade. [...] De fato a produção médica sobre a Roda esteve caracterizada pela ambigüidade, pela descontinuidade do discurso (por um lado abrangente balizado pela ciência e, por outro, restrito à religião), produzindo os dilemas e impasses que davam sentido à formação social de então.”
(GONÇALVES, 1987, p.52)

Tais dilemas e impasses discursivos encontram-se presentes em práticas opostas na educação das **crianças** e dos **menores**.

O cuidado com a infância das crianças burguesas é exemplificado pela criação em 1902, em São Paulo, do primeiro Jardim da Infância, o *kindergarten*, com primorosa arquitetura, atrás da Escola Normal da Praça. Sua Criação foi inspirada em idéias da pedagogia alemã que propunha a educação dos sentidos para “despertar o divino que existe no interior da alma humana”.

As descrições da época explicitam as metáforas em uso para o Jardim da Infância:

“Dispersas ou agrupadas entre os canteiros, semelhavam exuberantes flores tropicais debruçadas pelos caminhos. Ao observá-las atentamente corrigia-se o erro de visão: são borboletas ou passarinhos [...] Desde as primeiras horas do dia, enquanto o sol paulistano preguiçosamente afastava as cortinas de neblina para espiar o mundo cá fora, já garrulos bandos de avesitas – todas uniformes nos seus aventalinhos pardos e cabecinhas azuis - enchiam de alarido e animação as aléias que circundavam o vasto parque. Oh as criancinhas do JARDIM! Que bonecas encantadoras! Rosadas pelo frio da manhã, olhinhos cintilantes e vivos, boquinha sorridente, vinham a correr em demanda de seu venturoso lar.
(MONARCHA, 1997, p.120)

Em relação à infância dos filhos dos pobres, Venâncio (1999b) descrevendo as companhias de aprendizes marinheiros, instituídas no Brasil a partir de 1840, apresenta um quadro onde a ambigüidade em relação à infância, como período da vida necessitado de proteção e cuidados paternos, é explícita. O recrutamento para a marinha incidia sobre três grupos: os enjeitados das Casas da Roda, os enviados pela polícia e os matriculados pelos pais ou tutores. Compara os números da Bahia em 1863, onde, entre 139 matriculados, 102 eram “voluntários”, isto é, enviados pelos responsáveis, que além do enxoval gratuito para o recruta ganhavam um prêmio de cem mil reais. Analisando a documentação desses meninos, o autor conclui que seu envio para a Marinha “podia significar uma atitude de preocupação e desvelo familiar, pois a referida instituição consistia em uma das pouquíssimas alternativas de aprendizado profissional destinado à infância pobre”.(p.199)

Com o advento da guerra do Paraguai o recrutamento forçado transformou em vagabundo qualquer menino que estivesse na rua, recolhendo-o compulsoriamente, e a ausência de sobrenomes em numerosos casos registrados nos arquivos, permite supor que houve uma preferência pelo envio à guerra, dos filhos libertos de escravos.

Venâncio (1999b, p.208) resume esse período contrapondo à louvação oficial dos “grandes almirantes” o fato de que “foram os garotos saídos das ruas ou praticamente raptados das suas famílias, que de fato se expuseram aos perigos das balas de metralhadoras e canhões”. E conclui afirmando que a vida desses mártires anônimos ainda está à espera de investigações sobre a dimensão da tradição do Estado brasileiro que faculta o acesso de crianças a situações de conflito armado.

A cidade de São Paulo, que sofria rápidas transformações devidas ao final do sistema escravista e à entrada maciça de mão-de-obra imigrante, vendo crescer uma economia impulsionada pelas grandes lavouras de café, conheceu uma explosão populacional sem precedentes na história do país. Entretanto, o crescimento industrial e a explosão demográfica não foram acompanhados de concomitante aumento de oferta de moradias e equipamentos sociais. Santos (1999) estima que um terço da população vivesse em cortiços.

Essa deterioração das condições sociais e os novos padrões de convívio inerentes à urbanização não eram levados em consideração pelo discurso oficial, que estabelecia a oposição do lazer ao trabalho e os associava ao binômio crime-honestidade.

O trabalhador ideal era bem treinado e não politizado; o negro era hostilizado como representante de um passado a esquecer, assim como os imigrantes com idéias “nocivas” à ordem social. Os filhos dos excluídos constituíam os **menores**, assim descritos:

“É extraordinário o número de meninos que vagam pelas ruas. Durante o dia, encobrem o seu verdadeiro mister apregoando jornais, fazendo carretos; uma vez, porém que anoitece, vão prestar auxílio eficaz aos gatunos...” (SANTOS, 1999, p.219).

A solução preconizada era a pedagogia do trabalho. Os institutos privados de recolhimento de menores voltados para o ensino profissional, fossem religiosos ou ligados à indústria, relutavam em aceitar aqueles que tivessem antecedentes criminais. Restou ao Estado criar uma instituição pública para corrigir e recuperar os “jovens delinqüentes” que perambulavam pelas ruas da cidade.

Em 1902 foram fundados um Instituto Disciplinar destinado aos criminosos menores de 21 anos e a todos os mendigos, vadios, viciosos, abandonados maiores de nove anos e menores de catorze, que ficariam internos até completarem vinte e um anos, e uma Colônia Correccional, para o enclausuramento e correção pelo trabalho dos vagabundos condenados pelo Código Penal.

Encontramos nas descrições sobre a infância dos chamados menores, nesse período, significados muito semelhantes àqueles da contemporaneidade, em relação ao mesmo tema.

O período que se segue ao Filantrópico, denominado Assistencial, vai até 1964 e é marcado pela promulgação do Código de Menores em 1927. Caracteriza-se pela regulamentação pelo Poder Judiciário do Juizado de Menores e outras instituições auxiliares que configuram o Estado como o responsável legal pelos órfãos e abandonados.

À ideologia da Ordem e Progresso, cultuada na incipiente República e presente em nossa bandeira, somam-se, no período inicial do século XX, as teorias eugênicas da superioridade da raça branca. Em um país que foi o último a abolir a escravidão no mundo ocidental, essas teorias legitimavam o passado e desobrigavam do futuro, em relação aos negros. As teorias de Lombroso da criminalidade nata e da degenerescência das raças condenavam os pardos, e esse conjunto de discursos fundamentava uma legislação penal e ações fortemente repressivas e policiais contra o menor infrator.

Em 1924, sob influência da primeira Declaração dos Direitos da Criança (1923), foi criado no país o Juízo Privativo de Menores Abandonados e Delinqüentes. Embora se vislumbrasse uma atitude em relação à criança como sujeito de Direito, notamos que Abandonados e Delinqüentes continuam a estar junto, o que fortalece as políticas correccionais em detrimento à proteção.

A criação do Código de Menores em 1927 mantém e legisla sobre a infância pobre, a dos **menores**.

Exemplo desse discurso em política assistencial do Estado, na primeira metade do século XX, é relatado por Correa (1997, p.81) descrevendo A Cidade dos Menores, como uma utopia dos anos 30. A autora cita Leonídio Ribeiro, fundador do Laboratório de Biologia Infantil, que ostentava como principais títulos os de professor nas Faculdades de Medicina e Direito do Rio de Janeiro, fundador do Laboratório de Antropologia Criminal e ganhador do prêmio Lombroso de 1933. Ribeiro apresentava este laboratório como “destinado a realizar o estudo completo sob o ponto de vista médico e antropológico, dos menores abandonados e delinqüentes, especialmente com o fim de apurar as causas físicas e mentais da criminalidade infantil no Brasil”.

Ao mesmo tempo, a infância vista como idade de ouro da higiene mental confere às mães maior responsabilidade pela educação higiênica. O papel da mulher na prevenção do crime é reafirmado por Ribeiro (apud Correia, 1997):

“É na primeira infância, ou na puberdade, que se revelam as primeiras tendências para as atitudes anti-sociais, que se concretizam e agravam progressivamente, sob a influência geral do ambiente”. Existem, na criança, os chamados sinais de alarme de tais predisposições e tendências ao crime, sinais que podem ser de natureza morfológica, funcional ou psíquica.

Especialmente sobre estes últimos e que devem estar vigilantes todas as mães, sabido que as crianças perversas, rebeldes, violentas, impulsivas, indiferentes e desatentas são principalmente as que precisam receber cuidados especiais para não se tornarem afinal, elementos perigosos para a sociedade.

Esse discurso perpassa a história da psicologia e da pedagogia entre nós. A psicologia escolar foi até recentemente, e ainda o é, em certos ambientes, pautada pelo modelo clínico da patologia e a “criança problema” tem sido seu objeto de estudo e intervenção. Por outro lado, se às mães cabe a vigilância contínua, sua culpabilização tem sido a tônica de toda uma geração de profissionais da área educacional e da clínica psicológica infantil, configurando o que Di Loreto (2004) denomina “furor-anti-mãe”.

Se esse panorama foi dominante e ainda persiste nas práticas exercidas com crianças, isto é, com os filhos da classe média, ele é exacerbado nas políticas públicas que norteiam a assistência aos filhos dos pobres – os menores.

Nenhuma das pesquisas que recuperam dados sobre a história da institucionalização de crianças pode encontrar as vozes das famílias, a não ser nos bilhetes de mães que acompanhavam algumas crianças deixadas na Roda.

Mudam as instituições, criam-se novos órgãos, mas a linguagem que descreve os menores e suas famílias atualiza, implícita ou explicitamente, as vozes do “tempo longo” (SPINK, 2000), de uma cultura que, de salvadora das almas de sua crianças desassistidas, passou a preocupar-se com sua utilidade como força de trabalho, mas não com um projeto de vida que lhes oferecesse, sobre si mesmas e suas origens, narrativas positivas aos olhos dessa mesma cultura.

Durante mais de 400 anos de história de assistência a crianças, não se encontram nas instituições, públicas, particulares, leigas ou religiosas, ações que visem um efetivo cuidado com as famílias ou a prevenção do abandono.

“Erguem-se nos arredores das cidades, instituições totais de abrigo, proteção, educação e capacitação da infância sem-família e da adolescência delinqüente. Isolar e internar, para depois devolver à sociedade a criança ou o adolescente, regenerados, treinados e então “úteis a si e à Nação”, essa foi a

política seguida na republica dos fazendeiros – até recentemente.” (MARCÍLIO, 1998, p.309)

Abandono constituiu-se como categoria genérica para todos os casos de entrega de bebês, e sua autoria foi desde sempre atribuída às mães. Esse discurso não distingue as mães que entregam seus filhos para a adoção ou procuram voluntariamente uma instituição que possa abrigá-los em um momento em que não possam contar com outros recursos da rede. (MOTTA, 2001; VENÂNCIO, 1999a)

Silva (1998, p.56) problematiza a noção genérica de Abandono, quando afirma que:

“O abandono é um status da pessoa que precisa ser convenientemente conceituado para que daí se deduzam as demais relações de direito [...] O abandono de fato é objetivo e se caracteriza pela simples constatação de sua materialidade. Pode ser abandono material, moral ou intelectual; [...] o abandono jurídico é subjetivo e o abandonado não dispõe do direito subjetivo a alimentos por faltar o sujeito passivo da obrigação alimentar. A tese recebe comprovação pelo fato de que não podem coexistir as duas formas de abandono.”

Silva pesquisou a formação da identidade criminal em crianças órfãs e abandonadas, a partir de sua própria experiência de criança considerada abandonada, que até os 16 anos, sempre que alguém perguntava quem eram os pais, invariavelmente respondia: o Governo.”(SILVA, 1998, p.11)

O autor designa como filhos do Governo um universo de meninos e meninas que receberam, entre 1964 e 1990, uma sentença de abandono, com destituição dos pais e sentença definitiva de internação até os 18 anos. Mostra o abandono moral e intelectual em que viveram e documenta o processo de criminalização de crianças e adolescentes sob a tutela do Estado.

Silva nomeia como fase Institucional, o período que vai de 1964 a 1990, onde o discurso hegemônico é a Doutrina da Segurança Nacional, quando o país é governado por uma ditadura militar, até 1984, e inicia o processo de redemocratização com o primeiro presidente civil ainda eleito por voto indireto. Nesse período foram criadas a Fundação Nacional do Bem Estar do Menor -

FUNABEM, e as unidades estaduais denominadas Fundação Estadual do Bem Estar do Menor - FEBEM.

O grupo analisado por Silva é constituído por pessoas nascidas entre 1940 e 1968. Os nascidos até 1951 são remanescentes da última Casa da Roda no Brasil, situada na cidade de São Paulo. Para compreender a ação de instituições atuais, baseadas em pressupostos distintos, não podemos deixar de lado a história das relações família-pobreza-criança-instituição, pois legislações só se tornam efetivas quando as vozes oficiais que as promulgam ecoam vozes sociais de grupos com poder político e respondem a anseios populares.

Marin (1999) descreve a velha FEBEM, isto é, antes do Educandário Sampaio Viana, Unidade de Triagem e antiga Roda, ser desvinculado e passar diretamente à Secretaria do Bem Estar Social. Sua pesquisa foi iniciada em 1979, portanto com crianças nascidas vinte anos depois de Roberto da Silva, que ingressou no Sampaio Viana em 1963, com cinco anos.

Nas palavras da autora o que caracteriza a instituição:

“Crianças massificadas pela rotina de atendimento, sem nome, sem objetos próprios, sem cama, sem roupa, sem sexo, sem história. Seu passado, muitas vezes, incógnito; companheiros de toda hora: o abandono e a rejeição. Seu presente, ditado pela organização rígida de horários e tarefas a cumprir, de acordo com a função das pessoas que delas se ocupam. Seu futuro, o de provável delinqüente, o de marginal, sem dúvida. Eis uma velha e repetida história brasileira”.(MARIN, 1999, p.56)

Atualmente o cotidiano da FEBEM está presente na mídia, principalmente por notícias de ilegalidades cometidas contra os internos, fugas e rebeliões. Como instituição ela ainda não encontrou um caminho para a ressocialização, que seria uma proposta mais condizente com a legislação atual em relação aos direitos da criança e do adolescente.

Koerner (2002, p.75) analisando as posições doutrinárias sobre o direito de família, descreve a ambigüidade que sempre pautou o sistema jurídico no Brasil, dadas as peculiaridades da nossa formação social. “A prática judicial se

caracterizava como prudencial e conservadora, em virtude das contradições do sistema jurídico que resultavam da escravidão, mas também da forma de organização política, social e do sistema moral”.

Essas incongruências permitiram que as relações concretas penetrassem no mundo oficial, construindo uma sociedade onde leis elásticas se ajustavam principalmente às questões de dinheiro. As leis vigentes na colônia, outorgadas na primeira Constituição de 1824 ou nas sucessivas reformas constitucionais, foram sempre fundamentalmente patrimonialistas. Como exemplo, a orfandade era considerada em relação à perda do pai e não da mãe, pois no primeiro caso deveria ser nomeado um tutor para gerir a herança dos filhos.

A Constituição de 1988 pela primeira vez privilegia o cuidado com o indivíduo, em especial com a criança, e em seu artigo nº 227 trata dos direitos fundamentais da pessoa, entre estes, os da criança. A lei nº 8069 que regulamenta esse artigo foi sancionada em 13 de julho de 1990, é conhecida como Estatuto da Criança e Adolescente – ECA, constituindo desde então o discurso oficial sobre os direitos da criança e do adolescente, e inaugurando a fase nomeada como de Desinstitucionalização. (SILVA, 1998)

Do ponto de vista das políticas em relação à criança, o ECA, pela primeira vez na história do Brasil, olha para a criança e seu sistema mínimo de proteção e pertencimento – a família.

O capítulo III, em seu primeiro artigo, de número 19, prescreve: “Toda criança ou adolescente tem o direito a ser criado e educado no seio da sua família e excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes”.

Os artigos subseqüentes prescrevem a igualdade de direitos para filhos havidos no casamento, ou fora, e por adoção; a igualdade de condições de exercício de pátrio poder, pelo pai e pela mãe, e o dever dos pais em relação ao sustento, guarda e educação dos filhos menores. Indicam as situações de intervenção do poder judicial que resultam na separação da criança de seus pais.

O capítulo IV, em seu primeiro artigo, de número 25, define a família natural como a comunidade formada pelos pais, ou qualquer deles e seus descendentes. O capítulo V define a família substituta e as situações de guarda, tutela ou adoção, que levarão em conta, sempre que possível, a opinião da criança e do adolescente, o grau de parentesco, afinidade ou afetividade, a fim de minorar as conseqüências decorrentes da medida.

Resumindo: estão implícitos nestes artigos a valorização da família biológica, denominada natural; o reconhecimento da chamada família uniparental e a crença de que a separação da criança ou do adolescente dessa família tem conseqüências negativas que devem ser minoradas.

O ECA, fruto da Constituição de 88, chamada de Constituição Cidadã, surge em um momento em que as vozes sociais, que se levantaram contra o autoritarismo, haviam se tornado fortes o suficiente para, dentro do próprio sistema autoritário apresentarem um candidato alternativo ao escolhido pelo regime militar, e ainda no período de transição para a eleição direta para a presidência, elegerem um Congresso transformado em Assembléia Nacional Constituinte.

Acompanhar a história das idéias adotando uma perspectiva construcionista implica em contextualizar as práticas discursivas e as ações a elas associadas no conjunto dos discursos disponíveis.

Esse discurso pró-família tem um contexto de produção e como todo saber gerado no interior de um grupo profissional configura um discurso cujo poder está mais ligado ao contexto de sua produção do que à sua condição de verdade.

Segundo Iñiguez (2004, p.94) “o discurso é uma prática articulada com outras práticas também emolduradas na ordem da capacidade discursiva. Discursos relacionados com outros discursos que se retroalimentam, interpelam, interrogam; discursos produtores e solapadores de outros discursos; que se transformam, mas aos que é também possível transformar”.

Nas últimas décadas, movimentos e instituições, principalmente desde a vigência do ECA, vêm contribuindo para desconstruir o discurso da mãe abandonante, promovendo adoções abertas, auxílio psicológico e econômico a

famílias de crianças abrigadas; enfim, buscando tornar socialmente aceitas as várias possibilidades de redes de proteção à criança e ao adolescente.

Seguir essa trajetória em uma abordagem que privilegia a comunicação humana, ou seja, os processos conversacionais que possibilitam a produção de sentido sobre o mundo em que vivemos, oferece elementos para a compreensão dos enunciados atuais nesse campo, uma vez que, segundo Bakhtin (1997), a produção de significado está sempre relacionada com um antes e um depois, é um elo em uma corrente maior de sentidos. Além da relação entre pessoas em uma interação, que ele nomeia como dialogismo entre interlocutores, há um dialogismo entre discursos, que se refere à relação que os discursos estabelecem entre si.

As Aldeias Infantis SOS do Brasil, que abrigam crianças em casas-lares até a idade de 18 anos, oferecendo uma família substituta, configuram uma instituição sem uniformes, sem enormes dormitórios em alas separadas para meninos e meninas, sem refeitórios comuns nem horário único para apagar as luzes. Segundo seu fundador, Herman Gmeiner, “as crianças perderam a família, não a sociedade” e não devem ser segregadas. Devem freqüentar os equipamentos do bairro e quando a Aldeia possui uma Creche ou Centro de Jovens, este é aberto a toda a comunidade vizinha.

Sendo um projeto idealizado no pós-guerra da Europa, para prover famílias para crianças que haviam perdido seus pais, e filhos para mães que haviam perdido os seus, ao inaugurar sua primeira unidade no Brasil em 1967, bem antes do ECA, em plena era de fundação da FEBEM, oferecia uma prática inovadora, que necessitava se aclimatar ao novo solo.

A Aldeia SOS do Rio Bonito, São Paulo, onde foram criados os participantes desta pesquisa, hoje jovens adultos, foi inaugurada em 1982.

Em um país com nossa história, de famílias abandonadas pelas instituições e de instituições que repetidamente forjaram para suas crianças um futuro, se não de delinqüentes, sem dúvida, de marginais, que identidades estão sendo possíveis a jovens adultos criados na Família SOS, uma família institucional?

II - Identidade e Self

“Tratando-se de fenômenos humanos, não há temas irrelevantes, apenas problemas mal colocados”

István Jancsó

Ao escolher **identidade** como categoria, mais do que um levantamento bibliográfico, entendo ser necessário pesquisar seus usos, equivale dizer, significados, nas diferentes disciplinas, circunscrever a abrangência do conceito nesta pesquisa de modo que seja possível reconhecer suas dimensões nos relatos dos entrevistados.

O objetivo desta pesquisa é investigar os sentidos atribuídos por jovens adultos, criados na Aldeia Infantil SOS - Brasil de Rio Bonito (São Paulo), às relações destes com a rede significativa de adultos participantes do processo de sua criação, até a maioridade, na instituição, como constitutivas de sua identidade.

Compreendendo a identidade como processo, o foco está no presente do jovem adulto, isto é, um jovem que atingiu a maioridade legal, em situação onde o ritual de passagem principal se dá pela saída da condição de tutelado pelo Estado, confiado a uma instituição.

O universo cultural do qual ele emerge é povoado por discursos, como o jurídico, por práticas discursivas (SPINK, 2000) que explicitam as premissas da instituição, mas também as crenças e valores dos responsáveis pela realização do projeto específico de Aldeia SOS, no período em que lá viveu parte de sua infância e construiu noções sobre si mesmo.

Seu repertório para se descrever compreende desde as narrativas ouvidas sobre sua entrada na instituição: com que idade entrou, se chegou junto com irmãos, ou não, quais histórias sobre a família de origem levou, como essas histórias foram mantidas, negadas ou resignificadas pelos adultos responsáveis pelo seu desenvolvimento na instituição, os vocabulários sobre si mesmo que estes lhe ensinaram e quais vocabulários ele aceitou, modificou ou rechaçou.

O universo cultural no qual vai viver será povoado por outros discursos, como o do risco e vulnerabilidade, conceitos e preconceitos sobre crianças e

jovens institucionalizados – **os menores**, com repertórios interpretativos, assim como crenças e valores, distintos.

Importa então explicitar como **identidade** está sendo entendida neste estudo, e quais as idéias de *self* narrativo, presentes em teorias contemporâneas sobre a construção do si mesmo.

Encontramos identidade, como metáfora, em muitos saberes, incluído nestes o senso comum como “uma pergunta aparentemente simples” (CIAMPA, 2004, p.58) feita com freqüência sob a forma de “quem é você?”. Ou “quem sou eu?”. O autor prossegue perguntando: “Sua resposta torna possível você se mostrar ao outro e ao mesmo tempo se reconhecer, de forma total e transparente, de modo a não haver nenhuma dúvida, nenhum segredo a seu respeito? Sua resposta produz um conhecimento que o torna perfeitamente previsível?” Respondendo negativamente a essas perguntas do senso comum, o autor caminha para as diversas dimensões de identidade quando entendida como “o produto de um permanente processo de identificação, como um dar-se constante que expressa o movimento do social”.

Esse caminho nos leva necessariamente a alguma compreensão dinâmica, sugerindo que ao falar de identidade estaríamos apresentando uma foto, ou melhor, um fotograma de um filme que se desenrola do nascimento à morte de cada pessoa, fotograma que tem um cenário, outros atores, eventualmente grupos em primeiro plano contra o fundo da rede social em movimento.

Entretanto, entre todas as respostas possíveis, é mais comum encontrar-se em práticas discursivas e em textos sem pretensão científica, noções de identidade com um viés individualista, significando uma qualidade psicológica, algo que as pessoas têm ou deveriam ter, mudam devida ou indevidamente, buscam, alcançam, uma espécie de posse sujeita a crises, e até à perda.

O conceito de identidade com significados psicológicos entrou para o vocabulário leigo principalmente devido à vulgarização das idéias de Erik Erikson (1976, p.17) sobre a Crise de Identidade da adolescência. O próprio autor do conceito já apontava para a reificação dessa noção ao perguntar: “Atuariam alguns de nossos jovens de um modo tão manifestamente confuso e

gerador de confusão, se eles não soubessem que estão supostamente passando por uma crise de identidade?”.

Identidade, quando apresentada por Erikson, foi considerada uma ampliação da psicanálise e uma ferramenta útil para a psicologia da educação, ao descrever as aquisições esperadas em cada etapa do desenvolvimento, além de abordar o desenvolvimento adulto, para além das “transformações da puberdade” da teoria da sexualidade de Freud.

Alguns elementos desenvolvidos na teoria apontam para uma compreensão relacional e processual da constituição do *self* implícita:

1 - na afirmação de “um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si mesmo à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia significativa para eles”, enquanto faz o mesmo com esse julgamento em relação com o que se tornou importante para si próprio;

2 - na noção de um processo em evolução “à medida que o indivíduo ganha consciência de um círculo em constante ampliação, de outros que são significativos para ele desde a pessoa materna até a Humanidade”.

Identidade, portanto, é tratada como um processo tanto no âmago do indivíduo como no “núcleo central da sua cultura coletiva” (ERIKSON, 1976, p.21).

Entretanto, na formulação de Erikson, idéias de mundo interno, internalização de aspectos culturais, externalizações de processos internos, são descrições que não questionam a noção moderna de indivíduo. A importância atribuída à relação não modifica a concepção de duas unidades separadas constituídas com seus sistemas de significados e modos de agir, que posteriormente se encontram. Suas descrições mantêm a dicotomia indivíduo-sociedade, que permeou a sociologia e a psicologia dos primeiros 70 anos do século XX.

Nos anos 80, tanto as teorizações feministas quanto a proposta de uma compreensão relacional para o desenvolvimento humano, a partir da constituição do campo da terapia familiar sistêmica, ofereceram críticas às teorizações de Erikson. Essas críticas dirigem-se também às noções de *self*

associadas às definições de identidade e crise de identidade, que apontavam para a construção de um si-mesmo estável, como característica do adulto saudável. (CARTER, McGOLDRICK, 1999; HOFFMANN, 1993; SLUGOSKI e GINSBURG, 1989).

É importante notar que as próprias teorias do *self* desenvolvidas principalmente por Kohut (1982) e Kernberg (1976) fazem parte de teorizações da psicanálise americana, especificamente da Psicologia do Ego, (HARTMAN, 1961), que oferece uma teoria funcionalista de adaptação ao meio social como ideal de sanidade psíquica: estabilidade seria a característica deste adulto saudável. Segundo Maldonado (1999, p.33), Bowen (1990), “um dos poucos que levaram em conta, na terapia familiar, os conceitos de *self*, importou seu conceito da corrente mais pobre da psicanálise, ou seja, a orientação norte-americana da psicologia do ego”.

Correntes européias freudianas ou pós-freudianas de psicanálise não utilizam os conceitos de *self* e de identidade. Buscando as origens do conceito na obra de Freud, notamos que a palavra identidade aparece raramente, sempre como sinônima de idêntico, referindo-se, por exemplo, a “identidade de pensamento”, “identidade de sensação”.

O processo de identificação, considerado como o mais primitivo modo de se relacionar refere a “ser igual ao outro”. Nas obras teóricas não vamos encontrar identidade como parte do aparato conceitual; entretanto, em uma descrição de si mesmo e sua relação com o judaísmo, Freud escreveu: “o que me vincula ao judaísmo não é a fé nem o orgulho nacional, pois sempre fui ateu e fui criado sem qualquer religião, embora no respeito pelos chamados valores éticos da civilização humana [...], mas muitas outras coisas permanecem à tona para tornar irresistível a atração do judaísmo e dos judeus – muitas forças emocionais obscuras tanto mais poderosas quanto menos podiam ser expressas em palavras, assim como uma nítida consciência de identidade íntima, a segura intimidade de uma construção mental comum”. (FREUD, 1976, p.273)

Essa afirmação liga identidade a pertencimento, ao que é definido em sociologia como Identidade-Nós (ELIAS, 1994) e contém a idéia de construções culturais compartilhadas, aspecto enfatizado também na

antropologia (OLIVEIRA, 1976), conferindo à noção qualidade processual e relacional.

Lopes (2002) faz um levantamento do que denomina pré-história do conceito de Identidade no ocidente, em artigo que se propõe a pensar a categoria e sua utilização na Psicologia Social, (o que)

“implica a necessidade de rever alguns pressupostos epistemológicos. A concepção surge simultaneamente na Antropologia e na Psicologia, como “corpus” teóricos que emergem num determinado momento histórico, com respostas diferenciadas à problemática do agir humano. O desenvolvimento da categoria foi caracterizado por aproximações e distinções irregulares entre as ciências humanas e sociais, visando demarcar campos de saber que hoje não se sustentam isoladamente.” (LOPES, 2002, p.1)

Suas origens estariam nas noções de pessoa, desde os romanos, passando pela cristandade, firmando-se durante séculos como designação de um ser estruturalmente o mesmo, na sua dualidade corpo e alma, consciência e ação. Nos séculos XVII e XVIII, novas idéias religiosas sobre questões como liberdade e consciência individual, levam a noção de pessoa a firmar-se como Eu e este é sinônimo de consciência. Ao mesmo tempo, uma ênfase na racionalidade despreza a irracionalidade do eu ocidental, que será levada em conta nos discursos da psicanálise ao destituírem a consciência do lugar de sinônimo de Eu, relegando-a a uma instância premida por injunções contraditórias, dos desejos pulsionais –o Id, e das restrições da vida social, constitutivas do si mesmo ou *self*, via a palavra dos pais, o Super-Ego.

A consciência, em Freud, não é mais uma qualidade inerente à pessoa. Em O Ego e o Id, argumenta que a pergunta – “Como uma coisa se torna consciente, seria mais vantajosamente enunciada: Como uma coisa se torna pré-consciente? E a resposta seria: Vinculando-se às representações verbais que lhe são correspondentes. [...] Em essência, uma palavra é, em última análise, o resíduo mnêmico de uma palavra que **foi ouvida** (grifo meu)”.(FREUD, 1976, p. 33-34)

Nesta frase estão condensados os rudimentos de uma teoria da constituição social dos significados, em linguagem e na relação. Não se trata mais de um eu moral universal, mas de um eu singular, histórico, psicológico. A história do conceito de identidade na psicologia vai ser a das vicissitudes desse Eu e seus constrangimentos, segundo várias teorias, como foi acima apontado.

A partir dos anos sessenta, com o surgimento do que tem sido nomeado como Novos Movimentos Sociais (SANTOS, 2000), **identidade**, como o que caracteriza um grupo (idade, sexo, raça, etnia), tem sido mais freqüentemente empregada em discursos dos campos da sociologia, antropologia e política, e na psicologia, menos em discursos sobre a clínica e mais em psicologia social.

O que traz essa categoria para o centro de discussões contemporâneas, tanto na sociologia como na antropologia, assim como novamente na psicologia, via psicologia social?

Como afirma Morin (1994, p.161) “É sabido que a história das ciências é feita por migrações de conceitos, isto é, literalmente de metáforas. Os conceitos migram e é melhor que o façam, às claras, que não o façam clandestinamente”. Essa afirmação, afinada com os pressupostos do construcionismo social, dá às teorias o lugar de construções sociais, com história e geografia, e principalmente família de origem com maior ou menor prestígio na categoria de ciência. Sob esse ponto de vista não procuramos a verdade de uma teoria, em termos de representação verdadeira da realidade, mas perguntamos quão útil para os propósitos de uma descrição é esta ou aquela metáfora. Que categorias ela permite criar? Que mundos essas categorias constroem? Que lugares têm os indivíduos nesses mundos?

Quando abrimos as malas etiquetadas como **Identidade**, não encontramos migração de uma área do conhecimento para outra, que deveria ser sujeita a uma verificação sobre quais as mudanças de seu significado no novo discurso, mas de um caminhar com as questões que os distintos pontos de vista característicos das várias ciências humanas e sociais querem ver respondidas com as perguntas “Quem sou eu?”, “Quem é você?”.

Os diferentes usos da noção de identidade acompanham os enfoques predominantes sobre a subjetividade desde a separação da filosofia da religião,

e posteriormente, dos diferentes discursos sobre o homem, presentes nas disciplinas com esta filiação.

Tomo emprestada a bela metáfora do Jogo de Espelhos, título da tese de doutorado da antropóloga Sylvia Caiuby Novaes (1993). A autora afirma que ao tentar apreender o que leva diferentes autores a produzirem diferentes textos sobre uma mesma sociedade, abre-se para ela uma oportunidade de se situar não só perante esses autores, como entender porque eles, num certo sentido funcionam como um espelho para seu próprio trabalho. Por sua vez ao pesquisar como um grupo (no caso uma etnia indígena do Brasil) se vê, também o faz na complexidade das múltiplas imagens.

“Tomar o espelho como metáfora que permite a compreensão da auto-imagem de uma sociedade (ou de um grupo social) é procurar enveredar pelos processos de reflexão e especulação que ela elabora sobre si, a que o próprio termo induz. [...] (O) objetivo é entender a auto-imagem de uma sociedade a partir de suas determinações históricas e sociais [...] No jogo de espelhos, cada imagem refletida corresponde a uma possibilidade de atuação. A avaliação desta atuação pelo grupo leva à formação de uma nova imagem, que, por sua vez, possibilitará uma nova ação” (NOVAES, 1993, p.109).

Jogando o jogo de espelhos entre a literatura como espelho e a auto-imagem através do jogo de espelhos, a autora expõe o processo caleidoscópico de construir um objeto de pesquisa.

Minhas escolhas teóricas, para análise das respostas à pergunta que me interessa: “Quem é você, jovem adulto, criado na Aldeia SOS do Rio Bonito?”, refletem em quais espelhos busquei imagens de sociedade e indivíduo, onde a primeira se produz ao produzir os segundos que, por sua vez, a (re) produzem.

O sociólogo Norbert Elias (1994) problematiza o hábito de, ao pensarmos em **sociedade**, freqüentemente fazê-lo como se esta fosse composta por adultos.

“É como se as pessoas crescidas, ao pensarem em suas origens, perdessem involuntariamente de vista o fato de elas mesmas, assim como todos os adultos terem vindo ao mundo como crianças pequenas. [...] Desde que permaneçamos dentro do âmbito da experiência, somos obrigados a reconhecer que o ser humano

singular é gerado e partejado por outros seres humanos. Quaisquer que tenham sido os ancestrais da humanidade, o que vemos, até onde nos é possível divisar no passado, é uma cadeia ininterrupta de pais e filhos, os quais, por sua vez se tornam pais. [...] Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas. E, se para simbolizar a própria auto-imagem, precisamos de um mito de origem, parece chegada a hora de revermos o mito tradicional: no começo, diríamos, havia não uma única pessoa, mas diversas pessoas que viviam juntas, causavam-se prazer e dor, assim como fazemos hoje, vinham à luz umas através das outras e legavam umas às outras, como nós, uma unidade social, grande ou pequena.”(ELIAS, 1994, p. 26-27).

Essa formulação explicita o título do livro: A Sociedade dos Indivíduos.

Desconstruindo a antinomia presente nos estudos que afirmam como primário, importante ou como o que realmente existe, ora o indivíduo, ora a sociedade, Elias oferece um modelo conceitual que permite compreender de que modo um número de indivíduos compõe entre si “algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados: como é que eles formam uma “sociedade” e como sucede a essa sociedade poder modificar-se de maneiras específicas, ter uma história que segue um curso não pretendido nem planejado por qualquer dos indivíduos que a compõem”. (p.16)

O autor rastreia a origem de conceitos como **individual** e **social**, isto é, como se tornaram meios lingüísticos disponíveis para categorizar. Aponta o uso contemporâneo do conceito de indivíduo, significando a idéia de que todo ser humano é ou deve ser uma unidade autônoma, diferente de todas as demais. A essa ênfase na singularidade e diferença, Elias denomina **identidade-eu**. Afirma que “é característico da estrutura das sociedades mais desenvolvidas de nossa época, que as diferenças entre as pessoas, sua identidade-eu, sejam mais altamente valorizadas do que aquilo que elas têm em comum, sua identidade-nós”. (p.130)

O autor aponta para uma característica humana, que “é a disposição biológica de todas as crianças a aprenderem um tipo de comunicação que não

interliga a espécie inteira, mas possivelmente apenas grupos isolados, e [...] constitui uma invenção singularíssima da evolução biológica”. (p.142)

A cultura, como parte da biologia do fenômeno social (MATURANA, 1999) é definida como uma rede cerrada de conversações, isto é, de modos aprendidos e compartilhados de emocionar e linguajar.

Ainda segundo Elias, a identidade eu-nós, é parte integrante do *habitus* social de uma pessoa, entendendo-se *habitus*, como a escrita social, que é oferecida a cada membro de uma sociedade, que exercitará sua grafia pessoal. Poderíamos dizer que é como se cada membro de uma sociedade carregasse o DNA social, o que torna enganador o uso de termos indivíduo e sociedade, como referência a dois objetos distintos. Quanto mais complexa a sociedade, mais complexo seu DNA e mais variantes individuais possíveis em seus membros.

Essa identidade **eu-nós** é a resposta à pergunta “Quem sou eu?” como ser social e individual. Tanto as construções do sociólogo Elias quanto as do biólogo Maturana apresentam perspectivas inovadoras para a compreensão das relações que acontecem nos grupos humanos, mais abrangentes que aquelas tradicionais das suas disciplinas.

O sociólogo Manuel Castells (1999b) descreve a organização das sociedades, categorizando seus processos como estruturados por relações historicamente determinadas de **produção, experiência e poder**. As primeiras, **de produção**, referem-se à ação humana sobre a natureza para transformá-la, obtendo produtos em parte consumidos (com distribuição não regular) e em parte acumulados para investimento conforme objetivos socialmente construídos. Por **experiência** entende “a ação dos sujeitos humanos sobre si mesmos, determinada pela interação entre as identidades biológicas e culturais em relação a seus ambientes sociais e naturais”.(1999a, p.33). Constitui-se pela busca de satisfação de necessidades e desejos humanos. Denomina **poder** à relação entre humanos que impõem sua vontade sobre outros, com base na produção e na experiência. Essa imposição pode se dar pelo emprego potencial ou real de força física ou simbólica.

A comunicação simbólica e o relacionamento com a natureza com base nos modos de produção e consumo, experiência e poder, cristalizam-se ao longo da história, territorialmente, gerando culturas e identidades coletivas.

Segundo Castells, **identidade** é “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um indivíduo ou ainda um ator coletivo pode haver identidades múltiplas.” (1999b, p.22) O autor enfatiza a possibilidade dessa pluralidade ser fonte de tensão e contradição tanto na auto-descrição como na ação.

Do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão então é: **como, a partir de quê, por quem e para quê** isto acontece. É um conceito que traz implícita a relação entre múltiplos discursos.

Em uma perspectiva construcionista essas questões podem ser compreendidas como: **construídas através de quais práticas discursivas, sustentadas por quais discursos, de quais vozes sociais, para gerar quais ações.**

A centralidade da linguagem nas discussões sobre os fundamentos da ciência é conhecida como “virada lingüística” ou “giro lingüístico”, que ofereceu os elementos para um amplo questionamento das premissas básicas do pensamento moderno em geral e científico, em particular, cujas teorias pautadas pelos cânones das ciências físicas, com aspiração universalista e objetivista já sofriam reavaliações vindas de seu próprio interior.(CAPRA,1982, VON FOESTER, 1991).

Segundo Rorty (1967), “virada lingüística pode ser entendida como o ponto de vista segundo o qual os problemas filosóficos podem ser resolvidos (ou dissolvidos) reformando, ou melhor, compreendendo a linguagem que usamos no presente”.

Ibáñez Gracia utiliza a expressão “giro lingüístico”

“para designar uma certa mudança que ocorreu na filosofia e em várias ciências humanas e sociais, e que as estimulou a dar uma atenção maior ao papel desempenhado pela linguagem, tanto nos próprios projetos dessas disciplinas

quanto na formação dos fenômenos que elas costumam estudar. [...] No entanto o “giro lingüístico” teve efeitos e implicações que vão bem mais além do simples aumento da ênfase dada à importância da linguagem. Ele contribuiu para que fossem esboçados novos conceitos sobre a natureza do conhecimento, seja o do senso comum ou o científico, para permitir que surgissem novos significados para o que se costuma entender pelo termo “realidade” – tanto “social” ou “cultural” quanto “natural” ou “física”, e a desenhar novas modalidades de investigação proporcionando outro contexto teórico e outros enfoques metodológicos. Porém, mais do que tudo, o “giro lingüístico” modificou a própria concepção da natureza da linguagem.” (GRACIA, 2004, p.20-21)

O giro lingüístico não é um fato, mas um processo, que passa pela lógica moderna, tendo deslocado o estudo das idéias, realizado por meio da introspecção, para o estudo dos enunciados lingüísticos, públicos e objetivados. Ludwig Wittgenstein, outra importante figura ligada a esses estudos, ficou famoso por seu *Tractatus Logico-philosophicus*, que buscava alcançar uma linguagem ideal que evitasse as imperfeições da linguagem cotidiana. Entretanto o “giro” que imprimiu a suas investigações foi o responsável por seu lugar de destaque na filosofia da linguagem. Ao renegar as idéias do *Tractatus*, dedicou-se nas *Investigações Filosóficas* (WITTGENSTEIN, 1958) a compreender a linguagem comum em seus múltiplos usos, cunhando a célebre expressão “meaning is use” preferindo ao estudo da Linguagem, a reflexão sobre os “jogos de linguagem”.

A corrente filosófica centrada na linguagem cotidiana provocou mudança radical na concepção representativa ou designativa de linguagem da modernidade, o que deu lugar a uma nova concepção de conhecimento e a um questionamento dos critérios de verdade e realidade. A Escola de Oxford apresenta uma vertente, também focada na linguagem cotidiana; John Austin, uma de suas vozes expressivas, considera a linguagem em termos de atividade, isto é, “dizer é, também e sempre, fazer”. Conforme Ibáñez Gracia (2004, p.39), “a linguagem não só nos diz como é o mundo, ela também o

institui; não se limita a refletir as coisas do mundo, também atua sobre elas, participando de sua constituição”.

Essa compreensão da linguagem como ação permeia as posturas denominadas socioconstrucionistas de Kenneth Gergen ou John Shotter que problematizam noções de identidade ou *self* vigentes na psicologia. Invertendo a idéia da existência de um **eu** profundo e pessoal passível de descrição por distintas expressões lingüísticas, propõem que são os próprios vocabulários disponíveis aos quais se recorre para a descrição de si mesmo, que constituem essa forma de ser; não a explicitam, ao contrário, conformam-na. Esses vocabulários são necessariamente sociais.

Gergen (1996, p.186) afirma:

“O *self* não é uma propriedade do indivíduo, mas dos relacionamentos – produto do intercâmbio social. De fato, ser um *self* com um passado e um futuro potencial não é ser um agente independente, único e autônomo, mas um ser imerso na interdependência”.

O autor explora a noção de múltiplos *selves* e a possibilidade de, ao participar de um universo cultural, fazermos usos de muitas narrativas disponíveis. Essa escolha, porém não é uma escolha de cada indivíduo. A sustentabilidade das narrativas de *self* de uma pessoa depende da sua rede de relações. Há uma interdependência de narrativas que resulta na formação de uma rede de identidades recíprocas. Isto é, uma identidade não pode ser mantida sem a existência de outros que apóiem tal descrição.

Segundo Guanaes (2006, p.138) as propostas construcionistas têm em comum “a noção de que o *self* depende das práticas discursivas através das quais as pessoas dão sentido ao mundo e às suas próprias ações – ou seja, o *self* é entendido enquanto uma construção social, produto das trocas discursivas situadas”.

A psicologia discursiva decorrente dessas propostas pretende compreender as possíveis versões de *self* construídas na interação entre as pessoas, e como estas se constituem através das maneiras como se descrevem nas diferentes situações. Nessa perspectiva a linguagem passa a ser compreendida como ação e o que se denomina *self*, como discurso que constitui o *self*.

Na psicologia clínica, coube à terapia familiar introduzir o pensamento sistêmico e a ênfase na interação, na comunicação, reintroduzindo o caráter relacional e discursivo de várias noções anteriormente descritas como atributos internos. A partir dos últimos vinte anos do século XX, muitos clínicos desenvolveram modalidades terapêuticas derivadas desses pressupostos. (ANDERSEN, 1996; ANDERSON, GOOLISHIAN, 1988; WHITE, EPSTON, 1990).

Segundo Michael White (2000), o desenvolvimento de um senso de autenticidade pessoal é o resultado de processos sociais nos quais demandas específicas sobre nossa identidade, isto é, sobre o que podemos ou não expressar, são reconhecidas ou legitimadas por outros. Por meio desses processos, dessas demandas identitárias, aprendemos a nos descrever. Essa compreensão narrativa da constituição do *self*, não parte da idéia de que os significados, que as pessoas constroem nesses atos de interpretação, são invenções aleatórias ou criações de suas mentes, resultantes de uma habilidade singular de apreender o mundo como ele é.

Ao contrário, tais significados são determinados pelos recursos interpretativos disponíveis socialmente e, além disso, são negociados nas comunidades de pertencimento, por sua vez, inseridas em outras instituições da cultura.

Essa abordagem, portanto, compreende o significado como uma realização ao mesmo tempo pessoal, relacional e cultural. (White, 2000)

As comunidades, que definem identidades-nós, podem ser descritas como comunidades de vida, de destino, cujos membros vivem juntos em ligação total, e comunidades de idéias e princípios.

Segundo Bauman: “tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o “pertencimento”, quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade”, não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento”

continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa.(BAUMAN, 2005, p.17)

Repetindo Elias (1994): “Desde que permaneçamos dentro do âmbito da experiência, somos obrigados a reconhecer que o ser humano singular é gerado e partejado por outros seres humanos. Quaisquer que tenham sido os ancestrais da humanidade, o que vemos, até onde nos é possível divisar no passado, é uma cadeia ininterrupta de pais e filhos, os quais, por sua vez se tornam pais”.

A primeira comunidade de pertencimento que oferece uma narrativa sobre nós mesmos é, geralmente, a família de origem. Para aqueles que não são criados no seu seio, as narrativas sociais dessa falta são marcantes nas definições identitárias. Adotado, Abandonado, Abrigado operam como sobrenomes.

Não ter tido conhecimento ou contato com a própria família de origem vai gerar narrativas de identidade espelhadas por práticas discursivas das mais variadas comunidades de idéias presentes no tempo e local onde isto acontece. Desde os mitos de nascimento dos heróis ou dos predestinados até as previsões negativas, apontadas no capítulo anterior.

Sluzki (1997, p.15) oferece redescrições do conceito de redes da psicologia social; desconstrói a conceituação objetivista de uma rede genérica com relações primárias, secundárias, etc. postulando uma “rede social significativa” definida para cada pessoa. Ao tratar da rede social pessoal, “o conjunto de seres com quem trocamos sinais que nos corporificam, que nos tornam reais”, Sluzki também deixa claro o caráter relacional do conceito de identidade, afirmando que “de fato, essa experiência coerente no tempo e no espaço que constitui a nossa **identidade** se constrói e reconstrói constantemente no curso de nossas vidas com base em nossa interação com os outros – familiares, amigos... e inimigos, companheiros, paroquianos, todos aqueles com quem interagimos. Portanto esses ”outros”, enquanto envolvidos na espiral de perspectivas recíprocas, enquanto co-construtores, fazem parte intrínseca de nossa identidade.”

As palavras utilizadas por Sluzki: construção e reconstrução, interação, perspectivas recíprocas, fazem parte do repertório descrito acima, comum a

vários autores construcionistas sociais. Esse entendimento de identidade como móvel, formada e transformada continuamente pelas maneiras pelas quais somos descritos ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, oferece novas possibilidades às práticas de atenção a crianças que necessitam de outros cuidadores além de sua família biológica, criando novos vocabulários que incluem “esses outros” como co-construtores que fazem parte intrínseca de suas identidades.

A Aldeia SOS do Rio Bonito, inaugurada em 1982, e parte das Aldeias Infantis SOS fundadas no pós-guerra europeu, explicita em suas práticas os discursos resultantes do diálogo entre todas as comunidades de idéias que as constituíram.

“Eu, menino de Aldeia”, “eu, ex-aldeano”, “eles, os meninos da Aldeia”, “eles, que saíram da Aldeia”, “nós, das Aldeias SOS do Brasil”, “as instituições de abrigo às crianças e adolescentes” configuram discursos que, repetindo Iñiguez (2004, p.94) são articulados “com outras práticas também emolduradas na ordem da capacidade discursiva”.

As narrativas sobre si mesmos dos jovens criados em uma Aldeia SOS, em São Paulo, nos anos 80-90, vão nos contar quais identidades narrativas eles foram construindo, através das descrições de si mesmos mais reiteradas durante sua permanência lá.

III A Família SOS

III.1 O Fundador

Herman Gmeiner nasceu em uma família de proprietários rurais, na região do Voralberg, Áustria, em 23 de junho de 1919. Sua mãe faleceu quando ele era pequeno e sua irmã mais velha, Elza, cuidou de todos os irmãos. Foi uma criança estudiosa e ganhou uma bolsa para terminar a escola elementar.

Ao término da Segunda Guerra Mundial, cujos horrores passou como soldado na frente soviética, trabalhou como assistente social para a infância e viu-se confrontado com o sofrimento e a solidão de um enorme número de crianças órfãs e sem lar. Convencido de que não haveria possibilidade de ajuda efetiva se essas crianças fossem condenadas a crescer em grandes instituições, pos em prática sua idéia de abrigá-las em casas-lares, o que veio a constituir o princípio fundamental das Aldeias SOS.

Com apenas 600 Schillings Austríacos (aproximadamente US\$40,00) no bolso, fundou em 1949 a Associação Aldeias SOS, e no mesmo ano foi lançada a pedra fundamental da primeira Aldeia, em Imst, no estado austríaco do Tirol. Seu trabalho com as crianças e o desenvolvimento da organização SOS tornaram-se tão intensos que ele acabou por desistir do curso de medicina que havia começado,

Nos anos seguintes sua vida esteve totalmente ligada com o cuidar de crianças centrado em famílias, baseado em quatro pilares: **uma mãe, uma casa, irmãos e irmãs e uma Aldeia**. Como suas atividades foram desde então exclusivamente focadas na necessidade de ajudar crianças abandonadas, sua biografia passa a ser a própria história das Aldeias SOS.

Foi diretor da Aldeia de Imst, coordenou a construção de outras Aldeias na Áustria e ajudou a montar Aldeias SOS em muitos outros países da Europa. Em 1960 fundou em Estrasburgo a SOS Kinderdorf International – KDI, organização que apóia o desenvolvimento das Aldeias SOS, em todo o mundo e garante a manutenção dos princípios pedagógicos, sendo seu primeiro presidente. Nos anos seguintes, as atividades das Aldeias SOS expandiram-se para além da Europa. Através de uma campanha chamada de

Grão de Arroz, foram enviados envelopes com um boleto para ser pago em qualquer banco ou agência de correio dos países onde já havia uma Aldeia. “Um grão de arroz”, uma quantia mínima que multiplicada por milhares de respostas positivas levantou fundos suficientes para a construção da primeira Aldeia SOS não europeia, em Daegu, Coreia, em 1963; a esta se seguiram outras, nos continentes americano e africano.

Em 1985, como resultado da obra de Hermann Gmeiner, havia 233 Aldeias espalhadas por 85 países. Ele recebeu numerosos prêmios como reconhecimento por sua dedicação à causa das crianças órfãs e abandonadas, recebendo também várias indicações ao Prêmio Nobel da Paz. Entretanto, sempre enfatizou que, apenas através da colaboração de milhares de pessoas havia sido possível atingir a meta de prover crianças abandonadas com lares permanentes, e isso se aplica até hoje.

Hermann Gmeiner faleceu em Innsbruck, em 1986. Está enterrado na Aldeia SOS de Imst. Em suas palavras, o resumo de sua obra:

“Minha tarefa é a de pedir a meus semelhantes no mundo inteiro ajuda e compreensão para a criança abandonada. Quanto mais conseguirmos interessar amigos das Aldeias SOS, nesse objetivo, melhores poderão chegar a ser as Aldeias SOS, uma humilde contribuição à história do desenvolvimento social da nossa época”.

(material de divulgação das Aldeias Infantis SOS do Brasil)

III.2 Aldeias Infantis SOS do Brasil

No Brasil, a primeira Aldeia SOS foi fundada em Porto Alegre, quando em 1962, Frei Celso Brancher decidiu implantar o modelo de atendimento de Hermann Gmeiner. Mobilizou a comunidade e empresas locais que iniciaram a construção das casas, inaugurando a Aldeia em abril de 1967. A idéia logo se espalhou pelo país e no ano seguinte duas Aldeias eram fundadas, uma em São Paulo e outra em Brasília.

A Aldeia de Rio Bonito, São Paulo, onde foram criados os jovens que participam desta pesquisa, iniciou suas atividades em 1982.

Em 1994 a SOS Kinderdorf International sugeriu a criação de uma Associação Nacional que reunisse todas as Aldeias do Brasil, semelhantemente ao que já acontecia em outros países.

Assim nasceu a Associação das Aldeias Infantis SOS do Brasil, uma Organização Civil sem fins lucrativos e declarada de Utilidade Pública Federal, entidade que congrega todas as atividades das Aldeias ou ligadas a elas e centraliza o planejamento econômico-financeiro e pedagógico, zelando para que o projeto Hermann Gmeiner mantenha seus princípios.

Atualmente existem Aldeias espalhadas em 10 unidades federativas atendendo a mais de 5000 crianças e jovens em 14 Aldeias, além de 36 projetos como Educação Infantil, Escola, Centro Cultural, Casa Transitória, Casas de Jovens e Centro de Capacitação de Jovens, ampliando o atendimento à comunidade e atuando como uma organização que contribui para a prevenção do abandono.

Embora o princípio organizador das Aldeias seja o mesmo em todo o mundo, cada Aldeia tem particularidades ligadas à sua história e cultura local, visíveis em procedimentos e aspecto físico.

III 3. Aldeia Infantil SOS de Rio Bonito

III 3.1. História

Rio Bonito nasceu do desejo de quatro casais de amigos, todos alemães ou descendentes.

Em janeiro de 1978, Karin Essle e Scholly Mangels, durante viagem de férias em um veleiro, conversavam sobre sua boa sorte na vida e o quanto seus filhos, já crescidos, bem preparados, e em vias de sair de casa, deixavam-nas com tempo livre e desejosas de voltar a exercer suas profissões, respectivamente, fisioterapeuta e enfermeira. Prosseguindo em suas reflexões decidiram dedicar seu tempo e empenho fazendo aquilo que vinham fazendo há vinte anos: educar crianças. Desta vez, aquelas que não tinham tido oportunidades semelhantes às de seus próprios filhos.

Karin foi conhecer as crianças da unidade Sampaio Viana na Febem, e trabalhando lá como voluntária, logo se deu conta de que além de alimentação e higiene as crianças necessitavam de presença e proximidade com uma cuidadora. Faltava-lhes atenção, estímulo, aquelas brincadeiras que as mães fazem com seus bebês e que intuitivamente desenvolvem nele a consciência do próprio corpo, de seu lugar no espaço, das possibilidades de jogos com o corpo do outro, como balanço, movimentos com as mãos, olhos, exploração das próprias habilidades e do ambiente.

Ambas visitaram mais de dez instituições onde sempre eram recebidas por crianças sedentas de contato, que as agarravam, pediam alguma coisa, independentemente de serem pessoas desconhecidas, com tipo físico completamente diferente da maioria das crianças e funcionárias.

De indicação em indicação chegaram às Aldeias SOS de Poá e São Bernardo, onde pela primeira vez foram recebidas com a cautela e distância que as crianças com algum vínculo preferencial dedicam aos estranhos. Nem agarramentos nem pedidos.

“É isso que nós queremos” foi a reação imediata.

Karin viajou para Viena onde visitou os escritórios da KDI. Lá recebeu todas as informações sobre a filosofia das Aldeias, material pedagógico e até desenhos das instalações necessárias a uma Aldeia SOS. Também foi informada de que a KDI não financia novas Aldeias, apenas dá apoio e indicações, além de diretrizes a serem seguidas para que o novo empreendimento possa usar o logo das Aldeias SOS, e o que atualmente se nomeia como Missão e Visão.

Com esse desejo e idéias preliminares, Karin e Scholly mostraram seu projeto aos maridos, ambos empresários, que aprovaram a idéia de “não inventar a roda”, mas aproveitar um *know-how* testado em vários lugares do mundo e também no Brasil.

Sabedores do tamanho da empreitada pensaram em convidar mais pessoas a se incorporarem ao projeto e os primeiros convites foram para dois casais, Martha e Érico Stickel, e em seguida Martha e Hans von Heydebreck. Em 21 de dezembro do mesmo ano, 1978, fundavam legalmente a Aldeia SOS

do Rio Bonito e durante dois anos reuniram-se mensalmente para por em prática o projeto.

Os Stickel possuíam um sítio em Rio Bonito, chamado de Sítio das Jabuticabeiras, localizado ao lado do SESC Campestre, que havia sido construído na década anterior, em área anteriormente pertencente à família de Martha. Como o bairro Cidade Dutra estava chegando a essa antiga área de sítios, decidiram lotear sua propriedade e reservaram uma grande área, vendida a preço ínfimo, para a construção da futura Aldeia.

Durante dois anos o projeto foi discutido, revisado, e em 8 de dezembro de 1980 foi lançada a pedra fundamental, na presença de autoridades, de amigos e de Hermann Gmeiner, que veio ao Brasil especialmente para a ocasião.

Roberto Stickel, jovem engenheiro filho de Martha e Érico, fez o projeto das casas, simples, funcionais e de aspecto muito agradável, pois sua localização foi cuidadosamente marcada, por Karin e Martha, que pessoalmente se ocuparam de evitar ao máximo a derrubada de árvores formando um desenho irregular condizente com a topografia.

Durante os dois anos de construção os quatro casais arrecadaram fundos, dentro e fora do Brasil, para completar sua obra que, além da construção material incluía o processo de contratação de mães sociais. Estas contratações ficaram a cargo de assistentes sociais, uma psicóloga e uma pedagoga que por meio de anúncios e palestras em cidades do interior e em outros estados do país, convocaram e foram selecionando as candidatas.

Karin foi à Alemanha em busca de subsídios para o processo de capacitação de mães sociais. Adaptar à nossa realidade as expectativas européias presentes nos programas e nas exigências da Alemanha, às nossas realidades, aprender sobre a legislação do Brasil no que concerne à guarda de crianças, compreender os meandros das instituições para abandonados ou órfãos, categorias a que se propõem atender as Aldeias SOS, foi um processo difícil que demandou tempo, acertos e erros e essas vozes estão presentes nos relatos sobre o funcionamento das casas e criação dos aldeanos.

Em 1982 a Aldeia SOS de Rio Bonito começou a receber as primeiras crianças.

Durante anos Rio Bonito funcionou sob as diretrizes de seus fundadores, que convidaram novos sócios para a manutenção da atividade e foram arregimentando outros voluntários para colaborar no auxílio à direção da Aldeia, exercida por um profissional contratado que lá residia com sua família. Além desse dirigente, uma equipe composta por uma psicóloga, uma assistente social e a própria Karin.

Em 1991 Peter Mangels, que presidia o Conselho Administrativo, faleceu. O casal von Heydebreck mudou-se para a Alemanha e o casal Essle passou a viver metade do ano também naquele país. Martha e Érico Stickel, um pouco mais velhos, desde o início sabiam que a tarefa de gerenciar a Aldeia demandaria mais do que as suas possibilidades. Pouco antes de sua morte, Peter Mangels iniciou, com os demais membros ativos do Conselho, o delicado processo de planejar o futuro da Aldeia, uma vez que não há garantia de continuidade de uma tarefa como essa na sua transmissão para familiares descendentes. Com a criação da Associação Nacional das Aldeias SOS do Brasil em 1994, a Aldeia passou a ser subordinada ao Escritório Nacional, órgão gestor de todos os projetos SOS no Brasil.

A Aldeia de Rio Bonito está instalada na Avenida Amaro de Miranda, 61, situada no Jardim Colonial, distrito Cidade Dutra, zona sul do município. A região, próxima ao bairro de Cidade Dutra era muito menos habitada na época da fundação da Aldeia.

Conforme depoimento de jovem voluntária que dá aulas de educação física no Centro de Jovens, cuja família foi uma das primeiras a construir casa perto da Aldeia, “naquele tempo tinha os portões abertos” e os aldeanos como são chamados crianças e jovens da Aldeia, eram seus amigos na escola e, para ela, crianças como as outras, que moravam em um “conjunto legal”.

Nos seus 24 anos de existência a Aldeia de Rio Bonito já passou por distintas orientações. Como o objetivo desta pesquisa é conhecer as narrativas de jovens adultos criados na Aldeia de Rio Bonito, as diretrizes recentes em relação à autonomia das mães e os critérios atuais para a emancipação não serão levados em conta.

III 3.2 Descrição da Aldeia SOS do Rio Bonito

Esta descrição utiliza dados da Dissertação de Mestrado “Uma Família Institucional à Brasileira: A Experiência na Aldeia Infantil SOS”, de Rosa Maria Monteiro López, orientada pelo Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani e aprovada no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em dezembro de 2001.

Conhecendo pessoalmente a Aldeia de Rio Bonito desde sua fundação, complementei/atualizei com observações de visitas à Aldeia, realizadas desde os anos de 2001 até 2004.

A Aldeia de Rio Bonito é formada por 12 casas-lares sendo 11 delas ocupadas por famílias SOS e uma destinada à residência do dirigente da unidade e sua família.

As casas estão dispostas em duas fileiras, cinco de um lado e sete do outro, com as entradas e janelas principais voltadas para um largo corredor e outras áreas coletivas dispostas entre as duas fileiras de casas. Isso permite a todas as casas, a visão do movimento geral das outras casas e áreas coletivas.

Embora o padrão de construção seja semelhante, a posição de cada casa no terreno não é igual, pois o terreno não é plano, sendo algumas casas construídas em áreas mais elevadas do que outras.

As casas são térreas, construídas em tijolos aparentes com janelas e portas pintadas de azul, verde ou vermelho. A cozinha e a sala têm grandes janelas de vidro que permitem uma visão interna do verde externo e do que se passa fora, nas proximidades, assim como uma visão externa do que se passa no interior da casa. Todas as casas têm três quartos nos quais em geral as meninas utilizam um, os meninos outro e a mãe social, o terceiro; algumas casas possuem quatro quartos. Todas as casas possuem também dois banheiros que em geral são divididos entre as mães sociais e crianças pequenas, e os filhos maiores.

Do lado de fora das casas avista-se uma plaqueta com o nome com o qual cada casa foi batizada. Em alguns casos esses nomes estão relacionados aos patrocinadores da construção. As residências são também numeradas e tanto as mães sociais quanto as crianças referem-se à sua casa pelo número.

Além das casas lares, existem outras construções. O prédio administrativo é composto de dois andares. A parte de cima tem cinco salas utilizadas como escritório do chefe administrativo, uma secretária, o auxiliar de dirigente e assistente social e outra sem usuário especificado. Há dois banheiros, um masculino e um feminino, e um grande salão dividido por uma cortina em dois ambientes, utilizados para reuniões com as mães, dirigentes de casas de jovens, equipe técnica e outras atividades que podem ou não incluir as crianças adolescentes da Aldeia. No andar de baixo há dois apartamentos com cozinha, quarto, sala e banheiro; um deles é reservado a hóspedes e o outro serve como residência ao auxiliar de dirigente e sua família. Há ainda uma sala que atualmente é denominada Sala das Mães, mas que é pouco utilizada por estas e freqüentemente armazena doações que também ocupam uma espécie de garagem coberta, um vão livre abaixo do grande salão que compõe a parte de cima do prédio.

Próximo à entrada onde se localiza essa construção, à direita localiza-se um playground e uma quadra de cimentada poli-esportiva. Outras construções foram sendo levantadas no correr dos anos: escola, creche, padaria, lavanderia, Centro Educacional e gabinete dentário.

A partir de 2003 esse processo tem sido reavaliado, pois tais atividades vão contra a idéia de que as crianças da Aldeia SOS não sejam segregadas do restante da comunidade. Entretanto a creche, com 120 vagas, é uma exceção importante promovendo um intercâmbio com o “mundo de fora”, pois 95% das crianças que a freqüentam pertencem à comunidade.

No ano de 2003 o Centro Educacional e a Creche foram separados administrativa e concretamente do conjunto de casas. A escola foi desativada, pois se tornou economicamente inviável; por seu tamanho reduzido não houve interesse da prefeitura em administrá-la em parceria com a Aldeia. Em suas instalações estão sendo montadas oficinas profissionalizantes ligadas ao antigo Centro Educacional atualmente denominado Centro de Desenvolvimento Comunitário.

III 3.3 O contexto socioeconômico

O Jardim Colonial, onde está instalada a Aldeia Infantil de Rio Bonito situa-se no distrito Cidade Dutra, na chamada Zona Sul 2, da divisão municipal de São Paulo por Zona (Anexo I). Os indicadores socioeconômicos da região indicam que a Cidade Dutra está entre os distritos que apresentam as piores condições socioeconômicas do município (ATLAS AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2000).

Estudo desenvolvido pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, (BOUSQUAT, COHN, 2003) indicando os melhores e os piores lugares para os jovens a partir dos indicadores sociais de cada distrito, dá como valor máximo de qualidade de vida para jovens o número 1(um). Divide a cidade em cinco zonas onde a primeira, a de melhor qualidade de vida, compreende distritos com nota superior a 0,62. A zona cinco, a de pior qualidade de vida, compreende distritos com notas que vão de 0,13 (Parelheiros) a 0,25 (Jardim São Luiz).

O bairro de Cidade Dutra apresenta índice de 0.3, situando-se na zona quatro. Este valor provavelmente se deve à localização do SESC em sua área, que oferece várias atividades aos jovens da região. Entretanto a Cidade Dutra está cercada de distritos da zona cinco (Anexo II).

Diante desse quadro de precariedade, a Aldeia Infantil SOS de Rio Bonito se destaca. Suas instalações apresentam um padrão de moradia superior à média local, com casas espaçosas, cercadas de verde e complementadas por áreas próprias destinadas ao lazer coletivo dos atendidos.

É importante destacar que não há luxo nas instalações, apenas casas condizentes com uma família numerosa, e equipamentos de lazer para uma comunidade de mais de 100 pessoas. A diferença deve-se à deterioração do bairro e de toda a região, nos 26 anos de existência do projeto.

Hermann Gmeiner insistia em que as Aldeias deveriam ter um padrão em tudo semelhante ao da área onde se instalavam. As crianças das Aldeias deveriam participar da vida da comunidade e viver como seus semelhantes. Nos países do terceiro mundo, e em particular nas grandes cidades como São Paulo, a deterioração do espaço urbano e a favelização dos bairros onde vivem

as famílias pobres criam um impasse: em distritos de melhor índice de desenvolvimento humano, o custo de uma área, como a necessária para a construção de uma Aldeia, tornaria impossível o empreendimento, e na periferia, não teria sentido construir uma Aldeia em condições de moradia semelhantes às vigentes.

Essa realidade caracteriza a inserção atual da Aldeia no bairro, obrigando-a a muros altos, portões fechados e equipamentos de segurança. Esses aparatos isolam o conjunto de casas, da sua vizinhança e colabora para caracterizá-la como Instituição de Menores, influenciando a forma como sua clientela é enxergada, afetando suas relações com a comunidade do bairro, com reflexos na identidade de seus jovens.

III 3.4 Os quatro pilares em ação

O ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DENOMONADA ALDEIAS INFANTIS SOS BRASIL (Anexo III), doravante denominado ESTATUTO, nos dá as primeiras indicações:

O trabalho das Aldeias SOS em todo o mundo é norteado por quatro princípios básicos concebidos pelo seu fundador Hermann Gmeiner.

1. A Mãe Social – A criança, por perda dos pais naturais, ou contingências da vida, encontra na Aldeia SOS a segurança de um lar e sente nos cuidados dispensados pela Mãe Social, o amor e o carinho necessários ao desenvolvimento normal e harmonioso de suas potencialidades.

No Brasil, a atividade de Mãe Social é regulamentada pela Lei nº7644 de 18 de dezembro de 1987.

2. Os Irmãos – Cada família SOS é composta da Mãe Social e de crianças com idade e sexo diferentes, admitidas no lar, assemelhando-se à família natural. Os irmãos consangüíneos são mantidos na mesma casa-lar, preservando assim os laços afetivos e genéticos.

3. *A Casa-Lar – Cada casa-lar tem capacidade para até nove crianças, sendo esta o núcleo básico para o desenvolvimento da criança. A coordenação fica a cargo da mãe-social, que desenvolve o processo educativo e cuida dos afazeres domésticos, nos mesmos moldes de uma família, dispondo de um orçamento previamente estabelecido.*

4. *A Aldeia SOS - Cada Aldeia SOS é composta de até vinte Casas-Lar, habitada pelas famílias, formando um conjunto habitacional, integrado na comunidade.*

O conjunto de Casas-Lar é gerenciado por um profissional, que cuida da administração do conjunto, desempenhando o papel de pai das crianças e orientador das Mães Sociais.

Outras recomendações estatutárias que devem nortear as ações desenvolvidas nas Aldeias:

*O atendimento às crianças prestado pelas **Aldeias SOS** se dá até que estas alcancem condições de auto-suficiência, tornando-se cidadãos conscientes, responsáveis e participantes da sociedade. Em continuidade ao processo educativo os adolescentes poderão contar com Aldeias da Juventude ou Casas de Jovens.*

*Para atender as necessidades locais e obter maior integração com a comunidade, a **Aldeia SOS** pode desenvolver vários projetos, tais como: centros sociais, creches, ensino fundamental, postos de saúde, casas transitórias, centro de capacitação de jovens, centros culturais, oficinas profissionalizantes e hospitais.*

*Todos os **Projetos SOS** devem empenhar-se para atingir os seguintes objetivos:*

*I - criar e preservar um meio ambiente apropriado para o aprendizado das crianças e adolescentes que integram a **Família SOS**;*

*II - desenvolver e providenciar oportunidades de emprego, sempre que possível, para adolescentes integrantes da **Família SOS**;*

III - desenvolver e fomentar junto às crianças e aos jovens um sentimento de independência, responsabilidade, percepção do que se passa ao seu redor, iniciativa e desejo de aprender, conseguindo assim uma completa integração na comunidade de que participam;

IV - apresentar-se como modelo ou liderança perante organizações ou pessoas que atuem no mesmo campo que a associação, compartilhando técnicas, informações e experiências;

*V - funcionar permanentemente como membro atuante e respeitado pelas comunidades nas quais os **Projetos SOS** operem, respeitando as leis, tradições e religiões locais, desde que assim agindo não se coloquem em posição diametralmente oposta aos interesses das crianças e dos adolescentes sob a responsabilidade da associação.*

Há outros objetivos que balizam a ação das Aldeias no meio social mais amplo, cuja análise foge aos objetivos desta pesquisa.

Como as Aldeias SOS surgiram no pós-guerra, na Áustria, as primeiras famílias SOS reconstruíam um modelo de família pré-existente e valorizado, destruído pela violência social da guerra, e em princípio atendiam às necessidades de todos os seus membros.

Uma aldeia é, na tradição europeia, a célula da cidade, a comunidade em geral sustentada por atividades agrícolas e/ou pastoris de subsistência, freqüentemente organizada em torno de uma igreja.

Um homem - que cuida da administração do conjunto, desempenhando o papel de pai das crianças (cujos próprios pais morreram na guerra) e orientando as mães - que vivem em um conjunto de casas com vários filhos, que os educam e cuidam dos afazeres domésticos dispondo de um orçamento previamente estabelecido (por um representante da categoria provedora masculina) são agentes sociais que recriam a ordem perdida e se propõem a

oferecer parâmetros adequados ao “desenvolvimento normal e harmonioso das potencialidades das crianças” (ESTATUTO, anexo III)

Como isto se realiza atualmente no Brasil, em uma megalópole como São Paulo? Qual a ordem perdida a ser recriada? Quais as características atuais de uma “Família SOS?”

Os estatutos referem que o trabalho da mãe social se desenvolve “nos mesmos moldes de uma família” o que nos permite inferir um modelo de família: a mãe cuida dos afazeres domésticos e da educação dos filhos, sob a orientação do pai e, por outro lado, os laços de sangue são valorizados através da manutenção de irmãos em uma mesma casa.

A família que será oferecida às crianças, então, terá como dimensões: um lugar, uma presença física - mãe, uma presença simbólica – pai, e duas categorias de irmãos - de sangue e sociais. Como comparação, cada criança terá histórias, fornecidas pela aldeia e pelo poder judiciário, da experiência de sua família verdadeira, ou biológica, nas palavras utilizadas pelas próprias crianças e pelos adultos da instituição.

De quais narrativas sobre si mesmas irão essas crianças se apropriar?

Se o projeto SOS se sustenta sobre quatro pilares, compreendo a mãe social e irmãos biológicos e sociais como os elementos necessários à reconstrução dos laços de pertencimento e a casa-lar e aldeia como os meios que possibilitam esse processo.

III 3.4.1 Mãe Social

Mãe Social, no Brasil, é profissão regulamentada. Deve ser “uma mulher responsável por uma casa-lar em uma aldeia SOS onde cuidará de até 10 crianças “com amor e carinho necessários ao desenvolvimento normal e harmonioso de suas potencialidades.” (ESTATUTO, Anexo III).

É uma “mulher especial, disposta a dedicar sua vida para proporcionar orientação, amor e carinho a crianças que não puderem ser mantidas em sua família natural” (Revista das Aldeias Infantis SOS do Brasil) que um dia atendeu a um anúncio que dizia:

- “Ser mãe social é dar um novo sentido à vida. É abrir o coração. É orientar. É amar, educar e, principalmente devolver a uma criança sem família o simples direito de ser amada, de ter um lar e um futuro melhor. As crianças das Aldeias SOS estão à procura de alguém como você para ser sua mãe. Uma pessoa especial e companheira, com quem possam dividir carinho e amor”. (propaganda em jornais) Para ser mãe social é preciso:

Ser solteira ou viúva

Ter idade entre 25 e 40 anos

Ter cursado o primeiro grau

Ter boa saúde

Poder morar em uma das Aldeias SOS

“As aldeias SOS garantem os direitos trabalhistas e benefícios, como: remuneração, moradia e alimentação, folgas semanais, 13º salário, fundo de garantia, INSS” (ESTATUTO, Anexo III).

Este é o perfil desejado. Como são as Mães Sociais reais da Aldeia de Rio Bonito? Como elas chegaram até lá? A que apelo atenderam? Que novo sentido teriam dado a suas vidas? Como descrevem a si mesmas e a suas famílias? O que, em suas histórias, é semelhante e o que é diferente das histórias de outras “mães dos filhos dos outros?”

Na história da família brasileira encontramos inúmeros exemplos de mulheres que, solteiras ou viúvas sem filhos, criaram sobrinhos, afilhados ou primos.

À semelhança das mães sociais eram mantidas pela família extensa e sua liberdade de ação limitada por algum poder externo, em geral, masculino. Verdadeiras “mães dos filhos dos outros”, eram reconhecidas pelos “filhos” e parentes como “mães de criação”. Tais arranjos, em geral entre parentes e afins, surgiam pela necessidade de alguma criança, mas não da busca ativa da mulher.

Por outro lado, embora não houvessem direitos legais estabelecidos, com frequência esse lugar era uma espécie de emprego para parentes mais pobres. Visto pelo outro lado, isto é, o de uma criança que ficava órfã, esta podia se tornar “filha de criação” o que também era um lugar ambíguo, marcado pela posição sócio-econômica dos falecidos pais. Um órfão rico tinha

um tutor e uma série de prerrogativas diferentes daquelas de um órfão pobre cuja criação era considerada um ato de caridade.

Somente no século XX a adoção foi regulamentada e, embora seja um arranjo social que permite tanto casais que não tem filhos tornarem-se pais, como crianças que não tem pais ganharem uma família, é vista principalmente como um gesto de caridade dos adultos em relação à criança e não como uma possibilidade de realização de um desejo destes. Do adotado, como um privilegiado, espera-se gratidão, e tanto quando a relação entre pais adotantes e filhos adotados resultou harmoniosa quanto no caso contrário, êxito ou fracasso são freqüentemente associados ao “sangue bom” da criança.

A sociedade valoriza a mãe que cria filhos de outros, avaliando-a como uma mulher especial, e afirma o direito de toda criança ter um lar. Essas práticas discursivas trazem implícitas distintas valorações para as diversas configurações familiares existentes, mesmo quando estas são legais.

No caso das aldeias SOS a situação é bastante complexa.

O que é, na prática, ser mãe social?

Em torno desta pergunta girou meu primeiro encontro com as mães sociais da Aldeia Rio Bonito, em abril de 2001, quando buscava conhecer as descrições de família dos diversos adultos responsáveis pelo funcionamento da Aldeia.

As mulheres presentes haviam sido convidadas pela Orientadora de Mães (atualmente denominada Assessora Pedagógica) a participarem de uma reunião com uma psicóloga que queria fazer uma pesquisa sobre as famílias da aldeia. No dia e hora marcados apresentei-me àquelas que haviam aceitado o convite – seis mães e duas tias (estagiárias que substituem as mães em suas folgas enquanto se preparam para, eventualmente, assumirem uma casa.). Perguntei-lhes se sabiam o que era uma pesquisa e fui descrevendo, a partir de suas idéias, meu interesse por conhecer as descrições de família presentes nas ações realizadas na aldeia e como era a experiência de ser **mãe social**.

Combinamos o destino do conteúdo das conversas, que não seriam gravadas, pois elas não gostaram da idéia que lhes parecia semelhante a dar entrevistas. Pela receptividade com que haviam acolhido minha proposta, estranhei um pouco a recusa, e só mais tarde vim a entendê-la como repúdio

às experiências de se sentirem objeto da curiosidade de visitantes nacionais e estrangeiros, jornalistas e estagiários de faculdades de psicologia.

Ficou muito claro que a participação na pesquisa seria voluntária e que eu não mostraria minhas anotações para ninguém antes que elas lessem e aprovassem. Estes procedimentos, usuais em trabalhos clínicos e enfatizados nas regras dos Conselhos de Ética de Universidades, eram novos para elas e contribuíram para a construção de um contexto de confiança.

Abaixo, a transcrição de algumas falas após a pergunta inicial:

E – Como é ser mãe social, aqui na Aldeia do Rio Bonito?

M1 – Algumas crianças acham que a gente é empregada delas. As mães vêm visitar e falam que a gente manda os filhos delas trabalharem, que a gente é paga para tomar conta deles, que elas vão reclamar pro juiz.

M2 – As crianças têm um conflito muito grande, elas querem a Aldeia, mas querem a família, algumas têm mágoa da mãe largar aqui, gera rebeldia. Eles vivem entre – eu quero a minha família, eu não quero a minha família.

M3 – Não estamos aqui pela linda cor dos nossos olhos e pelo coração. Somos funcionárias e somos cobradas como tal.

M4 – Eu quero me dedicar como mãe mesmo. Mãe é toda sentimento. Mas a gente é cobrada por resultados.

T1 – Eu vim realmente com o intuito de ser mãe social. Fiz estágio, experiência, já fui mãe substituta. O que me incomoda é entrar no lugar de outra, é a idéia de alguém “ser afastada da empresa”. As crianças aqui vêm de tantas perdas, não é interessante que eu assuma mais uma perda. Já me sinto mãe com o trabalho que faço.

M2 – Tem problemas legais: se eu estou de folga e quero ir ao shopping não posso levar meus filhos.

M5 – Se a família se re-estrutura a criança vai embora, você vai ter uma perda. Precisa ter controle emocional.

M4 – Ou, você acha que está bem, a equipe fala: até hoje você serviu, hoje não tem mais perfil de mãe social.

M5 – Não pode namorar...

O que viria a ser tema das conversas individuais já se prenunciava nesse aquecimento, uma espécie de associação livre sobre Mãe Social: conflitos de autoridade com a equipe dirigente; conflito de lealdade entre a categoria funcionárias e chefia; conflitos de poder entre mães sociais e mães biológicas; ambivalência de sentimentos das crianças em relação à família de origem e a família social; dicotomia entre função materna entendida como relação de afeto e função de educadora; ambigüidade legal da função; problemas relativos ao confinamento.

À pergunta “como é ser mãe social” sucedeu-se uma coleção de problemas. Ouvi-os sem contestar, limitando-me a perguntar algo quando não entendia. Embora pudesse nomear o que ouvia como queixas, o modo como as mães interagiam e o tom de algumas das afirmações era afetivo, alegre. Ao refletir sobre as frases em conjunto passei a compreendê-las como sendo descrições feitas a partir da relação mãe biológica/mãe social, onde mãe biológica - o termo oculto surge, por oposição, idealizado como sendo alguém que não sofre nenhuma das injunções relativas ao vínculo de trabalho, nenhum dos perigos ligados à existência da “outra”, como uma relação de puro amor, com total liberdade de ação.

Como aquelas mulheres escolheram essa profissão?

A transformação das mulheres solteiras, que conheci na aldeia, em mães de muitos filhos, sem passar pela gravidez, começou em todos os casos, literalmente, por um ritual contemporâneo de anunciação – um anúncio de revista, jornal ou propaganda na televisão.

Todas as entrevistadas gestaram a notícia por um tempo, o anúncio foi guardado, em alguns casos por mais de um ano, e a escolha representou em todos os casos uma mudança muito grande: saída de um bom emprego muito competitivo; trabalho com a família e desejo de uma vida própria; saída do convento e desejo de cuidar; gostar muito de crianças e não poder ter filhos; querer criar filhos, mas não acreditar no casamento para toda vida; ter exemplos de casamentos ruins na família e ao mesmo tempo desejar ter uma família; ter tido desilusão amorosa e não querer passar mais por isso; dar o amor para quem merece – as crianças; ser muito apegada à família e, em não tendo se casado, buscar sua própria família.

A proposta de ser mãe social, em todos os casos, surgiu como um desafio. As famílias de origem, em geral, viram com incredulidade e às vezes foram contra. Essa desconfiança diante do novo, do diferente, transformou-se em todas as histórias que ouvi, sem exceção, em aceitação:

“Com o tempo mudou. Vieram me visitar, conheceram as pessoas daqui, tornaram-se amigos de pessoas que já saíram e a amizade continua”.

As histórias ouvidas permitem afirmar que se há um lugar sem ambigüidades é o das crianças junto à família de origem de suas mães sociais. Fora da aldeia existe mais um lugar de pertencimento, onde se usam as palavras – minha, meu.

Minha prima... meu avô...

Uma vez tomada a decisão, começa o processo: inscrição, entrevistas, visita a uma ou duas aldeias, espera, chamada, cursos, estágios e finalmente o primeiro emprego: tia.

Nesse percurso há um momento descrito como fundamental para a tomada de decisão: o primeiro contato com uma aldeia em atividade, mães sociais reais com seus filhos em um movimento incessante de crianças entrando e saindo de casas, escola, creche, bicicletas, jogo de bola, algum adulto chamando a atenção de alguma criança; alguma criança pedindo algo para algum adulto.

A pergunta:

- Quando você veio conhecer a aldeia, o que você achou? Quais foram seus sentimentos, que idéias você teve?

E as repostas muito positivas:

-M3 “Achei que era isto mesmo que eu queria. A gente vai imaginando e eu gostei logo que vi; isto me animou muito a continuar com o processo de seleção...”

-M1 “... cheguei na hora do almoço. Nunca vou me esquecer. Fui na casa da Joaquina, a mais populosa. Cada panelão! 12 crianças, mesa posta, ela ainda parou sorridente... achei uma graça, ela ter tempo de para me dar atenção. Achei aquilo um encanto! Ela ofereceu almoço para mim. Lembro como se fosse hoje: um suflê de chuchu que só ela sabia fazer. Muito

despachada, muito alegre, falou: - Ser mãe não é assim tão trabalhoso. Foi o que me convenceu; aquela disposição”.

Na grande família extensa de uma aldeia, a tia ajuda, substitui a mãe nas folgas, férias, doenças e nos casos de morte social, ou seja, de demissão da mãe social. Uma mãe deixa a aldeia quando se aposenta, adocece ou se incompatibiliza com as diretrizes da equipe dirigente.

Esse é um momento onde o caráter de profissão, isto é, o vínculo empregatício se explicita e contradiz a descrição da casa como moradia de uma família autônoma. O que se atualiza é um clã, onde cabe aos chefes zelar pelo cumprimento das regras de bom funcionamento e destituir os membros que não obedecem. A demissão de uma mãe social é uma morte súbita. A substituição se dá imediatamente, pois uma casa não pode ficar acéfala. A tia que é promovida a mãe - lugar geralmente almejado, não passa naquele momento por nenhum ritual. Recebe, literalmente de uma hora para outra, uma casa considerada como tendo problemas e uma advertência: *“você tem X dias para levantar esta casa”*.

As mães responsáveis pelas demais casas, que nesse momento estão excluídas do processo, vivem sentimentos contraditórios. Podem estar percebendo que algo não vai bem, mas a impossibilidade de elaborar a perda da colega não permite que formem prontamente uma rede de solidariedade para a nova companheira. Sentimentos de traição são relatados com referência a esses acontecimentos.

Outro fator que foi bastante apontado como dificultante, liga-se às modificações que a aldeia como instituição sofre com o tempo: as regras mudam e os estilos de direção também. A autonomia da direção em relação ao Escritório Nacional e a própria interpretação das leis do país relativas à guarda de menores também varia com os diferentes ocupantes do cargo ao longo do tempo.

Isto não é muito diferente do que uma família atravessa nas diversas fases de seu ciclo vital quando pode ter que conviver com os pais na mesma casa, mudar de cidade, adaptar-se a mudanças nas leis relativas à escola, nas condições de emprego, a mortes e separações. A diferença está na experiência subjetiva de autonomia ou no seu contrário. Avaliar o grau de autonomia de

outrem, ou de si mesmo, implica em saber o que este sujeito quer, com quais recursos conta, sejam os próprios, sejam outros disponíveis, e saber quais os limites para sua ação.

A equipe dirigente de uma aldeia constitui a parte da rede social mais próxima das mães. Sua função provedora, em parte fiscalizadora, e sua capacidade de resolver os conflitos do cotidiano, lembra as funções do *pater familie* em uma família com valores patriarcais.

Nesse modelo de família as mulheres não têm autonomia porque o reconhecimento de seu saber depende da autoridade patriarcal, seu poder de buscar recursos fora é submetido à aprovação da mesma autoridade e seu querer é o que menos conta.

A capacidade de agir, ou autonomia é ainda mais restrita por outras instâncias, que se caracterizam como um 'Sistema de Parentesco', constituído por todos os outros elementos ativos na vida da aldeia: voluntários, antigo Conselho Consultivo, hoje denominado Comitê de Apoio, Escritório Nacional, doadores e o "patriarca mítico do clã", a KDI – Kinderdorf International.

A ingerência destes parentes na vida diária das famílias da Aldeia não é, em geral, direta, mas suas ordens vêm através da equipe e nestes momentos o *pater familie* mostra sua própria falta de autonomia diante da "mãe" instituição.

Inúmeras situações foram descritas: terapias que as crianças devem fazer sem que a mãe possa decidir; visitas recebidas nas casas-lares onde a anfitriã não é a mãe, mas "a instituição"; festas, cerimônias, homenagens onde mães e crianças são "convidados" obrigatórios.

Dos relatos das diversas experiências delineava-se, para mim, a estrutura da família SOS: outros nomes para funções semelhantes àquelas do poder nas famílias patriarcais.

Neste caso, entretanto, com pelo menos mais um grau de complexidade: toda a família extensa – a própria instituição, comparada com as famílias reconhecidas legalmente, vive em estado de permanente minoridade e deve prestar contas das ações que realiza no cuidado com seus filhos, regularmente, à Vara da Infância. Nessas ocasiões pode ter sua autoridade reforçada, contestada ou abertamente desqualificada.

As visitas periódicas à Vara da Infância e da Juventude, obrigatórias para crianças e mães sociais acompanhadas da assistente social, responsável pelo relacionamento com o poder judiciário, constituem em geral, ocasiões de tensão. Há constrangimento para a mãe que vive a situação como julgamento; insegurança para a criança que repete encontros anteriores, em geral traumáticos; preocupação para a representante da Aldeia como responsável legal pela guarda e pela escolha das mães, nesse momento, avaliadas como funcionárias.

Essas ocasiões exemplificam como o adjetivo **social**, que na linguagem jurídica corresponde a **substituta**, facilmente desliza para **não verdadeira**, portanto não ouvida a respeito de seus filhos.

Como foi descrito acima, nos primeiros anos de funcionamento a Aldeia do Rio Bonito desenvolveu seu projeto inspirada na proposta de Herman Gmeiner, porém não pertencia à organização internacional das Aldeias e os pilares da instituição foram sendo construídos, principalmente, com as práticas dos primeiros responsáveis, notadamente Karin Essler e Margarida Gioielli, as tias Karin e Magui quase sempre presentes nos relatos de adultos que foram lá criados, nessa época,

Em relação às mães sociais, Karin relata que elas tinham sempre apoio pedagógico e psicológico, de profissionais da área de educação, e através dessas instruções, elas deveriam alcançar os seus objetivos pedagógicos com muita consciência, dedicação, repetição, paciência.

Em sua avaliação, porém, muitas mães não conseguiam realizar essa tarefa.

“Algumas não tinham perseverança, elas não tinham paciência. Então muitas mães foram rudes em momentos de cansaço. Em momentos de desespero, que toda mãe conhece. Eu tive que mandar duas mães embora da Aldeia por maus tratos. Foi muito difícil para mim na época porque de uma eu gosto muito, ela foi uma excelente mãe, tanto que todos os filhos dela, hoje de adultos, estão num caminho muito bom, e ela tinha filhos super complicados, mas eu tive que demitir porque ela ultrapassou os limites de maus tratos físicos permitidos. Tivemos várias mães sociais que eram muito nervosas

quanto ao trato com crianças dessa origem e tivemos mães sociais que eram muito relapsas, preferiam não chamar atenção, preferiam não exigir, porque é muito mais fácil não exigir do que ficar cobrando. Então tivemos todos os tipos de mães, como na vida comum, nós tivemos mães sociais diferentes. Tivemos uma mãe social que ela permitia tudo, tudo, não cobrava nada e mesmo assim ela dava um apoio muito grande para as crianças e a gente via aquele lado do apoio afetivo, da recompensa com carinho e da dedicação dela como mulher, então a gente fez vista grossa.”

Ao ouvirmos das próprias mães o quanto suas práticas são atravessadas por normas, discursos, narrativas conflitantes, e observando os objetivos estatutários de “criar e preservar um meio ambiente apropriado para o aprendizado das crianças e adolescentes, (assim como) desenvolver e providenciar oportunidades de emprego, sempre que possível, para adolescentes integrantes da **Família SOS**”, transcritos acima, aparece a ambigüidade do lugar da mãe social como responsável por alcançá-los.

Nas descrições de Magui a Aldeia é um sobrenome, uma pertinência maior do que a casa com os irmãos sociais e a mãe. Como ficaria então essa proposta de oferecer uma mãe social que ao mesmo tempo é uma pessoa que sai por vontade própria ou é despedida? Em suas palavras:

“Esse é o grande drama da Aldeia porque ela vende a idéia de que a criança vai ter uma mãe para acompanhá-la como todas as mães, que vai acompanhar até a maioridade; ela vende isso para a mãe social e para a criança e para a sociedade. A criança é a que menos se engana com isso; ela já passou por outras situações, quando chega na Aldeia, pelo menos uma mãe ela já perdeu, então ela pode entender que vai ficar presa até os 18 anos, como dentro de uma Febem ou qualquer instituição de criança. Então primeiro a pessoa tem que provar para eles, e se depois ela sai, essa saída é considerada um abandono”.

Quem compõe a **Família SOS**, mencionada em negrito nos objetivos acima? Os habitantes de uma casa-lar, isto é, mãe social e seus filhos? Uma Aldeia? Ou a Instituição Aldeias SOS?

Observação: Parte deste item, referente às mães sociais, foi escrito a partir de pesquisa realizada em 2001-2003, e faz parte de material lido e aprovado pelas mães que participaram das entrevistas. Nestes últimos anos as Aldeias vêm passando por sucessivos processos de mudança visando aumentar a autonomia das mães sociais.

É possível que atualmente haja descrições diferentes destas, mas algumas das entrevistadas foram mães dos jovens atualmente emancipados.

III 3.4.2 Os irmãos

Os irmãos, segundo pilar dos princípios SOS, pertencem, na prática, a duas categorias: os “de sangue”, “biológicos” ou “verdadeiros” e os irmãos sociais, isto é as outras crianças que moram na mesma casa. A manutenção de irmãos biológicos na mesma casa é regra nas Aldeias, seguindo recomendação do ECA. Além dessa regra, não há descrição de procedimentos específicos para cuidar dessas relações.

Em uma casa com nove crianças e jovens, com idades variando entre 6 e 16 anos, havia 6 irmãos, filhos da mesma mãe e de 2 pais diferentes, e 2 irmãos de outra família biológica. A única criança sem irmãos biológicos, uma menina com 9 anos, sentia-se sozinha e tinha dificuldades de relacionamento com os outros. Quando pedi um desenho conjunto que representasse Nossa Casa (ALMEIDA, 2000) a mãe e todos os demais filhos presentes na ocasião, desenharam, com exceção da menina que ensaiou entrar no desenho coletivo, desistiu de encontrar um lugar e ficou desenhando na mão. Em relatos de mães sobre o cotidiano, palavras como defesa e exemplo, apresentam os irmãos biológicos freqüentemente como um facilitador, embora possam, na adolescência, dificultar sua autoridade nas casas.

Magui relata que as primeiras crianças que entraram na Aldeia eram casos em que não era possível recuperar a família e isso não necessariamente porque a família não quisesse, mas porque as crianças não sabiam falar.

“J. R. tinha 2 anos, o J. B. tinha 1 ano e meio, é terrível, porque ninguém sabia ... todas essas primeiras crianças que a Aldeia recebeu eram crianças que ninguém sabia quem era a mãe, não tinham referência de quem era a mãe. Isto foi meio forjado, porque uma criança não entra no hospital, não é hospitalizada sem a mãe por o nome. Só que não chegava nem no prontuário

dele, porque a criança não tinha sido buscada no hospital, parece que ela tinha nascido no hospital; então todos estes não tem conhecimento de irmão de sangue. Todos são muito só, muito só.”

Em sua experiência, é completamente diferente a noção sobre si mesmo para aqueles que têm irmãos:

“ Mesmo que esteja brigando. Agora, estes que não têm irmão eles criam irmãos na Aldeia, muito comum. Acho que há aqueles que não conseguiram criar nenhum irmão na Aldeia. Mas em geral, eles identificam alguns irmãos na Aldeia.”

Karin também afirma que os grupos de irmãos de sangue são os que menos problemas têm.

“Aqueles que não tem origem nenhuma, que foram achados, que não conhecem a mãe, não conhecem o pai, não sabem quem é ninguém, eles não têm auto-estima nenhuma. O ser humano sem auto-estima é para si mesmo um desastre e para os outros também porque ele vai ao ataque para se defender.”

A própria idéia de que “a criança perdeu a família” indicaria a ênfase que está nos pais, freqüentemente na mãe, como quem constitui a família. No século que inventou o discurso psicológico centrado na relação mãe-filhos, acredito que podemos aprender outras formas de ajudar crianças crescerem com uma rede de apoio afetivo e material.

Nos relatos de jovens emancipados, a manutenção dos vínculos com os irmãos sociais, biológicos ou não, sempre existe, mas não mantém um padrão constante; tanto podem existir contatos freqüentes com irmãos como com outros companheiros de Aldeia, da mesma época.

Família pode ser: *“os filhos... os irmãos biológicos ... a Aldeia ... as pessoas que eu conheci na Aldeia ... minha mãe social ... minha melhor amiga da Aldeia, moro com ela ...*

Silva (1998, p.19) aos cinco anos, foi com mais três irmãos para o Educandário Sampaio Viana. Foram rapidamente separados e somente por acaso, com 15 anos, ao prestar serviços no Cartório do 1º Ofício do Juizado de Menores, fez descobertas sobre si mesmo e sua família: “no sombrio porão do arquivo do Juizado de Menores, eu, Roberto da Silva, pude pela primeira vez

ver uma fotografia minha, aos cinco anos de idade, e vim a saber que tinha mãe, pai e irmãos. Descobri ainda que eles também estavam internados em unidades da Febem. Este passaria a ser o meu maior e único segredo.”

Comparando este relato com as histórias dos aldeanos que, embora tenham lacunas sobre a família de origem, na maioria dos casos, sabem de onde vieram, quando, como e com quem, e que mantém alguns vínculos com parentes de sangue e da Aldeia, nomeiam algumas pessoas como sua família, é possível afirmar que a **Família SOS** é um ponto de inflexão na linha das instituições destinadas aos filhos dos pobres.

III 3.4.3 A casa-lar e a Aldeia

Como descrito acima, as casas são semelhantes, mas em função da topografia da Aldeia de Rio Bonito, não são idênticas. Magui, que participou da vida da aldeia, convivendo diariamente com as famílias e direção, desde sua instalação até recentemente, descreve como a partir do mobiliário básico semelhante, as diferentes doações, a criatividade das mães e políticas que estimulam autonomia colaboraram para que cada casa sempre tivesse características próprias, a marca da mãe responsável. Em uma cidade onde o problema habitacional atinge proporções alarmantes, o significado da casa-lar, com o quarto das meninas e o dos meninos, camas próprias, armários, cozinha separada da sala espaçosa, é marcante em todos os relatos de jovens emancipados.

Perguntada sobre a importância da casa, Karin afirma que faz diferença porque eles têm um referencial e acrescenta:

“Herman Gmeiner acreditava que era importante que os meninos tivessem um patamar aonde chegar, se vinham de favela eles iriam querer morar do jeito como moraram na Aldeia; esse referencial eu quero chegar lá é algo que também se observa nos ex-aldeanos.”

Eles se referem tanto à Casa quanto à Aldeia como o Lugar onde se reconhecem. Voltam para visitar, jogar futebol, alguns sonham em trabalhar lá, e quando perguntados sobre que tipo de instituição criariam para abrigar crianças que, como eles, fossem separados da família de origem, todos

afirmam que seria como a Aldeia, às vezes acrescentando, “mas um pouquinho diferente. A diferença estaria em *“mostrar a vida como é aqui fora”, “ensinar que não tem mordomia”, “não passar tanto a mão na cabeça”,* mas também aparece o desejo de uma instituição de onde não se precise sair, *“que as crianças ficassem lá até morrer”, “ter continuidade porque tem vezes que a gente tem vontade de chorar, tem saudade do abraço de uma mãe que eu não tive, e lá tive minha mãe que me deu abraço, me deu um colo, me deu beijo, e não tenho mais; eu daria essa continuidade porque adulto também tem essa vontade de abraçar”.*

Magui acredita que a maioria dos jovens tem a Aldeia como lugar de referência. Em suas palavras:

“Eles tem memórias muito boas, às vezes romanceadas, e também memórias ruins. Nesse sentido existe um chão... mas também um esquema de funcionamento onde a Aldeia é a provedora, é a grande mãe e eles vão estar o tempo todo se relacionando com a Aldeia, maternal e não com a mãe social... mas a grande maioria deles teve pelo menos uma relação com uma mãe social que eles identificaram como uma pessoa importante, uma relação importante de maternagem.”

Narrativas de jovens adultos que viveram os primeiros anos da Aldeia de Rio Bonito confirmam que as várias possibilidades dos pilares em ação têm oferecido, de um modo geral, *“a segurança de um lar e (pelos) cuidados dispensados pela Mãe Social, o amor e o carinho necessários ao desenvolvimento normal e harmonioso de suas potencialidades”.*(ESTATUTO, Anexoll)

O caminho que leva da Aldeia à Cidade seria pavimentado pelo objetivo *“desenvolver e fomentar junto às crianças e aos jovens um sentimento de independência, responsabilidade, percepção do que se passa ao seu redor, iniciativa e desejo de aprender, conseguindo assim uma completa integração na comunidade de que participam”.*

As descrições dos jovens entrevistados quanto à situação atual de vida e a pesquisa quantitativa (UNIV. FEDERAL FLUMINENSE, 2003), ambas referidas na metodologia, parecem indicar que há muitas pedras nesse

caminho. Nas condições sócio-econômicas e histórico-culturais brasileiras, outros pilares seriam necessários?

IV –MÉTODO

IV.1 Justificação

O objetivo da pesquisa: - investigar narrativas de identidade, através dos relatos dos protagonistas, leva à escolha de uma abordagem qualitativa, seguindo a reflexão metodológica de Max Weber (in MINAYO, 1993) quando afirma que o elemento essencial na interpretação da ação é o dimensionamento do significado subjetivo daqueles que dela participam.

O método qualitativo é útil também para aprofundar algum problema levantado por estudos quantitativos. Por exemplo: pesquisa quantitativa, realizada pela Universidade Federal Fluminense em 2003, entrevistou em 10 cidades do Brasil 107 jovens com mais de 22 anos que estiveram em alguma Aldeia por no mínimo dois anos e que estão fora há pelo menos cinco anos. Os dados relativos à situação de vida desses jovens foram comparados com os de um grupo controle da mesma idade e nível sócio-econômico.

Os resultados não mostraram diferenças significativas quanto à situação de emprego e escolaridade permitindo afirmar que os jovens criados em Aldeias SOS apresentam tantas dificuldades de colocação quanto os demais. As dificuldades de jovens pobres das periferias de cidades brasileiras, para entrarem no mercado de trabalho e atingirem outras características esperadas pela sociedade nessa faixa etária, são temas de análises da nossa conjuntura sócio-econômica atual.

Porém, as perguntas que essa pesquisa não responde referem-se às especificidades do desenvolvimento dos jovens das Aldeias. Que valor é atribuído à separação das crianças de suas famílias de origem? Como se constitui uma Família Social? Quais as descrições de Aldeanos, presentes nas práticas da Instituição? Quais os pressupostos que orientam suas idéias sobre Autonomia? Como dirigentes e educadores descrevem esses jovens adultos? Como eles próprios descrevem sua vida atual? Como se vêem a si mesmos? Que relações fazem entre sua vida na Aldeia e suas características atuais?

Algumas dessas questões foram sendo respondidas pela minha convivência com mães, dirigentes e auxiliares da Aldeia SOS do Rio Bonito,

durante pesquisa realizada com as mães sociais, realizada durante os anos de 2001-2, na colaboração em cursos de preparação de mães sociais em 2003, e na coordenação de grupos de mães durante o ano de 2004. Ao conhecer melhor o cotidiano de uma Aldeia, entendi como **lá-fora**, ou **o-mundo-de-fora**, surgiam em várias falas com significados distintos e, conseqüentemente, com preocupações diferentes. Levando em conta que todas as crianças criadas na Aldeia vieram do tal mundo lá fora, de realidades muito adversas, às vezes perversas, minha curiosidade dirigiu-se para o processo através do qual essas crianças perdiam o contato com essa realidade.

Surgiu-me uma dúvida incômoda: quando institucionalizamos crianças, mesmo em uma proposta tão diferenciada quanto a das Aldeias SOS, podem à saída para o tal mundo-lá-de-fora, e à separação da casa-lar e da mãe social, ressignificar o vivido anteriormente, configurando um segundo abandono e uma traição?

Segundo os ESTATUTOS (anexo III) da organização:

*Todos os **Projetos SOS** devem empenhar-se para atingir os seguintes objetivos:*

*I - criar e preservar um meio ambiente apropriado para o aprendizado das crianças e adolescentes que integram a **Família SOS**;*

Se família é sinônimo de pertencimento, tornar-se um ex-aldeano deveria ser um ritual de passagem para uma outra categoria de membro da Família SOS. Em nossas famílias de origem, não temos novos nomes para filhos-que saíram-de-casa, a não ser pelo casamento. As relações das Aldeias com seus filhos-que-sairam-de-casa são ambíguas. Variam desde a total liberdade de entrada e visita às antigas casas a restrições de horário, chegando até à proibição total de entrada, e isto tem ocorrido mais em função de eventos específicos, como atos agressivos cometidos por algum jovem perturbado mais do que por uma reflexão sobre os significados dessas condutas.

Os significados excludentes, contidos na categoria ex-aldeanos, levaram a direção nacional a mudar o nome dos jovens adultos que haviam vivido em alguma Aldeia para aldeanos emancipados. Visando sanar as dificuldades de

aldeanos emancipados em achar seu caminho no mundo-de-fora, o Comitê de Apoio da Aldeia Rio Bonito dispôs-se em 2003 a participar da elaboração e acompanhamento de um projeto denominado Emancip-Ação.

O trabalho das educadoras sociais que conviveram durante um ano com doze jovens com idades entre 19 e 26 anos permitiu-me observar a ambivalência dos sentimentos destes, em relação à Aldeia. Esses sentimentos não são diferentes dos observados em alguns jovens adultos criados com suas famílias de origem que, não conseguindo se sustentar e escolher seu próprio caminho oscilam entre atribuir a seus pais a responsabilidade pelo seu insucesso, com frases como “eles me mimaram”, “não deviam ter me deixado desistir do curso X”, e fazer planos ambiciosos que demandariam mais competências do que aquelas que conseguiram adquirir. Essas situações, muitas vezes tornam-se crônicas, num entra e sai da casa dos pais. A diferença é que estes jovens continuam parte da família e, como sempre existe a possibilidade de revisão dos princípios e regras expressos nos discursos familiares, essa situação pode ser superada.

No caso dos aldeanos emancipados, na impossibilidade de manter a porta da casa aberta e oferecer ajuda intermitente, a tendência tem sido de colaboradores voluntários da Aldeia, antigos funcionários, membros da diretoria ou outros antigos aldeanos oferecerem socorros pontuais, tendo mesmo havido situações limite com roubos e tentativas de invasão da própria Aldeia.

Essa descrição refere-se a alguns casos. Muitos outros superam as dificuldades, mas se não é sempre traumática, freqüentemente é sofrida a passagem à maioria desses jovens.

Como eles se vêm a si mesmos? Como descrevem essa passagem?

O interesse por essas perguntas gerou esta pesquisa – Da Aldeia à Cidade – Narrativas de Identidade de Jovens Adultos Criados na Aldeia SOS do Rio Bonito.

Depois de ler e reler as entrevistas que realizei, tendo visitado jovens em suas casas ou na própria Aldeia, uma descrição mais humilde seria: histórias sobre si mesmos que quatro jovens egressos da Aldeia SOS do Rio Bonito, contaram para Helena Maffei Cruz quando ela começou uma conversa com eles dizendo:

O meu interesse na pergunta “quem é você”? é em tudo que está presente naquilo que você descreve como Você Hoje: as relações com a família biológica, a Aldeia, a casa, a mãe social, os irmãos, e o que mais é necessário ... Quando você pensa em quem você é, no que você pensa?

O início do diálogo deu-se depois de estabelecido um contexto de conversação, explicados os objetivos da pesquisa, obtida a permissão para ligar o gravador e combinado o destino do material gravado com o entrevistado.

Essa pergunta foi repetida mais ou menos com as mesmas palavras em todas as outras entrevistas, com intenção de que o convite fosse semelhante a todos os entrevistados.

Ao pretender conhecer essas narrativas e os significados atribuídos a jovens adultos criados na instituição, meu interesse se volta para o que é próprio do método qualitativo: valores, crenças, hábitos, atitudes e opiniões. (MINAYO, 1993)

Compreendendo a entrevista como uma situação relacional, o tipo de prática discursiva que ocorre é fruto dessa situação, e isto atinge tanto pesquisas quantitativas quanto qualitativas, propondo uma redescritção dos parâmetros de rigor e validade. (SPINK, 2000)

A postura construcionista implica no reconhecimento de que os sentidos produzidos em uma entrevista são co-construídos e carregam valores, crenças, hábitos de conversa, atitudes e opiniões frente à pesquisa tanto dos participantes quanto da pesquisadora.

Esse pressuposto leva à adoção de estratégias de explicitação de todos os passos que constituem o correspondente, nessa perspectiva, dos procedimentos para a obtenção de rigor da pesquisa quantitativa. Spink e Lima (2000) descrevem esses passos como **visibilidade**, definida como um conjunto de estratégias e técnicas de visualização de todo o processo de interpretação, uma vez que é neste que é depositada a noção de rigor.

“Fazer ciência é uma prática social e, como em qualquer outra forma de sociabilidade, seu sucesso e legitimação estão intimamente associados à possibilidade de comunicação de seus resultados”.(Spink, 2000, p.93)

IV.2 Participantes

Quatro jovens adultos emancipados que aceitaram o convite para a entrevista. O primeiro entrevistado foi contatado a partir de uma lista fornecida por Margarida Gioielli, (Magui), psicóloga da Aldeia de Rio Bonito desde sua fundação até o ano de 2006. Constam dessa lista aldeanos emancipados que moram em São Paulo e mantém algum contato com membros da equipe da Aldeia, contemporâneos seus. A maioria dos jovens adultos criados na Aldeia de Rio Bonito mora no extremo sul do município, em locais de difícil acesso e têm dificuldades em participar de entrevistas fora dessa zona. Aqueles que estão empregados, não têm disponibilidade durante o dia e vários não tem domicílio fixo, morando ora com um, ora com outro irmão de casa, como eles chamam os irmãos sociais. Realizam tarefas temporárias e mudam para locais próximos ao local de trabalho. Os entrevistados são jovens que, convidados por e-mail ou telefone, conseguiram agendar local e horário possíveis para a entrevistadora. Todos os nomes abaixo são fictícios.

Ricardo, 23 anos, solteiro, uma filha, mora sozinho em casa alugada em bairro da zona leste, está no último ano do curso superior de Saúde Pública. Trabalha em uma ONG como professor de várias matérias, incluindo inglês.

Mariana, 24 anos, separada, tem um filho que mora com ela, em casa própria comprada junto com sua irmã, também criada na Aldeia. A compra foi efetuada graças à poupança feita por padrinhos e empréstimo da Aldeia, já pago. Mora também com elas um irmão de Aldeia. Mariana tem segundo grau completo, e trabalha em um banco.

Denise, 21 anos, solteira, sem filhos, morando no bairro da Aldeia de Rio Bonito com três amigas e trabalhando em um centro comunitário anexo a esta.

Suely, 28 anos, 3 filhos. Deixou os estudos na 6ª série, quando engravidou, com 15 anos, casou-se e se emancipou da Aldeia. Separou-se dois anos depois. Os outros dois filhos têm pais diferentes; atualmente está sozinha. Voltou a estudar, e fez o curso de auxiliar de enfermagem. Mora em casa própria, em área invadida, e no momento está desempregada.

O projeto inicial previa cinco entrevistas, mas não foi possível realizar a quinta. Wilson, 25 anos, foi contatado três vezes e das três concordou com a entrevista, hora e lugar. Faltou ao primeiro encontro, tendo telefonado para a Aldeia uma hora depois do que havíamos combinado, justificando sua falta por motivo de doença e ida a um posto de saúde. Não compareceu ao segundo encontro e não avisou. Quando entrei novamente em contato com ele, explicou-me que havia sido chamado para uma entrevista, e se propôs a marcar outro encontro. Não considerou essas faltas como “cano” porque tinha motivos justos (sic). Quando o terceiro encontro foi marcado combinei de telefonar para confirmar e seu telefone se encontrava cortado. Deixei recado para ele entrar em contato comigo quando chegasse ao local combinado – a Aldeia de Rio Bonito. Ele não telefonou.

Tentei outros quatro jovens que me foram indicados por seus amigos aldeanos; o celular de um deles encontrava-se fora de serviço, outro estava trabalhando temporariamente fora da cidade, dois outros não responderam aos recados.

IV. 3 Procedimentos para a Realização das Entrevistas

Os participantes acima relacionados foram contatados por celular ou por e-mail e as entrevistas foram realizadas nos locais mais convenientes para eles. As duas primeiras entrevistas foram realizadas respectivamente nas casas dos entrevistados, por sugestão deles. A terceira foi realizada em centro anexo à Aldeia de Rio Bonito, onde a entrevistada trabalha. A quarta também foi realizada na casa da entrevistada .

As entrevistas abertas foram gravadas em áudio e transcritas para análise e tiveram duração de aproximadamente uma hora.

IV.4 Análise das Narrativas

O processo de análise foi orientado pela compreensão das entrevistas como práticas discursivas, ou seja, uma das possibilidades de produzir realidades psicológicas e sociais, ativamente, através da linguagem. Esse

entendimento leva a considerar a entrevista como uma ação por meio da qual se constroem versões de realidade.

Foram construídos mapas de identificação dos temas surgidos nos diálogos, introduzidos pela entrevistadora ou pelos entrevistados, separando-os em categorias descritivas a partir da técnica de análise denominada Mapas de Associação de Idéias. (Spink, 2000)

As categorias temáticas apriorísticas **Aldeia, Mãe Social e Casa, Irmãos Sociais e Família de Origem**, nomeada pelos entrevistados como família biológica, refletem os objetivos da pesquisa, e os mapas apresentam-nas mantendo a seqüência das falas, uma vez que o sentido vai sendo produzido no diálogo.

Os significados atribuídos pelos entrevistados aos procedimentos da Aldeia levaram-me a subdividir a categoria Aldeia em **Procedimentos**, que engloba as regras e ações e **Como Qualifica**, que agrupa as opiniões do entrevistado sobre tais procedimentos. Em relação à mãe, os entrevistados descreveram diferentes maneiras de cuidar que foram agrupadas na subcategoria **Como Cuidava**. Estabeleceram também ligações entre estes cuidados e características atuais de suas maneiras de ser: estas foram agrupadas na sub - categoria **Como Afetou**. Os irmãos sociais surgiram como parte da rede, ora como um recurso, ora como um exemplo a não seguir. *A posteriori* introduzi as categorias: **Rede a Partir da Aldeia** que aparece como relevante no percurso de formação e emancipação; **Dirigente**, que não é considerado como um pilar da instituição mas foi apontado por todos como exemplo, apoio, presença firme e amiga. Quando os entrevistados relatam como estão, o que fazem e como vivem atualmente, aparece o amálgama desses “outros significativos co-constructores da experiência coerente no tempo e no espaço que constitui a **identidade** deles” (Sluzki, 1997, p.15) Denominei **A Vida Fora da Aldeia** às descrições sobre a vida atual e **Ações e Reflexões** às narrativas de ação e do que pensam a respeito de si e suas relações. Finalmente, um relato, na primeira entrevista, sobre como jovens criados em instituições costumam ser descritos, alertou-me para a afirmação de Gergen (1996, p.186): “O *self* não é uma propriedade do indivíduo, mas dos relacionamentos – produto do intercâmbio social. De fato, ser um *self* com um passado e um futuro potencial

não é ser um agente independente, único e autônomo, mas um ser imerso na interdependência”. Essas narrativas foram categorizadas como **Preconceito**.

Os mapas sistematizam o processo de análise da conversação estabelecida nas entrevistas, em termos de construções lingüísticas e repertórios utilizados e tem como objetivos: organizar o processo de interpretação e facilitar a comunicação dos passos deste processo.

A construção de Mapas de Associação de Idéias permite que todo o processo de interpretação seja acompanhado pelo leitor da pesquisa, coerentemente com a proposta de que a visibilidade é o que possibilita a legitimação social de uma pesquisa como válida ou rigorosa.

Seguindo o Mapa de Associação de Idéias é possível comparar a relevância dos temas apriorísticos em relação aos outros temas que surgem na conversa, tanto espontaneamente como estimulados por perguntas da entrevistadora, e que constituem categorias *a posteriori*. Pode-se, também, observar no mapa o serpentear dos temas.

A partir dos mapas foram construídas Linhas Narrativas, mantendo-se, da mesma forma, a seqüência em que aparecem no decorrer da entrevista. As Linhas Narrativas, (Spink e Lima, 2000, p.117), “são apropriadas para esquematizar os conteúdos das histórias utilizadas como ilustrações e/ou posicionamentos identitários no decorrer da entrevista”. A narrativa é construída a dois. Os relatos que surgiram a partir de perguntas da entrevistadora são apresentados em itálico. As linhas narrativas permitem visualizar sinteticamente os eventos significativos, como estes afetaram o/a entrevistado/a e como ele/a historia suas respostas e ações.

Seguindo as Linhas Narrativas é possível visualizar quantas categorias, eixos ou temas são apontados como importantes para as narrações de si mesmo. Todas as falas que se referem a esses temas foram sintetizadas mantendo-se os verbos que apresentam as ações e os adjetivos que contam dos sentimentos do entrevistado.

A análise e interpretação de cada entrevista foram realizadas antes da entrevista seguinte. Ao propor uma entrevista aberta não havia perguntas *a priori*, mas ao seguir os relatos fui pontuando, comentando e fazendo novas perguntas.

A análise das minhas perguntas e comentários permite explicitar vários tipos de intervenção:

- Perguntas que repetem afirmações do entrevistado, para confirmação, esclarecimento, ou detalhamento de algum significado.

- Perguntas que convidam a explicações ou reflexões sobre algo já narrado, formuladas com palavras do entrevistado, ou que a partir de uma descrição visam ampliar algum significado, mas não introduzem tema novo.

- Perguntas que introduzem um novo aspecto ligado ao tema introduzido pelo entrevistado.

- Intervenções e comentários que mantêm a conversação sobre temas narrados pelo entrevistado, que denominei intervenções com função fática.

- Intervenções que introduzem tema novo ou analogias, generalizações.

Essa última categoria ocorreu na primeira entrevista e ao analisar todas as intervenções, pude refletir sobre o cuidado necessário para não deslizar dos temas escolhidos *a priori* ou introduzidos pelo entrevistado, para temas de interesse do entrevistador, alheios à proposta da pesquisa.

A explicitação e a categorização das perguntas permitem a visualização das intervenções do pesquisador e a avaliação dessa interferência na narrativa resultante. As entrevistas na íntegra, as perguntas da entrevistadora, os Mapas de Associação de Idéias e as Linhas Narrativas de todas as entrevistas encontram-se respectivamente, nos Anexos IV, V, VI, VII.

IV. 5 Considerações Éticas

O objetivo desta pesquisa: investigar como são construídas as identidades dos jovens criados nas Aldeias Infantis SOS - Brasil de São Paulo, resultantes dos significados atribuídos às relações sociais por eles vividas na Aldeia e, após a maioridade, como jovens adultos, vivendo fora da Instituição.

O pressuposto organizador dos procedimentos: esses significados são construídos através das práticas discursivas que orientaram as relações dos jovens, durante sua criação tanto fora quanto dentro da Aldeia. Os autores dessas práticas são os outros significativos, co-autores das narrativas que dão

sentidos “às experiências coerentes no tempo e no espaço que constituem a identidade” (SLUZKI, 1997, p.15) desses jovens.

Os instrumentos de coleta de dados foram entrevistas abertas, onde a primeira pergunta gerou narrativas em que os temas de interesse da pesquisa surgiram entrelaçados com outros associados livremente. As perguntas seguintes ampliaram os relatos ou introduziram algum outro tema ainda não abordado: perguntas abertas sobre as propostas e o cotidiano das crianças na Aldeia, os contatos Instituição - sociedade e o processo de saída, os laços com a família de origem e o lugar da família social, entendida como a unidade domiciliar das crianças e jovens durante sua permanência na Aldeia.

As entrevistas foram realizadas no local mais adequado a cada participante e gravadas, uma vez obtido o consentimento para tal.

Foi explicada claramente a cada participante a finalidade científica da pesquisa, garantida a confidencialidade do material, a ausência de dano do processo e o direito de recusa ou interrupção dos participantes no momento em que desejarem, bem como o direito de acesso aos resultados.

Esses itens constam do Consentimento Informado, cujo modelo encontra-se no Anexo VIII.

V - Análise e Interpretação

Este capítulo descreve o processo das entrevistas e de sua análise - interpretação. As entrevistas são apresentadas na ordem em que ocorreram, pois cada experiência influencia a seguinte e os sentidos produzidos em um encontro passavam a ser parte de meu repertório interpretativo no encontro seguinte. Com essa compreensão dialógica da produção de significados, análise e interpretação são inseparáveis.

V.1 Conversando com Ricardo*, análise e interpretação.

*Neste item todos os nomes são fictícios, com exceção de Karin Esller e Margarida Gioielli. Sua presença na história dos entrevistados torna impossível a descaracterização. Ambas consentiram na publicação de seus nomes e receberam cópias deste texto.

O contato foi feito por e-mail no qual expliquei a pesquisa que estava fazendo e perguntei se ele aceitaria ser entrevistado. Ricardo concordou prontamente, muito entusiasmado porque também está escrevendo um trabalho sobre a Aldeia, sua monografia de conclusão do curso universitário de saúde pública. Escolheu a área de saúde mental e quer pesquisar alguns procedimentos das Aldeias SOS/ seu interesse é correlacionar justiça com saúde mental.

Seu duplo interesse em pesquisar e colaborar com a Aldeia colocou-nos em uma situação de paridade: ambos colaborando para ajudar o trabalho do outro.

O convite para que eu fosse à sua casa posicionou-o como anfitrião. Ele mora na zona leste, nos fundos de uma casa em uma rua calçada, iluminada, em área residencial próxima a transporte público e comércio. Sua casa tem quarto, sala, banheiro e cozinha com geladeira, poucos móveis; tudo muito bem arrumado, A sala, além de um sofá e televisão é arrumada como um ambiente de estudo: estante com muitos livros, computador, Internet, uma mesa redonda com cadeiras, com material de trabalho em cima.

Entreguei-lhe uma cópia do que já havia escrito para o exame de qualificação, comentando o caminho seguido. Algumas vezes Ricardo me fazia perguntas, suscitadas pelo seu próprio trabalho. Expliquei a necessidade do consentimento informado que foi assinado e conversamos um pouco sobre sua monografia. Ele me falou sobre suas dúvidas em relação à metodologia pois uma de suas professoras acha que ele não pode escrever de maneira pessoal (sic). Quando o gravador foi ligado a conversa fluiu com muita facilidade.

Helena: é uma entrevista aberta onde você vai falar sobre você. O meu interesse na pergunta, “quem é você”, é em tudo que está presente naquilo que você descreve como Você Hoje: as relações com a família biológica, a Aldeia, a casa e a mãe social, os irmãos, e o que mais é necessário ... Quando você pensa em quem você é, no que você pensa?

Na minha pergunta estão presentes os objetivos de pesquisa, portanto convida o entrevistado a focar alguns aspectos. Sua resposta inicial a esse convite afirma a importância da **Aldeia**, qualifica alguns aspectos como positivos, outros como negativos, e afirma sua crença no positivo.

“Na verdade, assim... A Aldeia é realmente importante para mim, teve seus lados positivos e negativos, só que eu acredito que foi muito mais positivo.”

Prosseguindo, Ricardo, sem nenhuma outra pergunta ou estímulo, introduz a categoria **mãe social** referindo-se às duas com quem conviveu, descrevendo como cuidavam e como ele foi afetado. *“Primeiro pelo carinho que eu recebi da mãe social, da última mãe social, porque a primeira eu não gostei muito da experiência porque ela, quando eu fazia alguma coisa errada na situação de criança, atitude de criança, ela pegava alguns galhos de árvore para me bater, então achava aquilo inadequado para uma profissional. Então muitas vezes eu limitava meus interesses, minhas vontades como criança porque tinha medo dela. Aí a partir do momento que houve uma troca de mãe social e fiquei com outra mãe social, não sei se pode falar os nomes... Que é a Maria, ela me ensinou o que é realmente ter uma família.”* Continuando introduz outras pessoas significativas, que nomeei como **rede formada a partir da Aldeia**, ao descrever os laços com a família da mãe social: *“ ... e eu gostei muito da forma como ela nos levou, nos tirou da Aldeia para conhecer a família*

biológica dela porque na época não eram muitas que faziam isso e quando faziam era uma criança ou outra, então já tinha uma diferença de tratamento ali entre as crianças. E ela não, pegava todos e levava uma vez a cada mês, mas sempre levava todos. E eu descobri o que é realmente ter uma madrinha, porque a tia dela é minha madrinha. A tia da minha mãe social, ela cuidou de mim durante muito tempo.”

Ricardo prossegue introduzindo o tema da **vida fora da Aldeia**: *Quando eu saí da Aldeia fui morar com dois irmãos de casa, só que nós três estávamos desempregados, como nós estávamos nos sustentando, na verdade, nós estávamos começando a passar dificuldades, né?*

Na mesma frase, Ricardo descreve suas ações (em negrito) e o amparo da rede: *E aí **eu conversei** com a tia Regina, que é a tia da tia Maria e ela me chamou para vir morar em Santo André, que é aqui próximo do meu trabalho e estudo atual, e a partir daí eu **consegui reestruturar** de novo a minha vida porque **comecei a bater a cara**, porque eu **comecei a fazer cursos**, quero fazer cursos, justamente o que ela estava falando dos projetos, só que eu não tinha como dar uma iniciativa,... então tive conhecimento de que uma menina da Aldeia, chamada Mariana, tinha um padrinho que ia pagar a faculdade para ela e ela não queria fazer faculdade, não queria fazer nenhum estudo, **conversei** com ela e **perguntei** se eu podia pedir para o padrinho dela pagar um curso de auxiliar de enfermagem para mim porque meu sonho, desde os 8 anos de idade, sempre foi fazer medicina, ela falou, por mim tudo bem, eu não vou, no caso, perder nada e nem ganhar nada, só que eu **pedi o consentimento** dela. Aí **conversei** com a tia Karin e a tia Karin me apresentou o R. que é um amigo dela, que é um nome difícil de pronunciar (risos), e aí como eu **tive uma entrevista** com ele, e eu já estava morando em Santo André nessa época, e ele conversou comigo e disse que não podia pagar uma universidade porque já estava pagando para mais três pessoas, outros jovens de mais três instituições, só que ele me ajudaria a pagar um curso técnico, então ele pagou esse curso de 13 meses de auxiliar de enfermagem, e aí na metade do curso eu **comecei a trabalhar** numa outra ONG e o pessoal dessa ONG percebeu meu interesse em estudar e ser uma pessoa dedicada aos estudos, e eles perguntaram se eu queria fazer outro curso porque eles não*

tinham como pagar um curso de medicina que é muito caro aqui no Brasil, só que saúde pública,, eles explicaram que é uma área da saúde...

Como parte de sua primeira resposta surgiram outros temas: a **rede** constituída a partir da Aldeia, a **vida fora da Aldeia**, e as **ações** descritas pelo entrevistado como parte de seu jeito de ser. Continuando a conversa surgem as **relações com a família biológica** e descrições da importância do **dirigente**. Também espontaneamente, Ricardo menciona a vergonha que alguns tem de contar que foram criados em instituição, ou como ele nomeia, orfanato. Relata que os outros: - pessoas sem relação com a Aldeia, do mundo-aqui-de-fora, atribuem aos egressos de instituições, indiscriminadamente, uma identidade cristalizada, ora de marginal, ora de vítima. Esses trechos da narrativa estão agrupados sob outra categoria descritiva: - **preconceito**, relevante para a compreensão do que jovens podem expressar ou não, (WHITE, 2000) como resultado de processos sociais nos quais demandas específicas sobre sua identidade criam vocabulários com os quais eles podem se descrever.

Sua entrevista foi a primeira que realizei e antes de fazer a segunda analisei minhas intervenções.

Durante a conversa houve 74 intervenções minhas, a saber

- confirmação, esclarecimento ou detalhamento: 42
- pedidos de explicações sobre algo já narrado: 13

Exemplos:

R - *Eu não gostava de umas palavras que elas usavam para falar da gente:*

H: **Que palavras ?**

R - *O J.L era como um pai para toda a Aldeia.*

H: **Como ele conseguia fazer isso com 100 crianças?**

- introdução de novos aspectos ligados a temas já explorados: 9

Ex. quando Ricardo falou da Aldeia, da chegada de carro, da mãe, da separação.

H: **Você se lembra da sua vida antes de ir para a Aldeia?**

Quando relatou o fato de ter sido escolhido para ganhar uma bolsa para a Noruega

H: **Eles perguntaram se você queria?**

- intervenções com função fática: 7.
- intervenção que introduz uma analogia entre família social e biológica: 1.
- intervenções que desviam o foco da pesquisa: 2.

Essa análise mostra a participação da entrevistadora na produção das narrativas pelo entrevistado. 55/74, isto é, 74,3% das perguntas seguiram as falas do entrevistado e pediram detalhes e/ou explicações sobre o que havia sido espontaneamente relatado. Se forem subtraídas as 9 intervenções com função fática, a percentagem vai para 55/65, isto é, 84,6%.

A única pergunta que propôs um tema fora dos objetivos da pesquisa relaciona-se ao fato de Ricardo, como a maioria dos jovens criados na Aldeia ainda muito jovem ter tido um filho de uma relação não douradora. Embora os projetos e processos de constituição de família sejam indicativos das narrativas sobre si mesmo de jovens adultos, introduzi, de modo que *a posteriori* considero indevido, o tema da possibilidade dos ex-aldeanos tornarem-se pais de crianças, por sua vez sujeitas à institucionalização. Embora este tema não seja parte dos objetivos da pesquisa, é de meu interesse. A análise das perguntas mostra a introdução de novo tema alheio aos objetivos da pesquisa e a facilidade com que novos significados são produzidos em um diálogo. Esse método de visualização das intervenções da pesquisadora permite não imputá-los ao entrevistado.

Em relação à Aldeia, Ricardo qualifica seus procedimentos, descreve-os, aponta a rede criada a partir dela, que inclui várias pessoas, além dos irmãos sociais, descreve e qualifica a relação com a família biológica e, a partir de uma pergunta aberta sobre o Dirigente (e o dirigente, na sua história?) nomeia diferentes sentidos atribuídos à função de um pai.

Seguindo o Mapa de Associação de Idéias ficam explícitos os sentidos atribuídos por Ricardo às ações e as conseqüências em sua vida. Assim como as ações atribuídas à Aldeia, entendida como diretrizes da instituição, são avaliadas positiva ou negativamente, às diferentes maneiras das mães sociais cuidarem de seus filhos são atribuídas conseqüências distintas.

Nos exemplos, assinalo em negrito as ações e seus significados: “... a Maria (mãe social) **levava** todos, um a cada mês, mas sempre levava todos

(para conhecer sua própria família). *Aí eu descobri, o que era uma verdadeira madrinha. A tia da Maria, **ela cuidou** de mim durante muito tempo”.*

Ricardo descreve também suas próprias decisões e ações ligando-as às conseqüências.

*“Quando eu saí da Aldeia **morei um ano sozinho com mais dois jovens**, que são o N. e o J., que moravam na casa B e que são meus irmãos de casa e ... **eu queria estudar**, ... nós estávamos começando a passar dificuldades ... **eu conversei** com a tia Regina, que é a tia da tia Maria e **ela me chamou para vir morar** em Santo André, que é próximo daqui, e a partir daí **eu consegui reestruturar** de novo a minha vida.”*

Na seqüência, o-que-eu-sou-hoje, (vida estruturada) nomeia como importantes a ajuda de uma rede formada a partir da Aldeia (pela permissão às mães sociais de levarem seus filhos para a casa de suas famílias de origem), da sua mãe social, que efetivamente propiciava o contato de seus filhos de Aldeia com seus parentes, a percepção de interesses e ações para realizar esses objetivos, diferentes de outros aldeanos, (eu conversei com ... eu consegui reestruturar ...).

Em relação à mãe social, seguindo a Linha Narrativa, pode-se observar que Ricardo inicia qualificando-a positivamente, *“primeiro pelo carinho que ela me deu”* e em seguida esclarece que esta referência positiva é para a segunda mãe, *“porque a primeira eu não gostei muito”*. Avalia seus procedimentos como inadequados para uma profissional, quando ele fazia alguma coisa errada *“na situação de criança”* o que subentende que esta é uma opinião dele adulto, e prossegue descrevendo as conseqüências para ele criança: *“muitas vezes eu limitava meus interesses, minhas vontades como criança porque tinha medo dela.”*

Perguntado sobre que relação a Aldeia tinha com as famílias biológicas, como ele se refere às famílias de origem, Ricardo descreve o procedimento referindo-se à mãe social que ele considera sua verdadeira mãe: *“a mãe social Maria sempre nos dizia que era importante ter um vínculo, então os meus tios eles iam uma vez a cada três meses ou quatro meses, os tios que ficaram com meu irmão menor”*.

Quando descreve como chegou à Aldeia, fala de uma casa provisória onde ficavam outras crianças durante as folgas de suas mães, e que ele não gostava por ser um espaço confuso. Ao falar da primeira mãe social com quem morou por três anos, descreve-a como alguém que *“cuidou bastante da gente, deu bastante carinho, deu bastante joguinhos para a gente brincar no começo, só que a forma como ela batia na gente eu não gostava.”*

Embora tenha gostado quando ela foi embora da Aldeia, mantém contato e atualmente tem com ela um bom relacionamento, trocando mensagens pelo Orkut, mantendo-a informada sobre sua vida *“porque nós éramos nossa família, né? Nós éramos quase 10 crianças, a maior família que tinha na Aldeia dentro de uma casa”*. Mas considera como mãe mesmo a Maria, e a família dela como sua. Tem muita afinidade com Maria, atribuindo-lhe muito de sua personalidade atual.

Considera muito importante falar desse papel, da importância da mãe social no desenvolvimento da criança: *“Sem contar o perfil mesmo de capacidade educativa, se a Aldeia trabalhar melhor esse lado dos profissionais, as crianças vão ser, vão ter um melhor funcionamento”*.

Mãe e Aldeia são referências positivas na sua vida presente. **Aldeia** nas diferentes narrativas tem vários significados: às vezes é o espaço físico, às vezes é um conjunto de ações qualificadas como positivas ou negativas cujos protagonistas podem ser os responsáveis pela Aldeia onde ele foi criado, os dirigentes nacionais ou representantes da organização internacional.

Embora não mantenha relações freqüentes com seu irmão biológico, Paulo, com o qual foi criado na Aldeia, descreve sua preocupação em protegê-lo durante o período em que viveram juntos, tanto nas relações com adultos como com outras crianças, e também em relação aos seus parentes biológicos que, em sua avaliação, o discriminavam. O irmãozinho menor, que a mãe escondeu quando ele e Paulo foram retirados de seu convívio, ficou morando com tios, mas Ricardo não o menciona mais durante a entrevista. Diz ter descoberto que tem uma irmã, não sabe se mais velha do que ele ou logo abaixo, e que foi adotada. Embora não conheça seu pai, e este não o tenha reconhecido, sabe onde ele mora e pretende procurá-lo, em suas palavras, para descobrir o paradeiro da irmã, pois teria sido informado que o pai sabe.

O ato de procurar esta irmã foi relatado espontaneamente e surge como um projeto sem data, diferentemente de todos os projetos em relação ao desenvolvimento pessoal, e parece confirmar a fala inicial na qual, descrevendo a chegada na Aldeia, diz: *“Eu cheguei pensando que era um passeio de carro, fui ficando, fiquei um mês na casa da tia Eunice sem realmente sentir falta da minha família, não sei se por causa que na Aldeia eu recebi um tratamento bom, mas acho que realmente eu não me sentia bem com minha própria mãe.”*

Hoje Ricardo sabe que a mãe era epilética, com crises de ausência, quando deixava panelas queimando, crianças sem cuidados, e que ocasionaram denuncia de vizinhos. Acredita que por mau uso de medicamentos tornou-se dependente química, e a convicção de que se ela tivesse tido um bom atendimento não teria perdido os filhos, levou-o desde menino a querer estudar medicina. Isto somado ao sentimento de que recebeu *“muita ajuda na Aldeia, de padrinhos de fora, de dentro da Aldeia e da instituição, sempre ajuda, ajuda, ajuda. Então essa questão de ajuda ficou gravada na minha cabeça, então qual profissão que eu posso seguir para ajudar as pessoas de uma outra forma, não dando dinheiro, devolvendo dinheiro que investiram na minha educação, na minha vida, mas ajudando as pessoas, né? Então achei que a área da saúde foi um caminho”*.

Ricardo compara as possibilidades que teve na Aldeia com aquelas que imagina que teria se continuasse vivendo nas condições anteriores: *“quando eu conto para os meus amigos a minha história eu sempre conto a Aldeia como a família que eu realmente precisava ter, que foi aonde eu consegui ter educação, porque se eu comparar com a vida que eu tinha antes da Aldeia eu não teria essa educação. E a vizinhança também, porque eu tive bons amigos na escola, então eu tive boas influências que é o que me fizeram a querer estudar, compreender a necessidade do estudo...”*

Os irmãos sociais, ou irmãos de casa, aparecem com importância menor, com conotação afetuosa semelhante àquela das menções ao irmão biológico, cinco anos mais moço.

Embora não critique seus companheiros de Aldeia, estes são descritos com a condescendência com que irmãos mais velhos referem-se aos irmãos menores. Ele sempre se diferencia dos outros.

Ao contar como aprendeu a importância dos estudos: *“... porque você tem os colegas que não compreenderam essa necessidade e a importância dos estudos”*.

Sobre sua primeira moradia ao sair da Aldeia relata assinala a diferença de interesses *“porque eles pensavam muito em namorar enquanto eu queria estudar”*.

Perguntado se mantém contato com seu irmão biológico Paulo, responde: *“é muito difícil pela vida que eu tô tendo agora. Porque além de eu estar trabalhando numa ONG, fazer faculdade e ir para hospitais fazer estágio, eu dou aulas particulares de inglês e tô fazendo aula de capoeira, então tenho uma vida muito corrida [...] a gente tenta, eu tento sempre ter um contato com ele. Mas durante a Aldeia, devido a diferença de idade, nós não tínhamos um vínculo assim, de vamos conversar, porque enquanto eu estava numa fase ele estava na outra, então a fase que ele está agora eu já passei, que é a fase de ficar com várias meninas, namorando várias meninas. Agora eu tô na fase de estudar, trabalhar, então a gente nunca teve uma conversa muito...”*

Também quanto aos sentimentos em relação a ter sido criado em uma instituição, Ricardo afirma sua diferença: *“eles têm essa vergonha, de achar que são pobres, mesmo em comparação dos colegas que estudam em escola pública, que também não tem uma família rica, mas eles têm esse receio e eu não tenho esse receio [...] Então eu consigo ir lá e falar, morei na Aldeia, uma instituição que me deu educação, que tem crianças sem família ou que tiveram problema com a família e eles acham engraçado isso, meus colegas da Aldeia. Ao invés de acharem que é uma informação importante...”*.

Comparando as relações entre irmãos biológicos e irmãos sociais, tem dúvidas quanto à possibilidade de construção de relações que ele consideraria como verdadeiramente familiares: *“Eu tinha uma visão que eu estava com amigos, irmãos, primos, que acaba criando esse vínculo, e cria um vínculo tão forte que hoje em dia quem realmente gostava um do outro continua se ajudando e outros não. Então um dos pontos que eu levanto no meu trabalho*

também é porque se considera um irmão social como se fosse biológico e aí você descobre na hora da necessidade que não que não é o que ele pensa. O que ele pensa é:- preciso dele por causa do dinheiro que ele tem, ou porque ele é legal, mas nunca pelo sentimento de amizade.”

Perguntado sobre a possibilidade de isto também acontecer entre irmãos biológicos, responde que sim, isso acontece nas famílias e aponta a inveja como um problema entre irmãos, acrescentando que *“se a mãe tiver uma preparação melhor ela consegue lidar com essa situação. Porque muitos dos irmãos sociais, eles brigam e não ajudam um ao outro mesmo sabendo que estão na rua, justamente pela raiva, pela angústia, não sei dizer direito”*.

Ricardo respondeu com muita clareza a todas as perguntas e espontaneamente descreveu muitos outros aspectos de sua vida. O trecho acima apresenta um dos poucos momentos em que demonstra dúvida, incerteza sobre seu julgamento: irmãos biológicos também podem nutrir sentimentos negativos entre si, mas no caso dos irmãos sociais, a mãe social melhor preparada daria conta dessa situação. Ao mesmo tempo vislumbra dificuldades relacionais entre estes irmãos como eventualmente ligados a raiva e angústia frente a histórias de abandono.

Aponta divergências entre as narrativas sobre menino-de-Aldeia que constrói para si mesmo e as descrições de outros aldeanos, e também entre as reações aos preconceitos que existem dentro e fora da Aldeia sobre crianças criadas em instituições.

Utilizando noções de identidade narrativa (cap.II) e levando em conta as narrativas do Eu que diferenciam Ricardo do Nós-Meninos-de-Aldeia, pode-se pensar que em sua rede social significativa estão mais próximos aqueles que fazem parte de sistemas de ajuda, enquanto seus pares se encontram em zonas mais afastadas, em suas palavras: “com limites”.

“O Ricardo que eu sou hoje, como você fez a primeira pergunta, é justamente a educação que eu tive dela (segunda mãe social) porque eu sempre fui uma pessoa, um jovem de olhar crítico, vamos dizer, então sempre olhei muito a personalidade, os motivos, então se alguém quebrava o meu rádio não ficava nervoso, eu pensava, ele estava nervoso por algum motivo e quebrou o meu rádio, é um material, então vou lá a trabalho de novo e compro

um outro melhor ou igual. Então nunca gostei muito dessa questão, nunca fui muito ligado às questões materiais. E a Maria também nunca foi, então acho que eu tive muito da personalidade que eu tenho hoje através dela, né? Então acho que é muito importante falar desse papel, a importância da mãe social na criança.”

Ricardo viveu até os 8 anos de idade um dia-a-dia difícil, as vezes caótico, e atribui essa situação à doença da mãe. Em seus relatos, ganharam muita importância uma casa organizada, adultos que cuidam e ensinam, e passou a buscar regras que protegem, a evitar conflitos. Parece ter desenvolvido maneiras de estar no mundo semelhantes às daquelas de pessoas que admirava. **Ajuda** tornou-se palavra-chave em sua vida e orienta seu momento de jovem adulto. Sente-se menos identificado com seus companheiros de infância e adolescência e busca novos grupos de pertinência, mas não renega sua pertença ao grupo de aldeanos.

Ricardo seria um exemplo de bom resultado da Instituição, de criança-institucionalizada-que-deu-certo?

V.2 Conversando com Mariana, análise e interpretação

O contato foi feito por telefone, fornecido por Ricardo.

Mariana já estava a par da pesquisa através de Ricardo e concordou prontamente com a entrevista. Combinamos um horário conveniente para ela: à noite, em sua casa. Mariana mora com seu filho Helio, de quatro anos, e com sua irmã, Tânia, um ano mais velha que ela. Entraram juntas na Aldeia, e Tânia saiu um ano antes. Também mora com elas Roberto, irmão de casa.

As duas irmãs são proprietárias da casa, comprada com dinheiro acumulado em poupança feita por padrinhos durante o tempo vivido na Aldeia, e com empréstimo feito pela direção da Aldeia, que ela já pagaram.

É um sobradinho na zona sul, com uma sala-cozinha, e banheiro no andar de baixo e dois quartos no segundo andar. Tem um pequeno terraço na entrada e fica na esquina de uma viela com casas construídas em terrenos irregulares, com frente para rua asfaltada, iluminada, cadastrada no Código Postal, e servida por transporte coletivo. A entrevista começou com minha

explicação sobre a pesquisa. Sua irmã Tânia estava presente e deixei com elas o material já escrito. Tânia fez pedagogia e se especializou em pedagogia Waldorf. No momento da pesquisa estava fazendo entrevistas em um colégio que adota esse método.

Mariana esteve empregada durante três anos em um supermercado, trabalhou até pouco tempo como autônoma, em promoções em supermercados e acaba de ser contratada para trabalhar em um banco.

Receberam-me amavelmente e Tânia foi brincar com o sobrinho enquanto eu conversei com Mariana.

Após a pergunta inicial foram feitas 83 intervenções: 53 perguntas ou frases que repetiam algumas palavras, estimulando o seguimento, esclarecimento ou detalhamento do anteriormente narrado, 16 perguntas buscando especificação ou ampliação da descrição anterior e 7 intervenções para obter explicações sobre qualificações atribuídas pela entrevistada a alguma ação. O tema do preconceito, que surgiu espontaneamente na primeira entrevista, foi introduzido pela entrevistadora através de duas perguntas; três intervenções visavam compreender como se situa no presente, em relação a outros aldeanos emancipados.

As duas últimas falas da entrevistadora foram finalização e agradecimento.

A percentagem de intervenções que seguiram as palavras e temas da entrevistada, a partir da pergunta inicial, foi de 76/81, ou seja, 93%.

Mariana fala pouco, suas descrições são curtas. Foram feitas muitas perguntas de seguimento, como por exemplo:

M – *Meu pai morreu.*

H – Quando?

Após a primeira entrevista, onde a questão do preconceito surgiu espontaneamente, como uma voz social geradora de práticas restritivas à identidade desses jovens, introduzi o tema como uma categoria de análise.

Mariana não introduziu nenhum outro tema espontaneamente, nem quando ao final foi perguntada sobre algo que não havia sido mencionado e que gostaria de falar.

Iniciei com pergunta semelhante à da entrevista anterior.

H – Como eu te falei, essa entrevista é aberta, não tem perguntas prontas. Então Mariana, eu te contei que estou interessada em saber de vocês, que passaram parte da infância e adolescência na Aldeia, e hoje são adultos, quando você pensa em você o que está presente naquilo que te descreve como Quem eu Sou, Hoje: O que é importante: as relações com a Aldeia, a mãe social e a casa, os irmãos, sua família biológica, o que mais?

Quando você pensa em quem você é, no que você pensa?

A resposta de Mariana vem imediata, sem titubear: *“Eu penso em minha mãe Eunice. Eu me inspiro nela. Ela me deu muito amor, muito carinho, tudo que ela pode fazer pela gente ela fez; hoje eu levo a minha vida como ela; tudo que eu faço pelo meu filho foi o que ela fez por mim; me vejo responsável, sou capaz de viver sozinha fora da Aldeia, não dependo da Aldeia, se eu preciso de emprego eu corro atrás, não fico dependendo daquilo que vai vir de fora. É isso aí.”*

A ligação entre o vivido na Aldeia e o que vive hoje é imediata.

As linhas narrativas permitem ver os mesmos sub-temas associados às diferentes categorias apriorísticas surgirem no decorrer da entrevista. A Aldeia é descrita por procedimentos qualificados como adequados ou não. Em sua avaliação, atualmente a qualidade do atendimento às crianças *“caiu, muito, muito, muito...”* a rede proporcionada pela Aldeia, via família da mãe social – apoio emocional e padrinhos – apoio financeiro, irmãos de casa e outros aldeanos contemporâneos – companhia, amizade, está presente nas descrições de si mesma.

Mariana viveu em outra instituição dos três aos sete anos. A mãe, em suas descrições, abandonou-as, não teve condições de criá-los, fugiu com outro homem. Deixou quatro filhas entre onze e três anos. Levou consigo uma de cinco anos que era epilética e um menino de um ano.

O pai, ajudado pelo avô, cuidou das crianças como pode, mas ambos doentes, não tiveram condição de mantê-las por muito tempo, e Antonio, um amigo do pai, que elas chamavam de tio, arranhou um orfanato (sic) para as duas menores, respectivamente com três e quatro anos. Como essa instituição não aceitava crianças com mais de seis anos, a mais velha foi colocada em

uma casa de família para trabalhar e a de oito anos foi adotada. Mas essas quatro irmãs, graças a esse amigo da família, não perderam o contato entre si. Quatro anos depois, a instituição fechou e, outra vez Antonio, que trabalhava na casa de uma senhora alemã colaboradora da Aldeia, por seu intermédio colocou-as na Aldeia do Rio Bonito.

A narrativa de Mariana gira mais em torno de relações do que de histórias individuais.

Da primeira associação, de si mesma com sua mãe social, passa às suas relações atuais: filho, irmã de sangue, irmão de casa, a casa comprada com ajuda da Aldeia, via poupança acumulada por padrinhos e empréstimo.

Descreve a chegada na Aldeia sem saber o que ia fazer: *“Pensei que ia passear de carro; a tia Eunice foi buscar a gente no orfanato, e quando a gente chegou as outras crianças estavam esperando.”* A casa já tinha seis crianças, um pouco mais velhas. Embora não fale da outra instituição, assinala que *“na Aldeia é tudo muito íntimo, muito família”* e responde afirmativamente à pergunta sobre se teve alguma experiência de preparar a chegada de outras crianças.

Quando sua mãe social foi desligada da Aldeia, Mariana relata sua experiência com um padrão descrito pelas mães sociais, que nomeei de “morte súbita”. Sem aviso e sem preparação, as crianças recebem outra mãe. *“Fiquei revoltada e muito malcriada. Depois eu respeitava elas, como um tia, mas não como minha mãe.”* Mariana ia dormir na casa de Eunice, nunca perdeu o contato com ela: *“A família dela é minha família”*. A mãe de Eunice foi uma avó, até falecer há dois anos. Atualmente passa o Natal e as férias de janeiro em outro estado onde sua mãe social mora. Entre as primeiras crianças da Aldeia, dois irmãos foram para a casa de Eunice. Um deles, portador de deficiência mental, foi especialmente cuidado por ela que o adotou quando saiu da Aldeia. Mariana mantém contato com quase todos os seus irmãos sociais, inclusive com Mauro que mora na Itália. Comunicam-se por Internet, com frequência.

Quando perguntada sobre que outras influências havia em sua vida, mencionou o dirigente: *“O dirigente foi muito importante; pude viver o que é papel de pai mesmo: dava atenção, não deixava a gente na mão”*.

A narrativa de eu-Mariana é entramada em vários **nós**. Suas irmãs de sangue, com quem nunca perdeu o contato, especialmente com Tânia. Com a mãe social e sua família, com alguns irmãos de casa, e outros aldeanos contemporâneos. Atualmente o *self* mãe aparece na dedicação ao filho, no amor e carinho que quer dar para que ele nunca passe pela dor que *“queira ou não”*, ela afirma ter, por ter sofrido um abandono.

Há quatro meses o tio Antonio avisou do falecimento da irmã que era doente. Ela foi ao enterro e re-encontrou sua mãe biológica depois de quase vinte anos. Como ela estava muito desesperada porque dedicou toda sua vida à filha doente, Mariana e suas irmãs ficaram com pena e passaram a visitá-la para levar consolo, pois financeiramente não podem ajudar. Ficaram então sabendo que têm um irmão e que este está preso. Agora se comunicam com ele por cartas.

Indagada sobre preconceito, menciona o estigma: menor institucionalizado igual a adulto marginal, mas dá mais ênfase aos significados de coitados que a incomodam e são associados a abandonados, sem família, o que ela refuta, pois vê a instituição Aldeia como oportunidade de ter uma verdadeira família.

Cuidado é a palavra-chave, a senha que a identifica, que costura sua história e orienta seu futuro: cuidar do filho, cuidar de outras crianças, estudar para educar.

O diferencial nas narrativas de *self* no presente, em relação a outras descrições de crianças criadas em instituições fechadas, aparece nas pontes que ligam a Aldeia à **vida aqui, fora**. Uma mãe social com quem se mantém contato, os laços com sua família, irmãos sociais, parentes biológicos recuperados, constituem co-constructores da experiência coerente no tempo e no espaço que constitui a **identidade**.

Nas descrições de Mariana sobre si mesma, conecta passado e presente para projetar um futuro. Essa é uma narrativa propiciadora de agência, onde a história não é destino, mas oferece mapas orientadores para novas ações. Mariana traça linhas entre o aprendido, tanto por experiência própria: *“,, tanto que eu sai da Aldeia, eu já sabia lavar, passar, cozinhar porque tudo ela me ensinou, então a gente ajudava ela a olhar os meninos*

menores, o Ângelo que era especial [...] então a gente tinha, toda criança tinha uma atividade pra fazer, tinha suas obrigações a gente fazia as obrigações durante o dia, e então tinha aquele incentivo: hoje vou te ensinar a cozinhar, você vai fazer isso varrer, você vai passar um pano... “ quanto pela observação de outros que não aproveitaram bem a oportunidade “... vendo aquele povo que saia da Aldeia mas eles estavam sempre ali, eu coloquei na minha cabeça que quando eu saísse da Aldeia eu queria viver minha vida, porque eu já vivi 12 anos aqui, porque que eu ia ter que sair da Aldeia, eu tinha que ter uma atitude e não viver igual a eles, eu quis ser diferente.

Não atribui o melhor desempenho na vida atual a ter tido conhecimento e contato com sua família biológica. Em suas palavras esse aspecto não é relevante:

“Não. Não faz diferença, o Raul foi pra Aldeia sozinho, ele não conhecia nem a mãe dele quando ele foi pra Aldeia, então hoje ele tem uma cabeça muito boa, ele trabalha, tem responsabilidade, tem uma filha e ele esta sempre ali. Então acho que isso de você ser sozinho, eu acho que isso não tem nada a ver, vai da cabeça da pessoa e ela tem que ter aquela responsabilidade, né? Então muitos aldeanos acham que por que você viveu na Aldeia, a Aldeia tem a obrigação de ajudar ele eternamente, mas não é eternamente. Então teve um tempo que a Aldeia passava muito a mão na cabeça das crianças ... então eles não souberam seguir o mundo ali sozinho, a Aldeia sempre ali, a Aldeia tem que ajudar, a Aldeia vai fazer isso por mim.

Atribui os diferentes graus de aproveitamento das oportunidades à “cabeça de cada um”, embora avalie que nem todas as mães sociais são iguais, cada um tem sua maneira de criar, “por mais que seja ali a Aldeia tudo igual acho que cada um tem uma maneira diferente de criar, ninguém é igual a ninguém, mas eu acho que a educação que a tia Eunice me deu foi muito boa pra mim hoje, não tenho nada que reclamar”.

Outro aspecto mencionado como importante em sua preparação para a vida fora da Aldeia foi o trabalho realizado regularmente desde os 14 anos: “Eu trabalhei muito tempo no Escritório das Aldeias Infantis na Vila Mariana. Ia de ônibus, saia da escola, ia de ônibus ficava lá até as cinco da tarde. Perguntada sobre que tipo de relação de trabalho tinha, se era aprendiz, se tinha carteira,

não soube explicar, mas acha que tinha alguma coisa.” Seu trabalho era formar os kits de cartões de Natal que a Aldeia vendia para arrecadar fundos, “mas tinha sim sempre um responsável pra poder estar ensinando a gente a fazer essas coisas. Ganhava tipo uma ajuda que eles davam”.

Mariana prossegue descrevendo: *“depois eu tive oportunidade de trabalhar na creche da Aldeia, mais 4 anos eu trabalhei dentro da creche na aldeia eu ganhava também pra poder ficar, trabalhava meio período”.*

Perguntada sobre o processo de escolha daqueles que iriam trabalhar, uma vez que não há serviço pra todas as jovens, responde que era pelo interesse da pessoa. Relata também as férias, outros passeios e viagens como muito importantes em sua vida, mas considera que a Aldeia piorou: *“Olha, eu sou muito agradecida pela Aldeia, mais na nossa época era melhor, hoje a Aldeia caiu muito. Hoje não é mais mesma coisa, antigamente a educação das crianças na Aldeia era mais rígida e as crianças eram muito mais educadas, elas tinham mais atividades, elas não viviam do jeito que vive hoje, hoje elas vivem largadas, as crianças sai pra rua, não dá satisfação nem nada, eu acho isso. O modo que as crianças hoje são criadas na Aldeia caiu muito, muito, muito, muito não tem nem comparação de quando a gente morava lá.*

Acredita que o problema é da direção, *“o pessoal que está dirigindo a Aldeia, a equipe caiu bastante”.*

Pode-se notar que essa afirmação vem depois da reiteração do agradecimento à Aldeia. Isto é, o sentido atribuído a suas experiências lá não pode ser desconectado da sua percepção atual de viver bem, autonomamente. Quando se refere aos companheiros em situação precária aponta o *“passar muito a mão na cabeça”,* o não ensinar a *“viver no mundo lá fora”.*

Mariana está percorrendo o caminho da Aldeia à cidade com determinação, sem romper com sua história tanto em relação à família de origem como em relação à família SOS. Descreve-se como **vivendo bem**. Em relação aos Índices de Desenvolvimento Humano – IDH, e ao mapa dos melhores e piores lugares do município de São Paulo, para os jovens (anexo III) Mariana vive em situação de risco pessoal e social. Essa realidade ultrapassa a proposta e as possibilidades da instituição Aldeias SOS e nos remete às questões macro sociais da exclusão de grande parte da população brasileira

dos benefícios contemporâneos disponíveis somente às camadas com poder aquisitivo compatível.

V.3 Conversando com Denise, análise e interpretação

Essa entrevista foi realizada em substituição a outra marcada para a mesma hora naquele local – a Aldeia de Rio Bonito. O jovem que havia combinado o encontro não pode comparecer e só fui avisada quando já estava lá. A dirigente informou-me sobre a possibilidade de contatar uma jovem aldeana emancipada, que trabalha em um centro comunitário anexo. O contato foi feito e ela aceitou participar da entrevista, que foi a única cuja conversa inicial foi face a face, no próprio local e na mesma hora onde foi realizada. Denise é a mais jovem das entrevistadas e nossa conversa foi a mais curta. O fato de ter sido abordada pessoalmente e da entrevista ter acontecido imediatamente após sua adesão pode ter influenciado sua participação, embora em minhas experiências anteriores, todos os jovens que não queriam ser entrevistados tenham dito não, face a face.

Após ter explicado o tema e objetivos da pesquisa e seus direitos como participante Denise assinou o Consentimento Informado e o gravador foi ligado. Iniciei com pergunta semelhante à das entrevistas anteriores:

Denise: o que eu queria saber de você, é o seguinte. Quando você pensa em você hoje, “em quem sou eu”, pensando na tua história, na tua relação com a família biológica, com a Aldeia, mãe social, casa e irmãos, em tudo que aconteceu ligado a você estar aqui na Aldeia. O que te vêm na cabeça? O que é importante pra você?

Em resposta, Denise nomeia como importantes dois irmãos de sua extensa família biológica: *“a família que veio comigo, eu tenho 7 irmãos, os que passaram pelo que passei só foram 2 desde pequeno, né? Então os que vieram comigo para a Aldeia, que ficaram até a idade comigo. E importante pra mim é a Aldeia e a família da Aldeia, portanto que tenho contato com a minha mãe social daqui, bastante, a gente somos super amigas, a gente conversa ela me ajuda bastante, vai à minha casa, almoça comigo, eu vou à casa dela,*

almoço lá, entendeu, eu tenho duas famílias agora, né? A família dela, eu viajo pra casa dela, porque ela mora fora de São Paulo e pra mim é isso, é minha família”.

A primeira resposta dá o tom de toda a entrevista: seu mundo afetivo é constituído por relações entramadas entre as duas pertinências sem nenhuma descrição de conflitos de lealdade, sem justificações ou acusações.

Após a pergunta inicial foram feitas 111 intervenções. Denise dá respostas muito curtas e foram feitas 70 perguntas de seguimento ou palavras que repetem a resposta propondo seguimento –, como por exemplo:

M – *Meu pai morreu.*

H – Quando?

14 perguntas pretendiam ampliação da descrição anterior ou uma reflexão sobre o narrado. Pelas respostas de Denise às vezes não ficavam claras a composição e as relações de sua família, composta de sete irmãos, e meio-irmãos. Pode-se observar um número significativo – 12 intervenções, que categorizei como recapitulação ou reiteração da pergunta inicial, que tiveram função fática, mantendo o contato.

Após a primeira entrevista, onde a questão do preconceito surgiu espontaneamente, como uma voz social geradora de práticas restritivas à identidade desses jovens, introduzi o tema como uma categoria de análise, através de duas perguntas.

Denise explorou pouco as experiências na Aldeia como positivas ou negativas. Procurei não introduzir novos significados em uma história onde a Aldeia aparece mais como um equipamento auxiliar para a avó, cuidadora central de sua vida, desincumbir-se da tarefa que os pais não deram conta.

Ela foi levada para a Aldeia com 6 anos, após passar por mais de um abrigo e morar na rua por aproximadamente dois anos, com seus pais e dois irmãos. Ambos os genitores tinham filhos de união anterior. O pai, três filhos e a mãe um, que já havia *“dado para a avó criar”*.

E o que trouxe vocês para a aldeia?

Em suas palavras: *“Foi porque meu pai não tinha condições de ficar com a gente, a gente tinha de tudo, né? Nossa casa, nossa família, só que meu pai acabou perdendo tudo, ai a gente foi para na rua então ele não tinha condições*

de ficar com a gente. E minha vó também não tinha condições.. Ai minha vó denunciou meus pais e ai o juiz tirou a guarda deles, só que antes de vir pra cá nos passamos por vários lugares”.

Após viverem mais de dez anos na Aldeia, esses dois irmãos moram novamente com a avó: em seu relato, o irmão quando era pequeno era muito agitado e quando saiu pra se emancipar, pra ir para casa de jovens, a avó ficou com medo que ele não conseguisse ficar lá, que tomasse um caminho errado *“porque dizem que lá fora é outro mundo aqui dentro é uma coisa lá fora é outro mundo. Aí minha avó resolveu tirar ele daqui e pegou a guarda dele e ele foi morar lá, né? Ele saiu daqui com 15 anos de idade. Aí só ficou eu e minha irmã, ai depois minha irmã saiu voluntariamente, né? Pegou as coisas dela e foi morar com a minha avó e minha avó aceitou de braços abertos, e eu não quis largar porque ia ficar muita gente lá; sabe e minha avó já cuida dos netos dela, de não sei quantos neto dela.”*

Denise relata lembrar-se muito bem do tempo em que viveu na rua: *“Foi muito ruim mesmo. Desde pequena eu já tinha uma cabeça assim, eu sempre fui muito quieta, mas sempre pensava que na aquela vida eu não queria ser que nem os meus pais, eu seria bem melhor que eles, né? E que um dia eu lutaria muito, trabalharia muito pra dar o melhor para os meus irmãos, eu sempre fui assim querendo dar o bom e o melhor para os meus irmãos, só isso porque eu vi eles sofrendo eu não importava comigo, eu me importava mais com eles porque a cabeça deles não era que nem a minha*

As ações atuais de Denise seguem seus sonhos e planos infantis com muita determinação. Há continuidade entre os primeiros e os passos que ela dá como jovem adulta: *“a minha irmã até hoje eu brigo com ela, pra estudar, pra trabalhar”. Pensei sempre nos meus irmãos, você sabe que é muito difícil, né? Realizar um sonho assim leva muito tempo. Mas todo final de semana eu estou lá com a minha família, eu vou visitar eles, visito minha irmã, ligo pra ela sempre pra saber como ela está, se está precisando de alguma coisa, entendeu? Mas é difícil,...”*

Perguntada como acredita que chegou a ter as idéias e ações presentes afirma que talvez tenha sido o sofrimento: *“por mais que eu tinha vergonha da situação que eu passava. Por mais que eu pedia esmola na rua, por mais que*

eu passava fome, eu tinha vergonha daquilo, eu não gostava. A minha família tinha tudo, sabe? Tinha casa e por uma besteira do meu pai acabou tudo, ele se envolveu com droga acabou levando minha mãe junto. Então a gente perdeu tudo, fui parar na rua e eu não me conformava com aquilo, desde pequena eu já pensava em juntar dinheiro, comprar uma casa e dar do bom e do melhor para os meus irmãos, só isso”.

Denise atribui à Aldeia e à denúncia de sua avó a possibilidade de ter uma vida diferente de seus pais. Compreende a denúncia como um cuidado com os netos, ela e seus dois irmãos. Tendo vindo de uma pessoa significativa como cuidadora de toda a família, é encarada como um pedido de auxílio a quem pudesse fazer algo; o significado **abrigo**, contrastado com a rua é literal: *”se eu não tivesse a Aldeia, se minha avó não tivesse denunciado meus pais eu estaria na rua agora, poderia muito bem estar morta essa hora, poderia estar viciada com droga sabe, bebida... pra conseguir uma grana poderia estar envolvida em muito mais coisa ruim, entendeu? Então eu agradeço muito à Aldeia por eu ter vindo pra cá, porque tive do bom e do melhor, escola, comida, roupa lavada, tudo que eu sempre quis, que uma criança quer do bom e do melhor, então eu agradeço muito”.*

Teve 4 mães sociais e considera que as trocas foram difíceis. A primeira mãe, *“super-legal”*, ficou pouco tempo. A segunda era bem agitada, totalmente diferente da primeira. Aí veio uma outra e finalmente a tia Mirtis, com quem teve desavenças, mas de quem agora é muito amiga.

Denise nunca perdeu o contato com a família. Embora seus pais morassem na rua, visitava a avó e encontrava sua mãe lá. Seu pai foi assassinado pelo tráfico e, segundo seu relato, a mãe, sem dinheiro para sustentar o vício, passou para a bebida e morreu de cirrose.

Em sua descrição essa história tem valor de exemplo, do que não fazer. Seus pais *“fizeram besteira, se perderam”*, mas além do sentimento de vergonha, Denise não tem nenhum outro sentimento negativo. Parece identificada com a força da avó e desenvolve habilidades de cuidadora, tanto na família como profissionalmente. Em relação a outros aldeanos *“que se perderam no mundo”*, fica triste pelo desperdício de oportunidade: *“como uma menina que morava comigo que ainda está na rua, ela fugiu da aldeia e por*

coincidência ela foi parar lá perto da casa da minha avó, né? Aí outro dia eu vi ela na rua, aí falei: meu Deus, o que é que você esta fazendo aqui, com um filho já no colo? Ela fugiu e continua na rua, sabe? A gente não tinha aquela amizade porque ela é totalmente diferente, porque eu não criticava nem nada. Mas eu vejo assim, meu, que futuro, cara! Ela tinha de tudo, poderia estar estudando tinha curso pra ela esta fazendo... “

Sua explicação de porque alguns caminham tão bem e outros não, é de que é algo interno, uma incapacidade de compreender que o que estava sendo oferecido não era eterno: “... *Vem de cada pessoa, eu não consigo te dizer, que eu não me conformo que a pessoa tem de tudo e põe tudo a perder, entendeu? Eu não consigo. Às vezes eu acho que é por isso, né? Eles tinham demais, tinha muito ali, não era cobrado muito, entendeu? Tinha algumas pessoas que achavam que isso ia durar pra vida toda, que a Aldeia ia ficar bajulando eles a vida toda, que ia pagar tudo a vida toda, que ia dar comida e roupa lavada a vida toda e ai acabou, né, se perdendo. Pra mim é isso.”*

Denise se descreve como observadora desde pequena, quando via que os meninos iam saindo e muitos voltavam lá pra pedir coisas, e brigavam com os diretores; relata como foi buscando maneiras distintas de agir: “*tenho que fazer a minha vida pra não acontecer isso comigo, pra não voltar aqui e pedir nada pra eles, né? E continuar com a minha vida”*.

Atualmente não considera nenhum irmão social como um verdadeiro irmão, mas daria tudo pelas amigas com quem mora. Já morou com irmãs de casa, mas estas tomaram outros caminhos. Uma teve filho, foi morar com o marido, outra preferiu morar com a mãe, mas permanecem unidas. “*Quando a gente se vê é aquela festa”*. Vive com três amigas em casa alugada e equipada com o dinheiro que tinha na poupança feita pelos padrinhos alemães, que só conhece por carta. Duas são aldeanas emancipadas da Aldeia de Poá. Moraram juntas em uma Casa de Jovens por um ano, um projeto que terminou por ser muito caro, porém deu a ela oportunidade de conhecer outras jovens e poder escolher aquelas com quem tem mais afinidade. Na sua casa, além das duas jovens de Poá, mora uma prima de uma delas.

Quanto ao contato com a família de origem, sua experiência é de que a Aldeia favorecia as visitas e férias. Quando eram pequenos a família devia

visitá-los na Aldeia, mas a partir dos 16 anos podiam sair sozinhos e ir para a casa da avó.

Denise completou o colegial e pretende fazer um curso de técnica em administração. Hoje trabalha na copa de um centro comunitário anexo à Aldeia. Está juntando dinheiro para esse curso e acha que *“ter tudo também já é demais né, é bom a gente lutar”*.

Em sua primeira resposta Denise apontou como rede significativa duas famílias. A tranqüilidade com que transita entre as duas parece facilitar o sentimento de autonomia e liberdade e permitir sua proximidade física com a Aldeia, em uma situação que pode ser considerada como muito favorável para uma jovem de 21 anos, com sua história de vida: - trabalho com carteira assinada e permanência de quase três anos no mesmo serviço.

Sua situação autônoma e ao mesmo tempo protegida estimulou minha pergunta sobre preconceito. Quando está em outros ambientes, as pessoas estranham quem morou em Instituição?

Denise procura não contar muito da sua vida, como foi criada, porque percebe preconceito desde que estava na escola. Em parte, atribui essa atitude a alguns aldeanos com mau comportamento. Prefere contar sua vida a partir do momento em que saiu da Aldeia.

O trânsito fácil entre as famílias, a alegria com que relata seu processo de emancipação e a gratidão para com a Instituição, ao mesmo tempo em que no mundo-lá-de-fora oculta esses aspectos identitários, sugere que os sentidos atribuídos à Aldeia, às mães sociais e demais aldeanos, assim como a vergonhosa (em suas palavras) experiência de viver na rua, constituem um *self* privado, não narrável em público. Denise está atravessando o caminho da Aldeia à cidade. Seu mais forte cartão de identidade adulta, que, em nossa sociedade é – “O que você faz?”, traz a assinatura da Aldeia. Talvez uma ponte entre duas identidades narrativas vivenciadas separadamente.

Avalia a Aldeia “do seu tempo” como muito melhor. *“As crianças respeitavam mais as mães sociais, sabe? Tinha uma certa educação, uma coisa mais família, entendeu? Hoje em dia não é mais a mesma coisa, agora as mães fazem entrevista é como se fosse, como posso dizer... Antes as mães participavam de um processo, iam para o Rio de Janeiro fazer uma capacitação*

para cuidar especialmente das crianças fragilizadas, parece que eram bem mais educadas, ... e agora, hoje em dia, meu, eu não sei o que acontece, as crianças são muito mal educados na minha opinião, não dão valor para o que têm, não respeitam as mães sociais, pra mim não está dando certo assim desse jeito, acho ainda que elas deveriam continuar com a capacitação das pessoas.”

Denise atribui a mudança para pior à falta de capacitação das mães. Supõe que hoje elas não fazem mais cursos como no seu tempo. Essa explicação é pouco explorada e por suas palavras posso concluir que ela não está a par do processo atual de capacitação, que, em minha avaliação é mais adequado às nossas condições. Na época a que Denise se refere, a capacitação era feita por um manual da KDI com forte viés europeu.

Sua observação introduz questões relacionadas à piora das condições sociais do bairro, das famílias da periferia e, talvez o que seria tema para uma outra pesquisa, a influência das drogas, que no caso de Denise arruinaram a vida de seus pais. Talvez **proteção** seja a palavra chave de sua leitura dos acontecimentos de sua vida.

Ela mora perto da Aldeia e relata que sua família às vezes pergunta porque ela não vai morar com eles. Reitera o afeto que nutre por todos seus parentes, mas se protege do contato, que descreve como inibidor de alternativas de crescimento quando afirma que: *“não dá, eu não consigo, eu quero ter minha vida, não sei. Minha irmã eu vejo ela lá, meu, ela não consegue fazer nada, ela não vai pra escola, sabe é muita gente lá na minha vó cria muita gente os netos dela muita criança, eu não consigo viver ali, ela não vai pra escola, não trabalha, porque a minha vó banca, minha vó cuida, né? Não consegue ir pra frente, então eu não consigo, não conseguiria ir morar lá. Visitar tudo bem, minha família, gosto muito mais não morar não”.*

Em todas as suas falas Denise repete: *“entende?”* e *“sabe?”* buscando confirmação para os sentidos que constrói para suas experiências. Essa maneira de se expressar é bastante freqüente em jovens de sua idade. Pode ser descrita como jogar o jogo “de manter convicções, e ao mesmo tempo, buscar legitimação”. Um jogo de linguagem encarnado em uma forma de vida transicional.

Sua última mãe social, que ainda trabalha na Aldeia, tem uma casa alugada perto da dela, então de vez em quando ela dá uma passada lá nos dias de folga dela, ou a mãe vai visitá-la. Denise foi contratada há sete meses mas trabalhou dois anos como estagiária e também gostava do serviço. No entanto não pensa em ficar a vida toda nesse emprego; quer terminar o curso e procurar uma coisa melhor.

Termina dizendo que ter vivido na Aldeia foi bom; tem muita gente que critica, mas *“eu dou graças a Deus de ter vindo pra cá, é muito bom”*.

Acredita que sua irmã atribuiria significados muito diferentes à experiência semelhante e sua explicação para essa diferença é: *“ela tem a cabeça muito pequenininha”*.

À pergunta:

Tinha mais alguém da Aldeia que foi uma pessoa de alguma importância pra você? Denise responde: *“Muitas, o primeiro diretor que chegou na Aldeia, que era o Luiz Marcos, a gente foi amigo, eu tenho amizade com ele até hoje, a gente se fala pela Internet, ele mora longe, mora lá em Minas, né? Mas é um excelente profissional, eu adorava ele, todo mundo adora ele. Tem a Clotilde também, que participou da casa de jovens, minha amiga também hoje. Tem a Silvia, que cuida da casa de jovens feminina de Santo Amaro, também muito minha amiga; então tem muitos profissionais aqui que tenho amizade, tem uns que gente não é bom lembrar né, mas tem uns que são legais demais, eu procuro sempre manter amizade.”*

Sob o viés da identidade, o eu-Denise-para-si-mesma busca espelhos que devolvem boas descrições, ocultando aquelas possivelmente menos legitimadas; seu eu-nós é amorosamente ligado a cuidadores.

O relacionamento com as linguagens do mundo-aqui-de-fora, e os intercâmbios possíveis a um jovem criado em instituição facilitam a expressão de alguns *se/ves* e dificultam outros. Aprender a se cuidar, administrar sua vida financeira, suas amizades e seus projetos de desenvolvimento, trabalhando em situação protegida é, no presente, uma estrada favorável para Denise trilhar.

V.4 Conversando com Suely – Análise e Interpretação

A entrevista com Suely foi marcada depois de algumas tentativas infrutíferas. O número de celular que recebi tanto de Mariana e como de Magui não respondia. Ela mora em uma viela que desemboca na esquina onde mora Mariana. Esta me forneceu o número do celular de uma vizinha que deu o recado e finalmente contatei Suely. Já nos conhecíamos. Ela fez parte do projeto Emancip-Ação do qual eu participei em dois momentos.

Combinamos um encontro na esquina da rua de Mariana com a viela, que é um labirinto, pois algumas casas de um lado avançam até metade do que seria a rua entre elas, que não tem calçada. Outras fazem o mesmo, do outro lado, de forma desencontrada.

Avisei quando estava chegando e Suely foi me buscar. Abraçou-me efusivamente, um pouco emocionada. Caminhamos até sua casa sob olhares curiosos da vizinhança. As casas são minúsculas e tudo que acontece em uma é observado por aquelas que são próximas. Dois de seus filhos estavam presentes. A mais velha varrendo a frente da casa e depois, terminando o almoço. O menino entrou e saiu algumas vezes respeitando o pedido de não interromper a mãe. Quando estávamos terminando, a terceira filha chegou da escola e a um sinal de dedos nos lábios da mãe, saiu em silêncio, sorrindo para nós.

Contei para Suely o que estava pesquisando, lembrei o que já tínhamos conversado sobre meu interesse a respeito da vida na Aldeia, explicado no primeiro encontro do projeto em 2004; expliquei seus direitos como participante da pesquisa. Como os jovens anteriormente entrevistados, ela concordou imediatamente e falou todo o tempo despreocupadamente, mas quase sempre bastante emocionada. Algumas vezes enxugava uma lágrima.

Suely está com 28 anos e tem 3 filhos. Deixou os estudos na 6ª série, quando engravidou, casou-se com 15 anos e se emancipou da Aldeia. Separou-se dois anos depois. Os outros dois filhos têm pais diferentes; atualmente está sozinha. Voltou a estudar, e fez o curso de auxiliar de enfermagem. A casa onde mora é sua, em área invadida; porém ela faz questão de esclarecer: *“invadi, mas pague!”*; no momento está desempregada.

O disparador da conversa foi a pergunta:

H. Então Suely, como eu te expliquei, eu queria saber sobre você. Quando hoje você pensa em quem você é, você pensa na sua relação com a família biológica, com a Aldeia, com mãe social, com os irmãos, com que outras coisas? O que você acha que tem em você hoje que é importante?

Suely suspira ao iniciar: *"Hoje o que tenho de importante, além de **me manter bem, manter forças, manter os filhos** minha casa, é acho que **minha família da Aldeia**; é importante, sabe? Tanto que eles vêm me procuram a gente conversa, a gente sai, é importante, mas acho que depois que você sai da Aldeia, acho que fica mais forte o **laço da família biológica**. Porque, eu nem sei te explicar, acho que fica mais forte. Ficou mais forte pelo menos o meu laço com a minha família biológica, entendi que eu nem sabia que gostava tanto deles como eu gostava, como eu descobri hoje, entendeu?"*

A primeira resposta abre um leque de narrativas com três tempos e três pertinências: o *self*-mãe com responsabilidades e preocupações do tempo presente, o *self*-órfã vivido na Aldeia, que abrange quase todo seu tempo vivido, em suas memórias, que foi renegado durante um período, e um terceiro somente conhecido pelo avesso, de um tempo mítico: o bebê, irmã-caçula-centro-das-atenções.

Foram feitas 80 intervenções durante a conversa; 40 foram palavras ou perguntas de seguimento, detalhamento ou esclarecimento sobre o que era relatado; 13 perguntas visavam obter explicação sobre as qualificações atribuídas a ações próprias ou de outros; 20 perguntas exploraram aspectos de temas apresentados pela entrevistada; uma pergunta introduziu o tema do preconceito e 6, versaram sobre planos para o futuro.

As narrativas de Suely entrelaçam os sentimentos de desvalia, do bebê mal cuidado, da revolta e reação e de uma tentativa presente de integrar as experiências, com muita dor.

A família biológica nomeada por Suely compõe-se de seis irmãos mais velhos e uma tia solteira, irmã de sua mãe que foi buscá-los no Rio, quando Suely era um bebê e seus pais morreram; primeiro o pai, e logo em seguida a mãe, ambos de hepatite.

“A gente morava no Rio, meus pais morreram ai a gente não tinha com quem ficar; minha tia, irmã da minha mãe, trouxe a gente do Rio pra São Paulo. Fomos morar no Tatuapé, moramos lá um tempo só que sete pra uma pessoa e solteira é complicado, a gente bagunçava muito [...] aí ela começou a ficar doente, psiquiatricamente falando, ai ela colocou a gente na FEBEM de Tatuapé. Ficamos lá alguns dias, aí tinha um medico da família que ajudava ela, ajudava a gente, né? Ele ficou muito bravo porque ela colocou a gente na FEBEM, aí ele foi buscar a gente,conheceu a Aldeia, ele fez com que ela tirasse a gente da FEBEM e entregou a gente pra Aldeia.”

Suely não lembra de sua chegada a São Paulo. Sabe por registros de sua história na Aldeia que veio primeiramente morar sozinha com a tia, que é também sua madrinha. Posteriormente esta tentou reunir os irmãos, mas não conseguiu mantê-los junto a si.

Foi para a Aldeia com três irmãos, uma ficou morando um tempo na casa do médico e os dois mais velhos foram encaminhados para uma instituição para adolescentes. Eles foram o primeiro grupo de vários irmãos a chegarem na Aldeia de Rio Bonito, em dezembro de 1982. As primeiras mães estavam sendo treinadas e as regras sendo criadas. O ECA não existia e a Aldeia não pretendia aceitar crianças com mais de oito anos.

As vicissitudes da vida de Suely na Aldeia são parte da constituição da identidade da própria instituição. O sonho de seus fundadores previa mães para crianças sem família. Encontrar-se com a realidade de famílias impossibilitadas legal ou factualmente de criar seus filhos exigiu um novo aprendizado.

A instituição estava buscando seu próprio modelo. Karin Essler, que nessa época era presença cotidiana na Aldeia, relata que teve que abandonar sua educação germânica e aprender com essa nova realidade. Na tentativa de gerar autonomia na relação com as mães, estas não eram fiscalizadas dentro de suas casas, mas muito cobradas por resultados. As crianças, também, e os eventuais desvios de seu desenvolvimento em relação às crianças “de famílias normais” eram aceitos como parte de seus déficits, numa linguagem que as descrevia como vítimas, com um vazio, machucadas, mas ao mesmo tempo havia um temor da má influência, dos maus costumes, e no limite, rondando

essas descrições, havia uma narrativa oculta da má herança genética. Essas práticas discursivas criaram realidades que se materializaram em uma escola dentro da Aldeia, com uma metodologia específica para dar conta desses déficits - a escola Labor.

Relatos de maus tratos de algumas mães sociais não são freqüentes nas histórias de aldeanos, mas existem.

Suely tinha mais de três anos quando foi para a Aldeia e isso explica suas lembranças da perda dos hábitos de bebê. Sua separação da tia-madrinha foi a segunda e seu processo de adaptação foi traumático: *“tinha mães que eram legais, mas têm outras que já não eram. A primeira foi a Laura, ela espancava a gente. Aquela mulher foi horrível, horrível. Eu usava fralda quando eu entrei na aldeia, eu tomava mamadeira, foi uma coisa muito traumática sabe que até hoje eu me lembro e fico muito triste em lembrar, porque quando eu entrei na aldeia eu usava fralda, tomava mamadeira, era criada como um bebê, meus irmãos me tratavam como um bebê, minha madrinha, minha tia irmã da minha mãe que criava a gente me tratava como um bebê então era o centro das atenções, entende? Quando eu entrei na aldeia isso foi chutado de mim, arrancado de mim de uma forma muito brutal, de um dia pro outro eu parei de usar fralda, de um dia pro outro eu parei de chupar chupeta, eu parei de tomar mamadeira, eu fazia xixi na cama e apanhava de corda, entende? Então, nossa, isso foi coisa que marcou muito pra mim, muito mesmo eu acho que foi a pior parte da vida na Aldeia...”*

Suas narrativas têm forte acento emocional, em geral de dor; as seqüências não são muito claras para ela.

“Eu não lembro o tempo, mas ela (a primeira mãe social) ficou um tempo lá, aí descobriram, não me lembro como, parece que a minha irmã, os meus irmãos mais velhos... aí ela foi mandada embora, e a gente foi morar com a tia Silvia. Então o que acontece é que eu fui morar com a tia Silvia, só que quando eu entrei na Aldeia eu era uma pessoa, quando eu saí dessa casa, daquela mulher eu fui pra casa da tia Silvia eu era outra, entendeu? [...] eu cuidava da casa, se eu queimasse um arroz ela descontava em mim entende, então isso tudo foi me deixando triste aí eu comecei me revoltar. Se eu ando direito o que eu ganho com isso, não ganho nada sabe, não ganho um elogio sabe,

ninguém fala, ninguém consegue ver, reconhecer, aí então eu vou virar, aí eu virei mudei toda minha opinião, aí me enxergaram. Me colocaram pra fazer terapia, aí todo mundo começou a ficar preocupado, ela está com problema, isso daí eu não achei legal. Porque quando a gente apanhava lá, eu acho que ali a gente merecia, merecia não, teria que ter uma terapia [...] Então eu não quis mais saber de nada, eu fugia, não pegava dinheiro de ninguém mas, eu fugia , não queria mais fazer nada, agredia as pessoas verbalmente, acho que foi tudo de lá dessa casa, a primeira”.

As linhas narrativas da entrevista de Suely exemplificam as quebras em suas relações e a ambivalência de sentimentos em relação aos adultos cuidadores e à Aldeia em geral. Fugiu, voltou, pediu para sair, foi morar com a madrinha. Tempos depois esta a levou de volta para a Aldeia. Ela não se adaptava em nenhuma casa, chegou a morar com o dirigente e durante todo o tempo em que viveu na Aldeia, *“rezava todos os dias para minha mãe vir me buscar”.*

Aos quinze anos engravidou, e escolheu se emancipar e casar. Em suas palavras foi uma decisão desastrosa. O dinheiro dos padrinhos que poderia contribuir para um início de vida autônoma foi usado para a compra de uma moto. Suely passou fome, esteve na rua, afastou-se dos irmãos de Aldeia, *“queria esquecer”.* Como espelho positivo levava apenas a tia Teca, a psicóloga com quem fez terapia, quando estava no auge da revolta. Como testemunho de pertencimento um pouco de história e uma foto de seus pais, que não conheceu: *“segundo algumas pessoas, morreram de hepatite; aí quando eles morreram, morreu um seguido do outro, eu era amamentada ainda, eu não sei da minha mãe, pelo menos hepatite eu não peguei, alguns irmãos meus pegaram também hepatite foram tratados tudo direitinho e depois a gente veio pra cá, mas eu tenho uma foto, muito velha, do casamento deles.”*

Quando Suely faz alguma descrição positiva da Aldeia, compara-a a uma família, especificamente a uma mãe ideal: *“Hoje em dia a Aldeia, a gente fala que foi uma coisa muito bacana, eu não digo uma mãe, porque acho que mãe é muito mais completo, uma coisa muito mais... aquilo foi uma, não tenho palavras, ela tentou passar pra gente que somos importantes, a gente somos seres humanos, precisamos de pessoas pra cuidar da gente, pra gente cuidar*

dessas pessoas, é carinho, então tudo isso, a gente tentou fazer uma família pra gente, entende? Então a Aldeia foi legal, acho que os valores que hoje eu tenho, eu achei que naquela jamais eu precisava”.

Indagada sobre a existência de alguém que a tivesse ajudado durante o período de sofrimento, de revolta, alguém com quem ela podia conversar, a resposta veio com uma expressão de felicidade: *“Tinha a tia Teca que era psicóloga. Eu gostava muito dela, quando eu comecei a fazer terapia ela começou a me dar atenção, assim eu me senti importante pra alguém, acho que todo mundo quer ser importante pra alguém. Então eu não tinha ninguém, ninguém me ouvia eu pensava que ninguém me ouvia, aí de repente eu comecei a fazer terapia e **alguém começou a se importar**, pelo menos **mostrou que eu era importante e começou a ser importante pra mim**, então eu fazia desenho pra ela, tudo que eu fazia eu pensava nela, eu falava: será que ela vai gostar? Aí eu fazia e levava pra ela ver, eu não via a hora de chegar a terapia, eu não via o dia de chegar a terapia. Comecei a me comportar melhor por causa dela, tudo por causa dela, então ela pra mim, ela foi um... tudo. Aí foi passando tempo além da terapia, acabou a terapia e ela continuou acompanhando, isso pra mim foi ótimo porque ela mostrou que gostava muito de mim, então ela tinha uma amiga que dava aula de ginástica olímpica, ela me apresentou pra ela e eu comecei a fazer ginástica olímpica, ela que arrumou datilografia pra mim, me incentivava ir, eu tinha reforço, ela quem me dava reforço, entendeu? Então ela foi muito legal pra mim, muito, muito importante. Pra mim ela foi, assim, era a única pessoa que me dava aquela atenção e se eu quisesse chorar eu poderia chorar, senta e chorar com ela ali, ela me abraçava e falava. Suely, não fica assim, vai ficar tudo bem entendeu, e eu acreditava era a única pessoa entendeu, depois quando ela saiu passou a ser a tia Magui, a tia Magui era bacana. Ela conversava muito com a gente, ela tentava, ela era atacadinha, ela era uma super mãe assim, ela dava bronca, colocava de castigo, **mas ela brigava muito por causa da gente**, isso era muito legal..”*

Suely correu muitos riscos. Descreve como viveu na rua, andou com más companhias e exerceu atividades erradas. Tem três filhos, de três pais. Deixou de estudar na 6ª série quando engravidou, o que foi *“um pesadelo”*. A

própria direção da Aldeia, naquela ocasião não estava preparada para situações como essa e, em suas palavras fez chantagem com a relação mais preciosa que ela tinha, dizendo “se você não estivesse grávida, a tia Teca ia te adotar”.

Em relação à gravidez, Suely também imagina uma outra narrativa, caso tivesse mãe: “... por isso que eu falo que **a Aldeia tentou ser mãe**, porque por mais que você tivesse psicólogo, psiquiatra, não sei o quê, educação sexual, escola particular, não sei o quê, por mais que você tenha tudo isso, uma mãe é muito diferente, porque a mãe vai conversar com você, entra na sua cabeça diferente eu não sei te explicar, e talvez se tivesse... hoje eu converso com a minha filha e eu explico pra ela sabe, eu acho que faltou pra mim mesmo a minha mãe, eu sentia muita falta dela. Uma decisão errada foi ter engravidado, entende? Com a idade que engravidei começou ai tudo errado, segunda decisão foi ter peitado a Aldeia e saído de lá pra ir morar com ele entendeu, isso foi horrível.”

Hoje narra essas experiências como um aprendizado: “acho que tudo que a gente passa tanto bom quanto ruim, a gente tem que ver como uma lição. Então sofri, sofri fiz outras pessoas sofrerem também com as minhas burrices, eu não sofri sozinha”. Fica muito triste quando não tem dinheiro para necessidades de seus filhos. Sente-se culpada, tem planos de mudança de casa, mudança de vida, mas suas múltiplas auto-descrições ainda não oferecem pontes entre um jeito de estar no mundo e outro mais desejado.

“então é tudo muito difícil; tem dia que falta coisa aqui, sabe, e eu choro porque eu fui ter (os filhos), porque isso tudo é culpa minha, entende? Eu não posso resolver então eu começo a ficar mal, mal, ai eu saio vou fumar cigarro, ando por ai choro bastante; fiz meus filhos sofrerem e até hoje, por causa disso, eles sofrem também, então não é fácil pra mim também, não só pra eles.”

Há quatro anos, havia um número significativo de ex-aldeanos, como eram chamados, em situação parecida com a de Suely: histórias confusas sobre si mesmos e sobre o significado da vida na Aldeia: ora, sentiam-se enganados, abandonados, exigindo ajuda e solução para seus problemas, ora

acusavam-se de ter aprontado, não ter aproveitado, ao mesmo tempo em que descreviam a Aldeia como “tendo passado muito a mão na cabeça”

A direção nacional decidiu contratar um educador social para receber e ajudar os jovens em suas tentativas de conseguir emprego. Vários deles perderam mais de uma vez seus documentos e não conseguiam se organizar para buscar trabalho. O educador contratado, José Maria, desenvolveu uma relação de amizade com firmeza. Em seu escritório: uma sala muito simples, na Cidade Dutra, relativamente perto da Aldeia, não tinha nem café. Ele não dava um único peixe, mas auxiliava na pesca. Quando dava dinheiro para alguém ir a uma entrevista, fazia questão da prestação de contas, até o último centavo.

Suely descreve como dessa relação foi importante para seu caminho em direção à autonomia. Estava vivendo com o pai de sua terceira filha, Giovana, quando resolveu sair de sua situação de dependência: *“eu estava sem estudo, dependente, aí comecei a falar eu quero estudar, eu quero fazer alguma coisa, não quero mais ficar em casa, então falei pra ele que eu queria estudar e aí começamos a brigar. Terminei a 6º a 7º a 8º, depois fiz o 1º, 2º e 3º, isso tudo brigando. Quem ajudou muito foi o Zé Maria. Ele me ajudou muito com o curso de auxiliar, ele foi uma pessoa muito importante pra mim porque quando eu estava bem ele me ligava e a gente conversava e a gente ria, quando eu estava ruim a gente conversava e eu chorava e depois a gente ria, e ele falou não fica assim, você vai conseguir, você é uma pessoa determinada, ele me deu muita força. Ele foi uma pessoa muito importante nessa época pra mim, muito mesmo. Aí, o Zé Maria conversou com a Dona H. e ela foi a intermediadora da bolsa e eu consegui fazer o curso de auxiliar de enfermagem.”*

Atualmente Suely mantém os vínculos com seus irmãos biológicos, que não têm condições materiais de ajudá-la, mas são fortes referências afetivas. Também atribui maior importância a seus irmãos de casa ou de Aldeia.

“Agora muito mais que lá na Aldeia, antes eu nem queria muito me relacionar, eu queria meio que esquecer. né? Hoje em dia não, hoje em dia eles me ligam a gente conversa ontem o Fernando estava aqui entende, outro dia eu fui pra casa onde está morando o Wilson. Fomos pra lá, ficamos conversando tudo, o João, de vez em quando a gente se encontra”.

Perguntei se o projeto Emancip-Ação, o processo de nove meses de encontros semanais visando a construção de uma rede de auto-ajuda entre aldeanos emancipados em situação de risco, tinha ajudado:

H. E aquele processo com a Regina* têm alguma importância pra você?

* Regina Wrasse foi coordenadora do projeto Emancip-Ação.

“Olha eu penso que esse contato com os ex-aldeanos veio a fortalecer depois que acabou esse curso que a gente teve, porque antes era só alguns. Hoje não, hoje eu converso com eles tento entender, às vezes um está brigando com o outro, e eu digo: isso é pouco, vamos conversar, antes eu não queria nem saber, entendeu? Hoje não, hoje eu vejo bem diferente e eu penso que foi depois do curso, eu só não entendo o porquê, mas foi só depois, acho que veio fortalecer um pouco mais.”

Talvez esse seja um bom resultado para a emancipação de um filho: algo que é bom, que passa a fazer parte do seu *self* relacional, sem passar por descrições racionais.

Suely, em momentos importantes de seu desenvolvimento viveu um vazio narrativo. Saiu do peito de sua mãe, ainda sem palavras; dos braços de sua madrinha, de ser o centro de atenções, para ir para uma FEBEM e depois para a Aldeia, onde foi para uma casa com uma mulher que não sabia cuidar de uma menina de três anos que *“era um bebê”*, Depois de uma narrativa de *“madrasta da Cinderela”*, *“horrível, horrível, traumática”*, Suely relata o tempo do vazio: não ser vista, não ser ouvida. Quando decide ser vista pelo avesso, lhe é oferecida uma relação que possibilita melhores histórias, com a tia Teca. Suely experimenta rebeldia, *“peita a Aldeia”*, casa com 15 anos e se emancipa. Inicia uma carreira de mãe sozinha que poderia seguir um triste e conhecido caminho de dependência em dependência de novos companheiros, dando a cada novo parceiro um filho para compensar os outros que ele assume. Parou com 21 anos e há sete anos busca seu desenvolvimento e a manutenção dos filhos.

O suporte de José Maria e a bolsa para o curso foram decisivos, mas só puderam ser efetivos porque ainda havia possibilidade de Suely confiar. A palavra que resume as narrativas de Suely sobre si mesma é **dor**. Suely dói.

Dói de perda, dói de medo, mas sua dor ainda tem possibilidades de cicatrizar. Escolheu um ofício de cuidar e curar. Tem um sonho em suas palavras inatingível: fazer medicina, mas ainda pretende fazer o curso técnico de enfermagem. Cuidar-curar e ao mesmo tempo cuidar-se e curar seus ferimentos. Um emprego digno é sua prioridade. Seu primeiro trabalho foi em um asilo tão mal cuidado que ela saiu com medo de que houvesse alguma denúncia pela negligência com os idosos.

Como nas três entrevistas anteriores, perguntei como ela acha que as pessoas olham, quando sabem que foi criada em uma instituição e a resposta foi de que acaba chamando atenção, *“mas pelo lado de dó, pelo lado de pena, pelo lado de coitada, é assim que a partir dali eu já sou vista como uma forma diferente, então eu não gosto que as pessoas me vêem dessa forma.”*

V.5 A Família SOS - co-constructora das identidades de Ricardo, Mariana, Denise e Suely.

Ricardo define a **Aldeia** como realmente importante, com aspectos positivos e negativos, mas acredita que o positivo foi maior, especialmente pelo carinho e exemplos que recebeu da sua mais importante **mãe social**. Manter contato com sua **família biológica** permitiu-lhe uma compreensão sobre seu abrigo que o impulsiona a lutar para que menos pessoas passem pela mesma situação. Um **dirigente homem**, modelo de pai, faz parte de suas narrativas de identidade e a **rede a partir da Aldeia** ainda é um suporte em seu caminho rumo à cidade, e à cidadania. Enfrenta o **discurso do preconceito** contra o “menor institucionalizado”, construindo o **contra-discurso** de sua própria história.

Mariana pensa em sua **mãe social**. Inspira-se nela. Recebeu muito amor, muito carinho, acredita que ela fez tudo que poderia pelo seu bem estar e o de sua irmã; procura levar sua vida como ela; e oferece ao filho tudo o que recebeu; descreve-se como responsável, capaz de viver sem depender da Aldeia. Vive com uma irmã biológica e um irmão de casa, constituindo um arranjo fraterno onde irmão de sangue e **irmão social** são equivalentes. Relata que aprendeu a lavar, passar, cozinhar, portanto, em sua vida atual a **Casa**

onde viveu faz parte de seu repertório de ações. Traz, também, como parte de seu eu-nós um modelo positivo de pai, o **dirigente**, mantém contato tanto com a **família biológica** como com a família de sua mãe social, que constitui uma **rede** a partir da **Aldeia** e esta, por sua vez, é um lugar para se reunir, contar histórias, rever amigos, o equivalente a uma **família extensa**, que na vida adulta usualmente tem esse lugar mais periférico. Não gosta das ofertas identitárias dos discursos do **preconceito**. Oculta sua história, não por vergonha, mas como defesa.

Denise nomeia como importantes dois irmãos de sua extensa **família biológica**: a família que foi com ela para a Aldeia, os irmãos que passaram pelo que ela passou, moraram na rua e foram retirados do convívio com os pais. Importante também é a **Aldeia** e a **família da Aldeia**: mantém contato com a **mãe social** de quem é muito amiga e viaja para visitar a família dela que mora fora de São Paulo; considera que agora tem duas famílias. Denise é a mais jovem das entrevistadas e está iniciando sua trajetória rumo a autonomia. Em sua vida, a Aldeia não foi um destino até a maioridade, mas um refúgio para o momento mais difícil de sua família biológica. Um lugar controlado por sua avó de onde sempre era possível sair. Ao mesmo tempo é, entre os quatro exemplos, a que conta com a Aldeia como recurso para sua subsistência, não como provedora mas como um exercício para o mundo-aqui-de-fora, em relação ao *self* profissional. De modo semelhante a Mariana, Denise evita enfrentar o **discurso do preconceito** em relação a ter sido institucionalizada, por defesa; em relação à sua experiência de moradora de rua, por vergonha.

Suely nomeia como importante manter-se, ter forças para manter os filhos e a casa; a **família da Aldeia** é importante, mas depois de sair de se emancipar, ficou mais forte o laço com a **família biológica**, de quem nem sabia que gostava tanto como veio a descobrir. Suas narrativas têm poucos personagens que atuaram como espelhos positivos. Os laços com irmãos biológicos e sociais são construções mais recentes.

Segundo Margarida Gioielli, a tia Magui: *“Todos tem memórias muito boas, às vezes romanceadas, e também memórias ruins. Nesse sentido existe um chão... mas também um esquema de funcionamento onde a Aldeia é a provedora, é a grande mãe e eles vão estar o tempo todo se relacionando com*

a Aldeia, maternal e não necessariamente com a mãe sócia l.... mas a grande maioria deles teve pelo menos uma relação com uma mãe social que eles identificaram como uma pessoa importante, uma relação importante de maternagem.”

Dos quatro entrevistados, Suely é a única que não descreve uma relação importante de maternagem, nem um adulto cuidador que seja modelo para sua vida. Suas narrativas são marcadas por sentimentos de solidão, medo, revolta. Ela descreve experiências semelhantes às de suas duas companheiras de Aldeia, em relação ao **discurso do preconceito**.

A comparação dos relatos das três mulheres com o de Ricardo, em relação a esse discurso sugere uma pergunta: será que o preconceito em relação às crianças institucionalizadas, categorizadas como abandonadas por suas famílias, manifesta-se como pena, em relação a meninas e medo, no caso de meninos? Embora haja também adolescentes do sexo feminino na condição de - “em conflito com a lei”, é maior a presença na mídia de “menores infratores”, como ainda são denominados os adolescentes do sexo masculino na mesma situação.

As entrevistas analisadas permitem uma comparação com situações semelhantes, descritas por famílias ditas estruturadas, isto é, quando os filhos seguem os caminhos esperados, interessando-se pelos estudos e pela adesão às regras do mundo do trabalho, sua relação com os pais é considerada normal, não levando à procura de terapias ou ao recurso a outros especialistas em educação ou saúde mental.

A rede tecida a partir da Aldeia é descrita como relevante nas quatro entrevistas, seja através dos padrinhos – apoio financeiro, seja através de mães sociais ou outros adultos significativos, como dirigente, psicóloga ou, no caso de um apoio pós-Aldeia, o educador social, uma rede que oferece orientação e apoio emocional, e se mostra indispensável para sustentar o caminho dos jovens em direção à maioridade.

VI Considerações finais

Ao analisar as relações entre família e instituição em nossa história escolhi inicialmente o lugar da criança, para quem um sistema protetor não é uma escolha, mas uma necessidade.

Descrevi, então, ‘família’ como um conjunto de pessoas, composta por um ou mais adultos com funções mais ou menos especificadas e discriminadas por seus nomes que constituem diferentes tipos de relação: quem alimenta, quem dá ordens, quem acalma os medos, quem alivia a dor, quem aceita e interpreta as comunicações: – choro e outras expressões, quem obedece quem, quais as regras de participação de cada um, etc.

À experiência de viver em um sistema assim eu denominei **Pertencimento**.

Entre aldeanos emancipados, existem jovens perplexos e ressentidos que acreditavam que a Aldeia era para sempre. (Wrasse e Coutinho, 2005).

Emprestando as palavras de Bauman (2005, p.17), a descoberta de que a Aldeia não era o seu destino, seu mundo, tornou-os conscientes de que o pertencimento e (aquela) identidade não tinham a solidez de uma rocha, não eram garantidos para toda a vida, eram bastante negociáveis e revogáveis, e as decisões que eles vierem a tomar, os caminhos que percorrerem, a maneira como agirem – e a determinação de se manterem firmes, ou não, a tudo isso - serão fatores cruciais tanto para o “pertencimento”, quanto para a “identidade”.

Conversando com quatro jovens também criados na Aldeia SOS de Rio Bonito, a consciência de que pertencimento e identidade são construções permanentes, foi apresentada por narrativas singulares.

Encontrei Ricardo que viveu a Aldeia como uma imigração forçada, porém útil, uma oportunidade para a terceira migração que está fazendo, para a vida aqui fora. Ele mantém os vínculos com suas pertinências anteriores, fala pouco a língua materna, bastante a do país de adoção – a Aldeia, e pratica com garra a língua da cidade. Eu resumiria seu estar no mundo, a resposta a: “quem é Ricardo”, com a frase: **fui ajudado, ajudo e quero ajudar**.

Conheci Mariana cuja experiência de pertencimento à Aldeia foi uma sólida base para manter os laços com o povo de origem: a manutenção dos

laços fraternos durante todo o tempo de sua permanência na instituição e a saída para morar com a irmã, parecem ter deixado um lugar implícito para a mãe. O Sr. Antonio, como narrador oficial da história, como autor da ligação entre as duas pertinências manteve a memória do lugar da mãe. Quando esta se materializa, já havia uma narrativa prévia de cuidado com outra irmã e isso é suficiente para ser acolhida. Mariana fala as duas línguas, e tem clareza de que ensinará para seu filho a língua materna número dois – de sua mãe social.

Como frase-resumo de sua identidade presente, escolho: **fui cuidada, cuido e quero cuidar.**

Denise, a mais nova do quarteto que compartilhou comigo suas histórias, tem na Aldeia uma segunda casa mais segura. O eixo do sistema cuidador foi a avó que nunca perdeu o contato com o sistema auxiliar por ela escolhido. Sua denúncia, um pedido de socorro, ofereceu para Denise e seus dois irmãos, abrigados na mesma ocasião, um espaço auxiliar do qual sempre soube que poderia sair. Atualmente, ela prefere manter-se mais próxima deste segundo contexto que considera favorável ao seu desenvolvimento e autonomia, enquanto mantém os laços afetivos com a avó e irmãos.

Seu processo é semelhante ao de jovens criados com seus pais que escolhem uma universidade em outra cidade, para aprender a linguagem do mundo-lá-de-fora. Uma frase para resumir quem é Denise: **fui protegida, protejo e quero proteger.**

Suely é a mais velha dos quatro entrevistados e foi para a Aldeia como um bebê, quando a própria instituição dava seus primeiros passos. Sua trajetória tanto lá, quanto fora, foi mais tumultuada. Quando a conheci estava iniciando um período de construção do que Michael White (2000) denomina “histórias preferíveis”. Contar com Zé Maria, participar do projeto Emancipação e fazer o curso de auxiliar de enfermagem, exigiu esforço, persistência e principalmente sua escuta a novas vozes que lhe ofereceram melhores descrições. A história de quem é Suely pode ser resumida assim: **eu sofri, causei sofrimento, quero cuidar-curar.**

Entre as descrições de passado e de futuro, a sustentação do presente ainda é precária. Das quatro entrevistas, sua passagem da Aldeia à cidade apresentou mais vicissitudes.

Suas narrativas apresentam-na como consciente de que a identidade “das burrices”, não tem a solidez de uma rocha, não é um estigma para toda a vida, é revogável e negociável, e as decisões que ela vier a tomar, os caminhos que percorrer e a maneira como agir serão fatores cruciais tanto para o “pertencimento”, quanto para a “identidade”.

Lembrando Gergen (1996, p.186) “o *self* não é uma propriedade do indivíduo, mas dos relacionamentos, – produto do intercâmbio social. De fato, ser um *self* com um passado e um futuro potencial não é ser um agente independente, único e autônomo, mas um ser imerso na interdependência”.

O futuro potencial de Suely, como de qualquer outra pessoa, vai sendo tecido na interdependência. Essa compreensão de *self* não é coerente com a categoria independência, mas permite refletir sobre o capital social que cada um pode utilizar em suas relações.

Castells (1999b), categoriza os processos sociais como estruturados por relações historicamente determinadas de **produção, experiência e poder** ampliando as análises marxistas, focadas na produção e poder, com a categoria **experiência** que entende como “a ação dos sujeitos humanos sobre si mesmos, determinada pela interação entre as identidades biológicas e culturais em relação a seus ambientes sociais e naturais”.(1999a, p.33).

Na corrida de obstáculos do mundo-aqui-de-fora, Suely está em busca de ampliar seu capital social prosseguindo os estudos. É possível que mais uma experiência positiva como estudante contribua para seu querer cuidar-curar; entretanto, ouvir seus relatos de tristezas, momentos de desânimo e auto-acusações, reafirma minha compreensão de que nesse caminho um elemento chave é a consolidação de uma rede de conversações legitimadoras, suporte para que ela possa realizar ações ampliadoras de seu *self* cultural.

Saio dessa experiência com muito mais questões sobre **nós, do mundo-aqui-de-fora**; questões sobre a responsabilidade dessa sociedade que, na defesa das crianças e adolescentes, recentemente criou o ECA, os Conselhos Tutelares e a legislação sobre abrigo, mas não está preparada para maioria deles.

Os jovens criados em instituições saem com um carimbo de “menor institucionalizado”, uma identidade negativa construída desde o Brasil colônia,

consolidada no Império e sancionada na República. Desembarcam literalmente desabrigados

Esta experiência de conhecer os atores e cenários das narrativas de passagem à maioria ensinou-me a considerar a rede de apoio necessária nesse período como a categoria mais significativa, para contrabalançar outra categoria apontada por todos os entrevistados: o discurso do preconceito e as práticas discriminatórias decorrentes.

A cidade recebe os egressos de instituições como coitados ou marginais.

As Aldeias Infantis SOS Brasil têm feito seu caminho de aprendizado de passagem de um modelo europeu de aldeia para um brasileiro de periferia de cidade grande. Na construção de identidade de seus filhos, considerei como constitutivas a mãe e os irmãos sociais e a casa e Aldeia como o cenário para essas relações.

Termino este processo considerando tão importantes quanto a qualidade dos vínculos com a mãe social durante a permanência na instituição, a manutenção após a saída, de laços com irmãos de casa ou de Aldeia, com outros adultos significativos como modelo, conselheiro ou apoio emocional para que os jovens emancipados encontrem um lugar como legítimos membros da sociedade.

Quantos jovens das famílias de todos os estratos sócio-econômicos, estão aptos, aos dezoito anos, para viverem sozinhos, fora da casa de sua família?

É esperado, em nossa sociedade que um adulto abandone completamente o que constituiu sua rede pessoal significativa na infância e adolescência?

Conflitos de identidade não são exclusivos de jovens criados em instituições.

Tensão e contradição são ônus de uma sociedade complexa, cujas práticas discursivas derivam de inúmeros discursos, muitas vezes incompatíveis entre si. Entre os ganhos encontram-se a possibilidade de escolha e a flexibilidade de modelos, mas escolha e flexibilidade não estão democraticamente distribuídas.

O conjunto de atributos culturais inter-relacionados que prevalecem sobre outras fontes de significado, que está na base do processo de construção de significados que cada pessoa dá à sua história, e que constituem sua identidade, é historicamente construído por vozes sociais hegemônicas cujos discursos categorizam valorizando ou desvalorizando, legitimando ou deslegitimando alguns atributos cujos exemplos mais notórios são: raça, sexo, família de origem, poder econômico.

Que outras funções seriam necessárias à rede de sustentação de crianças mais fragilizadas por suas experiências precoces?

Bibliografia

ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: IEE PUC-SP, 2003. 316 p.

ALMEIDA, A. M. (Org.) **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Co-edição Espaço e Tempo/Editora da UFRRJ, 1987. 136 p.

_____. **Família e modernidade: o pensamento jurídico brasileiro no século XIX**. São Paulo: Porto Calendário, 1999. 119 p.

ALMEIDA, T. A nossa casa: uma sessão estruturada na terapia de família com crianças. In: CRUZ, H. M. (Org.). **Papai, mamãe, você... e eu?: conversações terapêuticas em famílias com crianças**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 313 p.

ANDERSEN, T. A Linguagem não é inocente. **Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 7. p. 5 - 11, nov. 1995.

_____. **Processos reflexivos**. Tradução de Rosa Maria Bergallo. Rio de Janeiro: Instituto NOOS/ITF-RJ, 1996. 149 p.

ANDERSON, H.; GOOLISHIAN, H. Los sistemas humanos como sistemas lingüísticos: implicaciones para la teoria clínica y la terapia familiar. **Revista de Psicoterapia**, v. II, n. 6/7, p. 41 - 72, 1988.

ATLAS AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (2000) Disponível em http://www.prodam.sp.gov.br/svma/atlas_amb/menu2.htm

BACELLAR, C. A. P. Abandonados nas soleiras das portas: a exposição de crianças nos domicílios de Sorocaba, séculos XVIII e XIX. In: FUKUI, L. F. G. (Org.). **Segredos de Família**. São Paulo: Annablume, 2002. 140 p.

BAKTHIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frasteschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997b. 196 p.

BATESON, G. **Pasos hacia una ecología de la mente**. Traducción Ramón Alcalde. Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1991. 549 p.

BATESON, M. C. **Peripheral visions: learning along the way**. Nova York: HarperCollins, 1994. 235 p.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 110 p.

BOWEN, M. **Family therapy in clinical practice**. Londres: Jason Aronson, 1990, 553 p.

BOUSQUAT, A.; COHN, A. A construção do mapa da juventude de São Paulo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 60, p. 81 - 96, 2003.

BRUNER, J. S. **Atos de significação**. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 130 p

_____. **Comment les enfants apprennent à parler**. Paris: Retz, 1987, 127 p.

CAPRA, F. **O Ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982. 447 p.

CARTER, B./ MCGOLDRICK, M. (Eds.). **The expanded family life cycle**: individual, family, and social perspectives. Boston: Allyn & Bacon, 1999. 541 p.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 2. ed. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999a. 617 p. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, vol. 1).

_____. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999b. p. 529. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, Vol. 2).

CHOMSKY, N. **Linguagem e pensamento**. Tradução de Francisco M. Guimarães. Rio de Janeiro: Vozes, 1971. 127 p.

CIAMPA, A. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org). **Psicologia Social**: o homem em movimento. 4ª reimpr. da 13ª ed. de 1994. São Paulo: Brasiliense. 2004. 220 p.

CORREA, M. A cidade dos menores: uma utopia dos anos 30. In: Freitas, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 282 p.

CRUZ, H. M. (Org.). **Papai, mamãe, você... e EU?**: conversações terapêuticas em famílias com crianças. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 313 p.

CRUZ, H. M. **Mãe Coragem**, (2006a) Disponível em http://www.familiae.com.br/instituicao/textos/mae_coragem.htm

CRUZ, H. M. **Institutionalized Children: who decides they lost their families?** (2004) Disponível em http://www.familiae.com.br/Institutionalized_Children.htm

CRUZ, H. M. **E no dia dos pais?** (2006b) Disponível em http://www.familiae.com.br/textos/e_no_dia_dos_pais.htm

DEKEUWER-DÉFOSSEZ, F.; DONVAL, A.; JEAMMET, P.; ROULAND, N. **Inventons la famille!** Paris: Bayard Editions, 2001. 245 p.

DEL PRIORE, M. (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. 436 p.

DI LORETO, O. **Origem e modo de construção das moléstias da mente (Psicopatogênese):** a psicopatogênese que pode estar contida nas relações familiares. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 287 p.

D'INCAO, M. A. (Org.). **Amor e família no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1989. 160 p.

DUPAS, G. Filantropia e capitalismo global. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 nov. 2006. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0211200609.htm>

Estatuto da Criança e do Adolescente 1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069>

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 201 p.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise.** 2. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. 322 p.

FONSECA, C. Pais e filhos na família popular (início do século XX). In: D'INCAO, M. A. (Org.). **Amor e família no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1989. 160 p.

FREITAS, M. C. (Org.) **História social da infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, 1997. 334 p.

FREUD, S. **O ego e o id.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIX).

GERGEN, K. J. **Realidades y relaciones:** aproximaciones a la construcción social. Traducción Ferran Meler Ortí. Buenos Aires: Paidós, 1996. 398 p.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 233 p.

GONÇALVES, M. A. Expostos, rodas e mulheres: a lógica da ambigüidade médico-higienista. In: ALMEIDA, A. M. (Org.). **Pensando a família no Brasil:** da colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987. 136 p.

GRANDESSO, M. **Sobre a reconstrução do significado:** Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 422 p.

GUANAES, C. **A construção da mudança em terapia de grupo:** um enfoque construcionista social. São Paulo: Vetor, 2006. 287 p.

HARTMANN, H. **Ego psychology and the problem of adaptation.** Nova York: International Universities Press, 1961. 121 p.

HOFFMAN, L. **Exchanging voices: a collaborative approach to family therapy.** Londres: Karnac Books, 1993. 221 p.

IBÁÑEZ-GRACIA, T. Como se puede no ser construcionista hoy em dia. In: IBÁÑEZ-GRACIA, T. **Psicologia social construcionista.** 2. ed. México: Universidad de Guadalajara, 2001. p. 245 - 257.

_____. O giro lingüístico. In: IÑIGUEZ, L. (Org.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais.** Tradução de Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis: Vozes. 2004. p. 19 - 49.

IÑIGUEZ, L. Prática da análise do discurso. In IÑIGUEZ, L. (Org.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais.** Tradução de Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 105 - 160.

KALOUSTIAN, S. M. (Org.) **Família brasileira, a base de tudo.** 5. ed. São Paulo: Cortez/UNICEF, 2002. 183 p.

KERNBERG, O. F. **Object-relations theory and clinical psychoanalysis.** New York: Jason Aronson, 1976. 299 p.

KOERNER, A. Posições doutrinárias sobre o Direito de Família. In: FUKUI, L. F. G. (Org.). **Segredos de família.** São Paulo: Annablume, 2002. 140 p.

KOHUT, H. **The analysis of the self: a systematic approach to the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders.** Madison: International Universities Press, 1982, 368 p.

LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.) **Psicologia Social: o homem em movimento.** 4ª reimpr. da 13ª ed. de 1994. São Paulo: Brasiliense. 2004. 220 p.

LOPES, J. R. Os caminhos da identidade nas ciências sociais e suas metamorfoses na psicologia social. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v.14, n.1, p. 7 - 27, 2002.

LÓPEZ, R. M. M. **Uma família institucional à brasileira: a experiência na Aldeia Infantil SOS.** 2001. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MALDONADO, I. Bosquejos en progreso hacia una teoría relacional del self. **Sistemas Familiares**, Buenos Aires, ano 15, n. 2, jul. p.31 – 41, 1999.

MARCÍLIO, M. L. **História social da criança abandonada.** São Paulo: Hucitec, 1998. 331 p.

_____. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil: 1726-1950. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, 1997. p. 51 - 79.

_____.; VENÂNCIO, R. P. Crianças abandonadas e sua primitiva forma de proteção: séculos XVIII e XIX no Brasil. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 7., 1990, Belo Horizonte. **Anais v. I...** Belo Horizonte: Abep/CNPq, 1990. p. 321 - 338.

MARIN, I. S. K. **FEBEM, família e identidade: (o lugar do outro)**. 2. ed. São Paulo: Escuta, 1999. 123 p.

MATURANA, H. **Emociones y lenguaje en educación y política**. 4. ed. Santiago: Ediciones Pedagógicas Chilenas. 1990. 98p.

_____. **A ontologia da realidade**. Organização de Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 350 p.

_____.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e Brincar - Fundamentos esquecidos do humano**. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athenas, 2004. 266 p.

McNAMEE, S.; GERGEN, K. J. **A terapia como construção social**. Tradução de Cláudia Oliveira Dornelles. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 259 p.

MEDRADO, B. Das representações aos repertórios: uma abordagem construcionista. **Psicologia e Sociedade**, v. 10, n.1, p. 86 - 103, 1998.

MESGRAVIS, L. A assistência à criança desamparada e a Santa Casa de São Paulo: a roda dos expostos no século XIX. **Revista de História**, São Paulo, v. 103, n. 2, p. 401 - 423, 1975.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Qualitativo-quantitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239 - 262, set. 1993.

MONARCHA, C. Arquitetura escolar republicana: a Escola Normal da praça e a construção de uma imagem de criança. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

MORIN, E. **Introducción al pensamiento complejo**. Traducción M. Pakman. Barcelona: Gedisa, 1994. 167 p.

MOTTA, M. A. P. **Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção**. São Paulo: Cortez, 2001. 287p.

MOURA, E. B. B. Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo. In: DEL PRIORE, M. (Org.) **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 259 - 288.

NOVAES, S. C. **Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros**. 1990. 256 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, R. C. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976. 118 p.

RORTY, R. **El giro linguístico**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990. 168 p.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 348 p.

SANTOS, M. A. C. Criança e criminalidade no início do século. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 210-230.

SARTI, C. A. **A Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003a. 152 p.

_____. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Org.) **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: IEE/PUCSP, 2003b. p. 21 - 36.

SLUGOSKI, B. R.; GINSBURG, G. P. Ego identity and explanatory speech In: SHOTTER, J.; GERGEN, K. J. (Eds.) **Texts of identity**. London: Sage, 1989. 244 p.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. 169 p.

SHOTTER, J. **Conversational realities: constructing life through language**. Londres: Sage, 1994. 201 p.

SILVA, R. **Os filhos do governo: a formação da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998. 205 p.

SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 147 p.

SPINK, M. J. (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 296 p.

SPINK, M. J.; FREZZA, R. M. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. In SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 296 p.

SPINK M. J.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez,

SPINK M. J.; MENEGON, V. M. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez,

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Data UFF/PROEX. **Aldeias infantis SOS – Brasil: adultos SOS emancipados**. Niterói: Núcleo de Pesquisa e Informação da Universidade Federal Fluminense, 2003.

VENÂNCIO, R. P. **Famílias abandonadas**: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – Séculos XII e XIX. Campinas: Papyrus, 1999a. 190 p.

_____. Os aprendizes da guerra. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999b. p. 192-209.

VIGOTSKY, L. S. **Thought and language**. Translated by Eugenia Hanfmann and Gertrude Vakar. Cambridge: MIT Press, 1962. 168 p.

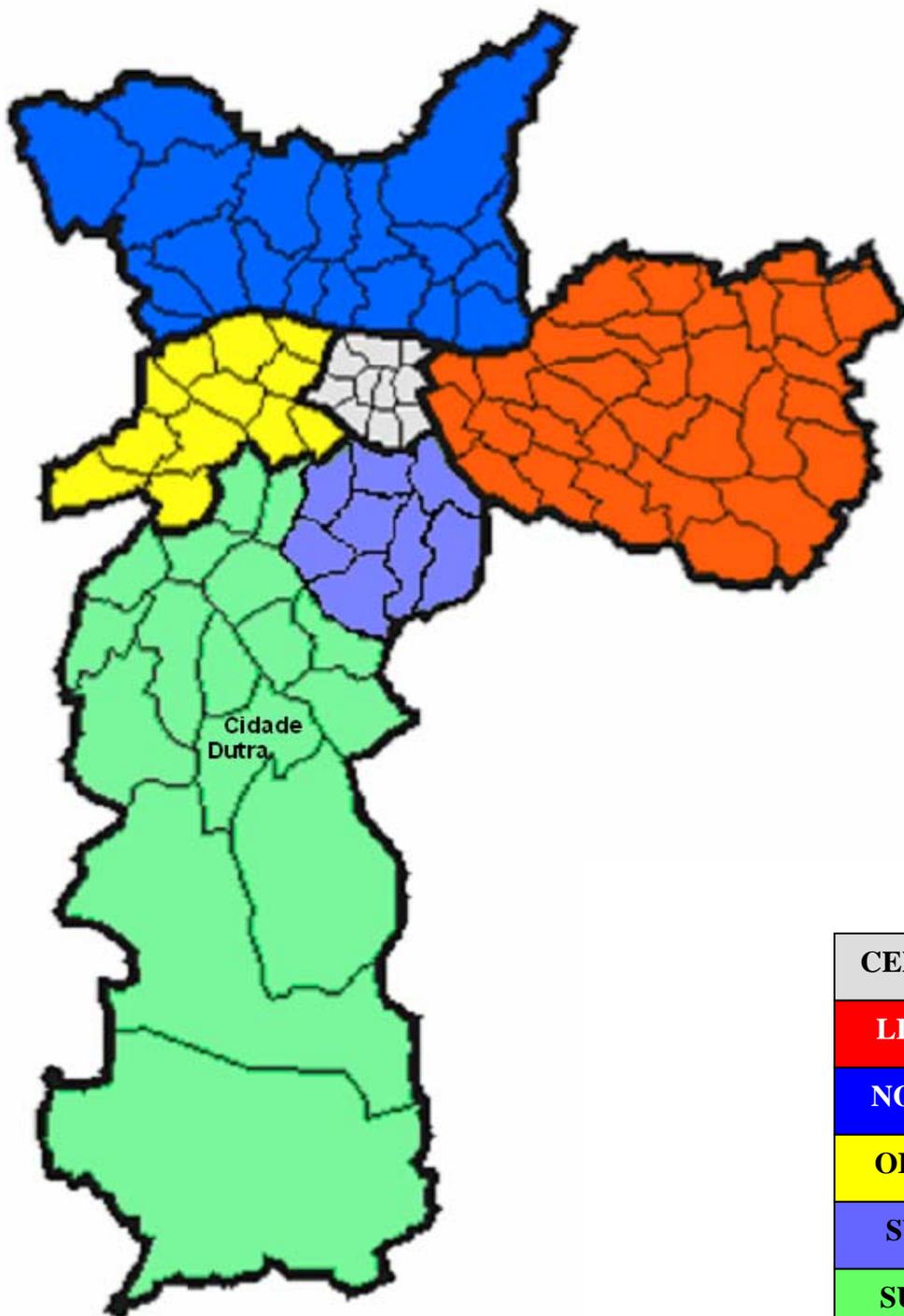
Von FOERSTER, H. **Las semillas de la cibernética**. Compilação Marcelo Pakman. Barcelona: Gedisa, 1991. 221 p.

WHITE, M. **Reflections on narrative practice**: essays and interviews. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 2000.

_____.; EPSON, D. **Narrative means to therapeutic ends**. New York: W. W. Norton & Company, 1990, 229p.

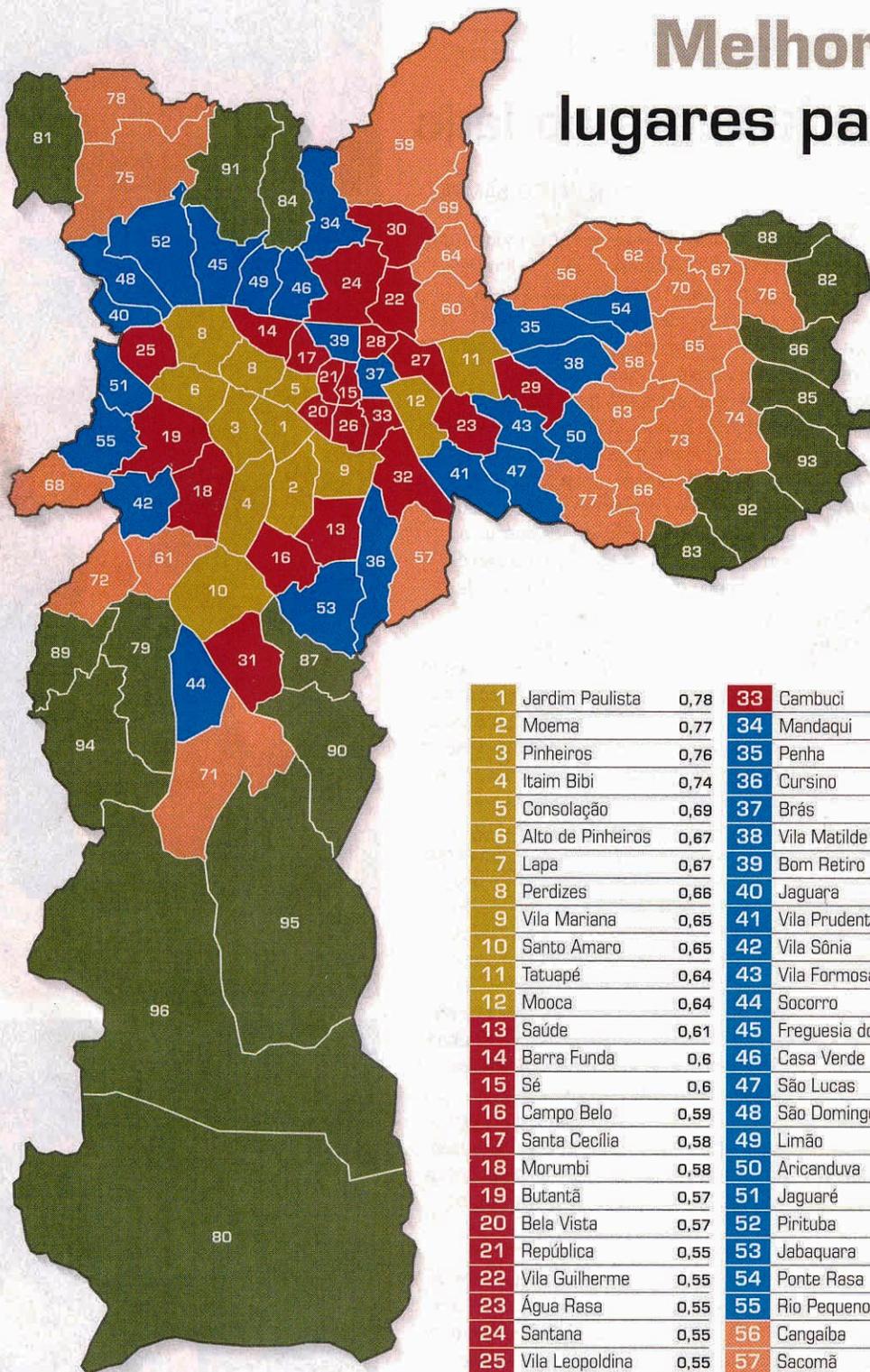
WITTGENSTEIN, L. **Philosophical investigations**. 3rd ed. Translated by G.E.M. Anscombe. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1958. 250 p.

WRASSE, R. e COUTINHO, V. **Relatório técnico do projeto Emancipação**. Documento de trabalho apresentado ao Comitê de Apoio da Aldeia SOS do Rio Bonito. São Paulo, 2005.



CENTRO
LESTE
NORTE
OESTE
SUL I
SUL II

Melhores e piores lugares para os jovens



As notas de cada Zona Homogênea

ZH1	0,62 a 0,78
ZH2	0,51 a 0,62
ZH3	0,38 a 0,51
ZH4	0,26 a 0,38
ZH5	0,13 a 0,26

1	Jardim Paulista	0,78	33	Cambuci	0,51	65	Itaquera	0,32
2	Moema	0,77	34	Mandaqui	0,5	66	São Mateus	0,32
3	Pinheiros	0,76	35	Penha	0,5	67	São Miguel Paulista	0,32
4	Itaim Bibi	0,74	36	Cursino	0,5	68	Raposo Tavares	0,31
5	Consolação	0,69	37	Brás	0,49	69	Jaçanã	0,31
6	Alto de Pinheiros	0,67	38	Vila Matilde	0,48	70	Vila Jacuí	0,3
7	Lapa	0,67	39	Bom Retiro	0,48	71	Cidade Dutra	0,3
8	Perdizes	0,66	40	Jaguara	0,47	72	Campo Limpo	0,29
9	Vila Mariana	0,65	41	Vila Prudente	0,47	73	Parque do Carmo	0,29
10	Santo Amaro	0,65	42	Vila Sônia	0,46	74	José Bonifácio	0,29
11	Tatuapé	0,64	43	Vila Formosa	0,46	75	Jaraguá	0,28
12	Moooca	0,64	44	Socorro	0,46	76	Vila Curuçá	0,28
13	Saúde	0,61	45	Freguesia do Ó	0,45	77	Sapopemba	0,28
14	Barra Funda	0,6	46	Casa Verde	0,45	78	Perus	0,26
15	Sé	0,6	47	São Lucas	0,44	79	Jardim São Luís	0,25
16	Campo Belo	0,59	48	São Domingos	0,42	80	Marsilac	0,25
17	Santa Cecília	0,58	49	Limão	0,41	81	Anhanguera	0,25
18	Morumbi	0,58	50	Aricanduva	0,41	82	Itaim Paulista	0,25
19	Butantã	0,57	51	Jaguaré	0,39	83	São Rafael	0,25
20	Bela Vista	0,57	52	Pirituba	0,39	84	Cachoeirinha	0,25
21	República	0,55	53	Jabaquara	0,39	85	Guaianases	0,25
22	Vila Guilherme	0,55	54	Ponte Rasa	0,38	86	Lajeado	0,23
23	Água Rasa	0,55	55	Rio Pequeno	0,38	87	Cidade Ademar	0,23
24	Santana	0,55	56	Cangaíba	0,36	88	Jardim Helena	0,22
25	Vila Leopoldina	0,55	57	Sacomã	0,36	89	Capão Redondo	0,22
26	Liberdade	0,53	58	Artur Alvim	0,36	90	Pedreira	0,21
27	Belém	0,52	59	Tremembé	0,35	91	Brasilândia	0,21
28	Pari	0,52	60	Vila Maria	0,35	92	Iguatemi	0,2
29	Carrão	0,52	61	Vila Andrade	0,33	93	Cidade Tiradentes	0,18
30	Tucuruvi	0,51	62	Ermelino Matarazzo	0,33	94	Jardim Ângela	0,18
31	Campo Grande	0,51	63	Cidade Líder	0,33	95	Grajaú	0,14
32	Ipiranga	0,51	64	Vila Medeiros	0,33	96	Parelheiros	0,13

O ranking levou em conta os seguintes indicadores:

- percentual da população jovem
- crescimento populacional entre 1991 e 2000
- percentual de mães adolescentes
- mortalidade por homicídios de 15 a 24 anos
- jovens que não frequentam a escola
- coeficiente de viagens por lazer
- índice de mobilidade
- rendimento médio mensal familiar

Todas as variáveis foram obtidas a partir de pesquisas anteriores da Fundação Seade, Cedec e Faculdade de Medicina da USP

Para desempatar índices idênticos foi usada a posição do distrito no coeficiente de óbitos/homicídios



Aldeias Infantis SOS
Brasil

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DENOMINADA ALDEIAS INFANTIS SOS BRASIL

PREÂMBULO

Nossa Visão

Cada criança pertence a uma família e cresce com amor, respeito e segurança

Nossa Missão

Criamos família para crianças necessitadas, ajudamos a construir seu próprio futuro e participamos do desenvolvimento de suas comunidades.

Nossas raízes

A primeira Aldeia SOS surgiu em 1949, idealizada, construída e tornada realidade por Hermann Gmeiner, na cidade austríaca de Imst, tornando-se o protótipo do atendimento a crianças que não puderam ser mantidas no seio de sua família natural.

Hoje a SOS-Kinderdorf International é uma associação civil de direito privado sob a forma federativa, de interesse público, de âmbito mundial, sem fins lucrativos ou econômicos, apolítica, com sede em Innsbruck - Áustria.

Atua em mais de 131 países, como fomentadora e fiscalizadora do cumprimento dos Direitos da Criança e do Adolescente, a partir da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1989) e do Estatuto da Criança e do Adolescente, no Brasil (julho de 1990), apoiando o desenvolvimento de programas de acordo com as necessidades locais, destacando-se no Brasil os Centros Sociais, que objetivam o fortalecimento da família e a prevenção do abandono.

A SOS-Kinderdorf Österreich é a detentora da marca, "Aldeias Infantis SOS", do logotipo, e da metodologia a ser aplicada nos programas, cedendo seus direitos de uso aos Membros da Federação SOS KINDERDORF INTERNATIONAL.

Aldeia Infantil SOS

O trabalho educacional das Aldeias SOS em todo o mundo é, desde então, norteado por quatro princípios básicos concebidos pelo seu fundador Hermann Gmeiner, que são:

1. A Mãe Social - A criança, por perda dos pais naturais ou contingências da vida, encontra nas famílias substitutas mantidas pela Aldeia SOS a segurança de um lar e sente, nos cuidados dispensados pela Mãe Social, o amor e o carinho necessários ao desenvolvimento normal e harmonioso de suas potencialidades. Ela conhece e respeita a origem familiar e as suas raízes culturais.

No Brasil, a atividade de Mãe Social está regulamentada pela Lei nº 7.644, de 18 de dezembro de 1987.

2. Os Irmãos - Cada família substituta é composta da Mãe Social e de crianças com idade e sexo diferentes, admitidas no lar, nos mesmos moldes de uma família natural. Os irmãos consangüíneos são mantidos em uma mesma família.

3. A Casa-Lar - Cada Casa-Lar tem capacidade para até nove crianças. Cada família cria o seu próprio lar. A casa é o centro da vida das famílias, onde as crianças desfrutam de segurança e do sentido de pertencimento, sendo a mesma o núcleo básico para o desenvolvimento da criança. A responsabilidade da gestão da casa lar, é da Mãe Social, que desenvolve o processo de formação das crianças a ela confiadas. Para gerir esse processo, dispõe de um orçamento previamente estabelecido.

4. A Aldeia SOS - Cada Aldeia SOS é composta de até vinte Casas-Lares, habitadas pelas famílias substitutas, formando um condomínio, integrado na comunidade.

A Comunidade é formada pelas Famílias Substitutas da Aldeia SOS, é gerenciada pelo Diretor da Aldeia, profissional que tem a responsabilidade pedagógica e organizacional, desempenhando, também, o papel de pai substituto das crianças e adolescentes. Existem, também, outros especialistas na área pedagógica e social, que apóiam a comunidade.

Casas de Jovens

As casas de jovens apóiam e ajudam os jovens das famílias substitutas da Aldeia SOS na sua preparação para uma vida independente. Para tanto, utilizam da educação formal, dos cursos profissionalizantes oferecidos na comunidade local, ou ainda dos Centros de Capacitação de Jovens da Aldeia SOS.

O Diretor da Aldeia, a Mãe Social e um Acompanhante da Casa de Jovens continuam o processo de formação do jovem na preparação da sua autonomia, dando continuidade ao plano de desenvolvimento individual (PDI) do jovem.

O Acompanhante de Jovens gerencia, em conjunto com os jovens, a casa, administrando o orçamento por eles elaborado, para o cumprimento do PDI, conforme o pré-estabelecido.

Centros Sociais SOS

O Programa Centro Social tem como objetivo o fortalecimento das famílias e a prevenção do abandono de crianças e jovens em situação de risco social.

Os Centros Sociais estão apoiados em quatro fundamentos:

1. Prevenir o abandono de crianças, especialmente daquelas cujos pais biológicos, por alguma razão, abandonam os filhos à comunidade de rua, ou ainda os entregam a mercê das instituições;
2. Restituir à criança o seu papel de sujeito de direito em toda sua dimensão humana, com todo sentimento de pertencimento a uma família e a uma vida integrada em sua comunidade;
3. Promover o fortalecimento da família, no processo de desenvolvimento sócio econômico, e afetivo, envolvendo as crianças e os pais, a comunidade do entorno, a sociedade em geral, e o poder público;
4. Os Centros Sociais atendem prioritariamente a comunidades carentes no entorno da Aldeia.

O Programa Centro Social atende crianças, jovens e os pais através dos seguintes núcleos:

Casas Transitórias

Têm como finalidade oportunizar e propiciar às crianças em situação de risco, abandono e maus tratos, uma assistência imediata em um ambiente familiar, saudável e seguro, visando buscar a melhor solução, trabalhando sua família natural para uma reintegração, ou ainda, o encaminhamento para adoção ou família substituta.

Núcleo de Integração Sócio Cultural (NISC)

Complementação da Escola Formal, através das oficinas de: Apoio Pedagógico, Artes, Idiomas, Desportos, Informática, Teatro, Música e outras oficinas, de acordo com a necessidade da comunidade.

Núcleo de Capacitação de Jovens

Apoio Pedagógico, Idiomas, Saúde e Higiene, Ética e Cidadania; Relações Inter-pessoais; Informática, Orientação Vocacional, Formação para o Mundo do Trabalho, Estágios em Empresas, Geração de Trabalho e Renda, Participação dos Jovens em trabalhos de Responsabilidade Social, palestras para as famílias.

Creche - Escola de Educação Infantil

Desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos e sociais, complementando as ações da família e

comunidade. A clientela atendida é oriunda de famílias de baixa renda e cujos pais necessitam trabalhar fora.

Núcleo Saúde

Promover a integração com os órgãos públicos, para inserir crianças e famílias nos programas comunitários, na área da saúde preventiva e curativa, através dos agentes de saúde.

Lar Comunitário

Formação de Comitês na Comunidade, objetivando fomentar o desenvolvimento desta, através do diagnóstico das necessidades básicas, e seus respectivos programas para solução.

Atendimento das crianças, na comunidade onde vivem, através de agentes de educação, oportunizando que as famílias possam trabalhar, tendo a tranquilidade de que seus filhos estejam seguros, e ao mesmo tempo, tendo atividades recreativas e educativas necessárias para o seu desenvolvimento.

Os agentes de Educação são pessoas indicadas pelo Comitê da Comunidade, que poderão ser inclusive mães de famílias que se disponha a ter esta atividade, e o compromisso de serem treinadas e supervisionadas pelo Centro Social SOS Hermann Gmeiner.

Escola Hermann Gmeiner

Objetiva propiciar a formação básica do cidadão, nos moldes da Lei 9.394/96, no atendimento de 1ª a 4ª séries, proporcionando ensino qualificado e diferenciado, com o objetivo de preparar nossos educandos para a vivência e atuação na Sociedade, em locais que não disponham de Escola Pública.

Este preâmbulo antecede o Estatuto da Associação das Aldeias Infantis SOS Brasil e constitui parte integrante do Estatuto.

CAPÍTULO I - DA DENOMINAÇÃO, SEDE, OBJETO, DURAÇÃO

Artigo 1º - A Associação "Aldeias Infantis SOS Brasil", doravante chamada simplesmente de Associação Nacional, é uma Associação Civil de direito privado, regulada pelas normas do Novo Código Civil, sem fins lucrativos ou econômicos, exclusivamente de finalidades filantrópica e cultural, inscrita no CNPJ sob o nº. 35.797.364/0001-29, com sede no Escritório Nacional, à Rua José Antonio Coelho, 400 - Vila Mariana, na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, República Federativa do Brasil.

Artigo 2º - O prazo de duração da associação é indeterminado.

Artigo 3º - A Associação Nacional tem por finalidade criar, implantar, organizar, administrar e fiscalizar os Programas SOS, destinados ao cumprimento da Missão;

I - Prestar assistência, dar formação a crianças privadas, por qualquer motivo, da ação educativa da família, sem distinção de raça, cultura ou credo religioso, em caráter de gratuidade, nos moldes previstos no preâmbulo deste estatuto, tomando ainda como modelo, a metodologia e os princípios norteadores da SOS-Kinderdorf International.

II - Promover centros sociais, assistência médico-sanitária, e demais serviços para as comunidades, prioritariamente às que estiverem no entorno da Aldeia, objetivando o fortalecimento da família, e a prevenção do abandono, visando o bem estar das crianças.

III - Despertar a consciência pública para as questões relativas às necessidades das crianças, assim como defender e fomentar os direitos das crianças e adolescentes no País.

IV - Promover o interesse do poder público e da sociedade, para os intercâmbios científicos entre pessoas em matérias relativas à prestação de serviços às crianças, contando inclusive com organizações nacionais e internacionais.

V - Promover medidas, ações, venda de produtos para obtenção de recursos com fins econômicos, exclusivamente, para consecução dos seus objetivos.

VI - Atuar como modelo no atendimento de crianças e desenvolver organismo de informações sobre métodos inovadores, na assistência às crianças no nosso país.

§ 1º - Fica definido como Programa SOS para fins deste Estatuto qualquer atividade que diretamente desenvolva a promoção, o implemento e a plena realização dos princípios e objetivos da Associação Nacional.

§ 2º - Os Programas SOS são obrigatoriamente filiais da Associação Nacional, ressalvado o previsto no artigo 4º, inciso XIII.

§ 3º - No atendimento de seus objetivos, a Associação Nacional, poderá abrir filiais, em qualquer parte do território nacional, por deliberação do Conselho Diretor.

Artigo 4º - A Associação Nacional, para a consecução do seu objetivo social deverá exercer, dentre outras, as seguintes funções:

I - Constituir um Escritório Nacional, para gerir e administrar os Programas da Associação Nacional;

II - Arrecadar os fundos necessários para manutenção dos seus Programas SOS;

III - Aplicar nos Programas SOS as doações e verbas recebidas;

IV - Recorrer a todos os meios viáveis para venda de produtos que venham gerar recursos, exclusivamente para a manutenção dos Programas da Associação Nacional;

V – Recrutar, selecionar, capacitar os profissionais para garantir o bom funcionamento dos Programas SOS

VI- Formular e elaborar regulamentos e outros documentos obrigatórios para a Associação Nacional;

VI – Monitorar e avaliar o resultado dos trabalhos pedagógicos, administrativos e financeiros desenvolvidos nos Programas SOS;

VII - Proteger e fazer com que o uso da marca e do logotipo, de propriedade da SOS-Kinderdorf Österreich, somente, sejam utilizados por Programas SOS que cumpram as normas éticas, pedagógicas e administrativas da SOS-Kinderdorf International;

VIII - Celebrar convênios visando o cumprimento dos seus objetivos sociais;

XI – Adquirir e arrendar imóveis para instalação de Programas SOS, quando necessário;

X - Receber doações, legados, heranças ou subvenções de qualquer natureza, de pessoas físicas ou jurídicas de direito público ou privadas;

XI - Divulgar, através de todos os meios de comunicação, o Modelo SOS no atendimento a crianças.

XII - Promover o intercâmbio de experiências pedagógicas e organizacionais entre os Programas SOS e Associações congêneres;

XIII - Associar-se ou estabelecer convênios, com empresas e entidades públicas ou privadas, visando estágios, a instrução formal e profissional e a colocação no mercado de trabalho para os jovens que estejam sob a responsabilidade dos Programas SOS;

CAPÍTULO II – DOS SÓCIOS E DOS SEUS DIREITOS E DEVERES

Artigo 5º - O quadro social é constituído de Sócios Titulares e Sócios Honorários.

Artigo 6º - Poderá ser admitido como Sócio Titular ou Honorário:

I - Pessoa jurídica ou pessoa natural, maior e capaz, sem impedimentos legais, que faça sua solicitação para tal e que seja aceita pelo Conselho Diretor;

II - O sócio aprovado pelo Conselho Diretor, fará sua inscrição em livro próprio para este fim;

III - Será Diplomado na categoria de Sócio que o aprovou.

Artigo 7º - O número de sócios da associação é ilimitado.

§ 1º - A qualidade e o direito de sócio se extinguem com a morte.

§ 2º - A qualidade e o direito de sócio são personalíssimos, não podendo ser transferidos ou cedidos seja a que título for.

Artigo 8º - Serão excluídos do quadro social, pelo Conselho Diretor, sem qualquer outra justificativa os sócios que incorram em qualquer das hipóteses abaixo:

I Por exclusão, com base na decisão do Conselho Diretor;

II - Não cumprimento do Estatuto Social;

III - Atitudes ou comprometimentos que possam vir denegrir a imagem da Associação Nacional

§ 1º - Qualquer sócio por vontade própria poderá desligar-se da Associação, hipótese em que será desligado do quadro social.

§ 2º - A decisão da exclusão do sócio deverá ser comunicada por escrito ao mesmo.

§ 3º - O sócio excluído do quadro social poderá, entretanto, interpor recurso, nos moldes do artigo 57 do Novo Código Civil.

Artigo 9º - São direitos dos sócios:

I - Titulares:

- (a) Participar das Assembléias Gerais, com direito a voz e voto;
- (b) Eleger e ser eleito como membro do Conselho Diretor e do Conselho Fiscal;
- (d) Eleger os Presidentes Honorários da Associação Nacional;
- (e) Diplomar os sócios titulares da Associação Nacional;

II - Honorários

- (a) Participar das Assembléias Gerais, com direito a voz e voto;
- (b) Eleger os membros do Conselho Diretor e do Conselho Fiscal;
- (c) Eleger e ser eleito dentre os sócios honorários, os Presidentes Honorários da Associação.

Artigo 10 - São deveres dos Sócios Titulares e Honorários:

- (a) Fomentar e apoiar os objetivos e os fins da Associação Nacional;
- (b) Zelar pelo uso da marca SOS;
- (c) Cumprir o Estatuto, regulamentos e decisões dos órgãos da Associação Nacional;
- (d) Preservar e divulgar o Modelo SOS de atendimento à criança;
- (e) Ser um amigo SOS, mediante pagamento de valor fixado pelo Conselho Diretor.

Artigo 11 - A Associação tem existência jurídica distinta da dos seus sócios e com eles não se confunde, não respondendo os sócios por qualquer obrigação assumida pela Associação.

Artigo 12 - Os sócios, os membros eleitos para o Conselho Diretor e os membros eleitos para o Conselho Fiscal da Associação Nacional, são

voluntários, não sendo remunerados de qualquer espécie, nem sob qualquer outra forma.

CAPÍTULO III – DOS ÓRGÃOS DA ASSOCIAÇÃO

Artigo 13 - São órgãos da Associação:

- I - a Assembléia Geral;
- II - Conselho Diretor
- III - o Conselho Fiscal.

§ único - Além desses órgãos, a Associação terá os seguintes órgãos auxiliares:

- I - Direção Nacional/Escritório Nacional
- II - Comitê Nacional Operativo

CAPÍTULO IV - DA ASSEMBLÉIA GERAL

Artigo 14 - A Assembléia Geral é o órgão soberano da Associação Nacional, sendo composta exclusivamente por todos os seus sócios, e dois Representantes da SOS Kinderdorf International, que são considerados membros natos da Associação Nacional.

Artigo 15 - A Assembléia Geral reunir-se-á ordinariamente em qualquer dia dos três primeiros meses do ano civil e extraordinariamente sempre que se fizer necessário.

§ 1º - O direito de convocação para Assembléias Gerais, cabe ao:

- I. Presidente do Conselho Diretor;
- II. Conselho Fiscal;
- III. Representantes da SOS Kinderdorf International;
- IV. Um quinto dos sócios.

§ 2º - As convocações para as reuniões da Assembléia Geral se darão mediante publicação em jornal de circulação de São Paulo, ou ainda através de carta, ou telegrama, enviados aos sócios e membros natos, com antecedência mínima 15 (quinze) dias, sendo considerada regular a dispensa dessas exigências em Assembléia Geral a que compareçam todos os sócios titulares, honorários e os membros natos.

§ 3º - A Assembléia Geral será instalada em primeira convocação com a presença de mais que 50% (cinquenta por cento) dos sócios com direito a voto e pelo menos um dos membros natos, e em segunda convocação, após uma hora da primeira convocação, com no mínimo um quinto dos sócios com direito a voto, e com no mínimo um dos membros natos, sendo os trabalhos dirigidos por uma mesa composta de um Presidente, Vice Presidente e um Secretário, eleitos para este fim pela Assembléia Geral.

§ 4º - Cada sócio e membro nato têm direito a um voto na Assembléia Geral.

§ 5º - As deliberações da Assembléia Geral serão tomadas por maioria dos votos dos sócios e membros natos, presentes, ressalvado o disposto no parágrafo único, do artigo 16 deste Estatuto.

§ 6º - Em caso de empate, o voto de qualidade será dado pelo Presidente da Assembléia Geral.

§ 7º - Na Assembléia Geral, os sócios poderão ser representados por procuradores, através de procuração simples.

§ 8º - Poderá ser dado o direito de voz a pessoas externas, a pedido do Presidente da Assembléia Geral.

§ 9º - Das deliberações da Assembléia Geral será lavrada a competente ata, a qual será assinada pelo Presidente, Vice Presidente, Secretário e um Membro Nato.

Artigo 16 - Compete à Assembléia Geral deliberar sobre as seguintes matérias:

I - Eleger o Presidente, Vice Presidente e Secretário da Assembléia Geral;

II - Eleger os membros do Conselho Diretor e do Conselho Fiscal;

III - Destituir membros do Conselho Diretor e do Conselho Fiscal;

IV - Decidir os recursos interpostos de sócios excluídos;

V - Aprovar anualmente, as contas e relatórios financeiros do Conselho Diretor;

VI - Apreciar o relatório de auditoria externa, e manifestar-se a respeito.

VII - Alterar, no todo ou em parte, o Estatuto da Associação Nacional;

VIII - Deliberar sobre a dissolução, liquidação e extinção da Associação Nacional, ouvida a SOS Kinderdorf International; bem como nesta hipótese determinar a destinação do patrimônio social, observando a respeito o que dispuser a legislação que for aplicável, assim como, observado o artigo 43 e 44 incisos I, II, e III do Estatuto;

IX - Decidir sobre as matérias que lhes sejam submetidas pelo Conselho Diretor, pelo Conselho Fiscal ou pelos Membros Natos;

X - Nomear e destituir os liquidantes da Associação Nacional, conforme indicado no inciso XIV, do artigo 25.

XI - Resolver os casos omissos do presente Estatuto.

§ único - Para as deliberações a que se referem os incisos III, VII, VIII e X, é exigido o voto concorde de dois terços dos presentes, ouvidos os dois membros natos, em assembléia especialmente convocada para esse fim, não podendo ela deliberar, em primeira convocação, sem a maioria absoluta dos associados, ouvido os dois membros natos.

CAPÍTULO V - CONSELHO DIRETOR

Artigo 17 - A Associação Nacional, será dirigida por um Conselho Diretor, eleito em Assembléia Geral, composto de cinco sócios e dois membros natos

§ único - Os membros do Conselho Diretor, serão empossados, nos moldes do parágrafo 2º do artigo 20, mediante assinatura de termo lavrado no Livro de Atas de Reuniões do Conselho Diretor.

Artigo 18 - O Conselho Diretor eleito escolherá entre si o Diretor Presidente, Diretor Vice-Presidente, Diretor Secretário, Diretor Tesoureiro, Diretor de Relações Públicas. Os Membros Natos não terão designação específica

§ 1º - Os membros eleitos para o Conselho Diretor, estarão vetados de qualquer indicação de serviços remunerados, para a Associação Nacional por qualquer pessoa, ou empresa, que tenham vínculos próprios, de parentescos diretos ou afins.

§ 2º - No caso de vacância de um dos Diretores do Conselho, deverá haver nova Assembléia Geral para eleger o sócio que comporá o Conselho Diretor.

Artigo 19 - O prazo de gestão Conselho Diretor é de três anos, sendo permitida a reeleição.

Artigo 20 - As reuniões do Conselho Diretor serão instaladas quando realizadas com a presença mínima de três de seus membros, e um dos membros natos, ressalvado os parágrafos 1º e 2º do artigo 21.

§ 1º - As reuniões ordinárias do Conselho Diretor serão realizadas, no mínimo de dois, nas datas e horários previstos no calendário anual fixado de acordo com o inciso III do artigo 24

§ 2º - Primeira reunião da nova gestão deverá ocorrer imediatamente após a Assembléia Geral, onde a posse será dada pelo Presidente da Assembléia Geral, que participará desta primeira reunião.

§ 3º - A convocação das Reuniões Extraordinárias do Conselho Diretor poderá ser feita por um terço de seus membros, ou por um membro nato, ou a pedido do Diretor Nacional, através de carta ou e-mail, no qual deverá constar a ordem do dia, a ser enviada com 8 (oito) dias de antecedência.

§ 4º - O Diretor Nacional participa das reuniões do Conselho Diretor com direito a voz, sem direito a voto.

Artigo 21 - As deliberações serão tomadas pela maioria simples, e em caso de empate, o voto de qualidade será do Presidente, ou, na sua ausência, do Vice Presidente.

§ 1º - A admissão de sócios titulares e honorários requer a aprovação pela maioria de dois terços do Conselho Diretor, e de pelo menos um dos membros natos.

§ 2º - É necessária a maioria qualificada de dois terços dos membros do Conselho Diretor e mais um dos membros natos, para aprovação de novos programas, orçamentos, balanço, planejamento estratégico e contratação e ou demissão do Diretor Nacional.

Artigo 22 - Todos os atos em nome da Associação somente terão eficácia quando praticados em conjunto pelo Diretor Presidente e Diretor Tesoureiro, por um deles em conjunto com um procurador, ou por dois procuradores em conjunto, sendo estes constituídos na forma prevista no artigo 23, e parágrafos.

§ único - A Associação Nacional poderá ser representada isoladamente por advogado para atos privativos desta profissão na forma da lei.

Artigo 23 - A Associação Nacional poderá constituir procuradores, profissionais da Associação Nacional, com poderes específicos. O instrumento de mandato deve ser outorgado pelo Diretor-Presidente e Diretor Tesoureiro, ou Diretor Vice-Presidente e Diretor Tesoureiro, ou ainda, Diretor Presidente e Diretor Vice-Presidente.

§ 1º - A procuração será por prazo determinado, sua validade deverá ser de até 30 dias a mais que o mandato do Conselho Diretor eleito.

§ 2º - O Diretor-Presidente, ou ainda, Diretor Vice-Presidente, ou ainda Diretor-Tesoureiro, ou ainda o Diretor Nacional, isoladamente poderão constituir procurador com poderes para o foro em geral.

Artigo 24 - Compete ao Conselho Diretor:

- I. Eleger dentre os seus membros, Diretor Presidente, Diretor Vice-Presidente, Diretor-Secretário, Diretor Tesoureiro e Diretor de Relações Públicas;
- II. Determinar valor da contribuição mensal dos Sócios, como Amigos SOS;
- III. Elaborar e fixar o calendário anual de suas reuniões ordinárias;
- IV. Apoiar o Diretor Nacional, tomando as medidas e providências para que o mesmo cumpra as suas funções;
- V. Admitir e demitir o Diretor Nacional;
- VI. Representar ativamente e passivamente em juízo ou fora dele;
- VII. Autorizar a Contratação e demissão dos seguintes colaboradores; Sub Diretor Nacional, Diretores dos Programas SOS, Mães Sociais com mais de cinco anos na função, Assessores do Escritório Nacional, propostos pelo Diretor Nacional ;
- VIII. Autorizar a aquisição e alienação de bens imóveis;
- IX. Captar recursos adequados aos propósitos da Associação Nacional;
- X. Recrutar, orientar e envolver novos sócios, e amigos SOS;

- XI. Projetar imagem pública da associação;
- XII. Admitir ao quadro social, sócios titulares e honorários, de acordo com parágrafo 1º, do artigo 21 deste Estatuto.
- XIII. Autorizar a aquisição e alienação de bens imóveis;
- XIV. Autorizar a contratação de auditoria independente selecionada pelo Conselho Fiscal;
- XV. Prestar contas da Associação, apresentando-as e encaminhando-as ao Conselho Fiscal, auditoria e à Assembléia Geral;
- XVI. Aprovar Orçamento, Regulamento Interno, Políticas Gerais, Quadro de pessoal, e Política Salarial propostas pelo Diretor Nacional, nos moldes do parágrafo 2º do artigo 21 deste Estatuto;
- XVII. Autorizar gastos extraordinários que não estejam contemplados no Orçamento previamente aprovado;
- XVIII. Assegurar que os recursos sejam gerenciados com eficiência;
- XIX. Submeter à aprovação da SOS Kinderdorf International, novos Programas SOS;
- XX. Solicitar a autorização prévia da SOS Kinderdorf International para uso da marca e do logo pelos sócios, ou parceiros;
- XXI. Deliberar a abertura de Filiais
- XXII. Zelar pela integridade legal e ética dentro da organização;

§ único - A mudança do Estatuto Social requer a unanimidade do Conselho Diretor e seus membros natos, para ser apresentada a Assembléia Geral.

Artigo 25 - Competências do Diretor Presidente:

- I. Convocar as Assembléias Gerais;
- II. Convocar e presidir as Reuniões do Conselho Diretor;
- III. Propor ao Conselho Diretor a contratação ou demissão do Diretor Nacional;
- IV. Apoiar e avaliar o Diretor Nacional;
- V. Representar legalmente, judicialmente e extra judicialmente, podendo outorgar procuração para este fim;
- VI. Praticar todos os atos em nome da Associação em conjunto com o Diretor Vice-Presidente ou Diretor Tesoureiro ou ainda outorgar procuração nos moldes do Estatuto;
- VII. Outorgar procuração nos moldes dos parágrafos 1º e 2º do artigo 23;

VIII. Assegurar um eficaz planejamento organizacional, em conjunto com o Diretor Secretário e Diretor Nacional;

IX. Projetar a imagem pública da Associação com os demais diretores;

X. Assegurar que os recursos sejam gerenciados com eficiência em conjunto com o Diretor Tesoureiro;

XI. Zelar pela integridade legal e ética dentro da Associação, em conjunto com todos os demais Diretores;

XII. Nomear um representante do Conselho Diretor, para fazer parte do Comitê Nacional de Operacionalização;

XIII. Em caso de dissolução da Associação Nacional, atuar como liquidantes, conjuntamente com o Diretor Nacional e os membros titulares do Conselho Fiscal;

XIV. No caso de ausência ou impedimento, do Diretor Presidente, assumirá a sua função o Diretor Vice Presidente.

Artigo 26 - Compete ao Vice Presidente:

I. Assumir as atribuições do Diretor Presidente na sua ausência ou impedimento;

II. Representar legalmente , judicialmente e extra Judicialmente, podendo outorgar procuração para este fim;

III. Outorgar procuração nos moldes dos parágrafos 1º e 2º do artigo 23;

IV. Zelar pela integridade legal e ética dentro da Associação, em conjunto com todos os demais Diretores;

V. Praticar todos os atos em nome da Associação em conjunto com o Diretor Vice-Presidente ou Diretor Tesoureiro ou ainda outorgar procuração nos moldes do Estatuto;

VI. Projetar a imagem pública da Associação com os demais diretores.

Artigo 27 - Compete ao Diretor Secretário

I. Fazer as atas de Reunião do Conselho Diretor em conjunto com o Diretor Nacional;

II. Assinar as atas de Reuniões em conjunto com o Diretor Presidente e Diretor Nacional;

III. Socializar as atas para todos os membros do Conselho Diretor;

IV. Elaborar o Calendário de Reuniões do Conselho Diretor, previsto no inciso III do artigo 24;

V. Zelar pela integridade legal e ética dentro da Associação, em conjunto com todos os demais Diretores;

VI. Assegurar um eficaz planejamento organizacional em conjunto com o Diretor Presidente;

VII. Projetar a imagem pública da Associação com os demais diretores.

Artigo 28 - Compete ao Diretor Tesoureiro:

I. Analisar o Orçamento elaborado pelo Diretor Nacional.

II. Praticar todos os atos em nome da Associação em conjunto com o Diretor Presidente ou Vice- Presidente ou ainda outorgar procuração nos moldes do Estatuto;

III. Outorgar procuração nos moldes dos parágrafos 1º e 2º do artigo 23;

IV. Zelar pela integridade legal e ética dentro da Associação, em conjunto com todos os demais Diretores;

V. Assegurar que os recursos sejam gerenciados com eficiência em conjunto com o Diretor Presidente;

VI. Projetar a imagem pública da Associação com os demais diretores.

Artigo 29 - Compete ao Diretor de Relações Públicas:

I. Aprovar planos de Captação de Recursos, para submeter ao Conselho Diretor;

II. Captar recursos adequados aos propósitos da Associação;

III. Recrutar, orientar e envolver, novos sócios e novos amigos SOS;

IV. Constituir Comitês de Captação de Recursos;

V. Projetar a imagem pública da Associação com os demais diretores;

VI. Zelar pela integridade legal e ética dentro da Associação, em conjunto com todos os demais Diretores.

CAPÍTULO VI - DO CONSELHO FISCAL

Artigo 30 - O Conselho Fiscal é constituído de três membros titulares e três suplentes, com mandato por dois anos, é o órgão incumbido de examinar e emitir parecer sobre as contas da associação.

§ 1. O Conselho Fiscal será eleito pela Assembléia Geral, dentre os sócios titulares, ficando vedada a reeleição por mais de dois mandatos consecutivos.

Artigo 31 - Compete ao Conselho Fiscal:

- I. Selecionar e coordenar a contratação de auditoria independente dentre empresas de reconhecido nível técnico e ilibada reputação, com a aprovação do Conselho Diretor.
- II. Examinar as demonstrações financeiras e os documentos que comprovam a receita e a despesa;
- III. Verificar se os fundos foram aplicados de acordo com o Estatuto;
- IV. Emitir parecer por escrito, ouvida a auditoria independente, sobre as demonstrações financeiras a serem submetidas à apreciação da Assembléia Geral.
- V. Em caso de dissolução da Associação Nacional, assumir a liquidação em conjunto com o Presidente, Diretor Nacional.
- VI. Fica garantido o acesso às atas das Reuniões do Conselho Diretor, e os documentos contábeis a qualquer momento com notificação ao Diretor Nacional.
- VII. Manter em absoluto sigilo as informações obtidas em suas funções

CAPÍTULO VII - DIREÇÃO NACIONAL

Artigo 32 - O Diretor Nacional é um profissional executivo remunerado com dedicação integral, responsável e o gestor do Escritório Nacional

Artigo 33 - O Escritório Nacional é órgão onde está instalada a equipe de assessoria do Diretor Nacional para apoio aos Programas SOS, e para Associação Nacional.

Artigo 34 - Competências do Diretor Nacional:

- I. Gestor e responsável pelo Escritório Nacional; onde está instalada a equipe de assessoria;
- II. Responsável imediato de todos os Diretores dos Programas SOS;
- III. Responsável pelos Colaboradores, suas admissões, capacitação e demissões, observado o inciso VII do artigo 24 deste Estatuto;
- IV. Desenvolver a Política salarial, e quadro funcional, para submeter à apreciação do Conselho;
- V. Executar as decisões do Conselho Diretor, da Assembléia Geral e mantê-los informados através de relatórios trimestrais;
- VI. Responsável pelo fluxo direto com o a SOS Kinderdorf International, através do seu Escritório Regional;
- VII. Desenvolver políticas gerais para consecução dos objetivos da Associação Nacional, apresentadas para o Conselho Diretor.

VIII. Responder em nome do Conselho Diretor, na qualidade de Representante da Associação Nacional, junto aos órgãos fiscais, administrativos, repartições públicas, mediante procuração, nos moldes do artigo 22 parágrafo único, artigo 23 e parágrafos deste Estatuto;

IX. Convocar e presidir as reuniões do Comitê Nacional de Operacionalização;

X. Administrar os fundos da Associação dentro do orçamento previamente aprovado pelo Conselho Diretor;

XI. Ser outorgada por procuração para desempenhar quaisquer das atribuições de competência e delegadas pelos Diretores, observando o artigo 22, parágrafo único, artigo 23 e parágrafos 1º e 2º;

XII. Elaborar, em conjunto com os Diretores dos Programas SOS, o Orçamento, Planejamento e os Relatórios da Associação Nacional, para submeter à apreciação do Conselho Diretor;

XIII. Ser responsável pelo cumprimento da Missão e da aplicação de todos os Manuais de referência para o desenvolvimento dos Programas SOS;

XIV. Manter a opinião pública informada a respeito das atividades desenvolvidas pelos diversos Programas SOS;

XV. Fomentar a captação de fundos destinados à manutenção dos Programas SOS no país;

XVI. Abrir filiais, mediante aprovação do conselho Diretor;

XVII. Atuar como liquidante no caso de dissolução da Associação Nacional conjuntamente com o Diretor Presidente do Conselho Diretor e os membros do Conselho Fiscal.

CAPÍTULO VIII - COMITÊ NACIONAL DE OPERACIONALIZAÇÃO

Artigo 35 - O Comitê Nacional de Operacionalização é um órgão auxiliar da Associação Nacional, formado, pelo Diretor Nacional, todos os Diretores dos Projetos SOS, e um membro do Conselho Diretor que visa assegurar que as atividades, sejam administradas dentro e entre os Programas SOS.

Artigo 36 - Compete ao Comitê Nacional de Organização

I. Ser um fórum de discussão, e decisão de assuntos com bases nas políticas e regulamentos dos Programas SOS;

II. Assegurar que as atividades sejam administradas dentro e entre os projetos SOS;

III. Atuar em conformidade com o seu Regulamento.

CAPÍTULO X - DO PATRIMÔNIO, DOS RECURSOS FINANCEIROS E DA DISSOLUÇÃO.

Artigo 37 - Constitui patrimônio de Associação Nacional todos os bens, móveis e imóveis, e direitos, que venham ou tenham sido adquirido por empresas, por doações públicas, privadas, da SOS Kinderdorf International através de suas associações promotoras, legados, ou outras formas de aquisição permitidas em lei.

Artigo 38 - Os recursos financeiros da Associação Nacional provêm:

- I. De doações, legados ou subvenções de qualquer natureza, feitas por pessoas ou entidades de direito público ou privado;
- II. De promoções sociais e culturais;
- III. De convênios de todo gênero;
- IV. De doações ou subvenção da SOS-Kinderdorf International e dos fundos a ela ligados, especialmente do Hermann-Gmeiner-Fonds Deutschland e.V.;
- V. De resultado de vendas de produtos que gerem recursos, exclusivamente para consecução dos objetivos.

Artigo 39 - Os recursos financeiros recebidos pela Associação Nacional serão obrigatoriamente aplicados integralmente nos Programas SOS no Brasil.

Artigo 40 - A Associação Nacional não distribuirá lucros, dividendos, bonificações ou vantagens ao seu corpo diretivo e associados, sob nenhuma forma ou pretexto.

Artigo 41 - O exercício social da associação coincide com o ano civil.

Artigo 42 - A Associação Nacional manterá escrituração contábil de suas receitas e despesas, com as formalidades capazes de assegurar a sua exatidão, devendo, ao fim de cada exercício social, elaborar o balanço patrimonial, demonstração do superávit ou déficit do exercício e das origens e aplicações de recursos.

Artigo 43 - Em caso de dissolução da associação, o seu patrimônio será destinado a uma outra entidade congênere integrante do sistema SOS, ou na ausência desta, para outra entidade afim, respeitando-se a unidade federativa onde estiver localizado o patrimônio, devidamente registrada no Conselho Nacional de Assistência Social, ou a uma entidade pública.

Artigo 44 - A dissolução da Associação Nacional, somente poderá ser proposta:

- I. Por razões previstas na legislação vigente no país;
- II. Por não cumprimento do Estatuto Social vigente;
- III. Por redução dos sócios para número inferior a 50%.

CAPÍTULO XI - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Artigo 44 - O Estatuto de Constituição, aprovado em 07 de maio de 1990, registrado sob o nº. 109.172, em 17 de maio de 1990, foi alterado, respectivamente, na Assembléia Geral Extraordinária realizada em 12 de abril de 1991, registrada sob o nº. 114.037, em 25 de abril de 1991; na Assembléia Geral Extraordinária realizada em 25 de novembro de 1993, registrada sob o nº. 130.201, em 16 de dezembro de 1993; re-ratificada na Assembléia Geral Extraordinária realizada em 22 de dezembro de 1993, registrada sob o nº 130.201; foi alterado na Assembléia Geral Extraordinária realizada em 05 de setembro de 1994, registrado sob o nº. 522956; foi alterado na Assembléia Geral Extraordinária realizada em 02 de março de 2000, registrado sob o nº. 109.172; foi alterado pela Assembléia Geral Extraordinária de 08 de setembro de 2000, protocolizado sob o nº. 31031006162 e averbado na matrícula n.º109.172, sendo aprovado pela Assembléia Geral Extraordinária de 11 de dezembro de 2001, registrado sob o nº. 68553. O presente foi alterado e aprovado na Assembléia Geral Extraordinária realizada em 09 de janeiro de 2004.

VICTOR HUGO KLAGSBRUNN
DIRETOR-PRESIDENTE

LUIZA TEREZA DIAS MARINHEIRO
OAB/SP 38.237

H- É uma entrevista aberta onde você vai falar sobre você. O meu interesse na pergunta, quem é você, é em tudo que está presente naquilo que você descreve como Você Hoje: as relações com a família biológica, a Aldeia, a casa e a mãe social, os irmãos, e o que mais é necessário... Quando você pensa em quem você é, no que você pensa?

R- Na verdade, assim... A Aldeia é realmente importante para mim, teve seus lados positivos e negativos, só que eu acredito que foi muito mais positivo. Primeiro pelo carinho que eu recebi da mãe social, da última mãe social, porque a primeira eu não gostei muito da experiência porque ela, quando eu fazia alguma coisa errada na situação de criança, atitude de criança, ela pegava alguns galhos de árvore para me bater, então achava aquilo inadequado para uma profissional. Então muitas vezes eu limitava meus interesses, minhas vontades como criança porque tinha medo dela. Aí a partir do momento que houve uma troca de mãe social e fiquei com outra mãe social, não sei se pode falar os nomes... Que é a Maria, ela me ensinou o que é realmente ter uma família e eu gostei muito da forma como ela nos levou, nos tirou da Aldeia para conhecer a família biológica dela porque na época não eram muitas que faziam isso e quando faziam era uma criança ou outra, então já tinha uma diferença de tratamento ali entre as crianças. E a Maria não, pegava todos e levava uma vez a cada mês, mas sempre levava todos. E eu descobri o que é realmente ter uma madrinha, porque a prima dela é minha madrinha. A tia da tia Maria ela cuidou de mim durante muito tempo. Quando eu saí da Aldeia morei um ano sozinho com mais dois jovens, que são o Ma. e o J, *que moravam na casa G e que são meus irmãos de casa* e eu, depois percebi que nós não tínhamos o mesmo padrão de interesse de vida porque eles pensavam muito em namorar enquanto eu queria estudar, só que nós três desempregados, como nós estávamos nos sustentando, na verdade, nós estávamos começando a passar dificuldades, né? E aí eu conversei com a tia Sílvia, que é a tia da tia Maria e ela me chamou para vir morar em Santo André, que é aqui próximo do meu trabalho, e a partir daí eu consegui reestruturar de novo a minha vida porque comecei a bater a cara, porque eu comecei a fazer cursos, quero fazer cursos, justamente o que ela estava falando dos projetos, só que eu não tenho como dar uma iniciativa, se a senhora puder me ajudar... então tive conhecimento de que uma menina da Aldeia, chamada Mariana, tinha um padrinho que ia pagar a faculdade para ela e ela não queria fazer faculdade, não queria fazer nenhum estudo, conversei com ela e perguntei se eu podia pedir para o padrinho dela pagar um curso de auxiliar de enfermagem para mim porque meu sonho, desde os 8 anos de idade, sempre foi fazer medicina, ela falou, por mim tudo bem, eu não vou, no caso, perder nada e

nem ganhar nada, só que eu pedi o consentimento dela. Aí conversei com a tia Karen e a tia Karen me apresentou o R. que é um amigo dela, que é um nome difícil de pronunciar (risos), e aí como eu tive uma entrevista com ele, e eu já estava morando em Santo André nessa época, e ele conversou comigo e disse que não podia pagar uma universidade porque já estava pagando para mais três pessoas, outros jovens de mais três instituições, só que ele me ajudaria a pagar um curso técnico, então ele pagou esse curso de 13 meses de auxiliar de enfermagem, e aí na metade do curso eu comecei a trabalhar numa outra ONG e o pessoal dessa ONG percebeu meu interesse em estudar e ser uma pessoa dedicada aos estudos e também ao lado profissional, e eles perguntaram se eu queria fazer saúde pública porque eles não tinham como pagar um curso de medicina que é muito caro aqui no Brasil, só que este curso eles explicaram que é uma área da saúde...

H- Você está fazendo a faculdade?

R- Isso. Então após esse meu curso de 13 meses de auxiliar de enfermagem, eu já estava na metade desse meu curso eu já entrei na faculdade, então comecei a fazer os dois ao mesmo tempo, então foi um tempo bem corrido porque eu tinha que trabalhar de dia, nessa ONG, à noite eu ia para faculdade e, sábado e domingo, o dia inteiro, eu fazia o meu curso de auxiliar, que ia nos hospitais fazer os estágios, né? Foi muito bom, para já ganhar experiência na área da saúde, então a partir daí foi melhorando a minha vida porque terminei o curso de auxiliar, continuei até hoje, estou dando para crianças dessa ONG, e já estou no último ano de faculdade, então o lado da família em si, eu não sinto falta da minha família biológica porque ali dentro da Aldeia eu recebi tudo que eu achei necessário para ter uma família.

H- Uma perguntinha, com quantos anos você foi para a Aldeia?

R-Eu entrei com 8 anos e junto com meu irmão de 3 anos e nós fomos separados de outro irmão menorzinho... Depois eu fui descobrir que a minha foi esconder na casa de uma vizinha perto de casa o meu outro irmão. Então o motivo de nós termos ficado é que os vizinhos denunciaram que a minha tinha, hoje eu sei que é epilepsia, mas na época, não sabia o que era, que ela tinha epilepsia e que ela desmaiava com panelas com água quente na mão, que ela tinha uns surtos, vamos dizer assim, então era perigoso para nós, então ela tinha, ela era uma dependente química, porque ela começou a tomar esses medicamentos, e não tomava nos momentos certos, então ela começou a se tornar dependente, e foi piorando a situação dela, né? E daí nós fomos parar no orfanato.

H- E ela não tinha parentes? Ela vivia com teu pai?

R- Não, cada um... Até quando eu tinha 16 anos, eu achei que nós éramos 3 irmão, aí quando eu tive uma oportunidade na Aldeia de ir para Noruega, fiquei 2 anos lá, aí quando eu voltei que eu descobri que eu tenho uma irmã, só que alguns dos irmãos da minha mãe falam que é uma menina mais velha que eu, que na nossa idéia eu sou o mais velho, na nossa compreensão, e aí outros falam que essa menina nasceu depois de mim. Então cada um de nós 4 temos um pai diferente. Então, o meu pai, ele não me registrou, mas eu já tô descobrindo que ele mora no Jardim Miriam, que eu tô indo atrás. E para eu poder encontrar essa minha irmã, essa nossa irmã, eu tenho que descobrir quem é meu pai porque ele conhece a família que adotou minha irmã, só que eu não tive ainda, essa... Porque eu tenho um tio que é irmão da minha mãe falou que sabe onde meu pai provavelmente mora, então, assim, o bairro onde ele mora, os vizinhos, que pode estar nos indicando. Só que...

H- Como é que você manteve o contato com a sua história? A Aldeia permitiu? A Aldeia ajudou? Como é que foi a sua história de criado na Aldeia com a sua família de origem?

R- A mãe social Maria sempre nos dizia que era importante ter um vínculo, então os meus tios eles iam uma vez a cada três meses ou quatro meses, os tios que ficaram com meu irmão menor. E os outros tios nunca iam, mas aí teve um momento que nós começamos a nos destacar na formação acadêmica, então começamos a sair em jornais dando entrevistas sobre como que era Aldeia, então começaram a surgir tios que moram próximos à Aldeia, então, eu, hoje em dia tenho dívida se eles queriam saber quem eu era ou se eu tinha alguma coisa para dar em troca, não sei, o interesse que eles tiveram, porque eles sabiam que nós morávamos ali e nunca ia nos visitar, então, eu nunca gostei desses meu tios porque nós fomos parar no orfanato e eu sei que tem tios que são donos de padaria, tem tios que são donos de várias casas na Bahia, porque minha família é da Bahia, então eu nunca consegui entender isso, na época eles nos visitavam, e eu ficava jogando futebol. E eu também nunca gostei porque eles puxavam muito o meu saco por eu ser o mais velho. Eu queria que eles me tratassem igual o Paulo, que é meu irmão do meio, que morou comigo na Aldeia, e eles não faziam isso, me abraçavam e não abraçavam ele, e ela era menor do que eu. E eu sempre reclamei muito disso, queria um tratamento igual, e como eles não faziam isso eu comecei a deixar de lado. Aí tem uma dia, o nome dela é L., que mora no Jabaquara, ela tentou criar um vínculo entre nós, nos levou para a casa dela, só que aí ela tem uma religião adventista, ela não assistia

televisão, não ouvia música, nos domingos e começou a querer humilhar a gente, falando, e falava palavras que a gente não gostava. Então eu também comecei a deixar ela de lado.

H- Que palavras que você não gostavam?

R- Ela falava, é...esses meninos...umas situações assim. E também colocava fralda no meu irmão quando ela já tinha 7 anos, era uma situação que não precisava. Então, acho que meu irmão...eu sempre pensei muito no meu irmão...então meu irmão gostava disso...

H- Quantos anos mesmo você é mais velho do que ele?

R- 5 anos...5 anos mais velho.

H- E você se lembra bem da sua vida antes de ter ido para Aldeia?

R- Não. É uma pergunta muito interessante. Antes de eu entrar na Aldeia eu só lembro de coisas ruins. Eu não lembro de nenhuma vez ganhando abraço da minha mãe ou indo no parque e hoje em dia, como eu tô querendo saber quem é minha irmã, eu vou onde meu irmão está morando, esse meu terceiro irmão está morando, que é onde nós temos uma casa e pergunto para as vizinhas como era a minha mãe e se ela já tinha me levado em algum lugar e sempre disseram que a minha mãe protegia muito a gente, e que mesmo ela estando envolvida com pessoal que usava drogas, questões assim, dependência química, ela sempre brigava com eles quando era questão de educação para eles, quando eles falavam palavrão, ela brigava, porque ela queria que nós fôssemos pessoas educadas... Então...

H- E quando os vizinhos denunciaram, você foram para onde?

R- Então, na verdade assim, nós fomos para Aldeia, eu achava que ia passear de carro, aí foi o Sr. T e a Alzira, seu T. era o motorista da Aldeia e a Alzira era uma das mães sociais, eu achei que estava andando de carro e como eu era uma criança de periferia, para mim, carro era muito bom e meu irmão ainda tinha 3 anos e não compreendia as coisas. E fui ficando uma semana na Aldeia e duas semanas, só que eu acho que eu também tinha medo da minha mãe porque ela me batia com umas madeiras também, na minha mão quando eu fazia alguma coisa errada, se e tirasse nota vermelha na escola, ela sempre, realmente, buscava muita educação. Então, eu não senti falta da minha mãe, eu lembro. Hoje em dia, eu até sinto, eu até

sinto, mas não como se fosse uma mãe biológica, é interessante isso, e ela...eu tinha...eu fiquei acho que um mês na casa da tia Alzira sem realmente sentir falta da minha família, não sei se chegou a ser por causa que na Aldeia eu recebi um tratamento bom, mas eu não acho que tenha sido isso de princípio, acho que realmente eu não me sentia bem com a minha própria mãe. E aí, dentro da Aldeia, crescendo na Aldeia, sempre tentei proteger muito meu irmão e tomei a iniciativa de querer fazer medicina, acho que a partir do momento que eu soube que minha tinha problemas de saúde. Porque até hoje eu não sei porque que eu quero fazer medicina, então eu acho que é essa a resposta, porque eu hoje eu sei que minha mãe tinha epilepsia, já sei como pode ser uma forma de tratamento, como ajudá-la. Só que a minha mãe desapareceu tem já uns 8 anos, ninguém sabe, nenhum doa parentes, então também não sei, porque tinha muitas pessoas que queriam matá-la, né? Por ela estar envolvida em drogas e ela acho que tinha problema de memória também, na realidade...

H- Ricardo, então você foi para Aldeia e teve uma experiência com a primeira mãe que não foi muito boa...?

R- É. Eu entrei na Aldeia e teve a mãe Alzira, que ficou com nós como forma provisória, depois que encontraram a primeira mãe social, o nome dela é Eunice, ela cuidou bastante da gente, deu bastante carinho, deu bastante joguinhos para a gente brincar no começo, só que a forma como ela batia na gente eu não gostava. Então quando, na verdade, eu fiquei sabendo que ela ia embora da Aldeia eu fiquei feliz, mas não tenho nenhum problema com ela, hoje em dia eu troco mensagens com ela pelo Orkut, ela continua seguindo nossa carreira, porque nós éramos nossa família, né? Nós éramos quase 10 crianças, nós éramos uma família grande, a maior família que tinha na Aldeia dentro de uma casa. E aí, quem eu considero como mãe mesmo é a Maria e toda a família dela.

H- Quanto tempo você morou com a Maria?

R- Não lembro. Acho que dos 15...14, 15, 16, 17...eu morei acho que uns 5 anos com a tia Maria.

H- E durante os anos que você morou na Aldeia, os seu irmão ficou sempre lá com você?

R- É...um dos princípios da Aldeia é esse, nunca separar...

H- Nunca separar os irmãos...

R- Isso.

H- E ele ficou sempre com você?

R- Ficou.

H- E você saiu da Aldeia antes dele?

R- É, aí quando eu tinha... Porque na Aldeia, quando você fazia na época 14 anos tinha que ir para casa de jovens, só que como eu era uma daquelas crianças que sempre estava estudando, que não falava tantos palavrões em comparação aos outros, eles foram me mantendo, então quando eu fiz 16 anos, que aí é um projeto que já estava mudando de novo que não era mais com 14, era com 16 que ia para casa de jovens, eu ganhei uma bolsa para estudar na Noruega dois anos.

H- Quando você fala, como eu era estudioso e não falava palavrão, você está me dizendo que a casa de jovens era um lugar onde mandava os meninos que não sabia o que fazer na Aldeia?

R- Na época, os que estavam dando problema na Aldeia. Aqueles mais rebeldes na época, no caso.

H- Meninas também ou só meninos?

R- As meninas eu não sei contar direitinho, mas eu acredito que era a mesma situação. E aí depois eles tentaram inverter essa situação e mandarem só os melhores.

H- Hum, hum...pare ser uma espécie de promoção e não castigo?

R- Isso.

H- Me diz uma coisa, durante os anos que você morou na Aldeia, você morou numa casa, na casa D, você falou...

R- Isso.

H- ...mudou de mãe, você ficou na casa. Você, os seus irmãos sociais que viviam na mesma casa, permaneceram os mesmo ou foi entrando e saindo gente?

R- Não, quando eu entrei na casa B com a Alzira, uma família provisória, tinha uma família já instituída ali, né? Formada. Depois eu mudei para uma casa que era chamada casa de jovens e nós éramos só nós dois, meu irmão e eu com essa mãe social. Só que como era casa de folga, eu errei, não era casa de jovens, era casa de folga, todas as crianças saiam um dia e iam para essa casa, não sei se a senhora conhecer essa experiência... então, segunda-feira ia a casa E para essa casa, na terça-feira a casa C e isso não foi muito bom porque eu tinha um armário e sempre gostei da minha cama arrumada, minhas coisas no armário então como vinham várias crianças eles mexiam nas minhas coisas, então tive muita dificuldade de adaptação. Depois eu e meu irmão com a mãe social, fomos para a casa D e chegaram mais dois jovens que é o Ma e J, que eu morei quando tu tinha 18 anos, depois vieram a De e o Sa, que são irmãos, e depois vieram as outras irmãs dele, a Le, a Jú e a Li, e aí formaram 5 irmãos. Então nós éramos 9, eu falei 10, mas éramos 9 nessa casa. Depois quando a Eunice foi mandada embora, nós fomos divididos em 2 casas, então ficaram 5 irmãos biológicos, o Ca com as meninas, eu, Ma, Jr e Paulo, fomos para casa G e aí começaram a vir mais crianças. Então a casa G que eu considero realmente como família já é a formação que tem o Ja, o Pa, o Du, o Be, o M. e o Paulo no caso (risos), e o Mu, tem o Mu também...

H- Quando você conta, você conta uma experiência que é diferente da idéia que a gente faz da famílinha, papai, mamãe, 3 filhinhos morando na mesma casa, essa idéia que nós temos de família. Você cresceu numa casa variável, cada hora aqui, hora ali, eu tenho uma pergunta, você foi começando a fazer uma idéia do que era a Aldeia, de que era viver lá, de que garantias você tinha, os outros deviam falar coisa, em festas, as pessoas falam, falam da Aldeia, que história você foi montando? Eu sou uma criança que mora...como você imagina que você contaria essa história quando você tinha 9, 10, 11...

R- Eu sempre procuro, porque hoje em dia é uma realidade que influencia a vida atual da gente, então assim, sempre quando eu conto para os meus amigos a minha história eu sempre conto a Aldeia como a família que eu realmente precisava ter, que foi aonde eu consegui ter educação, porque se eu comparar com a vida que eu tinha antes da Aldeia eu não teria essa educação. E a vizinhança também, porque eu tive bons amigos na escola, então eu tive boas influências que é o que me fizeram a querer estudar, compreender a necessidade do estudo *porque você tem os colegas que não compreenderam essa necessidade e a importância dos estudos*. Na Aldeia cada criança tem os padrinhos e teve uma vez que foi uma família alemã,

que também era uma das patrocinadoras da Aldeia na época, trabalhava na Volkswagen, foram para conhecer a Aldeia e não tinha uma mãe social no dia, e eu apresentei toda Aldeia, fui o host, como fala? O anfitrião... então ela me perguntou, essa...a Su, o nome dela, né? Ela perguntou qual era o meu objetivo de vida e eu não disse a ela que eu pretendia ser médico, eu disse a ela que eu ia ser médico, e ela gostou dessa convicção e então, a partir daquele dia, eles começaram a pagar escola particular para mim. Então eu tive uma realidade diferente dos meus colegas que também não sei se teria sido justa porque, se eu estava estudando numa escola particular, por que os outros não podiam, né? Só que para mim eu aproveitei, essa oportunidade eu aproveitei. Quando eu conto para os meus amigos de faculdade, os amigos do serviço, eu conto a realidade. Porque quem morou na Aldeia tem vergonha de falar que morou na Aldeia, muitos deles falam que...

H- Por que você acha que as pessoas têm vergonha?

R- Então, acredito que esses jovens que não falam que são da Aldeia ou que viviam na Aldeia têm vergonha justamente por ser uma instituição, uma ONG. Então quando você fala na escola sobre um orfanato, o pessoal já fala, então você é marginalizado, que é a visão que as pessoas têm, que é também o que eu tô tentando...que tem uma hipótese no meu trabalho que é essa, né? De tentar mostrar para as pessoas que nem todo mundo que mora numa instituição são marginalizados. E eles têm essa vergonha, de achar que são pobres, mesmo em comparação dos colegas que estudam em escola pública, que também não tem uma família rica, mas eles têm essa receio e eu não tenho esse receio...o que eu tive receio em falar que era da Aldeia porque eles fazem gracinhas quando eu falo que sou da Aldeia. Então eu consigo ir lá e falar, morei na Aldeia, uma instituição que me deu educação, que tem crianças sem família ou que tiveram problema com a família e *eles acham engraçado isso, meus colegas da Aldeia. Ao invés de acharem que é uma informação importante...*

H- Você está dizendo que você percebe que você lida muitas vezes com preconceitos, tanto de quem morou, de quem foi criado na Aldeia quanto...

...dos de fora...

...das pessoas de fora...

R- Tem uma realidade assim, muitos colegas meus que moraram na Aldeia, que eles me falam que quando falam para os professores que já moraram na Aldeia os professores os tratam de forma diferente.

H- E esse diferente é como?

R- Eles falam que, se faz uma pergunta, ah, deixa para lá porque é de instituição, não tem muita importância.

H- E me diz uma coisa, como que você acha que você conseguiu desenvolver essas idéias um pouco diferente?

R- Ah...não sei se isso é algo que eu tenho dentro de mim, se é uma coisa...não sei...aquela questão que eu te falei no meu trabalho que eu tenho dúvida de saber porque se diferenciou...

H- Né? Porque você tem uma história, você conhece um pouco da sua família de origem e você conhece as fraquezas e dificuldades da sua mãe, segundo você contou...

R- Hum, hum...

H- Você diz que ficou com muita vontade de aprender à respeito de saúde e de doença...

R- Isso. E também um dos motivos, como eu recebi muita ajuda na Aldeia de padrinhos de fora de dentro da Aldeia e da instituição, sempre ajuda, ajuda, ajuda. Então essa questão de ajuda ficou gravado na minha cabeça, então qual profissão que eu posso seguir para ajudar as pessoas de uma outra forma, não dando dinheiro, devolvendo dinheiro que investiram na minha educação, na minha vida, mas ajudando as pessoas, né? Então achei que a área da saúde foi um caminho.

H- Como é que foi a bolsa para Noruega?

R- A bolsa da Noruega foi, na verdade, não tenho certeza absoluta de como fui escolhido, mas eu posso dizer como foi o caminho dessa seleção, então o dirigente da Aldeia que era o Marcos, ele me disse que cada Aldeia tinha que dar nomes de representantes que poderiam participar dessa seleção, então na minha Aldeia, se não me engano foram 5 ou 6 nomes e entre eles com meu nome, e eu fui escolhido...

H- E eles perguntaram se você queria?

R- Perguntaram. Eles perguntaram se eu tinha interesse, deixaram claro que eu tinha meu irmão que ainda era menor, porque na época eu tinha 16 e meu irmão, no caso, 11, porque nós temos 5 anos de diferença. E eles perguntaram se eu tinha essa coragem de ficar 2 anos fora. E como eu tinha com 16 anos uma idéia formada para o que eu queria da minha vida, que foi uma coisa que facilitou muito, que eu acredito que facilita essa diferença que eu tenho dos meus colegas, desde os 8 já queria seguir a área da saúde então não tive dificuldade de escolher nenhuma profissão, já era o que eu queria na área da saúde, então eles faziam algumas seleções assim, quem eram os melhores alunos nas escolas, referentes aos Aldeanos e os que se portavam melhor e ali eu fui ganhando pontos, então eu não cheguei a fazer nenhuma prova escrita porque eu sempre fui um aluno mediano, tirava 8 ou 9 e aí tirava 4, mas aí recuperava com 10, então eu sempre fui assim. Também sempre briguei na escola e brigava na escola justamente por ser da Aldeia porque falavam que eu era marginal e como era uma escola particular eles me chamavam de pobre, de neguinho, pelo fato de eu ser negro, porque na época tinha muito japonês e muitos brancos de família italiana e espanhola. nunca fui uma criança perfeita, Então eu acho que a oportunidade da Aldeia foi vindo aí, a partir de pontos que eu fui ganhando no perfil. Depois eu fiquei sabendo que era para um menino comigo de uma outra Aldeia e que ele teve alguns problemas nos documentos e acabei só eu indo.

H- E para onde você foi?

R- Na Noruega para um escola chamada Red Cross

H- Em que cidade?

R- Em Flack. Quase 5 horas de Oslo.

H- Você aprendeu a falar Norueguês?

R- Não, eu sei algumas frases, mas como era uma escola internacional, que fazia parte com a Cruz Vermelha, o certo era falar inglês Eles falam muito inglês...é o segundo idioma, como se fosse o primeiro.

A Aldeia pagou para mim 3 meses de curso para mim no CNA, antes de eu ir , só que não era um curso para eu aprender a falar inglês, era só para ter noção do que eu ia, como chegar até lá, porque eu ia sair sozinho, de menor, porque na verdade, eu tinha 16 anos, ia chegar até o

aeroporto da Noruega, tinha que me virar, então aprendi palavras simples como por favor, obrigado, meu nome é tal, sou do Brasil e aí...(risos) e eu fui direto para a Inglaterra para fazer 13 semanas de inglês, fui para Noruega fiquei um ano.

H- E como foi viver sozinho lá? Sozinho no sentido de sem ninguém que fala a sua língua, tem o seu jeitinho?

R- É, quando eu fui para a Inglaterra, para uma outra escola vinculada a essa que também é internacional, tinha um rapaz que morava em Moçambique que falava português, então ele me ajudou em alguns momentos e ali eu comecei a ter aula de inglês, então eu achei muito gostoso participar de uma escola com várias culturas, né? E agora que eu voltei de lá achei muito difícil a realidade do Brasil em comparação lá porque o que aprendi no colegial é o que eu tô aprendendo agora na faculdade, questões de tecnologia, só na universidade que temos no Brasil enquanto lá tinha no colegial. Questões de microscópios, televisões melhores tecnologicamente falando.

H- Você está em que escola aqui?

R- Tô na universidade São Camilo, que é o Centro Universitário São Camilo, tem um bolsa ali também que é o meu emprego que está pagando para mim. Então, na verdade, eu sempre fui tendo bolsas, tive bolsa na Inglaterra 3 semanas, na Noruega 2 anos, depois em Cambridge mais um mês de inglês e aí consegui uma bolsa que eu ia para os EUA jogar futebol e fazer medicina, só que aí o visto demorou para chegar e eu perdi essa oportunidade, porque eu sempre fui ganhando bolsa.

H- E há quanto tempo você voltou?

R- Voltei em 2001.

H- Então já está há 5 anos, vai fazer 5 anos. E Ricardo, você disse que para você a Aldeia, o que você acha que o que alguém precisa de uma família, a Aldeia te deu que é pertinência, você usaria essas palavras? Pertencimento, segurança?

R- Sim, eu usaria a segurança, orientação, só que acho que ainda houve falhas, na minha época a Aldeia dava muito valor à criança, só que quando fazia 16 ou 17 anos, ela tratava de uma forma diferente que é o que disse, de levar um pé na bunda, que eram palavras que eu

não gostava. Então, quando eu discutia com alguém eles falavam que eu ia chamar a polícia para mim, então era uma coisa que eu não gostaria de ter ouvido e isso marcou, na época era um sub-dirigente e nós discutimos e mandaram eu para sair da Aldeia e eu saí e foi quando eu comecei a ter que ser independente e ele foi mandado embora e depois ele foi contratado numa outra Aldeia, então é uma história muito complicada de entender essa história.

H- Como você entende hoje olhando para você e para a instituição, essa mistura de ter muito amor, muito cuidado com as crianças? Não sei se tem pena, mas tem muito cuidado, as crianças são bem cuidadas. Até quando uma mãe não dá certo eles vão lá e tiram...

R- É, quando descobrem vão lá realmente...

H- Quando descobre, realmente são muito cuidadosos... e de repente passa a olhar como alguém que você chama a polícia, alguém que você dá pé na bunda. Como que você sente isso hoje olhando para a Aldeia?

R- Esse é o motivo de eu tentar descobrir o perfil que eu falei no começo, o perfil dos funcionários. Eu acredito que a intenção da Aldeia que é dar um lar, segurança, amor e educação, essas questões mais importantes, a Aldeia consegue, só que acho que assim, quem está lá em cima no topo que é o conselho, eles têm uma teoria, aí quando chega aqui embaixo, quando tem a parte de diretoria de dentro da Aldeia, as coisas mudam. Então as mães têm uma realidade, que elas ficam nervosas por causa de verba, porque eu já vi que falta verba para as mães de hoje em dia no programa de hoje da Aldeia. Então elas acabam ficando nervosas, desesperadas por dois motivos, primeiro porque elas realmente consideram as crianças como filhos e outro pelo lado profissional, elas têm que dar conta de um serviço porque elas recebem uma cobrança, então será que aí já não surge essa dificuldade de conseguir diferenciar o que é uma criança, de um jovem e reconhecer que o jovem, ainda sendo jovem, precisa de orientação, eu acho que muitas das mães ainda não estão preparadas para lidarem com os jovens na Aldeia. Acho que elas precisam de uma preparação melhor. Porque elas são preparadas para cuidarem de crianças, mas aí não vão ser como uma família normal que tem dois filhos jovens, vão ser oito ou nove filhos jovens e aí vem aquela fase de rebeldia e aí é meio complicado. Acho que o perfil das mães sociais é um perfil bom, mas elas precisam de um melhor condições de trabalho. Elas têm moradia, têm alimentação, mas só que um preparo psicológico, um preparo educativo mesmo.

H- E o dirigente na sua história?

R- É. Eu comecei com o tio Zeca que ele tinha um perfil de se enturmar com os jovens, jogava futebol todo dia, levava todo mundo para o Sesc Interlagos e isso foi muito importante para mim também porque eu esquecia que estava num orfanato. Eu tinha uma visão que eu estava com amigos, irmãos, primos, que acaba criando esse vínculo, e cria um vínculo tão forte que hoje em dia quem realmente gostava um do outro continua se ajudando e outros não. Então um dos pontos que eu levanto no meu trabalho também é porque se considera um irmão social como se fosse biológico e aí você descobre na hora da necessidade que não, que não é o que ele pensa também, que o que ele pensa é, preciso dele por causa do dinheiro que ele tem ou porque ele é legal, mas nunca pelo sentimento de amizade.

H- Você acha que isso não aconteceria entre, eventualmente, entre irmãos biológicos ou isso também acontece?

R- Acho que isso acontece nas famílias e conversei com uma amiga no final de semana passado e ela me disse que a irmã dela tem essa certa inveja da situação, só que dentro da Aldeia, se a mãe tiver uma preparação melhor ela consegue lidar com essa situação. Porque muitos dos irmãos sociais, eles brigam e não ajudam um ao outro mesmo sabendo que estão na rua, justamente pela raiva, pela angústia, não sei dizer direito.

H- E você está falando que o tio Zeca foi importante porque fazia parte de um...

R- De um perfil de lazer. Aí depois o Luiz Marcos, ele veio com um perfil de pai para mim, eu chamo tio, mas teve um perfil de pai, que era justamente me orientar sobre a importância do trabalho...

H- Como ele conseguia fazer isso com 100 crianças?

R- O tio Luiz Marcos?

H- É.

R- O tio Luis Marcos ele tinha um perfil diferente do tio Zeca, ele não jogava bola com todo mundo, mas ele fazia durante as festas, que tinha uma festa tipo junina, que ele fazia entre todos, ele estava presente e conversava com as mães sociais, acho que ele era uma pessoa democrática de certa forma, só que ele botava limites, se a mãe social estava dando muita

opinião que era além do que ela podia estar falando ele já cortava um pouco, já colocava limites. Então, ele demonstrou quem estava sendo o líder da Aldeia porque tinha uns jovens que, ele entrou justamente quando o Zeca saiu, depois que o Zeca saiu veio um outro dirigente, o Geneci, que não ficou muito tempo, e o Luis Marcos entrou para ficar muito tempo, então os jovens que era a primeira geração, eles tinham raiva de todo mundo que entrava, então eles agrediam realmente o tio Luis Marcos e ele respondia com liderança.

H- E você sabe porque eles tinham raiva?

R- Porque eles tinham um vínculo muito forte com o tio Zeca. Eu não tive esse vínculo porque eu já peguei o tio Zeca um pouco no final, mas tive esse vínculo com o tio Luis Marcos, então, imagine se colocam ele para fora e colocam uma outra pessoa no lugar, né? É como se fosse uma troca de pai nas famílias biológicas, né? Então realmente acontece uma revolta. Então depois ele adquiriu confiança através de conversas e de apoio também porque os jovens saíram da Aldeia e não tinham o que fazer, então ele começou a orientar sobre a importância de trabalhar, ele dava uma ajuda financeira, mas o jovem tinha que devolver esse recurso financeiro, então ele orientou bastante e foi tendo confiança e um vínculo, né? Desenvolveu um vínculo.

H- E você tem vínculos com irmãos ou outros jovens de outras casas?

R- Tenho. Eu morei até o ano retrasado com as meninas da casa 2 que foi a primeira casa que eu fiquei. E nós misturamos, as meninas que moraram comigo na casa 4 com as meninas que moraram na casa 2, nós montamos uma casa. Então as meninas da casa B compraram uma casa, que naquele projeto da Aldeia que eles davam uma casa e os jovens tinham que ir pagando, né? Então das 5 casas que eles tiveram para esses jovens, só elas estão pagando e o João Jose. Se não me engano, elas já quitaram essa casa e elas deram um apoio porque eu saí e não tenho irmãos mais velhos, fui o primeiro da minha família a sair e não tinha onde ficar. Fui e morei com elas, morei com a tia da tia Maria, então eu morei até o ano retrasado em muitos lugares. Fiquei trocando de lugar.

H- Mas sempre com gente que era parente no sentido que tinha afinidade na tua história?

R- Isso.

H- E o teu irmão Pedro Vinícius, como está?

R- Agora ele já fez 18 anos e saiu também da Aldeia, está morando com três amigos numa república lá perto da Aldeia, e ele está trabalhando na Av. Paulista com telemarketing. Ele me disse que tem um salário bom, né? Só que ele não tem necessidade. Perguntei se ele quer vir morar para cá onde estou, e ele falou que não porque ele estudou num colégio de Interlagos, tem amigos que são de lá, que tem um vínculo lá, lá estão os amigos, tem tudo de lá, né? *E eu, já pelo contrário, tenho experiência de jovens que saem da Aldeia que são um pouco aproveitadores, então, ao invés deles irem trabalhar, eles vão na sua casa e ficam ali, enquanto tiver comida eles ficam, mas quando você não tem o dinheiro para comprar comida eles vão embora. Então eu sempre decidi que ia morar um pouco longe da Aldeia para cortar já um pouco esse vínculo, esse aproveitamento, nunca proibi ninguém de vir visitar a minha casa, eu deixo, mas eu sei dar limites, né?*

H- É como se você tivesse uma família muito grande e depois de adulto você fala, esse daqui é meu amigo e esse não é?

R- Hum, hum, exatamente. (outras)

H- E com o teu irmão Pedro Vinícius, vocês se encontram?

R- É muito difícil pela vida que eu tô tendo agora. Porque além de eu estar trabalhando numa ong, fazer faculdade e ir para hospitais fazer estágio, eu dou aulas particulares de inglês e tô fazendo aula de capoeira, então tenho uma vida muito corrida. Só que sempre que eu entro em dias de feriados, sabe esses feriados prolongados? Ou quando estou de férias, eu consigo ir vê-lo, só que a gente tenta, eu tento sempre ter um contato com ele. Mas durante a Aldeia, devido a diferença de idade, nós não tínhamos um vínculo assim, de vamos conversar, porque enquanto eu estava numa fase ele estava na outra, então a fase que ele está agora eu já passei, que é a fase de ficar com várias meninhas, namorando várias meninas. Agora eu tô na fase de estudar, trabalhar, então a gente nunca teve uma conversa muito...

H- Ricardo, você está com 23 anos...

R- 23 anos...

H- ...e não tem filhos?

R- Tenho uma menina.

H- Tem uma menina?

R- É. Sara é o nome dela.

H- Quantos anos ela tem?

R- Ela tem 2 agora.

H- E a mãe dela foi tua namorada? Vive com você?

R- Não, foi minha namorada, mas nós não nos demos muito bem então decidimos que ia cada um viver separadamente, né? Só que ela tem um padrão de vida diferente do meu. Ela é de classe média alta então foi um dos problemas que surgiu aí, né? Ela queria que eu me transformasse, que passasse a vestir roupas sociais, andasse com tênis de marca e eu não tenho esse padrão de vida, né? Eu gosto de ser mais humilde, mesmo se eu tiver um salário muito alto, eu não gosto de me vestir dessa forma, eu acho que eu me sinto melhor quando estou de short, de chinelo havaianas. Então tem essa diferença. Hoje ela tá casada e ela tá bem, não está passando dificuldade.

H- E a sua filha, você reconheceu?

R-Reconheci.

H- E ela tem contato com você?

R- Não, também por causa da minha vida corrida a gente não tem nenhum vínculo. Às vezes, eu vou na casa da minha tia em Santo André aí ela aparece lá, mas é muito difícil.

H- É porque a minha pergunta era essa, eu noto que vários de vocês têm filhos muito jovens e tem filhos de relações que não são duradouras, e filhos que alguns sustentam e outros não sustentam. E eu fico curiosa para saber se a Aldeia tem influência nisso, se algo poderia ter sido feito. Como você olha para isso hoje?

R- Nunca pensei à respeito disso.

H- Porque muitos de vocês têm filhos que poderiam ser candidatos a uma Aldeia...

R- Hum, hum.

H- Então seria uma repetição...

R- É, na verdade assim, eu sempre tive conhecimento de como evitar. Então quando eu tive relacionamento com a minha namorada eu fiz uma pergunta para ela e ela disse que eu poderia confiar, que nesse caso é aquela coisa de pílula e aí depois eu descobri que não, que ela estava realmente com a intenção de engravidar. Então foi um dos problemas que começou a causar. E eu tive muita dificuldade em aceitar que ia ser um pai porque eu sabia como evitar, confiei nela, não estou falando que ela é a culpada porque eu também tinha o conhecimento da probabilidade, confiei no que ela me disse e depois eu fui, de uma certa forma, eu achei que de certa forma eu fui enganado. Então foi uma situação complicada e ela começou a fazer coisas erradas, a falar para todo mundo que eu não queria assumir ela e nem a criança, sendo que eu já tinha deixado claro que eu ia fazer tudo por ela. Só que eu não ia casar com ela porque eu não acho que sou obrigado a casar com ela, sei que não vai dar um casamento certo, sei que ia viver um relacionamento quebrado, de briga, porque eu tive a experiência de ver pais brigando, eu achei que a criança ia sofrer com isso. Então foi uma situação complicada ali. Mas eu acho que os jovens, com esse programa que tem hoje em dia o Governo, de dar comida, de dar dinheiro para quantos filhos tem, bolsa da família, se não me engano que chama, os jovens, eles estão fazendo isso porque querem, muitos meninos da Aldeia virem me perguntar como fazia para não perder um bebê ou para abortar. Então elas têm uma noção de prevenir ou de como fazer com isso. **Então** acho que, dependendo da situação, começam a achar que se tiverem filhos a Aldeia vai ajudar, né? Então acho que acabam tendo esse pensamento.

H- E isso você acha que não tinha essas discussões na Aldeia?

R- Na casa G nós tínhamos acho que a cada um mês com a tia Maria, sobre sexualidade e, nós ainda éramos, de uma certa forma, ainda não tão malicioso com essa questão, então nós interpretávamos de outra forma, mas hoje em dia, se houver essas conversas, seria muito importante. Eu tenho um projeto que eu desenvolvi na Faculdade São Camilo que chama Programa Educativo à Sociedade Carente e é onde eu e meus amigos, a gente dá palestras voluntárias, para várias ongs e eu tentei implantar isso na Aldeia e houve uma resistência e eu não entendi o porquê, mas eu queria falar sobre dependências químicas e sobre sexualidade porque hoje em dia, quando vou visitar a Aldeia, as meninas de 13 e 14 anos, elas dão em cima de mim como se eu fosse uma pessoa de 13 e 14 anos. E eu sou bem mais velho, 23.

Então eu vejo que é uma realidade que está continuando, que provavelmente vão ser gestantes na adolescência se as mães da Aldeia não prestarem atenção, e ainda mais quando eu descubro os lugares que elas vão, né? Nas festinhas, são locais aonde vão muitos ladrões, pessoal de periferia realmente e que não tem muita preocupação, né? Então acho que esse programa de prevenção é muito importante na Aldeia.

H- Ricardo, isso tudo que você contou para mim e eu fui perguntando, tem mais alguma coisa que você ache importante de contar que eu não perguntei, que a nossa conversa não andou?

R- Acho que a própria estrutura da Aldeia que é a estrutura de recursos físicos, ele também facilita muito ao desenvolvimento da criança porque ali dentro você tem árvores, você tem árvores com frutos e sem frutos, você tem uma quadra de futebol, de basquete, tudo num ambiente só, tem dois parquinhos, se contar com um da creche, aí tem lavanderia, tem os funcionários, então você vê que a estrutura física e recursos humanos da Aldeia é uma forma bem estruturada. Então quando eu me comparo com meus amigos de fora, por exemplo, na minha aula de capoeira, em três semanas o professor já achou que eu tinha feito em outro lugar, porque em comparação com os outros que estavam há 3 meses, que eu me desenvolvi muito rápido. Mas não é porque eu tive curso de capoeira em outro lugar porque eu nunca tive, mas por ser uma criança que viveu na Aldeia eu sempre brinquei e subi em árvore, sempre fui uma criança ativa e isso é realmente uma coisa importante para criança, ter o lazer e a felicidade. Então acho que a família também é importante de dar para a criança a sua infância e na Aldeia, com esses recursos físicos, eles cumprem essa função. Acho que isso é muito importante de ser dito. E, principalmente, acho que a mãe social que cuidou de mim, é muito importante. Eu não consigo chamá-la de mãe na frente dela, não sei porque, mas eu acho estranho falar a palavra mãe na frente dela, chamo ela de tia, mas quando ela não está, eu chamo ela de mãe, então não sei dizer o porque disso. Mas eu acho que o Ricardo que eu sou hoje, como você fez a primeira pergunta, é justamente a educação que eu tive dela porque eu sempre fui uma pessoa, um jovem de olhar crítico, vamos dizer, então sempre olhei muito a personalidade, os motivos, então se alguém quebrava o meu rádio não ficava nervoso, eu pensava, ele estava nervoso por algum motivo e quebrou o meu rádio, é um material, então vou lá a trabalho de novo e compro um outro melhor ou igual. Então nunca gostei muito dessa questão, nunca fui muito ligado às questões materiais. E a Maria também nunca foi, então acho que eu tive muito da personalidade que eu tenho hoje através dela, né? Então acho que

é muito importante falar desse papel, a importância da mãe social na criança. Sem contar o perfil mesmo de capacidade educativo, se a Aldeia trabalhar melhor esse lado dos profissionais, as crianças vão ser, vão ter um melhor funcionamento. Morando na Noruega eu tive a experiência de conhecer outras crianças de Aldeias, das Aldeias é outra coisa que eu também não compreendo, o porquê que eles não queriam me deixar fazer cursos em faculdades no exterior e para outros jovens sim, sendo que entre eles e eu, eu tinha a melhor nota. Então nunca entendi isso.

H- Eles quem não queriam?

R- A diretoria internacional, o Mr. Kutin. Não sei se devido a um vínculo que eles já tinham com algum, já conheciam alguns ou se era algum outro problema. Porque ele me disse que aqui no Brasil existiam universidades boas, só que em outros países existiam universidades boas e ele pagou universidades nos EUA, ou então conversou e teve contato e o pessoal foi para os EUA, Canadá, Nova Zelândia...

H- Eu não sei Ricardo, eu sei que aqui no Brasil nós temos um problema que quando você fala de uma universidade fora do Brasil, é muito difícil de validar o seu diploma. Talvez na Europa, entre um país e outro, seja mais fácil. Mas eu não sei se foi por isso...

R- Talvez seja porque na própria escola que eu estudei tive dificuldade de...como é que fala?

H- Revalidar...

R- Em revalidar...

H- É uma papelada...

R- É, mas, assim, em comparação, eles disseram para mim antes de eu ir, se você for para lá e for um bom aluno a Aldeia vai te pagar a tua universidade ou vai fazer com que você tenha universidade. Então, acho que se vão fazer isso com uma criança ou um jovem, porque na época eu já era adolescente, que fale assim, provavelmente, e não que vão. Porque aí eu cheguei lá e estudei, me dediquei aos estudos, consegui umas notas melhores do que os meus colegas que nós éramos mais ou menos 20 aldeianos lá, cada um de um país, Hong Kong, China, Índia, Nepal, Bangladesh e justamente eu, que tinha as melhores notas, fui proibido. Então, quando eu te disse que ganhei uma bolsa para jogar futebol é porque eu fiz escondido.

H- Sei...

R- Eu fiz uma...eles falam application, apliquei escondido e passei nessa escola que era para jogar futebol. Então, quando eu trouxe para cá, a Dra. Luisa que era presidente na época, ela ia ajudar, ia pagar a passagem de ida para mim até os EUA, então aqui dentro realmente houve um incentivo, mas lá eles me bloquearam. Então a partir do momento que eles falaram que eu não ia, eu parei de estudar porque eu não entendia qual a necessidade de eu ficar estudando se eles não iam me dar uma oportunidade melhor, né? Então não consegui entender muito bem isso e é o que me marcou também, eu sempre falo quando alguém pergunta, não entendo porque de oportunidades diferentes, né? Se é uma oportunidade que tem que ser padrão normal para todos.

H- Tá bom. Eu vou transcrever a nossa conversa toda e se depois de transcrever tiver algum buraco, que eu digo, nossa, nesse pedaço a gente mudou de assunto e eu queria saber, eu te mando por e-mail uma pergunta...

R- Tá bom, obrigado!

H- Depois a gente continua a conversar...

R- Eu consegui responder as suas perguntas?

Com certeza, com certeza! Agora vamos ver como eu trabalho esse material todo.

Mapa de Associação de Idéias

Mãe Social					Aldeia				
Como cuidava	Como afetou	Vida Fora da Aldeia	Ações/Planos/Reflexões	Preconceito	Como qualifica	Como descreve os procedimentos	Rede criada a partir da Aldeia	Relação com a família biológica	Dirigente de Aldeia
<p>Primeiro pelo carinho que eu recebi da mãe social, da última mãe social</p> <p>porque ela, quando eu fazia alguma coisa errada na situação de criança, atitude de criança, ela pegava alguns galhos de árvore para me bater</p>	<p>porque a primeira eu não gostei muito da experiência</p> <p>então achava aquilo inadequado para uma profissional. Então muitas vezes eu limitava</p>				<p>Quando você pensa em quem você é, no que você pensa?</p> <p>Na verdade, assim... A Aldeia é realmente importante para mim, teve seus lados positivos e negativos, só que eu acredito que foi muito mais positivo.</p>				

<p>e fiquei com outra mãe social, não sei se pode falar os nomes... Que é a Maria, ela me ensinou o que é realmente ter uma família.</p> <p>E a Maria não, pegava todos e levava uma vez a cada mês, mas sempre levava todos</p>	<p>meus interesses, minhas vontades como criança porque tinha medo dela</p> <p>e eu gostei muito da forma como ela nos levou, nos tirou da Aldeia para conhecer a família biológica dela porque na época não eram muitas que faziam isso e quando faziam era uma criança ou outra, então já tinha uma diferença de tratamento ali entre as crianças</p>					<p>Aí a partir do momento que houve uma troca de mãe social</p>			<p>E eu descobri o que é realmente ter uma madrinha, porque a prima dela é minha madrinha. A tia da tia Maria ela cuidou de mim durante</p>
--	---	--	--	--	--	---	--	--	---

		<p>Quando eu saí da Aldeia morei um ano sozinho com mais dois jovens, que são o Ma. e o J,</p>	<p>e eu, depois percebi que nós não tínhamos o mesmo padrão de interesse de vida</p>				<p>muito tempo</p>		
		<p>só que nós três desempregados, como nós estávamos nos sustentando, na verdade, nós estávamos começando a passar dificuldades, né?</p>	<p>enquanto eu queria estudar</p>				<p>que moravam na casa G e que são meus irmãos de casa</p>		
			<p>E aí eu conversei com a tia Sílvia</p>				<p>porque eles pensavam muito em namorar</p>		
			<p>e a partir daí eu consegui reestruturar de novo a minha vida porque comecei a bater a cara, porque eu comecei a fazer cursos, quero fazer</p>				<p>que é a tia da tia Maria e ela me chamou para vir morar em Santo André, que é aqui próximo do meu trabalho</p>		

			<p> cursos, justamente o que ela estava falando dos projetos, só que eu não tenho como dar uma iniciativa, se a senhora puder me ajudar...</p>				<p>então tive conhecimento de que uma menina da Aldeia, chamada Mariana, tinha um padrinho que ia pagar a faculdade para ela e ela não queria fazer faculdade, não queria fazer nenhum estudo</p>		
			<p>conversei com ela e perguntei se eu podia pedir para p padrinho dela pagar um curso de auxiliar de enfermagem para mim porque meu sonho, desde os 8 anos de idade, sempre foi fazer medicina,</p>				<p>ela falou, por mim tudo bem, eu não vou, no caso, perder nada e nem ganhar nada,</p>		
			<p>só que eu pedi o consentimento dela. Aí conversei com a tia Karen</p>				<p>e a tia Karen me apresentou o R. que é um amigo dela, que é um nome difícil de</p>		

			<p>e aí na metade do curso eu comecei a trabalhar numa outra ONG e o pessoal dessa ONG percebeu meu interesse em estudar e ser uma pessoa dedicada aos estudos e também ao lado profissional,</p>			<p>pronunciar (risos), e aí como eu tive uma entrevista com ele, e eu já estava morando em Santo André nessa época, e ele conversou comigo e disse que não podia pagar uma universidade porque já estava pagando para mais três pessoas, outros jovens de mais três instituições, só que ele me ajudaria a pagar um curso técnico, então ele pagou esse curso de 13 meses de auxiliar de enfermagem,</p> <p>e eles perguntaram se eu queria fazer saúde pública porque eles não tinham como pagar um curso de medicina que é muito caro aqui no Brasil, só que este curso eles</p>		
--	--	--	---	--	--	--	--	--

			<p>Você está fazendo a faculdade?</p> <p>Isso. Então após esse meu curso de 13 meses de auxiliar de enfermagem, eu já estava na metade desse meu curso eu já entrei na faculdade, então comecei a fazer os dois ao mesmo tempo, então foi um tempo bem corrido porque eu tinha que trabalhar de dia, nessa ONG, à noite eu ia para faculdade e, sábado e domingo, o dia inteiro, eu fazia o meu curso de auxiliar, que ia nos hospitais fazer os estágios, né? Foi muito bom, para já ganhar experiência na área da saúde, então a partir daí foi melhorando a minha vida porque terminei o curso de auxiliar, continuei até hoje, estou dando para crianças dessa ONG, e já estou no último ano de faculdade</p>				<p>explicaram que é uma área da saúde...</p>		<p>então o lado da família em si, eu não sinto falta da minha família biológica</p>
					<p>porque ali dentro da Aldeia eu</p>				

recebi tudo que eu achei necessário para ter uma família.

Uma perguntinha, com quantos anos você foi para a Aldeia?

Eu entrei com 8 anos e junto com meu irmão de 3 anos e nós fomos separados de outro irmão menorzinho...

ai quando eu tive

Depois eu fui descobrir que a minha foi esconder na casa de uma vizinha perto de casa o meu outro irmão. Então o motivo de nós termos ficado é que os vizinhos denunciaram que a minha tinha, hoje eu sei que é epilepsia, mas na época, não sabia o que era, que ela tinha epilepsia e que ela desmaiava com panelas com água quente na mão, que ela tinha uns surtos, vamos dizer assim, então era perigoso para nós, então ela tinha, ela era uma dependente química, porque ela começou a tomar esses medicamentos, e não tomava nos

							<p>uma oportunidade na Aldeia de ir para Noruega, fiquei 2 anos</p>	<p>momentos certos, então ela começou a se tornar dependente, e foi piorando a situação dela, né? E daí nós fomos parar no orfanato.</p> <p>E ela não tinha parentes? Ela vivia com teu pai? Não, cada um... Até quando eu tinha 16 anos, eu achei que nós éramos 3 irmão</p> <p>lá, aí quando eu voltei que eu descobri que eu tenho uma irmã, só que alguns dos irmãos da minha mãe falam que é uma menina mais velha que eu, que na nossa idéia eu sou o mais velho, na nossa compreensão, e aí outros falam que essa menina nasceu depois de mim. Então cada um de nós 4 temos um pai diferente. Então, o meu pai, ele</p>	
--	--	--	--	--	--	--	---	--	--

<p>Como é que você manteve o contato com a sua história? A Aldeia permitiu? A Aldeia ajudou? Como é que foi a sua história de criado na Aldeia com a sua família de origem? A mãe social Maria sempre</p>								<p>não me registrou, mas eu já tô descobrindo que ele mora no Jardim Miriam, que eu tô indo atrás. E para eu poder encontrar essa minha irmã, essa nossa irmã, eu tenho que descobrir quem é meu pai porque ele conhece a família que adotou minha irmã, só que eu não tive ainda, essa... Porque eu tenho um tio que é irmão da minha mãe falou que sabe onde meu pai provavelmente mora, então, assim, o bairro onde ele mora, os vizinhos, que pode estar nos indicando. Só que...</p> <p>então os meus</p>	
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

<p>nos dizia que era importante ter um vínculo,</p>								<p>tios eles iam uma vez a cada três meses ou quatro meses, os tios que ficaram com meu irmão menor. E os outros tios nunca iam, mas aí teve um momento que nós começamos a nos destacar na formação acadêmica, então começamos a sair em jornais dando entrevistas sobre como que era Aldeia, então começaram a surgir tios que moram próximos à Aldeia, então, eu, hoje em dia tenho dúvida se eles queriam saber quem eu era ou se eu tinha alguma coisa para dar em troca, não sei, o interesse que eles tiveram, porque eles sabiam que nós morávamos ali e nunca ia nos visitar, então, eu nunca gostei desses meu tios porque nós fomos parar no orfanato e eu sei que tem tios que são donos de padaria, tem tios que são donos de várias casas na Bahia, porque minha família é da Bahia, então eu nunca</p>	
---	--	--	--	--	--	--	--	---	--

			<p>E eu sempre reclamei muito disso, queria um tratamento igual, e como eles não faziam isso eu comecei a deixar de lado</p>				<p>consegui entender isso, na época eles nos visitavam, e eu ficava jogando futebol. E eu também nunca gostei porque eles puxavam muito o meu saco por eu ser o mais velho. Eu queria que eles me tratassem igual o Paulo, que é meu irmão do meio, que morou comigo na Aldeia, e eles não faziam isso, me abraçavam e não abraçavam ele, e ela era menor do que eu.</p> <p>Aí tem uma dia, o nome dela é L., que mora no Jabaquara, ela tentou criar um vínculo entre nós, nos levou para a casa dela, só que aí ela tem uma religião adventista, ela não assistia televisão, não ouvia música, nos domingos e começou a querer humilhar a gente, falando, e falava palavras que a gente não gostava.</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	--

			Então eu também comecei a deixar ela de lado.					<p>Que palavras que você não gostavam? Ela falava, é...esses meninos...umas situações assim. E também colocava fraida no meu irmão quando ela já tinha 7 anos, era uma situação que não precisava. Então, acho que meu irmão...eu sempre pensei muito no meu irmão...então meu irmão gostava disso...</p> <p>Quantos anos mesmo você é mais velho do que ele? 5 anos...5 anos mais velho.</p> <p>E você se lembra bem da sua vida antes de ter ido para Aldeia? Não. É uma pergunta muito interessante. Antes de eu entrar na Aldeia eu só lembro de coisas ruins. Eu não lembro de nenhuma vez ganhando abraço da minha mãe ou indo no parque e hoje em dia,</p>	
--	--	--	---	--	--	--	--	---	--

								<p>como eu tô querendo saber quem é minha irmã, eu vou onde meu irmão está morando, esse meu terceiro irmão está morando, que é onde nós temos uma casa e pergunto para as vizinhas como era a minha mãe e se ela já tinha me levado em algum lugar e sempre disseram que a minha mãe protegia muito a gente, e que mesmo ela estando envolvida com pessoal que usava drogas, questões assim, dependência química, ela sempre brigava com eles quando era questão de educação para eles, quando eles falavam palavrão, ela brigava, porque ela queria que nós fôssemos pessoas educadas... Então...</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	---	--

<p>porque ela me batia com umas madeiras também, na minha mão quando eu fazia alguma coisa</p>	<p>só que eu acho que eu também tinha medo da minha mãe</p>				<p>e como eu era uma criança de periferia, para mim, carro era muito bom e meu irmão ainda tinha 3 anos e não compreendia as coisas</p>	<p>E quando os vizinhos denunciaram, você foram para onde? Então, na verdade assim, nós fomos para Aldeia, eu achava que ia passear de carro, aí foi o Sr. T e a Alzira, seu T. era o motorista da Aldeia e a Alzira era uma das mães sociais, eu achei que estava andando de carro</p> <p>E fui ficando uma semana na Aldeia e duas semanas,</p>		<p>Então, eu não senti falta da minha mãe, eu lembro. Hoje em dia, eu até sinto, eu até sinto, mas não como se fosse uma mãe biológica, é interessante isso, e ela...</p>	
--	---	--	--	--	---	---	--	---	--

<p>errada, se e tirasse nota vermelha na escola, ela sempre, realmente, buscava muita educação</p> <p>eu tinha...eu fiquei acho que um mês na casa da tia Alzira</p> <p>sem realmente sentir falta da minha família, não sei se chegou a ser por causa que na Aldeia eu recebi um tratamento bom,</p>			<p>E aí, dentro da Aldeia, crescendo na Aldeia, sempre tentei proteger muito meu irmão e tomei a iniciativa de querer fazer medicina, acho que a partir do momento que eu soube que minha tinha problemas de saúde. Porque até hoje eu não sei porque que eu quero fazer medicina, então eu acho que é essa a resposta,</p>					<p>mas eu não acho que tenha sido isso de princípio, acho que realmente eu não me sentia bem com a minha própria mãe.</p> <p>porque eu hoje eu sei que minha mãe tinha epilepsia, já sei como pode ser uma forma de tratamento, como ajudá-la. Só que a minha mãe</p>	
---	--	--	---	--	--	--	--	---	--

Ricardo, então
você foi para
Aldeia e teve
uma experiência
com a primeira
mãe que não foi
muito boa...?
É. Eu entrei na
Aldeia e teve a
mãe Alzira, que
ficou com nós
como forma
provisória, depois
que encontraram

desapareceu tem
já uns 8 anos,
ninguém sabe,
nenhum do
parentes, então
também não sei,
porque tinha
muitas pessoas
que queriam
matá-la, né? Por
ela estar
envolvida em
drogas e ela acho
que tinha
problema de
memória
também, na
realidade...

<p>a primeira mãe social, o nome dela é Eunice, ela cuidou bastante da gente, deu bastante carinho, deu bastante joguinhos para a gente brincar no começo, só que a forma como ela batia na gente</p>	<p>eu não gostava. Então quando, na verdade, eu fiquei sabendo que ela ia embora da Aldeia eu fiquei feliz, mas não tenho nenhum problema com ela, hoje em dia eu troco mensagens com ela pelo Orkut, ela continua seguindo nossa carreira, porque nós éramos nossa família, né?</p>	<p>Nós éramos quase 10 crianças, nós éramos uma família grande, a maior família que tinha na Aldeia dentro de uma casa. E aí, quem eu considero como mãe mesmo é a Maria e toda a família dela.</p>	<p>Quando tempo você morou com a Maria? Não lembro.</p>						
---	--	---	---	--	--	--	--	--	--

<p>Acho que dos 15...14, 15, 16, 17...eu morei acho que uns 5 anos com a tia Maria.</p>						<p>E durante os anos que você morou na Aldeia, os seu irmão ficou sempre lá com você? É...um dos princípios da Aldeia é esse, nunca separar...</p> <p>Nunca separar os irmãos... Isso.</p> <p>E ele ficou sempre com você? Ficou.</p> <p>E você saiu da Aldeia antes dele? É, aí quando eu tinha... Porque na Aldeia, quando você fazia na época 14 anos tinha que ir para casa de jovens, só que como eu era uma daquelas crianças que sempre estava estudando, que não falava tantos palavões em comparação aos outros, eles foram me mantendo, então quando eu fiz 16 anos, que aí é um projeto que já estava mudando de novo que não era mais</p>			
---	--	--	--	--	--	---	--	--	--

					<p>com 14, era com 16 que ia para casa de jovens, eu ganhei uma bolsa para estudar na Noruega dois anos.</p> <p>Quando você fala, como eu era estudioso e não falava palavrão, você está me dizendo que a casa de jovens era um lugar onde mandava os meninos que não sabia o que fazer na Aldeia? Na época, os que estavam dando problema na Aldeia. Aqueles mais rebeldes na época, no caso.</p> <p>Meninas também ou só meninos? As meninas eu não sei contar direitinho, mas eu acredito que era a mesma situação. E aí depois eles tentaram inverter essa situação e mandarem só os melhores.</p> <p>Hum, hum...pare ser uma espécie de promoção e não castigo? Isso.</p> <p>Me diz uma coisa, durante os anos que você morou na Aldeia, você</p>			
--	--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>morou numa casa, na casa D, você falou... Isso.</p> <p>...mudou de mãe, você ficou na casa. Você, os seus irmãos sociais que viviam na mesma casa, permaneceram os mesmo ou foi entrando e saindo gente?</p> <p>Não, quando eu entrei na casa B com a Alzira, uma família provisória, tinha uma família já instituída ali, né? Formada. Depois eu mudei para uma casa que era chamada casa de jovens e nós éramos só nós dois, meu irmão e eu com essa mãe social. Só que como era casa de folga, eu errei, não era casa de jovens, era casa de folga, todas as crianças saíam um dia e iam para essa casa, não sei se a senhora conhecer essa experiência... então, segunda-feira ia a casa E para essa casa, na terça-feira a casa C e isso não foi muito bom porque eu tinha um armário e sempre gostei da minha cama</p>	<p>E a vizinhança também, porque eu tive bons amigos na escola, então eu tive boas influências que é o que me fizeram a querer estudar, compreender a necessidade do estudo <i>porque você tem os colegas que não compreenderam essa necessidade e a importância dos estudos. Na Aldeia cada criança tem os padrinhos e teve uma vez que foi uma família alemã, que também era uma das patrocinadoras da Aldeia na época, trabalhava na Volkswagen, foram para conhecer a Aldeia e não tinha uma mãe social no dia, e eu apresentei toda Aldeia, fui o host, como fala? O anfitrião... então ela me</i></p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>arrumada, minhas coisas no armário então como vinham várias crianças eles mexiam nas minhas coisas, então tive muita dificuldade de adaptação. Depois eu e meu irmão com a mãe social, fomos para a casa D e chegaram mais dois jovens que é o Ma e J, que eu morei quando tu tinha 18 anos, depois vieram a De e o Sa, que são irmãos, e depois vieram as outras irmãs dele, a Le, a Jú e a Li, e aí formaram 5 irmãos. Então nós éramos 9, eu falei 10, mas éramos 9 nessa casa. Depois quando a Eunice foi mandada embora, nós fomos divididos em 2 casas, então ficaram 5 irmãos biológicos, o Ca com as meninas, eu, Ma, Jr e Paulo, fomos para casa G e aí começaram a vir mais crianças. Então a casa G que eu considero realmente como família já é a formação que tem o Ja, o Pa, o Du, o Be, o M. e o Paulo no caso</p>	<p>perguntou, essa...a Su, o nome dela, né? Ela perguntou qual era o meu objetivo de vida</p> <p>e ela gostou dessa convicção e então, a partir daquele dia, eles começaram a pagar escola particular para mim.</p>		
--	--	--	--	--	--	---	--	--

	<p>Quando você conta, você conta uma experiência que é diferente da idéia que a gente faz da familinha, papai, mamãe, 3 filhinhos morando na mesma casa, essa idéia que nós temos de família. Você cresceu numa casa variável, cada hora aqui, hora ali, eu tenho uma pergunta, você foi começando a fazer uma idéia do que era a Aldeia, de que era viver lá, de que garantias você tinha, os outros deviam falar coisa, em festas, as pessoas falam, falam da Aldeia,</p>					<p>(risos), e o Mu, tem o Mu também...</p>			
--	---	--	--	--	--	--	--	--	--

	<p>que história você foi montando? Eu sou uma criança que mora...como você imagina que você contaria essa história quando você tinha 9, 10, 11...</p> <p>Eu sempre procuro, porque hoje em dia é uma realidade que influencia a vida atual da gente, então assim, sempre quando eu conto para os meus amigos a minha história eu sempre conto a Aldeia como a família que eu realmente precisava ter, que foi aonde eu consegui ter educação, porque se eu comparar com a vida que eu tinha antes da Aldeia eu não teria essa educação</p>						<p><i>e eles acham engraçado isso, meus colegas da Aldeia. Ao invés de acharem que é uma informação importante...</i></p>		
--	--	--	--	--	--	--	---	--	--

			<p>e eu não disse a ela que eu pretendia ser médico, eu disse a ela que eu ia ser médico,</p>						
--	--	--	---	--	--	--	--	--	--

			<p>Então eu tive uma realidade diferente dos meus colegas que também não sei se teria sido justa porque, se eu estava estudando numa escola particular, por que os outros não podiam né? Só que para mim eu aproveitei, essa oportunidade eu aproveitei</p>	<p>Porque quem morou na Aldeia tem vergonha de falar que morou na Aldeia, muitos deles falam que...</p> <p>Por que você acha que as pessoas têm vergonha? Então, acredito que esses jovens que não falam que são da Aldeia ou que viviam na Aldeia têm vergonha justamente por ser uma instituição, uma ONG. Então quando você fala na escola sobre um orfanato, o pessoal já fala,</p>	<p>Quando eu conto para os meus amigos de faculdade, os amigos do serviço, eu conto a realidade.</p>				
--	--	--	---	---	--	--	--	--	--

				<p>então você é marginalizado, que é a visão que as pessoas têm, que é também o que eu tô tentando...que tem uma hipótese no meu trabalho que é essa, né? De tentar mostrar para as pessoas que nem todo mundo que mora numa instituição são marginalizados. E eles têm essa vergonha, de achar que são pobres, mesmo em comparação dos colegas que estudam em escola pública, que também não tem uma família rica, mas eles têm essa receio e eu não tenho esse receio...o que eu tive receio em falar que era da Aldeia porque eles fazem gracinhas quando eu falo que sou da Aldeia.</p>	<p>Então eu consigo ir lá e falar, morei na Aldeia, uma instituição que me deu educação, que tem crianças sem família ou que tiveram problema com a família</p>				
--	--	--	--	---	---	--	--	--	--

				<p>Você está dizendo que você percebe que você lida muitas vezes com preconceitos, tanto de quem morou, de quem foi criado na Aldeia quanto... ...dos de fora...</p> <p>...das pessoas de fora...</p> <p>Tem uma realidade assim, muitos colegas meus que moraram na Aldeia, que eles me falam que quando falam para os professores que já moraram na Aldeia os professores os tratam de forma diferente.</p> <p>E esse diferente é como? Eles falam que, se faz uma pergunta, ah, deixa para lá porque é de instituição, não tem muita importância.</p>					
			E me diz uma coisa, como						

			<p>que você acha que você conseguiu desenvolver essas idéias um pouco diferente?</p> <p>Ah...não sei se isso é algo que eu tenho dentro de mim, se é uma coisa...não sei...aquela questão que eu te falei no meu trabalho que eu tenho dúvida de saber porque se diferenciou...</p> <p>Né? Porque você tem uma história, você conhece um pouco da sua família de origem e você conhece as fraquezas e dificuldades da sua mãe, segundo você contou...</p> <p>Hum, hum...</p> <p>então qual profissão que eu posso seguir para ajudar as pessoas de uma outra forma, não dando dinheiro, devolvendo dinheiro que investiram na</p>		<p>Você diz que ficou com muita vontade de aprender à respeito de saúde e de doença...</p> <p>Isso. E também um dos motivos, como eu recebi muita ajuda na Aldeia de padrinhos de fora de dentro da Aldeia e da instituição, sempre ajuda, ajuda, ajuda. Então essa questão de ajuda ficou gravado na minha cabeça</p>	<p>Como é que foi a bolsa para Noruega?</p> <p>A bolsa da Noruega foi, na verdade, não tenho certeza absoluta de como fui escolhido, mas eu posso dizer</p>			
--	--	--	---	--	--	---	--	--	--

			<p>minha educação, na minha vida, mas ajudando as pessoas, né? Então achei que a área da saúde foi um caminho.</p>			<p>como foi o caminho dessa seleção, então o dirigente da Aldeia que era o Marcos, ele me disse que cada Aldeia tinha que dar nomes de representantes que poderiam participar dessa seleção, então na minha Aldeia, se não me engano foram 5 ou 6 nomes e entre eles com meu nome, e eu fui escolhido...</p> <p>E eles perguntaram se você queria? Perguntaram. Eles perguntaram se eu tinha interesse, deixaram claro que eu tinha meu irmão que ainda era menor, porque na época eu tinha 16 e meu irmão, no caso, 11, porque nós temos 5 anos e diferença. E eles perguntaram se eu tinha essa coragem de ficar 2 anos fora.</p>			
--	--	--	--	--	--	---	--	--	--

			<p>E como eu tinha com 16 anos uma idéia formada para o que eu queria da minha vida, que foi uma coisa que facilitou muito, que eu acredito que facilita essa diferença que eu tenho dos meus colegas, desde os 8 já queria seguir a área da saúde então não tive dificuldade de escolher nenhuma profissão, já era o que eu queria na área da saúde,</p>			<p>então eles faziam algumas seleções assim, quem eram os melhores alunos nas escolas, referentes aos Aldeanos e os que se portavam melhor</p>			
			<p>e ali eu fui ganhando pontos, então eu não cheguei a fazer nenhuma prova escrita porque eu sempre fui um aluno mediano, tirava 8 ou 9 e aí tirava 4, mas aí recuperava com 10, então eu sempre fui assim. Também</p>	<p>sempre briguei na escola e brigava na escola justamente por ser da Aldeia</p>			<p>Então, na verdade, eu sempre fui tendo bolsas, tive bolsa na Inglaterra 3 semanas, na Noruega 2 anos, depois em Cambridge mais um mês de inglês e aí consegui uma bolsa que eu ia para os EUA jogar futebol e fazer medicina, só que aí o visto demorou para chegar e eu perdi essa oportunidade,</p>		

		<p>E para onde você foi? Na Noruega para um escola chamada Red Cross</p>	<p>nunca fui uma criança perfeita</p>	<p>porque falavam que eu era marginal e como era uma escola particular eles me chamavam de pobre, de neguinho, pelo fato de eu ser negro, porque na época tinha muito japonês e muitos brancos de família italiana e espanhola</p>		<p>Então eu acho que a oportunidade da Aldeia foi vindo aí, a partir de pontos que eu fui ganhando no perfil. Depois eu fiquei sabendo que era para um menino comigo de uma outra Aldeia e que ele teve alguns problemas nos documentos e acabei só eu indo.</p>	<p>porque eu sempre fui ganhando bolsa.</p>		
--	--	--	---------------------------------------	--	--	--	---	--	--

		<p>Em que cidade? Em Flack. Quase 5 horas de Oslo.</p> <p>Você aprendeu a falar Norueguês? Não, eu sei algumas frases, mas como era uma escola internacional, que fazia parte com a Cruz Vermelha, o certo era falar inglês Eles falam muito inglês...é o segundo idioma, como se fosse o primeiro.</p> <p>A Aldeia pagou para mim 3 meses de curso para mim no CNA, antes de eu ir , só que não era um curso para eu aprender a falar inglês, era só para ter noção do que eu ia, como chegar até lá, porque eu ia sair sozinho, de menor, porque na verdade, eu tinha 16 anos, ia chegar até o aeroporto da Noruega, tinha que me virar, então aprendi palavras simples como por favor, obrigado, meu nome é tal, sou do Brasil e aí...(risos) e eu fui direto para a Inglaterra para fazer 13 semanas de inglês, fui para Noruega fiquei um ano.</p>							
--	--	---	--	--	--	--	--	--	--

		<p>E como foi viver sozinho lá? Sozinho no sentido de sem ninguém que fala a sua língua, tem o seu jeitinho? É, quando eu fui para a Inglaterra, para uma outra escola vinculada a essa que também é internacional, tinha um rapaz que morava em Moçambique que falava português, então ele me ajudou em alguns momentos e ali eu comecei a ter aula de inglês, então eu achei muito gostoso participar de uma escola com várias culturas, né? E agora que eu voltei de lá achei muito difícil a realidade do Brasil em comparação lá porque o que aprendi no colegial é o que eu tô aprendendo agora na faculdade, questões de tecnologia, só na universidade que temos no Brasil enquanto lá tinha no colegial. Questões de microscópios, televisões melhores tecnologicamente falando.</p>							
--	--	---	--	--	--	--	--	--	--

Você está em que escola aqui?
Tô na universidade São Camilo, que é o Centro Universitário São Camilo, tem um bolsa ali também que é o meu emprego que está pagando para mim.

E há quanto tempo você voltou?
Voltei em 2001.

Então já está há 5 anos, vai fazer 5 anos. E Ricardo, você disse que para

você a Aldeia, o que você acha que o que alguém precisa de uma família, a Aldeia te deu que é pertinência, você usaria essas palavras? Pertencimento, segurança?
Sim, eu usaria a segurança, orientação, só que acho que ainda houve falhas, na minha época a Aldeia dava muito valor à criança, só que quando fazia 16 ou 17 anos, ela tratava de uma forma diferente que é o que disse, de levar um pé na bunda, que eram palavras que eu não gostava. Então, quando eu discutia com alguém eles falavam que eu ia chamar a polícia para mim, então era uma coisa que eu não gostaria de ter ouvido e isso marcou, na época era um sub-dirigente e nós discutimos e mandaram eu para sair da Aldeia e eu saí e foi quando eu comecei a ter que ser independente e ele foi mandado

Como você entende hoje olhando para você e para a instituição, essa mistura de ter muito amor, muito cuidado com as crianças? Não sei

Então *um dos*

<p>embora e depois ele foi contratado numa outra Aldeia, então é uma história muito complicada de entender essa história.</p>	<p>se tem pena, mas tem muito cuidado, as crianças são bem cuidadas. Até quando uma mãe não dá certo eles vão lá e tiram... É, quando descobrem vão lá realmente...</p>	<p><i>pontos que eu levanto no meu trabalho também é porque se considera um irmão social como se fosse biológico e aí você descobre na hora da necessidade que não, que não é o que ele pensa também, que o que ele pensa é, preciso dele por causa do dinheiro que ele tem ou porque ele é legal, mas nunca pelo sentimento de amizade.</i></p>
<p>Quando descobre, realmente são muito cuidadosos... e de repente passa a olhar como alguém que você chama a polícia, alguém que você dá pé na bunda. Como que você sente isso hoje olhando para a Aldeia? Esse é o motivo de eu tentar descobrir o perfil que eu falei no começo, o perfil dos funcionários.</p>		

<p>Então as mães têm uma realidade, que elas ficam nervosas por causa de verba, porque eu já vi que falta verba para as mães de hoje em dia no programa de hoje da Aldeia. Então elas acabam ficando nervosas, desesperadas por dois motivos, primeiro porque elas realmente consideram as crianças como filhos e outro pelo</p>					<p>Eu acredito que a intenção da Aldeia que é dar um lar, segurança, amor e educação, essas questões mais importantes, a Aldeia consegue, só que acho que assim, quem está lá em cima no topo que é o conselho, eles têm uma teoria, aí quando chega aqui embaixo, quando tem a parte de diretoria de dentro da Aldeia, as coisas mudam.</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

<p>lado profissional, elas têm que dar conta de um serviço porque elas recebem uma cobrança, então será que aí já não surge essa dificuldade de conseguir diferenciar o que é uma criança, de um jovem e reconhecer que o jovem, ainda sendo jovem, precisa de orientação, eu acho que muitas das mães ainda não estão preparadas para lidarem com os jovens na Aldeia. Acho que elas precisam de uma preparação melhor. Porque elas são preparadas para cuidarem de crianças, mas aí não vão ser como uma família normal que tem dois filhos jovens, vão ser oito ou nove filhos jovens e aí vem aquela fase de rebeldia e aí é meio complicado. Acho que o perfil das mães sociais é um perfil bom, mas elas precisam de um melhor condições de trabalho. Elas têm moradia, têm alimentação, mas só que um</p>							<p>E o dirigente na sua história? <i>É. Eu comecei com o tio Zeca que ele tinha um perfil de se enturmar com os jovens, jogava futebol todo dia, levava todo mundo para o Sesc Interlagos e isso foi muito importante para mim também porque eu esquecia que estava num orfanato. Eu tinha uma visão que eu</i></p>	<p><i>então os jovens que era a primeira geração, eles tinham raiva de todo mundo que entrava, então eles agrediam realmente o tio Luis Marcos</i></p> <p>E você sabe porque eles tinham raiva? <i>Porque eles tinham um vínculo muito forte com o tio Zeca.</i></p>		
--	--	--	--	--	--	--	--	---	--	--

preparo psicológico, um preparo educativo mesmo.

estava com amigos, irmãos, primos, que acaba criando esse vínculo, e cria um vínculo tão forte que hoje em dia quem realmente gostava um do outro continua se ajudando e outros não.

E você tem

			<p>Você acha que isso não aconteceria entre, eventualmente, entre irmãos biológicos ou isso também acontece?</p> <p>Acho que isso acontece nas famílias e conversei com uma amiga no final de semana passado e ela me disse que a irmã dela tem essa certa inveja da situação</p>		<p>só que dentro da Aldeia, se a mãe tiver uma preparação melhor ela consegue lidar com essa situação. Porque muitos dos irmãos sociais, eles brigam e não ajudam um ao outro mesmo sabendo que estão na rua, justamente pela raiva, pela angústia, não sei dizer direito.</p>	<p>E você está falando que o tio Zeca foi importante porque fazia parte de um...</p> <p><i>De um perfil de lazer. Aí depois o Luiz Marcos, ele veio com um perfil de pai para mim, eu chamo tio, mas teve um perfil de pai, que era justamente me orientar sobre a importância do trabalho...</i></p> <p>Como ele conseguia fazer isso com 100 crianças?</p> <p><i>O tio Luiz Marcos?</i></p> <p>É.</p> <p><i>O tio Luis Marcos ele tinha um perfil</i></p>	<p>vínculos com irmãos ou outros jovens de outras casas?</p> <p><i>Tenho. Eu morei até o ano retrasado com as meninas da casa 2 que foi a primeira casa que eu fiquei. E nós misturamos, as meninas que moraram comigo na casa 4 com as meninas que moraram na casa 2, nós montamos uma casa. Então as meninas da casa B compraram uma casa, que naquele projeto da Aldeia que eles davam uma casa e os jovens tinham que ir pagando, né? Então das 5 casas que eles tiveram para esses jovens, só elas estão pagando e o João Jose. Se não me engano, elas já quitaram essa casa e elas deram um apoio porque eu saí e não tenho irmãos mais velhos, fui o primeiro da minha família a sair e não tinha onde ficar. Fui e morei com elas, morei com a tia da tia Maria,</i></p>	
--	--	--	---	--	--	---	--	--

					<p>diferente do tio Zeca, ele não jogava bola com todo mundo, mas ele fazia durante as festas, que tinha uma festa tipo junina, que ele fazia entre todos, ele estava presente e conversava com as mães sociais, acho que ele era uma pessoa democrática de certa forma, só que ele botava limites, se a mãe social estava dando muita opinião que era além do que ela podia estar falando ele já cortava um pouco, já colocava limites. Então, ele demonstrou quem estava sendo o líder da Aldeia porque tinha uns jovens que, ele entrou justamente quando o Zeca saiu, depois que o Zeca saiu veio um outro dirigente, o Geneci, que não ficou muito tempo, e o Luis Marcos entrou para ficar muito tempo,</p>	<p>Mas sempre com gente que era parente no sentido que tinha afinidade na tua história? Isso.</p> <p>porque ele estudou num colégio de Interlagos, tem amigos que são de lá, que tem um vínculo lá, lá estão os amigos, tem tudo de lá, né? E eu, já pelo contrário, tenho experiência de jovens que saem</p>	
--	--	--	--	--	---	---	--

					<p><i>Eu não tive esse vínculo porque eu já peguei o tio Zeca um pouco no final, mas tive esse vínculo com o tio Luis Marcos, então, imagine se colocam ele para fora e colocam uma outra pessoa no lugar, né?</i></p>	<p><i>da Aldeia que são um pouco aproveitadores, então, ao invés deles irem trabalhar, eles vão na sua casa e ficam ali, enquanto tiver comida eles ficam, mas quando você não tem o dinheiro para comprar comida eles vão embora. Então eu sempre decidi que ia morar um pouco longe da Aldeia para cortar já um pouco esse vínculo, esse aproveitamento, nunca proibi ninguém de vir visitar a minha casa, eu deixo, mas eu sei dar limites, né?</i></p>		
				<p><i>É como se fosse uma troca de pai nas famílias biológicas, né? Então realmente acontece uma revolta.</i></p>	<p><i>Então depois ele adquiriu confiança através de conversas e de apoio também porque os jovens saíram da Aldeia e não tinham o que fazer, então ele começou a orientar sobre a importância de trabalhar, ele dava uma ajuda financeira, mas o jovem tinha que devolver esse recurso</i></p>			

						<i>financeiro, então ele orientou bastante e foi tendo confiança e um vínculo, né? Desenvolveu um vínculo.</i>			
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

então eu morei
até o ano
retrasado em
muitos lugares.
Fiquei trocando de
lugar.

E o teu irmão
Pedro Vinícius,
como está?
Agora ele já fez
18 anos e saiu
também da
Aldeia, está
morando com
três amigos numa
república lá perto
da Aldeia, e ele
está trabalhando
na Av. Paulista
com
telemarketing.
Ele me disse que
tem um salário
bom, né? Só que
ele não tem
necessidade.
Perguntei se ele

								<p>quer vir morar para cá onde estou, e ele falou que não</p>	
								<p>E com o teu irmão Pedro Vinícius, vocês</p>	

								<p>se encontram? É muito difícil pela vida que eu tô tendo agora. Porque além de eu estar trabalhando numa ong, fazer faculdade e ir para hospitais fazer estágio, eu dou aulas particulares de inglês e tô fazendo aula de capoeira, então tenho uma vida muito corrida. Só que sempre que eu entro em dias de feriados, sabe esses feriados prolongados? Ou quando estou de férias, eu consigo ir vê-lo, só que a gente tenta, eu tento sempre ter um contato com ele. Mas durante a Aldeia, devido a diferença de idade, nós não tínhamos um vínculo assim, de vamos conversar, porque enquanto eu estava numa fase ele estava na outra, então a fase que ele está agora eu já passei, que é a fase de ficar com várias meninashas, namorando várias meninas.</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>Agora eu tô na fase de estudar, trabalhar, então a gente nunca teve uma conversa muito...</p> <p>Ricardo, você está com 23 anos... 23 anos...</p> <p>...e não tem filhos? Tenho uma menina.</p> <p>Tem uma menina? É. Sara é o nome dela.</p> <p>Quantos anos ela tem? Ela tem 2 agora.</p> <p>E a mãe dela foi tua namorada? Vive com você? Não, foi minha</p>							
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>namorada, mas nós não nos demos muito bem então decidimos que ia cada um viver separadamente, né? Só que ela tem um padrão de vida diferente do meu. Ela é de classe média alta então foi um dos problemas que surgiu aí, né? Ela queria que eu me transformasse, que passasse a vestir roupas sociais, andasse com tênis de marca e eu não tenho esse padrão de vida, né? Eu gosto de ser mais humilde, mesmo se eu tiver um salário muito alto, eu não gosto de me vestir dessa forma, eu acho que eu me sinto melhor quando estou de short, de chinelo havaianas. Então tem essa diferença. Hoje ela tá casada e ela tá bem, não está passando dificuldade.</p> <p>E a sua filha, você reconheceu? Reconheci.</p> <p>E ela tem contato com você? Não, também por causa da minha vida corrida a</p>							
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

gente não tem
nenhum vínculo.
Às vezes, eu vou
na casa da minha
tia em Santo
André aí ela
aparece lá, mas é
muito difícil.

É porque a
minha pergunta
era essa, eu noto
que vários de
vocês têm filhos
muito jovens e
tem filhos de
relações que não
são duradouras,
e filhos que
alguns sustentam
e outros não
sustentam. E eu
fico curiosa para
saber se a Aldeia
tem influência
nisso, se algo
poderia ter sido
feito. Como você
olha para isso
hoje?
Nunca pensei à
respeito disso.

Porque muitos de
vocês têm filhos
que poderiam ser
candidatos a
uma Aldeia...
Hum, hum.

Então seria uma

									<p>repetição... É, na verdade assim, eu sempre tive conhecimento de como evitar. Então quando eu tive relacionamento com a minha namorada eu fiz uma pergunta para ela e ela disse que eu poderia confiar, que nesse caso é aquela coisa de pílula e aí depois eu descobri que não, que ela estava realmente com a intenção de engravidar. Então foi um dos problemas que começou a causar. E eu tive muita dificuldade em aceitar que ia ser um pai porque eu sabia como evitar, confiei nela, não estou falando que ela é a culpada porque eu também tinha o conhecimento da probabilidade, confiei no que ela me disse e depois eu fui, de uma certa forma, eu achei que de certa forma eu fui enganado. Então foi uma situação complicada e ela começou a fazer coisas erradas, a falar para todo mundo que eu</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

									<p>não queria assumir ela e nem a criança, sendo que eu já tinha deixado claro que eu ia fazer tudo por ela. Só que eu não ia casar com ela porque eu não acho que sou obrigado a casar com ela, sei que não vai dar um casamento certo, sei que ia viver um relacionamento quebrado, de briga, porque eu tive a experiência de ver pais brigando, eu achei que a criança ia sofrer com isso. Então foi uma situação complicada ali. Mas eu acho que os jovens, com esse programa que tem hoje em dia o Governo, de dar comida, de dar dinheiro para quantos filhos tem, bolsa da família, se não me engano que chama, os jovens, eles estão fazendo isso porque querem, muitos meninos da Aldeia virem me perguntar como fazia para não perder um bebê ou para abortar. Então elas têm</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

<p>E isso você acha que não tinha essas discussões na Aldeia? Na casa G nós tínhamos acho que a cada um mês com a tia Maria, sobre sexualidade e, nós ainda éramos, de uma certa forma, ainda não tão malicioso com essa questão, então nós interpretávamos de outra forma, mas hoje em dia, se houver essas conversas, seria muito importante</p>			<p>Eu tenho um projeto que eu desenvolvi na</p>			<p>na Aldeia e houve uma resistência</p>			<p>uma noção de prevenir ou de como fazer com isso. Então acho que, dependendo da situação, começam a achar que se tiverem filhos a Aldeia vai ajudar, né? Então acho que acabam tendo esse pensamento.</p>
--	--	--	---	--	--	--	--	--	---

			<p>Faculdade São Camilo que chama Programa Educativo à Sociedade Carente e é onde eu e meus amigos, a gente dá palestras voluntárias, para várias ongs e eu tentei implantar isso</p>		<p>e eu não entendi o porquê, mas eu queria falar sobre dependências químicas e sobre sexualidade porque hoje em dia, quando vou visitar a Aldeia, as meninas de 13 e 14 anos, elas dão em cima de mim como se eu fosse uma pessoa de 13 e 14 anos. E eu sou bem mais velho, 23. Então eu vejo que é uma realidade que está continuando, que provavelmente vão ser gestantes na adolescência se as mães da Aldeia não prestarem atenção, e ainda mais quando eu descubro os lugares que elas vão, né? Nas festinhas, são locais aonde vão muitos ladrões, pessoal de periferia realmente e que não tem muita preocupação, né? Então acho que esse programa de prevenção é muito importante na Aldeia</p>	<p>Ricardo, isso tudo que você contou para mim e eu fui perguntando, tem mais alguma coisa que você ache importante de contar que eu não perguntei, que a nossa conversa não andou? Acho que a</p>		
--	--	--	---	--	--	--	--	--

						<p>própria estrutura da Aldeia que é a estrutura de recursos físicos, ele também facilita muito ao desenvolvimento da criança porque ali dentro você tem árvores, você tem árvores com frutos e sem frutos, você tem uma quadra de futebol, de basquete, tudo num ambiente só, tem dois parquinhos, se contar com um da creche, aí tem lavanderia, tem os funcionários, então você vê que a estrutura física e recursos humanos da Aldeia é uma forma bem estruturada.</p>			
					<p>Então quando eu me comparo com meus amigos de fora, por exemplo, na minha aula de capoeira, em três</p>				

					<p>semanas o professor já achou que eu tinha feito em outro lugar, porque em comparação com os outros que estavam há 3 meses, que eu me desenvolvi muito rápido. Mas não é porque eu tive curso de capoeira em outro lugar porque eu nunca tive, mas por ser uma criança que viveu na Aldeia eu sempre brinquei e subi em árvore, sempre fui uma criança ativa e isso é realmente uma coisa importante para criança, ter o lazer e a felicidade. Então acho que a família também é importante de dar para a criança a sua infância e na Aldeia, com esses recursos físicos, eles cumprem essa função. Acho que isso é muito importante de ser dito</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

	<p>E, principalmente, acho que a mãe social que cuidou de mim, é muito importante. Eu não consigo chamá-la de mãe na frente dela, não sei porque, mas eu acho estranho falar a palavra mãe na frente dela, chamo ela de tia, mas quando ela não está, eu chamo ela de mãe, então não sei dizer o porque disso. Mas eu acho que o Ricardo que eu sou hoje, como você fez a primeira pergunta, é justamente a educação que eu tive dela porque eu sempre fui uma pessoa, um jovem de olhar crítico, vamos dizer, então sempre olhei muito a</p>								
--	---	--	--	--	--	--	--	--	--

	<p>personalidade, os motivos, então se alguém quebrava o meu rádio não ficava nervoso, eu pensava, ele estava nervoso por algum motivo e quebrou o meu rádio, é um material, então vou lá a trabalho de novo e compro um outro melhor ou igual. Então nunca gostei muito dessa questão, nunca fui muito ligado às questões materiais. E a Maria também nunca foi, então acho que eu tive muito da personalidade que eu tenho hoje através dela, né? Então acho que é muito importante falar desse papel, a importância da mãe social na criança.</p>									
					<p>é outra coisa que eu também não compreendo, o porquê que eles não queriam me deixar fazer cursos em faculdades no exterior e para outros jovens sim, sendo que entre eles e eu, eu tinha a melhor</p>		<p>Sem contar o perfil mesmo de capacidade educativo, se a Aldeia trabalhar melhor esse lado dos profissionais, as crianças vão ser, vão ter um melhor funcionamento. Morando na Noruega eu tive a experiência de conhecer outras crianças de Aldeias, das Aldeias</p>			

nota. Então nunca entendi isso.

Eles quem não queriam?

A diretoria internacional, o Mr. Kutin. Não sei se devido a um vínculo que eles já tinham com algum, já conheciam alguns ou se era algum outro problema. Porque ele me disse que aqui no Brasil existiam universidades boas, só que em outros países existiam universidades boas e ele pagou universidades nos EUA, ou então conversou e teve contato e o pessoal foi para os EUA, Canadá, Nova Zelândia...

É uma papelada...
É, mas, assim, em comparação,

			<p>Eu não sei Ricardo, eu sei que aqui no Brasil nós temos um problema que quando você fala de uma universidade fora do Brasil, é muito difícil de validar o seu diploma. Talvez na Europa, entre um país e outro, seja mais fácil. Mas eu não sei se foi por isso...</p> <p> Talvez seja porque na própria escola que eu estudei tive dificuldade de...como é que fala?</p> <p>Revalidar... Em revalidar...</p>		<p>Então, acho que se vão fazer isso com uma criança ou um jovem, porque na época eu já era adolescente, que fale assim, provavelmente, e não que vão. Porque aí eu cheguei lá e estudei, me dediquei aos estudos, consegui umas notas melhores do que os meus colegas que nós éramos mais ou menos 20 aldeianos lá, cada um de um país, Hong Kong, China, Índia, Nepal, Bangladesh e justamente eu, que tinha as melhores notas, fui proibido.</p>	<p>eles disseram para mim antes de eu ir, se você for para lá e for um bom aluno a Aldeia vai te pagar a tua universidade ou vai fazer com que você tenha universidade</p>			
--	--	--	--	--	---	--	--	--	--

			<p>Então, quando eu te disse que ganhei uma bolsa para jogar futebol é porque eu fiz escondido.</p> <p>Sei... Eu fiz uma...eles falam aplicação, apliquei escondido e passei nessa escola que era para jogar futebol</p>			<p>Então, quando eu trouxe para cá, a Dra. Luisa que era presidente na época, ela ia ajudar, ia pagar a passagem de ida para mim até os EUA, então aqui dentro realmente houve um incentivo, mas lá eles me bloquearam</p>			
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

			<p>Então a partir do momento que eles falaram que eu não ia, eu parei de estudar porque eu não entendia qual a necessidade de eu ficar estudando se eles não iam me dar uma oportunidade melhor, né? Então não consegui entender muito bem isso e é o que me marcou também, eu sempre falo quando alguém pergunta, não entendo porque de oportunidades diferentes, né? Se é uma oportunidade que tem que ser padrão normal para todos.</p>						
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

LINHA NARRATIVA DA ALDEIA

Como qualifica	Como descreve os procedimentos	Rede criada a partir da Aldeia	Relação com a família biológica	Dirigente de Aldeia
<p>A gente aprendeu a viver Eu sou muito agradecida pela Aldeia</p> <p>Na nossa época era melhor, hoje a Aldeia caiu muito.</p> <p>Antigamente a educação das crianças na Aldeia era mais rígida As crianças eram muito mais educadas, Elas tinham mais atividades Hoje elas vivem largadas, Saem pra rua, não dão satisfação O modo como as crianças hoje são criadas caiu muito, muito, muito Não tem nem comparação de quando a gente morava lá. Eu acho que é a direção A equipe que está dirigindo a Aldeia caiu bastante, Eu considero a Aldeia uma oportunidade.</p> <p>Eu não tenho nada a reclamar da Aldeia Hoje eu sou essa pessoa pela Aldeia Teve um tempo que a Aldeia passava muito a mão na cabeça das crianças. A Aldeia errou de estar ali sempre em cima Não deixou eles caminharem sozinhos pra poder aprender. Os mais velhos passaram essa fase de passar muito a mão na cabeça Eles não souberam seguir para o mundo sozinhos</p>	<p>Nas férias de escola a gente viajava</p> <p>A mãe podia levar as crianças pra casa dos parentes dela, Entrei na aldeia com 7 anos e fiquei até os meus 18 anos Quando as crianças entram na Aldeia tem padrinhos que são de fora Eles depositam uma quantia pra gente A gente só pode mexer quando completa 18 anos. A Aldeia cobriu metade da casa Quando eu sai do orfanato eu fui morar na casa B Dentro da Aldeia que tinha a mãe social A gente pensava que ia passear de carro. A mãe social foi buscar a gente lá. Na Aldeia é tudo íntimo, tudo família. As outras crianças estavam esperando pela gente. Já tinha outras crianças lá, já tinha mais 6 crianças Eram mais velhas, onze meses e alguns de um ano O mais velho acho que na época tinha 13 anos. E ai a tia Eunice saiu e entrou mais 3 mães sociais Morei 12 anos Tive meus estudos lá, aprendi a trabalhar</p>	<p>A poupança foi feita através de padrinhos Conhecia todos os padrinhos por carta Tenho contato com os irmãos de casa O Raul mora comigo O Mauro foi estudar fora, hoje ele mora na Itália Foi o mesmo padrinho que adotou ele Sempre estamos em contato até mesmo ontem falei com ele O Ângelo a Eunice adotou, quando foi embora da aldeia Ele é especial, hoje ele mora com ela em Minas Eu ligo todos os finais de semana pra ela e pra ele Eu continuei tendo contato com a tia Eunice Eu ia dormir na casa dela sempre que quisesse la sempre pra Minas, sozinha Hoje a família dela é a minha família Eu passo Natal e férias sempre lá com ela Sempre que tem encontro de jovens ex- aldeanos a gente procura ir. A gente procura se encontrar sempre uma vez por ano A gente comenta como está a nossa vida Cada fala o que fez o que não fez, as novidades</p>	<p>A minha mãe biológica me abandonou Querendo ou não tenho essa dor, Minha mãe não teve condições de criar a gente Ela fugiu com outro cara porque não tinha condições de cuidar da gente Um amigo do meu pai, levou a gente para o orfanato. Quando fui para o orfanato tinha 3 anos. Eu e a Tânia No orfanato, só podia entrar até 5 ou 6 anos A Beatriz já tinha mais de 6 anos, não podia entrar lá. O Sr. Antonio arrumou uma família para ela ser adotada A Rosa foi trabalhar em uma casa de família A minha mãe ficou com a Isabel e o Aluisio. Este orfanato quando fechou Sempre tive contato com as minhas irmãs Quando eu morava no orfanato, elas sempre visitavam a gente Quando fomos para a Aldeia elas continuaram a visitar A Rosa e a Beatriz Meu pai faleceu. , em 92 Esse tempo todo eu nunca tive contato com minha mãe Depois que a minha irmã faleceu que a gente voltou a se</p>	<p>Hoje as crianças da Aldeia não têm mais um dirigente que faz papel de pai O Dirigente da Aldeia foi muito importante pra mim Ele fez o papel de pai mesmo. Deu atenção Ele estava sempre junto Ele nunca deixou você na mão Eu acho que ele fez um papel muito legal.</p>

Minha pior lembrança da Aldeia foi quando a minha mãe foi embora Eles não explicaram direitinho pra gente como e porquê Foi como tirar a mamadeira de uma criança.
Foi uma perda pra gente Eu tive aquela revolta depois que ela saiu
Eu fiquei muito malcriada, Mudou a direção da Aldeia, mudou o dirigente
Isso mexe muito com as crianças, Eu acho que a minha maior dor da Aldeia foi essa

Trabalhei dentro dos escritórios das Aldeias Infantis, Esse trabalho não era obrigatório Eu ia de ônibus, eu saía da escola e ficava lá até as 5:00 da tarde. Tinha uma carteira de aprendiz A gente fazia cartões de Natal da Aldeia, fazia os kits que eles vendiam
Tinha um responsável pra ensinar a gente a fazer essas coisas. Ganhava uma ajuda que eles davam
Trabalhei com mala-direta Depois trabalhei na creche da aldeia
Eu ganhava pra trabalhar meio período.
Eles escolhem pelo interesse da pessoa Nada é forçado
Em Dezembro ou Janeiro tinha o Paiol Grande
Só podiam ir as crianças que mereciam
Fiz muitas vezes, durante uns 4, 5 anos.
A gente fazia muita excursão Tinha muita atividade a gente nunca ficou parado.

Quem casou, quem não casou, os filhos e esse é o nosso encontro Tenho outros amigos da aldeia que vem aqui em casa, A gente está sempre unido, o pessoal da nossa época está sempre juntos
Sempre que dá a gente se encontra.
R. uma alemã que ajudava a Aldeia então ela que indicou a gente
Eu ia para Minas, ficava na casa da mãe da minha mãe social Era como uma avó
Ela faleceu faz 2 anos, mas a gente não deixa de ter contato Estou sempre ligando pra eles É uma nova família que eu tenho Praticamente é minha família

*Aldeanos
Muitos meninos da Aldeia não aproveitaram a oportunidade que tiveram
Muitos deles se deram bem Hoje tem uns que estão casados, tem seus filhos vivem bem, estudam
Outros não aproveitaram aquela oportunidade e hoje não tem uma casa, não tem nada
Não pela Aldeia, mas sim pela ignorância deles
Não faz diferença saber da família ou ter irmãos.
O Raul foi pra aldeia sozinho, ele não conhecia nem a mãe quando foi pra lá
Hoje ele tem uma cabeça muito boa, trabalha, tem*

encontrar.
O Sr. Antonio a gente considera nosso tio
Praticamente ele ajudou a criar a gente,
Hoje a gente vai sempre na casa dele.
Por ele que a gente soube que a minha irmã morreu
Quando ela faleceu, ele deu o recado
Faz 4 meses
Ela tinha epilepsia, não escutava direito, já fazia três anos que estava na cama, Nós fomos ao velório e minha mãe estava lá
Ela estava chorando muito
Ela vivia para Isabel
Ela não dava um passo sem levar a menina
Ela sofreu muito
A gente não podia ajudar ela financeiramente,
A ajuda foi estar sempre junto Querendo ou não é nossa mãe.
Hoje a gente tem contato
Uma vez por mês a gente vai visitar ela
Leva as crianças que são netos dela, meus filhos e da Rosa
Eu sabia que tinha o Aluisio como irmão
Não sabia que ele estava preso.
Nossa mãe deu o endereço
A gente se comunica por carta
Hoje ele conhece mais a gente
Ele não sabia da nossa história
A gente não sabia da dele.
A Rosa é casada e tem dois filhos

responsabilidade

Tem uma filha e ele esta sempre ali.

*Vai da cabeça da pessoa. Ela tem que ter aquela responsabilidade
Tem muitos aldeanos que acham que por que você viveu na Aldeia
A Aldeia tem a obrigação de ajudar eternamente.*

Ela mora ali em outro bairro

Ela morou um bom tempo com a gente, uns 6 anos

Mãe Social

Como cuidava	Como afetou	Vida Fora da Aldeia	Ações	Preconceito
Ela deu muita força. Tudo o que ela pode fazer pela gente ela fez Ensinou a lavar, passar, cozinhar A gente ajudava ela a olhar os meninos menores Toda criança tinha uma atividade pra fazer Tinha aquele incentivo A gente ia todo ano pra Minas Outras mães, a gente se respeitava Mas não tinha aquele amor de mãe	Me inspiro nela por eu ter a cabeça que tenho Levo a minha vida conforme ela Me vejo responsável, Sou capaz de enfrentar uma vida sozinha fora da Aldeia Eu aprendi que ela me deu o amor e carinho Eu jamais quero que meu filho cresça e fale que não teve uma mãe como eu não tive Nem todas mães sociais são iguais, cada um tem sua maneira de criar A educação que a tia Eunice me deu foi muito boa Não tenho nada que reclamar	Completei 18 anos A Aldeia ajudou a comprar uma casa com a minha poupança Estou bem com a minha irmã e meu irmão de Aldeia, o Raul Durante 4 anos eu morei junto com o pai do meu filho, Não deu certo, ai a gente se separou. Hoje eu moro com o meu filho Ele dá assistência para o menino para o Ivan Um final de semana é meu e um final de semana dele Eu achei bom a saída da Aldeia Eu vim para morar com as minhas irmãs Eu não sai direto já para ir morar sozinha A Tânia já tinha feito um ano que tinha saído da Aldeia Eu vim morar com ela e a Rosa, a minha irmã mais velha A gente se deu super bem Eu não tive tanta dificuldades pra pode ir encarando. Eu namorei com ele durante uns 2 anos e ½ Quando eu engravidei eu casei Nós fomos casados 4 anos Eu separei já faz 1 ano Não somos uns coitados Vivemos até melhor do que eles (que tem preconceito) Eles tem pai e mãe	Depois eu fui pagando a casa, aos poucos, pra a Aldeia Eu faço tudo hoje pelo meu filho Eu pago perua pra ele ir à creche Eu não dependo mais da Aldeia Se eu preciso de um emprego eu corro atrás Não fico dependendo daquilo que vai chegar Hoje eu crio o meu filho Hoje estou me dedicando ao meu filho Hoje trabalho para o meu filho Quando ele estiver maiorzinho pretendo fazer uma faculdade Trabalhar bastante pra poder pagar um estudo bom pra ele Eu coloquei na minha cabeça que eu queria viver minha vida Eu já vivi 12 anos aqui, eu ia ter que sair da Aldeia Eu tinha que tomar uma atitude, eu já tinha essa cabeça.	Acho que existe muito preconceito Você vai fazer alguma entrevista As pessoas perguntam com quem você mora Eu moro sozinha Eles dizem – ah, e seus pais; eu não tenho pai. Eu não tenho pai, eu moro sozinha. Eu morei no orfanato. Eles acham que você é bandido, marginal, Eles olham hoje assim. Você não tem pai e morava em um orfanato A gente somos uns coitados,

Não tem a atitude ou a cabeça
que a gente tem,
O Ivan fica na creche das 7 às 5
da tarde
, A creche é no jardim Primavera
Quando era mais nova gostaria de
fazer enfermagem
Eu tenho medo de morto, então
não levo muito jeito
Eu desisti, mas eu tenho vontade
de fazer pedagogia
Eu gosto muito de criança
Já trabalhei durante 4 anos na
creche da Aldeia
Eu olho uma criança quando a
mãe precisa sair
Eu já estava com aquele jeito que
fui criada
Eu segui a minha vida
Eu não tive tanta dificuldade de
encarar.

Intervenções para confirmação, detalhamento ou esclarecimento	Intervenções para obter explicação sobre qualificações	Intervenções para especificar aspectos relacionados aos temas
H: você está fazendo a faculdade?	H: como é que você manteve o contato com a sua	H: e você se lembra bem da sua vida antes de ter
H: uma perguntinha, com quantos anos você foi para a Aldeia?	história? A Aldeia permitiu? A Aldeia ajudou? Como é que foi a sua história de criado na Aldeia com a sua	ido para Aldeia?
H: e ela tinha parentes? Ela vivia com teu pai?	família de origem?	H: quando você conta, você conta uma
H: quantos anos mesmo você é mais velho do que ele?	H: que palavras que você não gostava?	experiência que é diferente da idéia que a gente faz da família, papai, mamãe, 3 filhinhos
H: e quando os vizinhos denunciaram você foram para onde?	H: Ricardo, então você foi para Aldeia e teve uma experiência com a primeira mãe que não foi muito boa...?	morando na mesma casa, essa idéia que nós temos de família. Você cresceu numa casa
H: quanto tempo você morou com a Liliana?	H: quando você fala, como eu era estudioso e não	variável, cada hora aqui, hora ali, eu tenho uma
H: e durante os anos que você morou na Aldeia, os seu irmão ficou sempre lá com você?	falava palavrão, você está me dizendo que a casa de jovens era um lugar para onde eram mandados os	pergunta: você foi começando a fazer uma idéia do que era a Aldeia, de que era viver lá, de que
H: nunca separar os irmãos...	meninos que não se sabia o que fazer na Aldeia?	garantias você tinha, os outros deviam falar
H: e ele ficou sempre com você?	H: hum, hum...para ser uma espécie de promoção e não castigo?	coisas, as pessoas falam da Aldeia, que história
H: e você saiu da Aldeia antes dele?	H: por que você acha que as pessoas têm vergonha?	você foi montando? Eu sou uma criança que
H: meninas também ou só meninos?	H: e esse diferente é como?	mora... Como você imagina que você contaria
H: me diz uma coisa, durante os anos que você morou na Aldeia, você morou numa casa, na casa 7, você falou...	H: e me diz uma coisa, como que você acha que você conseguiu desenvolver essas idéias um pouco diferente?	essa história quando você tinha 9, 10, 11... H: e eles perguntaram se você queria? H: e como foi viver sozinho lá? Sozinho no sentido de que não tem ninguém que fala o seu jeitinho... Não tem goiabada, não tem...
H: ...mudou de mãe, você ficou na casa. Você, os seus irmãos sociais que viviam na mesma casa, permaneceram os mesmo ou foi entrando e saindo	H: e como ele conseguia fazer isso com 100 crianças? H: e você sabe porque eles tinham raiva?	H: então já está há 5 anos. E Ricardo, você disse que para você a Aldeia, o que você acha que o

gente?

H: você está dizendo que percebe que você lida muitas vezes com preconceitos, tanto de quem morou, de quem foi criado na Aldeia quanto...

H: ...das pessoas de fora...

H: né? Porque você tem uma história, você conhece um pouco da sua família de origem e você conhece as fraquezas e dificuldades da sua mãe, segundo você contou...

H: você diz que ficou com muita vontade de aprender à respeito de saúde e de doença...

H: como é que foi a bolsa para Noruega?

H: e para onde você foi?

H: em que cidade?

H: para cima?

H: você aprendeu a falar Norueguês?

Helena: eles falam muito inglês...

H: você está em que escola aqui?

H: e há quanto tempo você voltou?

H: como você entende hoje olhando para você e para a instituição, essa mistura de ter muito amor, muito cuidado com as crianças? Não sei se tem pena, mas tem muito cuidado, as crianças são bem cuidadas. Até quando uma mãe não dá certo eles vão lá e tiram...

H: quando descobre, realmente são muito cuidadosos... e de repente passa a olhar como alguém

H parente no sentido que tinha afinidade na tua história?

H: Como que você sente isso hoje olhando para a Aldeia?

H: você acha que isso não aconteceria entre, eventualmente, entre irmãos biológicos ou isso também acontece?

que alguém precisa de uma família, a Aldeia te deu o que é pertinência, você usaria essas palavras? Pertencimento, segurança?

H: e o dirigente na sua história?

H: ...e tem filhos?

H: é porque a minha pergunta era essa, eu noto que vários de vocês têm filhos muito jovens e tem filhos de relações que não são duradouras, e filhos que alguns sustentam e outros não sustentam. E eu fico curiosa para saber se a Aldeia tem influência nisso ou não. Como você olha para isso hoje?

H: e tinha essas discussões na Aldeia?

que você chama a polícia, alguém que você dá pé na bunda.

H: e você está falando que o tio Zeca foi importante porque fazia parte de um...

H: é.

H: e você tem vínculos com irmãos ou outros jovens de outras casas?

H: mas sempre com gente que era parente?

H: e o teu irmão Pedro Vinícius, como está?

H: e com o teu irmão Pedro Vinícius, vocês se encontram?

H: Ricardo, você está com 23 anos...

H: tem uma menina?

H: quantos anos ela tem?

H: e a mãe dela foi tua namorada? Vive com você?

H: e a sua filha, você reconheceu?

H: e ela tem contato com você?

H: Ricardo, isso tudo que você contou para mim e eu fui perguntando, tem mais alguma coisa que você ache importante de contar que eu não perguntei, que a nossa conversa não abordou?

H: eles quem não queriam?

H: sei...

Intervenções fáticas	Intervenção que introduz analogia	Intervenção que introduz generalização, mudança de foco
-----------------------------	--	--

H: eu sei porque tenho parceiros na Noruega e quando eu vou para lá, eu digo, eu não vou falar que sou do Brasil porque eles não vão conseguir imaginar, então vou começar falando da minha cidade, a população da minha cidade tem 3 vezes a população da Noruega...e as cidades são pequenas, em geral...ela era pequena?

H: eu não sei Ricardo, eu sei que aqui no Brasil nós temos um problema que quando você fala de uma universidade fora do Brasil, é muito difícil de validar o seu diploma. Talvez na Europa, entre um país e outro, seja mais fácil. Agora não tenho certeza. Aqui é muito difícil. Se você não for filho de militar ou filho de diplomata, a pergunta é sempre assim. Mas por que você foi estudar enfermagem na Inglaterra se tem enfermagem aqui? A USP que reconhece diplomas é bem enjoada. Mas eu não sei se foi por isso...

H: revalidar...

H: é uma papelada...

H: tá bom. Eu vou transcrever a nossa conversa toda e se depois de transcrever tiver algum buraco, que eu digo, nossa, nesse pedaço a gente mudou de assunto e eu queria saber, eu te mando por e-mail uma pergunta...

H: depois a gente continua a conversar...

H: com certeza, com certeza! Agora vamos ver como eu trabalho esse material todo.

H: é como se você tivesse uma família muito grande e depois de adulto você fala, esse daqui é meu amigo e esse não é?

H: porque muitos de vocês têm filhos que poderiam ser candidatos a uma Aldeia...

H: então seria uma repetição

H. Então Mariana, eu te contei que estou interessada em saber de vocês, adultos, hoje, quando vocês pensam em vocês o que está presente naquilo que você descreve como Quem eu Sou, Hoje: O que é importante: A Aldeia, a mãe social a casa, os irmãos, sua família biológica, o que mais?

Quando você pensa em você, no que você pensa?

M. A primeira coisa em que penso é na minha mãe social, a Eunice. Hoje eu me inspiro nela porque ela me deu muita força pra hoje eu ter a cabeça que tenho, eu acho assim tudo o que ela pode fazer pela gente ela fez então hoje eu levo a minha vida conforme ela, então tudo que eu faço hoje pelo meu filho é igual ao que ela fez por mim. Então é eu me vejo assim responsável, sou capaz de enfrentar uma vida sozinha fora da Aldeia, onde eu não dependo mais da Aldeia, se eu precisar de um emprego eu corro atrás e não fico dependendo daquilo que vai chegar ali eu vou até ele e é isso ai, hoje eu crio o meu filho estou bem com a minha irmã e meu irmão de Aldeia, o Raul.

H. O Raul é irmão de Aldeia e a Tânia é irmã de sangue?

M. Isso..

H. você viveu com o pai do seu filho?

M. Durante 4 anos eu morei junto com ele ai não deu certo, ai a gente se separou. Hoje eu moro com o meu filho, mas ele dá assistência para o menino para o Ivan, né e aos finais de semana é um final de semana meu e um final de semana dele, e as vezes quando dá ele vem e pega o Ivan para passar o final de semana com ele.

H. E você entrou na Aldeia ...

M. Eu entrei na aldeia eu tinha 7 anos e fiquei até os meus 18 anos, ai quando eu completei meus 18 anos o pessoal da Aldeia com a minha poupança me ajudou a gente a comprar uma casa, lugar onde a gente está se estabelecendo ai nos compramos esta casa, demos a metade no dinheiro e a Aldeia cobriu o resto e depois eu fui pagando aos poucos pra a Aldeia.

H. E está poupança foi feita como?

M. Foi através de padrinhos, todas as crianças quando entram na Aldeia elas tem os padrinhos que são de fora, da Alemanha, da Áustria por ai... Então eles ajudam né, ai toda vez eles depositam uma quantia pra gente e vai depositando só que a gente só pode mexer quando completa 18 anos.

H. E você conhecia seus padrinhos ou não?

M. Conhecia todos por carta, mas o que eu tinha mais contato era o C.

H. E você morou na aldeia com a Tania né? E como é que vocês foram levadas para a Aldeia? O que aconteceu?

M. Minha mãe não teve condições de criar a gente, ela fugiu com outro cara porque não tinha condições de cuidar da gente, aí um amigo do meu pai que é o Sr. Antonio ele levou a gente para o orfanato. Quando fui para o orfanato tinha 3 anos.

H. E você tinha 3 anos você foi para um orfanato? E neste orfanato quem mais foi com você?

M. Só a Tânia, eu e a Tânia.

H. E havia outros irmãos?

M. É porque assim, quando nós fomos para o orfanato, tinha uma idade para entrar lá, podia entrar lá acho que até 5 ou 6 anos, e Beatriz já tinha mais que 6 então ela não podia entrar lá. Ai o Sr. Antonio arrumou uma família para ela ser adotada e a Rosa foi trabalhar em uma casa de família ai a minha mãe ficou com a Isabel e o Aluisio. E eu e a Tania fomos para o orfanato, ai este orfanato quando fechou, ele entrou em contato com a Aldeia ai nos fomos morar na Aldeia.

H. De quando você entrou na Aldeia até você sair da Aldeia que contato você teve com as pessoas da sua família?

M. Sempre tive contato com as minhas irmãs, quando eu morava no orfanato, elas sempre visitavam a gente e quando fomos para a Aldeia elas continuaram a visitar a gente, mais somente a Rosa e a Beatriz, a minha mãe e as outras crianças a gente não teve contato, começou a ter contato agora.

H. E seu pai?

M. Meu pai faleceu.

H. Seu pai faleceu quando?

M. em 92

H. Você entrou na Aldeia em que ano?

M. Em 90, ai ele faleceu em 92.

H. E durante estes anos de Aldeia você ficou sempre na casa da Eunice?

M. Quando eu sai do orfanato é ai eu fui morar na casa B que foi dentro da Aldeia que tinha a mãe social que era a Eunice

H. Como foi essa ida para lá?

M. A gente pensava que ia passear de carro. A tia Eunice foi buscar a gente lá. Na Aldeia é tudo íntimo, tudo família. As outras crianças estavam esperando pela gente,

H. E já tinha outras crianças lá quando você chegou?

M. Já tinha outras crianças lá, já tinha mais 6 crianças, ai entrou eu e a minha irmã.

H. E estas crianças eram mais velhas ou mais novas que vocês?

M. Eram mais velhas assim... de meses, onze meses e alguns de um ano, pouco diferença o mais velho acho que na época tinha 13 anos.

H. e estas seis crianças com que você morou a aldeia se eram mais velhas saíram um pouco antes, você tem contato com elas?

M. Tenho hoje é o Raul que mora comigo, tem o Mauro que ele foi estudar fora que até foi o mesmo padrinho que adotou ele, hoje ele mora na Itália sempre estamos em contato até mesmo ontem falei com ele, tem o Gil, que não o vejo, nem o Alberto, o Alberto a gente não se fala, eu não converso com ele e tem o Ângelo que a Eunice adotou ele, quando ela foi embora da aldeia porque ele é especial, ela adotou ele e hoje ele mora com ela em Minas, mas eu sempre tenho contato ligo todos os finais de semana pra ela, pra ele, e eles está muito bem. Hoje ele estuda na APAE.

H. Depois que a tia Eunice saiu da Aldeia?

M. Eu continuei tendo contato com ela eu e a Tânia eu ia dormir na casa dela sempre que quisesse ia sempre pra Minas, sozinha mas eu sempre ia, e hoje a família dela é a minha família.

H. E você falou que você passa Natal lá?

M. Eu passo Natal e férias sempre lá com ela.

H. E ai a tia Eunice saiu e entrou outra pessoa?

M. Sim, depois que ela saiu entrou mais 3 mães social, foi a Ana, a Sonia e a Camila.

H. A Camila foi a última que saiu?

M. Foi à última que saiu.

H. E como é que foi você com ela, o que você guarda dela?

M. Eu tive assim, porque foi um tempo muito curto entre ela, foi mudança atrás de mudança, então mais assim a gente se respeitava, não tinha brigas nem nada, mas não tinha aquele amor de mãe como eu tinha com a Eunice. Pra mim ela era uma tia que eu tinha respeito por ela e ela por mim.

H. E durante esses anos você morou 10 anos na aldeia, mais até né?

M. Morei 12 anos

H. Você estudava fora?

M. Eu estudei no Casai até a 4ª Série depois do Casai eu estudei na escola dentro da Aldeia na Labor e depois eu fiz o meu 3º ano no Santos Dias e hoje eu guardo o que? Tive meus estudos lá, aprendi a trabalhar, trabalhei dentro dos escritórios das Aldeias Infantis, no Conselho das crianças que faziam as atividades, fui pra lá também e a gente aprendeu a viver né. Olha assim eu sou muito agradecida pela Aldeia hoje, mais na nossa época era melhor, hoje a Aldeia caiu muito.

H. Você acha?

M. Hoje não é mais mesma coisa, antigamente a educação das crianças na Aldeia era mais rígida e as crianças eram muito mais educadas, elas tinham mais atividades elas não viviam do jeito que vive hoje, hoje elas vivem largadas, as crianças sai pra rua não dá satisfação nem nada, eu acho isso. O modo que as crianças hoje são criadas na Aldeia caiu muito, muito, muito, muito não tem nem comparação de quando a gente morava lá.

H. Você tem alguma idéia por que isso aconteceu?

M. Eu acho que seja a direção né o pessoal que está dirigindo a Aldeia a equipe caiu bastante, não sei hoje eu não vou mais lá como eu ia antes depois que eu sai da Aldeia a coisa mais difícil é eu ir, mas sempre que tem encontro de jovens ex- aldeanos a gente procura ir.

H. Estes encontros são quando? É como?

M. A gente procura se encontrar sempre uma vez por ano ai junta todos os ex-aldeanos e a gente comenta como está a nossa vida, um fala do outro, fala o que fez o que não fez, as novidades, quem casou, quem não casou, dos filhos e esse é o nosso encontro.

H. E você tem outros amigos ou pessoas próximas que são da Aldeia?

M. Tenho... Sempre tem um ou outro da aldeia que vem aqui em casa, que a gente sempre recebe, a gente está sempre unido o pessoal da nossa época está sempre juntos, sempre que dá a gente se encontra.

H. E durante o tempo que você esteve na Aldeia, além da Eunice que foi uma pessoa muito importante, pra você tem mais alguém que foi importante? Padrinho, diretor, dirigente?

M. O Dirigente da Aldeia Luis Marcos ele pra mim foi muito importante ele fez o papel de pai mesmo.

H. O que é um papel de pai mesmo pra você, na tua história o que você acha que foi bom que você chama de um papel de pai?

M. Foi a atenção que ele deu, ele tava sempre junto, se você precisava ele tava sempre ali, ele nunca deixou você na mão, se você as vezes tinha que sair e você não tinha aquele tempo de poder tá ali fazendo aquilo, ele falava nós vamos juntos e tava sempre junto, então eu acho que ele fez um papel muito egal e hoje as crianças da Aldeia não tem isso.

H. E, na hora que você saiu da Aldeia como você se sentiu? Você achou bom, achou difícil?

M. Eu achei bom porque eu vim para morar com as minhas irmãs, eu não sai direto já para ir morar sozinha, a Tânia já tinha feito um ano que tinha saído da Aldeia e eu vim morar junto com ela e a Rosa que é a minha irmã mais velha então a gente se deu super bem e eu não tive tanta dificuldades pra pode ir encarando.

H. A Rosa também morou com vocês?

M. Nesta casa.

H. E hoje?

M. Hoje ela é casada e tem dois filhos, hoje ela mora ali em outro bairro mas ela morou um bom tempo com a gente, uns 6 anos

H. Então você diz que não foi tão difícil porque você já veio morar com a sua irmã?

M. É eu já vim morar com a minha irmã e eu já tinha a minha cabeça, sabia o que queria e eu tinha a minha atitude, essa mudança de mãe, pai você vai criando a sua liberdade, e com essa mudança de mãe social isso aquilo, então cada um tinha o seu jeito eu já estava com aquele jeito que fui criada então eu segui a minha vida e eu não tive tanta dificuldade de encarar.

H. E foi logo que você saiu que morou junto com o pai do Ivan?

M. Não, depois eu namorei com ele durante uns 2 anos e ½ ai quando eu engravidei eu casei ai nos fomos casados 4 anos , eu separei já faz 1 ano que me separei.

H. Na sua vida hoje, você tem a sua irmã você tem o irmão de Aldeia que mora aqui; você tem contato com a sua irmã casada, você tem contato com os outros aldeanos então você tem outras pessoas a sua volta. Agora, quando você está sozinha no mundo como você sente que é a experiência de ter sido criada na Aldeia aos olhos dos outros?

M. Acho que existe muito preconceito ainda, porque eles olham pra você, quando você vai fazer alguma entrevista, alguma coisa, ou está em uma palestra as pessoas perguntam com quem você mora, a eu moro sozinha, e dizem – ah, e seus pais; eu não tenho pai. Você não tem pai? Não eu não tenho pai eu moro sozinha. E cadê seus pais? Eu morei no orfanato. Quando você fala que morava em um orfanato, ou outra instituição eles acham que você é igual a muitas crianças, é um bandido, marginal, essas coisas. Eles olham hoje assim.

H. Você nota isso muitas vezes?

M. É a maioria das vezes né, eles perguntam, então quando você fala que não tem pai e morava em um orfanato a gente somos uns coitados, mas não somos como uns coitados, vivemos até melhor do que eles que tem pai e mãe e não tem as vezes atitude ou a cabeça que a gente tem, não são todos, não falo por todos porque hoje muito meninos da Aldeia não aproveitaram a oportunidade que tiveram.

H. Você considera a Aldeia uma oportunidade?

M. Eu considero uma oportunidade. Eu não tenho nada a reclamar da Aldeia, nada hoje eu sou essa pessoa por ela, pela Aldeia né, tenho só a agradecer, não tenho nada a reclamar.

H. E você fez até o 3º colegial, qual são seus planos, atualmente o que você gostaria daqui pra frente?

M. Tenho vontade de fazer uma faculdade ainda só que hoje, hoje estou me dedicando ao meu filho, ele tem 3 anos hoje ele precisa muito de mim então eu hoje trabalho para o meu filho, o que eu puder fazer por ele hoje eu faço, mais pra frente quando ele estiver maiorzinho ainda pretendo fazer uma faculdade trabalhar bastante pra poder pagar um estudo bom pra ele

H. ele está na creche?

M. É, ele fica na creche

H. Como ele vai?

M. Eu pago perua pra ele, vai pra creche às 7:00hs e volta às 5:00 da tarde a perua leva e traz ele.

H. Onde que é a creche?

M. No jardim Primavera

H. É perto?

M: É uns 15 minutinhos andando

H. E quando você pensa em fazer faculdade você tem alguma coisa que acha que gostaria de fazer?

M. É eu quando era mais nova gostaria de fazer enfermagem, só que eu tenho aquele medo de morto, então não levo muito jeito, então eu desisti, mas eu tenho vontade de fazer pedagogia porque eu gosto muito de criança já trabalhei durante 4 anos na creche da Aldeia, sempre que dá eu olho uma criança quando a mãe, a minha prima precisa sair eu olho sempre o filho dela e é uma coisa que eu gosto então sempre que no dia que eu puder eu quero fazer.

H. E você passou todo esse tempo na Aldeia sem nenhum contato com a sua mãe biológica?

M. É esse tempo todo eu nunca tive contato com ela depois que a minha irmã faleceu que a gente voltou a se encontrar.

H. Como é que vocês souberam que a sua irmã faleceu?

M. Pelo Sr. Antonio que é amigo da família que a gente considera nosso tio porque praticamente ele né que ajudou a criar a gente, tá sempre ali quando a gente precisa ele tá ali, hoje a gente vai sempre a casa dele.

H. E ele não é parente, ele é um amigo?

M. Ele não é parente, ele é um amigo do meu pai, ele trabalhou muito tempo na casa da dona R. uma alemã e ela ajudava a Aldeia também, então ela que indicou a gente, aí por ele que a gente soube que a minha irmã morreu porque ele sempre tinha contato com ela e a dona. R que comprova os remédios estas coisas... Então eles estavam sempre em contato e tudo o que acontecia ele passava pra gente, então quando ela faleceu, ele veio e deu o recado.

H. E há quanto tempo ela faleceu?

M. Faz 4 meses,

H. E ela foi quem você falou que era doente desde criança?

M. É ela tinha epilepsia, não escutava direito, já fazia três anos que estava na cama, então quando Deus faz as coisas não podemos contestar.

H. Aí depois da morte dela vocês voltaram a ver sua mãe?

M. É porque nós fomos ao velório e ela estava lá, como ela tava chorando muito naquela noite, querendo ou não ela vivia para Isabel, então tudo na vida dela era Isabel, ela não podia dar um passo se ela não levasse a menina. Então ela sofreu muito com isso, então a gente não podia ajudar ela financeiramente, então a única condição que a gente poderia ajudar ela foi, entrar em contato, estar sempre ali junto; querendo ou não é nossa mãe. Então hoje a gente tem contato, uma vez por mês a gente vai visitar ela, leva as crianças né, que são netos dela meus filhos e da Rosa, a gente está sempre entrando em contato.

H. E foi no falecimento da sua irmã que você soube do Ângelo?

M. É, eu sabia que tinha o Ângelo como irmão, só não sabia que ele estava preso. Aí depois a gente encontramos nossa mãe ela deu o endereço e a gente se comunica por carta, hoje ele conhece mais a gente, ele não sabia da nossa

história e também a gente não sabia da dele. Hoje a gente já tá mais sabendo um da vida do outro.

H. E como é que você acha que as outras crianças que estiveram com você na aldeia, em outros anos a atrás, como é que você acha que estão caminhando?

M. Muitos deles se deram bem, hoje tem uns que estão casados, tem seus filhos vivem bem, estuda, mas outros não aproveitaram aquela oportunidade que a Aldeia deu pra eles, hoje não tem uma casa, não tem nada não pela Aldeia, mas sim pela ignorância deles, mas muitos hoje vivem muito bem.

H. Mariana, quando você fala alguns estão bem e que outros não tem casa não tem nada, tem dificuldades, teve gente que já morreu,teve gente que já foi presa, você saberia dizer se faz diferença na tua experiência na Aldeia, se faz diferença ter ido pra lá sabendo que você tinha irmã ou uma criança que não tem noção de quem ela era, foi sozinha não tem irmão nenhum. Você acha que isso faz a diferença?

M. Não. Não faz diferença, o Raul foi pra aldeia sozinho, ele não conhecia nem a mãe dele quando ele foi pra Aldeia, então hoje ele tem uma cabeça muito boa, ele trabalha, tem responsabilidade, tem uma filha e ele esta sempre ali. Então acho que isso por você ser sozinho, eu acho que isso não tem nada a ver, vai da cabeça da pessoa e ela tem que ter aquela responsabilidade né, então muitos aldeanos acham que por que você viveu na Aldeia, a Aldeia tem a obrigação de ajudar ele até eternamente, mas não é eternamente. Então teve um tempo que a Aldeia passava muito a mão na cabeça das crianças.

H. Eu já ouvi essa expressão. Que tempo que era esse?

M. Tempo assim por exemplo. Depois que eles saiam da Aldeia, a Aldeia um pouco elas erraram de estar ali sempre em cima, não deixou ele caminhar sozinho pra poder aprender.

H. Isso foi antes de você ou depois de você?

M. Antes de eu sair da aldeia.

H. Os mais velhos?

M. Os mais velhos já tava nessa fase de passar muito a mão na cabeça, então eles não souberam seguir o mundo ali sozinho, a Aldeia sempre ali, a Aldeia tem que ajudar, a Aldeia vai fazer isso por mim.

H. Qual foi a diferença, pra eles a Aldeia passou muito a mão na cabeça, como é que a Aldeia foi ensinando pra você, você vai crescer você vai sair dessa casa?

M. Então eles me ensinaram sim, é porque na verdade não foi bem eles que me ensinaram, eu fui vendo a vida daquele povo que saia da Aldeia mas eles estavam sempre ali, sempre ali, eu coloquei na minha cabeça que quando eu saísse da Aldeia eu queria viver minha vida, porque eu já vivi 12 anos aqui, porque que eu ia ter que sair da Aldeia, eu tinha que ter uma atitude e não viver igual a eles, eu quis ser diferente, entanto...

H. E essa atitude você que desenvolveu, a Aldeia ajudou a você desenvolver?

M. Não, não foi bem a Aldeia que ajudou a desenvolver. Eu tinha que tomar alguma atitude, eu já tinha essa cabeça.

H. Você acha que sua mãe social ajudou mais, que outras mães ajudavam menos? Você acha que faz muita diferença que mãe você tem? Que mãe social?

M. É porque nem todas são iguais, cada um tem sua maneira de criar, por mais que seja ali a Aldeia tudo igual com crianças que vem de família pobre ou rica às vezes não importa, eu acho que cada um tem uma maneira diferente de criar ninguém é igual a ninguém, mas eu acho que a educação que a tia Eunice me deu foi muito boa pra mim hoje, não tenho nada que reclamar.

H. Mas você acha que tem diferença uma casa e outra?

M. Tem diferença entre uma casa e outra, porque não é igual.

H. Quando você fazia a escola Labor que era correspondente à 6ª, 7ª e 8ª série, você tinha outra atividade obrigatória ou não?

M. Não era bem obrigatória, quando eu estudava na Labor, depois que saia do colégio eu ia trabalhar no Conselho. Eu trabalhei muito tempo no Conselho.

H. O que era o Conselho?

M. Era o escritório das Aldeias Infantis.

H. Lá na Vila Mariana?

M. Lá na Vila Mariana.

H. Como que você ia pra lá?

M. Eu ia de ônibus, eu saia da escola ia de ônibus ficava lá até as 5:00 da tarde.

H. Quantos anos você tinha?

M. Eu tinha 14 anos.

H. E você tinha algum carteira de aprendiz porque pra trabalhar com 14 anos precisa ser alguma coisa assim de aprendiz, eu não sei como chama

M. É tinha, porque como a gente fazia esses cartões de Natal da Aldeia, a gente separava os cartões e fazia os kits que eles vendiam e fazia os kits, mas tinha sim sempre um responsável pra poder estar ensinando a gente a fazer essas coisas.

H. E você ganhava pra fazer isso?

M. Ganhava, é tipo uma ajuda que eles davam.

H. Isso foi durante a 6ª, 7ª e 8ª série?

M. É.

H. E no colegial?

M. Eu sai depois fechou o escritório da Aldeia, não trabalhava mais com cartão de Natal, ficou sendo escritório a gente mexendo com mala-direta, fiquei um bom tempo ainda trabalhando com mala-direta, depois eu tive oportunidade de trabalhar mesmo na creche da aldeia, mais 4 anos eu trabalhei dentro da creche na aldeia eu ganhava também pra poder ficar, trabalhava meio período.

H. E me diz uma coisa Mariana. Como é que eles escolhem quem vai trabalhar porque eles não tem serviço pra todas as jovens, como eles escolhem?

M. Vai pelo interesse da pessoa, tem que demonstrar interessado ai eles perguntam se você quer aprender a trabalhar com isso, se te interessa nada é forçado você não é obrigado eles perguntam se você quer, eles falam você vai ganhar tanto.

H. E a Tânia fez alguma coisa também?

M. A Tânia trabalhou na creche, ela trabalhou de quando a gente tava na Aldeia ela trabalhou na creche e também foi pro conselho.

H. E me diz uma coisa, dentro da sua casa, com a sua mãe fosse ela quem fosse é uma mãe que tem 8 ou 9 até 10 filhos as vezes. Vocês maiores

ajudavam na casa a cuidar dos menores, como é que era a vida dentro de casa?

M. Ajudava, tanto que eu sai da Aldeia, eu já sabia a lavar, passar, cozinhar porque tudo ela me ensinou, então a gente ajudava ela a olhar os meninos menores, o Ângelo que era especial a gente ajudava.

H. O Ângelo é irmão do Alberto?

M. É o Ângelo é irmão do Alberto, então a gente tinha, toda criança tinha uma atividade pra fazer, tinha suas obrigações a gente fazia as obrigações durante o dia, e então tinha aquele incentivo hoje vou te ensinar a cozinhar, você vai fazer isso varrer, você vai passar um pano.

H. E como eram as férias?

M. Nas férias de escola a gente viajava, a mãe podia levar as crianças pra casa dos parentes dela, igual a gente ia todo ano pra Minas né e ficava na casa da mãe dela

H. Era como uma avó?

M. É como uma avó

H. Até hoje?

M. Até hoje, hoje ela faleceu né faz 2 anos que ela faleceu mas a gente não deixa de ter contato, eu vou sempre lá, estou sempre ligando e pra eles é uma nova família que eu tenho, praticamente é minha família.

H. E vocês tinham umas férias em um sitio ou em uma colônia de férias?

M. É desde Dezembro, Janeiro tinha o Paiol Grande, tinha um passeio a gente ficava 5 dias mas só podia ir as crianças que mereciam, a gente ficava durante 5 dias lá esse era o passeio que a Aldeia dava para as crianças

H. E você fez esse passeio?

M. Fiz muitas vezes, durante uns 4, 5 anos, sempre ia quando tinha.

H. O que você lembra como as melhores coisas do seu tempo? De criança e de jovem?

M. Eu gostava quando tinha os passeios, a gente fazia muita excursão, tinha passeio para o playcenter, tinha o Paiol Grande, então a gente ficava esperando quando ia chegar aquelas atividades pra gente, então tinha muita atividade a gente nunca ficou parado.

H. E quando você fala que agora esse momento você quer se dedicar ao seu filho, você aprendeu com a sua mãe social?

M. É hoje eu aprendi que ela me deu o amor e o carinho que ela me deu, hoje eu passo pro meu filho, eu jamais quero que meu filho cresça algum dia e fale que ele não teve uma mãe como eu não tive, a minha mãe biológica me abandonou, por ela ter me abandonado querendo ou não tenho essa dor, porque querendo ou não é minha mãe então jamais eu quero dar isso pro meu filho, então o que eu poder fazer por ele eu faço hoje.

H. Já que você falou quais são as melhores lembranças, qual seriam as piores também? O que não funcionou bem, o que não agradou?

M. Eu acho que a minha pior lembrança da Aldeia foi quando a tia Eunice foi embora, foi o jeito dela ter saído eles não explicaram direitinho pra gente como e porquê que ela estava saindo, então foi como tirar a mamadeira de uma criança. Foi uma perda pra gente, então eu tive aquela revolta depois que ela saiu eu fiquei muito malcriada, foi quando mudou a direção da Aldeia, mudou o dirigente tudo isso, então querendo ou não isso mexe muito com as crianças, mexeu muito com a gente, então eu acho que a minha maior dor da Aldeia foi essa.

H. Está bom acho que eu vou transcrever se tiver algum pedaço que estiver confuso porque quando a gente fala a gente pensa que a idéia esta pronta e não está, eu mando um e-mail perguntando pra você. Tudo bem?

M. Ah então ta bom

H. Muito Obrigada. Super obrigada.

Mapa de Associação de Idéias

Mãe Social					Aldeia				
Como cuidava	Como afetou	Vida Fora da Aldeia	Ações/Planos/Reflexões	Preconceito	Como qualifica	Como descreve os procedimentos	Rede criada a partir da Aldeia	Relação com a família biológica	Dirigente de Aldeia
<p>A primeira coisa em que penso é na minha mãe social, a Eunice.</p> <p>eu acho assim tudo o que ela pode fazer pela gente ela fez</p>	<p>Hoje eu me inspiro nela porque ela me deu muita força pra hoje eu ter a cabeça que tenho,</p> <p>então hoje eu levo a minha vida conforme ela</p> <p>Então é eu me vejo assim responsável, sou capaz de enfrentar uma vida sozinha fora da Aldeia, onde,</p>		<p>então tudo que eu faço hoje pelo meu filho é igual ao que ela fez por mim.</p> <p>eu não dependo mais da</p>						

		<p>Você viveu com o pai do seu filho? Durante 4 anos eu morei junto com ele ai não deu certo, ai a gente se separou. Hoje eu moro com o meu filho, mas ele dá assistência para o menino para o Ivan, r né e aos finais de semana é um final de semana meu e um final de semana dele, e as vezes quando dá ele vem e pega o Ivan para passar o final de semana com ele.</p>	<p>Aldeia, se eu preciso de um emprego eu corro atrás e não fico dependendo daquilo que vai chegar ali eu vou até ele e é isso ai, hoje eu crio o meu filho</p>			<p>E você entrou na Aldeia ... Eu entrei na</p>	<p>estou bem com a minha irmã e meu irmão de Aldeia, o Raul.</p> <p>O Raul é irmão de Aldeia e a Tania é irmã de sangue? Isso.</p>		
--	--	--	---	--	--	---	--	--	--

						<p>aldeia eu tinha 7 anos e fiquei até os meus 18 anos, ai quando eu completei meus 18 anos o pessoal da Aldeia com a minha poupança me ajudou a gente a comprar uma casa, lugar onde a gente está se estabelecendo ai nos compramos esta casa, demos a metade no dinheiro e a Aldeia cobriu o resto e depois eu fui pagando aos poucos pra a Aldeia.</p>	<p>E está poupança foi feita como? Foi através de padrinhos, todas as crianças quando entram na Aldeia elas tem os padrinhos que são de fora, da Alemanha, da Áustria por ai... Então eles ajudam né, ai toda vez eles depositam uma quantia pra gente e vai depositando só que a gente só pode mexer quando completa 18 anos.</p>	<p>E você conhecia seus padrinhos ou</p>
--	--	--	--	--	--	---	--	--

							<p>não? Conhecia todos por carta, mas o que eu tinha mais contato era o C.</p>	<p>E você morou na aldeia com a Tania né? E como é que vocês foram levadas para a Aldeia? O que aconteceu? Minha mãe não teve condições de criar a gente, ela fugiu com outro cara porque não tinha condições de cuidar da gente, aí um amigo do meu pai que é o Sr. Antonio ele levou a gente para o orfanato. Quando fui para o orfanato tinha 3 anos.</p> <p>E você tinha 3 anos você foi para um orfanato? E neste orfanato quem mais foi com você? Só a Tania, eu e a Tania</p> <p>E havia outros irmãos?</p> <p>É porque assim, quando nós fomos para o orfanato, tinha uma idade para entrar lá, podia entrar lá</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	---	--

							<p>acho que até 5 ou 6 anos, e Beatriz já tinha mais que 6 então ela não podia entrar lá. Ai o Sr. Antonio arrumou uma família para ela ser adotada e a Rosa foi trabalhar em uma casa de família ai a minha mãe ficou com a Isabel e o Aluisio. E eu e a Tania fomos para o orfanato, ai este orfanato quando fechou, ele entrou em contato com a Aldeia ai nos fomos morar na Aldeia.</p> <p>De quando você entrou na Aldeia até você sair da Aldeia que contato você teve com as pessoas da sua família?</p> <p>Sempre tive contato com as minhas irmãs, quando eu morava no orfanato, elas sempre visitavam a gente e quando fomos para a Aldeia elas continuaram a visitar a gente, mais somente a Rosa e a Beatriz, a minha mãe e as outras crianças a gente não teve contato, começou</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>E durante estes anos de Aldeia você ficou sempre na casa da Eunice? Quando eu sai do orfanato é ai eu fui morar na casa B que foi dentro da Aldeia que tinha a mãe social que era a Eunice</p> <p>Como foi essa ida para lá? A gente pensava que ia passear de carro. A tia Eunice foi buscar a gente lá. Na Aldeia é tudo íntimo, tudo família. As outras crianças estavam esperando pela gente.</p>	<p>a ter contato agora.</p> <p>E seu pai? Meu pai faleceu.</p> <p>Seu pai faleceu quando? Logo depois que a gente foi para a Aldeia, em 92</p> <p>Você entrou na Aldeia em que ano? Em 90, ai ele faleceu em 92.</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	--

E já tinha outras crianças lá quando você chegou?
Já tinha outras crianças lá, já tinha mais 6 crianças, aí entrou eu e a minha irmã.

E estas crianças eram mais velhas ou mais novas que vocês? Eram mais velhas assim... de meses, onze meses e alguns de um ano, pouco diferença o mais velho acho que na época tinha 13 anos.

e estas seis crianças com que você morou a aldeia se eram mais velhas saíram um pouco antes, você tem contato com elas?
Tenho hoje é o Raul que mora comigo, tem o Mauro que ele foi estudar fora que até foi o mesmo padrinho que adotou ele, hoje ele mora na Itália

						<p>sempre estamos em contato até mesmo ontem falei com ele, tem o Gil, que não o vejo, nem o Alberto, o Alberto a gente não se fala, eu não converso com ele e tem o Ângelo que a Eunice adotou ele, quando ela foi embora da aldeia porque ele é especial, ela adotou ele e hoje ele mora com ela em Minas, mas eu sempre tenho contato ligo todos os finais de semana pra ela, pra ele, e eles está muito bem. Hoje ele estuda na APAE.</p> <p>Depois que a tia Eunice saiu da Aldeia? Eu continuei tendo contato com ela eu e a Tânia eu ia dormir na casa dela sempre que quisesse, ia sempre pra Minas, sozinha, mas eu sempre ia, e hoje a família dela é a minha família.</p> <p>E você falou que você passa Natal lá? Eu passo Natal e férias sempre lá</p>		
--	--	--	--	--	--	---	--	--

	<p>E como é que foi você com ela, o que você guarda dela?</p> <p>Eu tive assim, porque foi um tempo muito curto entre ela, foi mudança atrás de mudança, então mais assim a gente se respeitava, não tinha brigas nem nada, mas não tinha aquele amor de mãe como eu tinha com a Eunice. Pra mim ela era uma tia que eu tinha respeito por ela e ela por mim.</p>				<p>Sim, depois que ela saiu entrou mais 3 mães social, foi a Ana, a Sonia e a Camila.</p> <p>A Camila foi a última que saiu? :Foi à última que saiu.</p> <p>E durante esses anos você morou 10 anos na aldeia, mais até né? Morei 12 anos</p> <p>Você estudava fora? Eu estudei no Casai até a 4ª Série depois do</p>	<p>com ela.</p>		
--	---	--	--	--	---	-----------------	--	--

	<p>e a gente aprendeu a viver né. Olha assim eu sou muito agradecida pela Aldeia hoje, mais na nossa época era melhor, hoje a Aldeia caiu muito.</p> <p>Você acha? Hoje não é mais mesma coisa, antigamente a educação das crianças na Aldeia era mais rígida e as</p>					<p>Casai eu estudei na escola dentro da Aldeia na Labor e depois eu fiz o meu 3º ano no Santos Dias e hoje eu guardo o que? Tive meus estudos lá, aprendi a trabalhar, trabalhei dentro dos escritórios das Aldeias Infantis, no Conselho das crianças que faziam as atividades, fui pra lá também</p>			
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

	<p>crianças eram muito mais educadas, elas tinham mais atividades elas não viviam do jeito que vive hoje, hoje elas vivem largadas, as crianças sai pra rua não dá satisfação nem nada, eu acho isso. O modo que as crianças hoje são criadas na Aldeia caiu muito, muito, muito, muito não tem nem comparação de quando a gente morava lá.</p> <p>Você tem alguma idéia por que isso aconteceu? Eu acho que seja a direção né o pessoal que está dirigindo a Aldeia a equipe caiu bastante, não sei hoje eu não vou mais lá como eu ia antes</p>							<p>depois que eu sai da Aldeia a coisa mais difícil é eu ir, mas sempre que tem encontro de jovens ex-aldeanos a gente procura ir.</p>		
--	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>Estes encontros são quando? É como?</p> <p>A gente procura se encontrar sempre uma vez por ano ai junta todos os ex-aldeanos e a gente comenta como está a nossa vida, um fala do outro, fala o que fez o que não fez, as novidades, quem casou, quem não casou, dos filhos e esse é o nosso encontro.</p> <p>E você tem outros amigos ou pessoas próximas que são da Aldeia? Tenho... Sempre tem um ou outro da aldeia que vem aqui em casa, que a gente sempre recebe, a gente está sempre unido o pessoal da nossa época está sempre juntos, sempre que dá a gente se encontra.</p>		<p>E durante o tempo que você esteve na Aldeia, além da Eunice</p>
--	--	--	--	--	--	---	--	--

								<p>que foi uma pessoa muito importante, pra você tem mais alguém que foi importante? Padrinho, diretor, dirigente?</p> <p>O Dirigente da Aldeia Luis Marcos ele pra mim foi muito importante ele fez o papel de pai mesmo.</p> <p>O que é um papel de pai mesmo pra você, na tua história o que você acha que foi bom que você chama de um papel de pai?</p> <p>Foi a atenção que ele deu, ele tava sempre junto, se você precisava ele tava sempre ali, ele nunca deixou você na mão, se você as vezes tinha que sair e você não tinha aquele tempo de poder tá ali fazendo aquilo, ele falava nós vamos juntos e tava sempre junto, então eu acho que ele fez um papel muito legal e hoje as crianças da Aldeia não tem isso</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>E, na hora que você saiu da Aldeia como você se sentiu? Você achou bom, achou fácil ou difícil?</p> <p>Eu achei bom porque eu vim para morar com as minhas irmãs, eu não sai direto já para ir morar sozinha</p>						<p>a Tânia já tinha feito um ano que tinha saído da Aldeia e eu vim morar junto com ela e a Rosa que é a minha irmã mais velha</p> <p>A Rosa também morou com vocês? Nesta casa.</p> <p>E hoje? Hoje ela é casada e tem dois filhos, hoje ela mora ali em outro bairro mas ela morou um bom tempo com a gente, uns 6 anos.</p> <p>Então você diz que não foi tão difícil porque você já veio morar com a sua irmã? É eu já vim morar com a minha irmã</p>	
--	--	---	--	--	--	--	--	---	--

	<p>e eu já tinha a minha cabeça, sabia o que queria e eu tinha a minha atitude, essa mudança de mãe, pai você vai criando a sua liberdade, e com essa mudança de mãe social isso aquilo, então cada um tinha o seu jeito</p>	<p>E foi logo que você saiu que morou junto com o pai do Ivan? Não, depois eu namorei com ele durante uns 2 anos e ½ ai quando eu engravidei eu casei ai nos fomos casados 4 anos , eu separei já faz 1 ano que me separei.</p>			<p>eu já estava com aquele jeito que fui criada então eu segui a minha vida e eu não tive tanta dificuldade de encarar.</p>				
--	--	---	--	--	---	--	--	--	--

				<p>Na sua vida hoje, você tem a sua irmã você tem o irmão de Aldeia que mora aqui; você tem contato com a sua irmã casada, você tem contato com os outros aldeanos então você tem outras pessoas a sua volta. Agora, quando você está sozinha no mundo como você sente que é a experiência de ter sido criada na Aldeia aos olhos dos outros?</p> <p>Acho que existe muito preconceito ainda, porque eles olham pra você, quando você vai fazer alguma entrevista, alguma coisa, ou está em uma palestra as pessoas perguntam com quem você mora, a eu moro sozinha, e dizem – ah, e seus pais; eu não tenho pai. Você não tem pai? Não eu não tenho pai eu moro sozinha. E cadê seus pais? Eu morei no orfanato. Quando</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>mas não somos como uns coitados, vivemos até melhor do que eles que tem pai e mãe e não tem as vezes atitude ou a cabeça que a gente tem</p>		<p>você fala que morava em um orfanato, ou outra instituição eles acham que você é igual a muitas crianças, é um bandido, marginal, essas coisas. Eles olham hoje assim.</p> <p>Você nota isso muitas vezes? É a maioria das vezes né, eles perguntam, então quando você fala que não tem pai e morava em um orfanato a gente somos uns coitados,</p>						<p><i>não são todos, não falo por todos porque hoje muito meninos da Aldeia não aproveitaram a oportunidade que tiveram.</i></p>
--	--	---	--	---	--	--	--	--	--	--

		<p>Ele está na creche? É, ele fica na creche</p> <p>Como ele vai? Eu pago perua pra ele, vai pra creche às 7:00hs e volta às 5:00 da tarde a perua</p>	<p>E você fez até o 3º colegial, qual são seus planos, atualmente o que você gostaria daqui pra frente? Tenho vontade de fazer uma faculdade ainda só que hoje, hoje estou me dedicando ao meu filho, ele tem 3 anos hoje ele precisa muito de mim então eu hoje trabalho para o meu filho, o que eu puder fazer por ele hoje eu faço, mais pra frente quando ele estiver maiorzinho ainda pretendo fazer uma faculdade trabalhar bastante pra poder pagar um estudo bom pra ele</p>		<p>Você considera a Aldeia uma oportunidade? Eu considero uma oportunidade. Eu não tenho nada a reclamar da Aldeia, nada hoje eu sou essa pessoa por ela, pela Aldeia né, tenho só a agradecer, não tenho nada a reclamar.</p>				
--	--	--	--	--	---	--	--	--	--

		<p>leva e traz ele.</p> <p>Onde que é a creche? : No jardim Primavera</p> <p>É perto? : É uns 15 minutinhos andando</p> <p>E quando você pensa em fazer faculdade você tem alguma coisa que acha que gostaria de fazer? É eu quando era mais nova gostaria de fazer enfermagem, só que eu tenho aquele medo de morto, então não levo muito jeito, então eu desisti, mas eu tenho vontade de fazer pedagogia porque eu gosto muito de criança já trabalhei durante 4 anos na creche da Aldeia, sempre que dá eu olho uma criança quando a mãe, a minha prima precisa sair eu olho sempre o filho dela e é uma coisa que eu gosto então sempre que no dia que eu puder eu quero fazer.</p>							
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

								<p>E você passou todo esse tempo na Aldeia sem nenhum contato com a sua mãe biológica? É esse tempo todo eu nunca tive contato com ela depois que a minha irmã faleceu que a gente voltou a se encontrar.</p> <p>Como é que vocês souberam que a sua irmã faleceu? Pelo Sr. Antonio que é amigo da família que a gente considera nosso tio porque praticamente ele né que ajudou a criar a gente, tá sempre ali quando a gente precisa ele tá ali, hoje a gente vai sempre a casa dele.</p> <p>E ele não é parente, ele é um amigo? Ele não é parente, ele é um amigo do meu pai,</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	---	--

						<p>ele trabalhou muito tempo na casa da dona R. uma alemã e ela ajudava a Aldeia também, então ela que indicou a gente,</p> <p>e a dona. R que comprava os remédios estas coisas...</p>	<p>ai por ele que a gente soube que a minha irmã morreu porque ele sempre tinha contato com ela</p> <p>Então eles estavam sempre em contato e tudo o que acontecia ele passava pra gente, então quando ela faleceu, ele veio e deu o recado.</p> <p>E há quanto tempo ela faleceu? Faz 4 meses,</p> <p>E ela foi quem você falou que era doente desde criança? É ela tinha epilepsia, não escutava direito, já fazia três anos que estava na cama, então quando Deus faz as coisas não podemos contestar.</p> <p>Ai depois da morte dela vocês voltaram a ver sua mãe? É porque nós fomos ao velório e ela</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--	--

								<p>estava lá, como ela tava chorando muito naquela noite, querendo ou não ela vivia para Isabel, então tudo na vida dela era Isabel, ela não podia dar um passo se ela não levasse a menina. Então ela sofreu muito com isso, então a gente não podia ajudar ela financeiramente, então a única condição que a gente poderia ajudar ela foi, entrar em contato, estar sempre ali junto; querendo ou não é nossa mãe. Então hoje a gente tem contato, uma vez por mês a gente vai visitar ela, leva as crianças né, que são netos dela meus filhos e da Rosa , a gente esta sempre entrando em contato.</p> <p>E foi no falecimento da sua irmã que você soube do Ângelo? É, eu sabia que tinha o Ângelo como irmão, só não sabia que ele estava preso. Ai depois a gente encontramos nossa mãe ela</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>deu o endereço e a gente se comunica por carta, hoje ele conhece mais a gente, ele não sabia da nossa história e também a gente não sabia da dele. Hoje a gente já tá mais sabendo um da vida do outro.</p>	
						<p>E como é que você acha que as outras crianças que estiveram com você na aldeia, em outros anos a atrás, como é que você acha que estão caminhando? <i>Muitos deles se deram bem, hoje tem uns que estão casados, tem seus filhos vivem bem, estuda, mas outros não aproveitaram aquela oportunidade que a Aldeia deu pra eles, hoje não tem uma casa, não tem nada não pela</i></p>		

						<p><i>Aldeia, mas sim pela ignorância deles, mas muitos hoje vivem muito bem.</i></p> <p>Mariana, quando você fala alguns estão bem e que outros não tem casa não tem nada, tem dificuldades, teve gente que já morreu,teve gente que já foi presa, você saberia dizer se faz diferença na tua experiência na Aldeia, se faz diferença ter ido pra lá sabendo que você tinha irmã ou uma criança que não tem noção de quem ela era, foi sozinha não tem irmão nenhum. Você acha que isso faz a diferença?</p> <p><i>Não. Não faz diferença, o Raul foi pra aldeia sozinho, ele não conhecia nem a mãe dele quando ele foi pra Aldeia, então hoje ele tem uma cabeça muito boa, ele trabalha, tem responsabilidade, tem uma filha e ele esta sempre ali. Então acho que isso por você ser sozinho, eu</i></p>		
--	--	--	--	--	--	--	--	--

Eu já ouvi essa expressão. Que tempo que era esse?

Tempo assim por exemplo. Depois que eles saíram da Aldeia, a Aldeia um pouco elas erraram de estar ali sempre em cima, não deixou ele caminhar sozinho pra poder aprender.

Isso foi antes de

acho que isso não tem nada a ver, vai da cabeça da pessoa e ela tem que ter aquela responsabilidade né, então muitos aldeanos acham que por que você viveu na Aldeia, a Aldeia tem a obrigação de ajudar ele até eternamente, mas não é eternamente. Então teve um tempo que a Aldeia passava muito a mão na cabeça das crianças.

	<p>Você acha que sua mãe social ajudou mais, que outras mães ajudavam menos? Você acha que faz muita diferença que mãe você tem? Que mãe social?</p> <p>É porque nem todas são iguais, cada um tem sua maneira de criar, por mais que seja ali a Aldeia tudo igual com crianças que vem de família pobre ou rica às vezes não importa, eu acho que cada um tem uma maneira diferente de criar ninguém é igual a ninguém, mas eu acho que a educação que a tia Eunice me deu foi muito boa pra mim hoje, não tenho nada que reclamar. :</p>		<p>minha vida, porque eu já vivi 12 anos aqui, porque que eu ia ter que sair da Aldeia, eu tinha que ter uma atitude e não viver igual a eles, eu quis ser diferente, entanto...</p> <p>E essa atitude você que desenvolveu, a Aldeia ajudou a você desenvolver? : Não, não foi bem a Aldeia que ajudou a desenvolver. Eu tinha que tomar alguma atitude, eu já tinha essa cabeça.</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--	--

	<p>Mas você acha que tem diferença uma casa e outra? Tem diferença entre uma casa e outra, porque não é igual.</p>					<p>Quando você fazia a escola Labor que era correspondente à 6ª, 7ª e 8ª série, você tinha outra atividade obrigatória ou não?</p> <p>Não era bem obrigatória, quando eu estudava na Labor, depois que saía do colégio eu ia trabalhar no Conselho. Eu trabalhei muito tempo no Conselho.</p> <p>O que era o Conselho? Era o escritório das Aldeias Infantis.</p> <p>Lá na Vila Mariana? Lá na Vila Mariana.</p> <p>Como que você ia pra lá? Eu ia de ônibus, eu saía da escola ia de ônibus ficava lá até as</p>			
--	--	--	--	--	--	---	--	--	--

5:00 da tarde.

Quantos anos
você tinha?
Eu tinha 14 anos.

E você tinha
algum carteira de
aprendiz
porquepra
trabalhar com 14
anos precisa ser
alguma coisa
assim de
aprendiz, eu não
sei como chama
... É tinha, porque
como a gente
fazia esses
cartões de Natal
da Aldeia, a gente
separava os
cartões e fazia os
kits que eles
vendiam e fazia
os kits, mas tinha
sim sempre um
responsável pra
poder estar
ensinando a
gente a fazer
essas coisas.

E você ganhava
pra fazer isso?
Ganhava, é tipo
uma ajuda que
eles davam.

Isso foi durante a
6ª, 7ª e 8ª série?
É.

E no colegial? Eu
sai depois fechou
o escritório da
Aldeia, não
trabalhava mais
com cartão de

Natal, ficou sendo
escritório a gente
mexendo com
mala-direta, fiquei
um bom tempo
ainda trabalhando
com mala-direta,
depois eu tive
oportunidade de
trabalhar mesmo
na creche da
aldeia, mais 4
anos eu trabalhei
dentro da creche
na aldeia eu
ganhava também
pra poder
ficar, trabalhava
meio período.

E me diz uma
coisa Mariana.
Como é que eles
escolhem quem
vai trabalhar
porque eles não
tem serviço pra
todas as jovens,
como eles
escolhem?

Vai pelo interesse
da pessoa, tem
que demonstrar
interessado ai
eles perguntam
se você quer
aprender a
trabalhar com
isso, se te
interessa nada é
forçado você não
é obrigado eles
perguntam se
você quer, eles
falam você vai
ganhar tanto.

E a Tânia fez
alguma coisa

<p>E me diz uma coisa, dentro da sua casa, com a sua mãe fosse ela quem fosse é uma mãe que tem 8 ou 9 até 10 filhos as vezes. Vocês maiores ajudavam na casa a cuidar dos menores, como é que era a vida dentro de casa? Ajudava, tanto que eu sai</p>							<p>também? A Tânia trabalhou na creche, ela trabalhou de quando a gente tava na Aldeia ela trabalhou na creche e também foi pro conselho.</p>			
--	--	--	--	--	--	--	---	--	--	--

da Aldeia, eu já sabia a lavar, passar, cozinhar porque tudo ela me ensinou, então a gente ajudava ela a olhar os meninos menores, o Ângelo que era especial a gente ajudava.

O Ângelo é irmão do Alberto?

É o Ângelo é irmão do Alberto, então a gente tinha, toda criança tinha uma atividade pra fazer, tinha suas obrigações a gente fazia as obrigações durante o dia, e então tinha aquele incentivo hoje vou te ensinar a cozinhar, você vai fazer isso varrer, você vai passar um pano.

E como eram as férias?

Nas férias de escola a gente viajava, a mãe podia levar as crianças pra casa dos parentes dela, igual a gente ia todo ano pra Minas né

e ficava na casa da mãe dela.

<p>E vocês tinham umas férias em um sitio ou em uma colônia de férias? É desde Dezembro, Janeiro tinha o Paiol Grande, tinha um passeio a gente ficava 5 dias mas só podia ir as crianças que mereciam, a gente ficava durante 5 dias lá esse era o passeio que a Aldeia dava para as crianças</p> <p>E você fez esse</p>								<p>Era como uma avó? É como uma avó</p> <p>Até hoje? Até hoje, hoje ela faleceu né faz 2 anos que ela faleceu mas a gente não deixa de ter contato, eu vou sempre lá, estou sempre ligando e pra eles é uma nova família que eu tenho, praticamente é minha família.</p>		
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

<p>passeio? Fiz muitas vezes, durante uns 4, 5 anos, sempre ia quando tinha.</p> <p>O que você lembra como as melhores coisas do seu tempo? De criança e de jovem? Eu gostava quando tinha os passeios, a gente fazia muita excursão, tinha passeio para o playcenter, tinha o Paiol Grande, então a gente ficava esperando quando ia chegar aquelas atividades pra gente, então tinha muita atividade a gente nunca ficou parado.</p>	<p>E quando você fala que agora esse momento você quer se dedicar ao seu filho, você aprendeu com a sua mãe social? É hoje eu aprendi que ela me deu o amor e o carinho que ela me deu, hoje eu passo pro meu filho, eu jamais quero que meu filho cresça algum dia e fale</p>								
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

	<p>que ele não teve uma mãe como eu não tive, a minha mãe biológica me abandonou, por ela ter me abandonado querendo ou não tenho essa dor, porque querendo ou não é minha mãe então jamais eu quero dar isso pro meu filho, então o que eu poder fazer por ele eu faço hoje.</p>					<p>Já que você falou quais são as melhores lembranças, qual seriam as piores também? O que não funcionou bem, o que não agradou?</p> <p>Eu acho que a minha pior lembrança da Aldeia foi quando a tia Eunice foi embora, foi o jeito dela ter</p>				
--	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

					saído eles não explicaram direitinho pra gente como e porquê que ela estava saindo, então foi como tirar a mamadeira de uma criança. Foi uma perda pra gente, então eu tive aquela revolta depois que ela saiu eu fiquei muito malcriada, foi quando mudou a direção da Aldeia, mudou o dirigente tudo isso, então querendo ou não isso mexe muito com as crianças, mexeu muito com a gente, então eu acho que a minha maior dor da Aldeia foi essa.				
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

LINHA NARRATIVA DA ALDEIA

Como qualifica	Como descreve os procedimentos	Rede criada a partir da Aldeia	Relação com a família biológica	Dirigente de Aldeia
<p>A gente aprendeu a viver Eu sou muito agradecida pela Aldeia</p> <p>Na nossa época era melhor, hoje a Aldeia caiu muito.</p> <p>Antigamente a educação das crianças na Aldeia era mais rígida As crianças eram muito mais educadas, Elas tinham mais atividades Hoje elas vivem largadas, Saem pra rua, não dão satisfação O modo como as crianças hoje são criadas caiu muito, muito, muito Não tem nem comparação de quando a gente morava lá. Eu acho que é a direção A equipe que está dirigindo a Aldeia caiu bastante, Eu considero a Aldeia uma oportunidade.</p> <p>Eu não tenho nada a reclamar da Aldeia Hoje eu sou essa pessoa pela Aldeia Teve um tempo que a Aldeia passava muito a mão na cabeça das crianças.</p> <p>A Aldeia errou de estar ali sempre em cima Não deixou eles caminharem sozinhos pra poder aprender. Os mais velhos passaram essa fase de passar muito a mão na cabeça Eles não souberam seguir para o mundo sozinhos</p>	<p>Nas férias de escola a gente viajava</p> <p>A mãe podia levar as crianças pra casa dos parentes dela, Entrei na aldeia com 7 anos e fiquei até os meus 18 anos Quando as crianças entram na Aldeia tem padrinhos que são de fora Eles depositam uma quantia pra gente A gente só pode mexer quando completa 18 anos.</p> <p>A Aldeia cobriu metade da casa Quando eu sai do orfanato eu fui morar na casa B Dentro da Aldeia que tinha a mãe social A gente pensava que ia passear de carro.</p> <p>A mãe social foi buscar a gente lá. Na Aldeia é tudo íntimo, tudo família. As outras crianças estavam esperando pela gente.</p> <p>Já tinha outras crianças lá, já tinha mais 6 crianças Eram mais velhas, onze meses e alguns de um ano O mais velho acho que na época tinha 13 anos.</p> <p>E aí a tia Eunice saiu e entrou mais 3 mães sociais Morei 12 anos Tive meus estudos lá, aprendi a trabalhar</p>	<p>A poupança foi feita através de padrinhos Conhecia todos os padrinhos por carta Tenho contato com os irmãos de casa O Raul mora comigo O Mauro foi estudar fora, hoje ele mora na Itália Foi o mesmo padrinho que adotou ele Sempre estamos em contato até mesmo ontem falei com ele O Ângelo a Eunice adotou, quando foi embora da aldeia Ele é especial, hoje ele mora com ela em Minas Eu ligo todos os finais de semana pra ela e pra ele Eu continuei tendo contato com a tia Eunice Eu ia dormir na casa dela sempre que quisesse la sempre pra Minas, sozinha Hoje a família dela é a minha família Eu passo Natal e férias sempre lá com ela Sempre que tem encontro de jovens ex- aldeanos a gente procura ir. A gente procura se encontrar sempre uma vez por ano A gente comenta como está a nossa vida Cada fala o que fez o que não fez, as novidades</p>	<p>A minha mãe biológica me abandonou Querendo ou não tenho essa dor, Minha mãe não teve condições de criar a gente Ela fugiu com outro cara porque não tinha condições de cuidar da gente Um amigo do meu pai, levou a gente para o orfanato. Quando fui para o orfanato tinha 3 anos. Eu e a Tânia No orfanato, só podia entrar até 5 ou 6 anos A Beatriz já tinha mais de 6 anos, não podia entrar lá. O Sr. Antonio arrumou uma família para ela ser adotada A Rosa foi trabalhar em uma casa de família A minha mãe ficou com a Isabel e o Aluisio. Este orfanato quando fechou Sempre tive contato com as minhas irmãs Quando eu morava no orfanato, elas sempre visitavam a gente Quando fomos para a Aldeia elas continuaram a visitar A Rosa e a Beatriz Meu pai faleceu. , em 92 Esse tempo todo eu nunca tive contato com minha mãe Depois que a minha irmã faleceu que a gente voltou a se</p>	<p>Hoje as crianças da Aldeia não têm mais um dirigente que faz papel de pai O Dirigente da Aldeia foi muito importante pra mim Ele fez o papel de pai mesmo. Deu atenção Ele estava sempre junto Ele nunca deixou você na mão Eu acho que ele fez um papel muito legal.</p>

Minha pior lembrança da Aldeia foi quando a minha mãe foi embora
Eles não explicaram direitinho pra gente como e porquê
Foi como tirar a mamadeira de uma criança.
Foi uma perda pra gente
Eu tive aquela revolta depois que ela saiu
Eu fiquei muito malcriada,
Mudou a direção da Aldeia, mudou o dirigente
Isso mexe muito com as crianças,
Eu acho que a minha maior dor da Aldeia foi essa

Trabalhei dentro dos escritórios das Aldeias Infantis,
Esse trabalho não era obrigatório
Eu ia de ônibus, eu saía da escola e ficava lá até as 5:00 da tarde.
Tinha uma carteira de aprendiz
A gente fazia cartões de Natal da Aldeia, fazia os kits que eles vendiam
Tinha um responsável pra ensinar a gente a fazer essas coisas.
Ganhava uma ajuda que eles davam
Trabalhei com mala-direta
Depois trabalhei na creche da aldeia
Eu ganhava pra trabalhar meio período.
Eles escolhem pelo interesse da pessoa
Nada é forçado
Em Dezembro ou Janeiro tinha o Paiol Grande
Só podiam ir as crianças que mereciam
Fiz muitas vezes, durante uns 4, 5 anos.
A gente fazia muita excursão
Tinha muita atividade a gente nunca ficou parado.

Quem casou, quem não casou, os filhos e esse é o nosso encontro
Tenho outros amigos da aldeia que vem aqui em casa,
A gente está sempre unido, o pessoal da nossa época está sempre juntos
Sempre que dá a gente se encontra.
R. uma alemã que ajudava a Aldeia então ela que indicou a gente
Eu ia para Minas, ficava na casa da mãe da minha mãe social
Era como uma avó
Ela faleceu faz 2 anos, mas a gente não deixa de ter contato
Estou sempre ligando pra eles
É uma nova família que eu tenho
Praticamente é minha família

Aldeanos

Muito meninos da Aldeia não aproveitaram a oportunidade que tiveram

*Muitos deles se deram bem
Hoje tem uns que estão casados, tem seus filhos vivem bem, estudam*

Outros não aproveitaram aquela oportunidade e hoje não tem uma casa, não tem nada

*Não pela Aldeia, mas sim pela ignorância deles
Não faz diferença saber da família ou ter irmãos.*

O Raul foi pra aldeia sozinho, ele não conhecia nem a mãe quando foi pra lá

Hoje ele tem uma cabeça muito boa, trabalha, tem

encontrar.

O Sr. Antonio a gente considera nosso tio

Praticamente ele ajudou a criar a gente,

Hoje a gente vai sempre na casa dele.

Por ele que a gente soube que a minha irmã morreu

Quando ela faleceu, ele deu o recado

Faz 4 meses

Ela tinha epilepsia, não escutava direito, já fazia três anos que estava na cama,
Nós fomos ao velório e minha mãe estava lá

Ela estava chorando muito

Ela vivia para Isabel

Ela não dava um passo sem levar a menina

Ela sofreu muito

A gente não podia ajudar ela financeiramente,

A ajuda foi estar sempre junto
Querendo ou não é nossa mãe.

Hoje a gente tem contato

Uma vez por mês a gente vai visitar ela

Leva as crianças que são netos dela, meus filhos e da Rosa

Eu sabia que tinha o Aluisio como irmão

Não sabia que ele estava preso.

Nossa mãe deu o endereço

A gente se comunica por carta

Hoje ele conhece mais a gente

Ele não sabia da nossa história

A gente não sabia da dele.

A Rosa é casada e tem dois filhos

responsabilidade
Tem uma filha e ele esta sempre
ali.

Vai da cabeça da pessoa

Ela tem que ter aquela

responsabilidade

Tem muitos aldeanos que acham
que por que você viveu na Aldeia

A Aldeia tem a obrigação de
ajudar eternamente.

Ela mora ali em outro bairro
Ela morou um bom tempo com a
gente, uns 6 anos

Mãe Social

Como cuidava	Como afetou	Vida Fora da Aldeia	Ações	Preconceito
<p>Ela deu muita força. Tudo o que ela pode fazer pela gente ela fez Ensinou a lavar, passar, cozinhar A gente ajudava ela a olhar os meninos menores Toda criança tinha uma atividade pra fazer Tinha aquele incentivo A gente ia todo ano pra Minas Outras mães, a gente se respeitava Mas não tinha aquele amor de mãe</p>	<p>Me inspiro nela por eu ter a cabeça que tenho Levo a minha vida conforme ela Me vejo responsável, Sou capaz de enfrentar uma vida sozinha fora da Aldeia Eu aprendi que ela me deu o amor e carinho Eu jamais quero que meu filho cresça e fale que não teve uma mãe como eu não tive Nem todas mães sociais são iguais, cada um tem sua maneira de criar A educação que a tia Eunice me deu foi muito boa Não tenho nada que reclamar</p>	<p>Completei 18 anos A Aldeia ajudou a comprar uma casa com a minha poupança Estou bem com a minha irmã e meu irmão de Aldeia, o Raul Durante 4 anos eu morei junto com o pai do meu filho, Não deu certo, ai a gente se separou. Hoje eu moro com o meu filho Ele dá assistência para o menino para o Ivan Um final de semana é meu e um final de semana dele Eu achei bom a saída da Aldeia Eu vim para morar com as minhas irmãs Eu não sai direto já para ir morar sozinha A Tânia já tinha feito um ano que tinha saído da Aldeia Eu vim morar com ela e a Rosa, a</p>	<p>Depois eu fui pagando a casa, aos poucos, pra a Aldeia Eu faço tudo hoje pelo meu filho Eu pago perua pra ele ir à creche Eu não dependo mais da Aldeia Se eu preciso de um emprego eu corro atrás Não fico dependendo daquilo que vai chegar Hoje eu crio o meu filho Hoje estou me dedicando ao meu filho Hoje trabalho para o meu filho Quando ele estiver maiorzinho pretendo fazer uma faculdade Trabalhar bastante pra poder pagar um estudo bom pra ele Eu coloquei na minha cabeça que eu queria viver minha vida Eu já vivi 12 anos aqui, eu ia ter que sair da Aldeia</p>	<p>Acho que existe muito preconceito Você vai fazer alguma entrevista As pessoas perguntam com quem você mora Eu moro sozinha Eles dizem – ah, e seus pais; eu não tenho pai. Eu não tenho pai, eu moro sozinha. Eu morei no orfanato. Eles acham que você é bandido, marginal, Eles olham hoje assim. Você não tem pai e morava em um orfanato A gente somos uns coitados,</p>

minha irmã mais velha
A gente se deu super bem
Eu não tive tanta dificuldades pra
pode ir encarando.
Eu namorei com ele durante uns 2
anos e ½
Quando eu engravidei eu casei
Nós fomos casados 4 anos
Eu separei já faz 1 ano
Não somos uns coitados
Vivemos até melhor do que eles
(que tem preconceito)
Eles tem pai e mãe
Não tem a atitude ou a cabeça
que a gente tem,
O Ivan fica na creche das 7 às 5
da tarde
, A creche é no jardim Primavera
Quando era mais nova gostaria de
fazer enfermagem
Eu tenho medo de morto, então
não levo muito jeito
Eu desisti, mas eu tenho vontade
de fazer pedagogia
Eu gosto muito de criança
Já trabalhei durante 4 anos na
creche da Aldeia

Eu tinha que tomar uma atitude,
eu já tinha essa cabeça.

Eu olho uma criança quando a
mãe precisa sair
Eu já estava com aquele jeito que
fui criada
Eu segui a minha vida
Eu não tive tanta dificuldade de
encarar.

Intervenções para confirmação, detalhamento ou esclarecimento	Intervenções para obter explicação sobre qualificações	Intervenções para ampliação de descrição anterior, iniciais
H: Quando você pensa em você, no que você pensa?	H: Você considera a Aldeia uma oportunidade?	H: E você morou na aldeia com a Tania né? E
H: O Raul é irmão de Aldeia e a Tânia é irmã de sangue?	H: Eu já ouvi essa expressão. Que tempo que era esse?	como é que vocês foram levadas para a Aldeia? O que aconteceu?
H: você viveu com o pai do seu filho?	H: Isso foi antes de você ou depois de você?	H: De quando você entrou na Aldeia até você sair da Aldeia que contato você teve com as pessoas da sua família?
H: E você entrou na Aldeia ...	H: Os mais velhos?	H: Você tem alguma idéia por que isso aconteceu?
H: E está poupança foi feita como?	H: E essa atitude você que desenvolveu, a Aldeia ajudou a você desenvolver?	H: E durante o tempo que você esteve na Aldeia, além da Eunice que foi uma pessoa muito importante, pra você tem mais alguém que foi importante? Padrinho, diretor, dirigente?
H: E você conhecia seus padrinhos ou não?	H: Mas você acha que tem diferença uma casa e outra?	H: E, na hora que você saiu da Aldeia como você se sentiu? Você achou bom, achou difícil?
H: E você tinha 3 anos você foi para um orfanato?	H: O que era o Conselho?	H: E quando você pensa em fazer faculdade você tem alguma coisa que acha que gostaria de fazer?
E neste orfanato quem mais foi com você?		H: E você passou todo esse tempo na Aldeia sem nenhum contato com a sua mãe biológica?
H: E havia outros irmãos?		H: Qual foi a diferença, pra eles a Aldeia passou muito a mão na cabeça, como é que a Aldeia foi ensinando pra você, você vai crescer você vai sair dessa casa?
H: E seu pai?		
H: Seu pai faleceu quando?		
H: Você entrou na Aldeia em que ano?		
H: E durante estes anos de Aldeia você ficou sempre na casa da Eunice?		
H: Como foi essa ida para lá?		
H: E já tinha outras crianças lá quando você chegou?		
H: E estas crianças eram mais velhas ou mais novas que vocês?		
H: Estas seis crianças com que você morou a aldeia eram mais velhas		

e saíram antes, você tem contato com elas?

H: Depois que a tia Eunice saiu da Aldeia?

H: E você falou que você passa Natal lá?

H: E aí a tia Eunice saiu e entrou outra pessoa?

H: A Camila foi a última que saiu?

H: E como é que foi você com ela, o que você guarda dela?

H: E durante esses anos você morou 10 anos na aldeia?

H: Você estudava fora?

H: Você acha?

H: Estes encontros são quando? É como?

H: E você tem outros amigos ou pessoas próximas que são da Aldeia?

H: O que é um papel de pai mesmo pra você, na tua história,

o que você acha que foi bom que você chama de um papel de pai?

H: A Rosa também morou com vocês?

H: E hoje?

H: Então não foi tão difícil porque você já veio morar com a sua irmã?

H: E foi logo que você saiu que morou junto com o pai do Ivan?

H: ele está na creche?

H: Como ele vai?

H: Você acha que sua mãe social ajudou mais, que outras mães ajudavam menos? Você acha que faz muita diferença que mãe você tem? Que mãe social?

H: Quando você fazia a escola Labor que era correspondente à 6ª, 7ª e 8ª série, você tinha outra atividade obrigatória ou não?

H: E você tinha algum carteira de aprendiz porque pra trabalhar com 14 anos precisa ser alguma coisa assim de aprendiz, eu não sei como chama

H: E me diz uma coisa Mariana. Como é que eles escolhem quem vai trabalhar porque eles não tem serviço pra todas as jovens, como eles escolhem?

H: E me diz uma coisa, dentro da sua casa, com a sua mãe fosse ela quem fosse é uma mãe que tem 8 ou 9 até 10 filhos as vezes. Vocês maiores ajudavam na casa a cuidar dos menores, como é que era a vida dentro de casa?

H: E vocês tinham umas férias em um sítio ou em uma colônia de férias?

H: E quando você fala que agora esse momento você quer se dedicar ao seu filho, você aprendeu com a sua mãe social?

H: Já que você falou quais são as melhores lembranças, qual seriam as piores também? O que não funcionou bem, o que não agradou?

H: Onde que é a creche?

H: Como é que vocês souberam que a sua irmã faleceu?

H: E ele não é parente, ele é um amigo?

H: E há quanto tempo ela faleceu?

H: E ela foi quem você falou que era doente desde criança?

H: Depois da morte dela vocês voltaram a ver sua mãe?

H: E foi no falecimento da sua irmã que você soube do Ângelo?

H: Lá na Vila Mariana?

H: Como que você ia pra lá?

H: Quantos anos você tinha?

H: E você ganhava pra fazer isso?

H: Isso foi durante a 6ª, 7ª e 8ª série?

H: E no colegial?

H: O Ângelo é irmão do Alberto?

H: E como eram as férias?

H: Era como uma avó?

H: Até hoje?

H: E você fez esse passeio?

H: O que você lembra das melhores coisas do seu tempo?

Intervenções fáticas	Intervenções para especificar aspectos relacionados ao preconceito	Intervenções para compreender como se situa atualmente em relação a outros aldeanos
<p>H: Está bom acho que eu vou transcrever se tiver algum pedaço que estiver confuso porque quando a gente fala a gente pensa que a idéia esta pronta e não está, eu mando um e-mail perguntando pra você. Tudo bem?</p> <p>H: Muito Obrigada. Super obrigada.</p>	<p>H: Na sua vida hoje, você tem a sua irmã você tem o irmão de Aldeia que mora aqui; você tem contato com a sua irmã casada, você tem contato com os outros aldeanos então você tem outras pessoas a sua volta. Agora, quando você está sozinha no mundo como você sente que é a experiência de ter sido criada na Aldeia aos olhos dos outros?</p> <p>H: Você nota isso muitas vezes?</p>	<p>H: E você fez até o 3º colegial, qual são seus planos, atualmente o que você gostaria daqui pra frente?</p> <p>H: E como é que você acha que as outras crianças que estiveram com você na aldeia, em outros anos atrás, como é que você acha que estão caminhando?</p> <p>H: Mariana, quando você fala alguns estão bem e que outros não tem casa não tem nada, tem dificuldades, teve gente que já morreu,teve gente que já foi presa, você saberia dizer se faz diferença na tua experiência na Aldeia, se faz diferença ter ido pra lá sabendo que você tinha irmã ou uma criança que não tem noção de quem ela era, foi sozinha não tem irmão nenhum. Você acha que isso faz a diferença?</p>

H. Denise: o que eu queria saber de você, e o seguinte. Quando você pensa em você hoje, eu sou né? Pensando na tua história, a tua família de origem, na aldeia ou mãe social. Tudo que aconteceu ligado a você estar aqui na aldeia. O que te vêm na cabeça? O que é importante pra você?

D. O que é importante pra mim é a minha família, a família que veio comigo, eu tenho 7 irmãos os que passaram pelo que passei só foram 2 desde pequeno né. Então os que vieram comigo para a aldeia. que ficaram até a idade comigo. E importante pra mim é a aldeia e a família da aldeia, entanto que tenho contato com a minha mãe social daqui, bastante a gente somos super amigas, a gente conversa ela me ajuda bastante, vai à minha casa, almoça comigo, eu vou á casa dela, almoço lá, entendeu eu tenho duas famílias agora né. A família dela viajo pra casa dela, porque ela mora fora de São Paulo e pra mim é isso, é minha família.

H. Denise: você disse que tem 7 irmãos e quantos vieram pra aldeia?

D. Só 2 comigo.

H. E com quantos anos você veio?

D. Vim com 6 anos de idade.

H. Os 2 que vieram com você eram maiores ou menores?

D. Tinha uma irmã menor que era 1 ano mais nova que eu e 1 irmão mais velho que eu, 1 ano mais velho que eu.

H. E o que trouxe vocês para a aldeia?

D. Foi porque meu pai não tinha condições de ficar com a gente, a gente tinha de tudo né nossa casa, nossa família, só que meu pai acabou perdendo tudo, ai a gente foi para na rua então ele não tinha condições de ficar com a gente. E minha Vó também não tinha condições né. Ai minha Vó.

H. Sua Vó mãe dele?

D. Mãe da minha mãe não tinha condições e ficar com a gente, ai a gente ficava na rua, ai minha Vó denunciou meus pais e ai o juiz tirou a guarda deles, só que antes de vir pra cá nos passamos por vários lugares.

H. Com quantos anos você foi para o primeiro lugar?

D. Acho que eu já tinha uns 5 aninhos né, não me lembro muito bem.

H. Desse outro lugar você veio pra cá?

D. Não desse outro lugar 1º eu fui conhecer as crianças, depois eu fui para outro abrigo fiquei um tempo, depois fui para outro abrigo e depois de lá eu vim pra cá.

H. Tudo isso em um ano?

D. É acho que foi em um ano, isso foi em um ano.

H. E os seus outros irmãos?

D. Estão com a minha avó agora né, meu irmão ele, quando era pequeno ele tinha certo problema de, ele era muito agitado ai a minha avó quando ele saiu pra se emancipar, pra ir para casa de jovens, ela falou assim: ele não vai conseguir ficar lá né , ele vai sair para um caminho errado, porque dizem que lá fora é outro mundo aqui dentro é uma coisa lá fora é outro mundo. Ai minha avó resolveu tirar ele daqui e pegou a guarda dele e ele foi morar lá né, ele saiu daqui com 15 anos de idade né. Ai só ficou eu e minha irmã, ai depois minha irmã saiu voluntariamente né, pegou as coisas dela e foi morar com a minha avó e minha avó aceitou de braços abertos né, e eu não quis largar porque ia ficar muita gente lá sabe e minha avó já cuida dos netos dela, mais de não sei quantos neto dela.

H. Me diz uma coisa Denise e quando você entrou na aldeia os outros irmãos que não entraram na aldeia ficaram onde?

D. Então assim, 1 filho da minha mãe, a minha mãe deu pra minha avó criar né, que é meu irmão Alex do primeiro casamento que foi minha avó quem criou e os outros filhos do meu pai né separados deixou com a mulher dele, então né do mesmo pai e da mesma mãe são só nós 3 mesmo do mesmo pai e dá mesma mãe.

H. Então deixa eu entender direitinho. Sua mãe tinha um filho?

D. Isso do primeiro casamento dela.

H. Tinha um filho, o Alex?

D. Isso.

H. Ela separou desse primeiro casamento?

D. Separou do Homem.

H. Separou, e ?

D. Ficou com meu pai.

H. Ficou com seu pai?

D. Isso.

H. Quantos filhos eles tiveram?

D. Tiveram 3 também.

H. Três, com você?

D. Com meu pai e com a minha mãe, três só.

H. Isso com seu pai e com sua mãe.

D. Três. Eu, meu irmão Denis e minha irmã Leonor

H. Quem é a mais velha?

D. Eu, das meninas sou eu.

H. Então é você e dois irmãos?

D. Isso.

H. Depois eles se separaram?

D. Não, aí meu pai antes de ficar com a minha mãe ele tinha outros.

H. Há ele tinha?

D. Outros filhos já.

H. E esses filhos do primeiro casamento do seu pai não são seus irmãos?

D. São meus irmãos por parte de pai.

H. São seus irmãos por parte de pai, é verdade e são quantos?

D. São três.

H. Três, e eles são mais velhos?

D. São bem mais velhos.

H. Homens ou mulheres?

D. É são dois meninos e uma menina.

H. Esses nunca foram quer dizer não foram esses que foram tirados pelo juiz?

D. Não.

H. Os que foram tirados da casa foram vocês três?

D. Isso.

H. E esse irmão do primeiro casamento da sua mãe já era maior?

D. Já era maior ele está com 27 anos agora, minha avó desde pequeno a minha avó cria ele.

H. Há ele já estava sendo criado pela sua avó?

D. Isso. Quando a minha avó conheceu o meu pai ele já estava.

H. Ok. Então quando sua mãe se casou com seu pai, em algum momento eles perderam tudo?

D. Isso.

H. Foram pra rua?

D. Isso.

H. E vocês três estavam na rua?

D. Isso.

H. E você se lembra dessa época?

D. Me lembro muito bem, foi muito ruim mesmo.

H. Agora eu entendi. Então me conta o que você acha que é importante eu saber sobre o que você pensa em você mesma. O que você gosta? O que você não gosta? O que você acredita? O que você não acredita? O que você aprendeu de bom ou de ruim? Quando você pensa em você olhando tudo o que você é hoje. O que você tem pra me contar da sua vida aqui na aldeia e fora?

D. Desde pequena eu já tinha uma cabeça assim, dizem as pessoas, eu sempre fui muito quieta, mas sempre pensava que na aquela vida eu não queria ser que nem os meus pais, eu seria bem melhor que eles né. E que um dia eu lutaria muito, trabalharia muito pra dar o melhor para os meus irmãos, eu sempre fui assim querendo dar o bom e o melhor para os meus irmãos, só isso porque eu vi eles sofrendo eu não importava comigo, eu me importava mais com eles porque a cabeça deles não era que nem a minha, a minha irmã até hoje eu brigo com ela, pra estudar, pra trabalhar.

H. de qual a irmã que você fala?

D. A Leonor, que estava comigo.

H. A Leonor é menor que você?

D. É menor que eu, um ano.

H. Essa que veio para a aldeia junto?

D. Veio junto.

H. Ok. E voltou para sua avó?

D. Isso e voltou pra minha avó.

H. Ta bom. Então você sempre pensou nos seus irmãos?

D. Pensei nos meus irmãos, você sabe que é muito difícil né, realizar um sonho assim leva muito tempo né. Mas é assim todo final de semana eu estou lá com a minha família, eu vou visitar eles, visito minha irmã, ligo pra ela sempre pra saber como ela está, se está precisando de alguma coisa, entendeu. Mas é difícil, mas.

H. E como é que você ganhou essa cabeça?

D. Eu não sei, desde pequena eu achei sei lá, é com o sofrimento que a gente passa né, por mais que eu tinha vergonha da situação que eu passava, entendeu. Por mais que eu pedia esmola na rua, por mais que eu passava fome, eu tinha vergonha daquilo eu não gostava. A minha família tinha tudo sabe, tinha casa e por uma besteira do meu pai acabou tudo, ele se envolveu com droga acabou levando minha mãe junto. Então a gente perdeu tudo fui parar na rua e eu não me conformava com aquilo, desde pequena eu já pensava em juntar dinheiro comprar uma casa e dar do bom e do melhor para os meus irmãos, só isso.

H. E como é que foi quando você já tinha passado por essas dificuldades e como é que você chegou na aldeia, qual é a sua história na aldeia? O que você aprendeu? O que é bom, o que é ruim? O que te ajuda? O que hoje faz parte da Denise?

D. Muita coisa, porque eu fico pensando assim se eu não tivesse a Aldeia, se minha avó não estivesse denunciado meus pais eu estaria na rua agora, poderia muito bem estar morta essa hora, poderia estar viciada com droga sabe, bebida ou estar com a vida, por mais que a minha cabeça, pra conseguir uma grana poderia estar envolvida em muito mais coisas ruim entendeu. Então eu agradeço muito a aldeia por eu ter vindo pra cá, porque tive do bom e do melhor, escola, comida, roupa lavada, tudo que eu sempre quis, que uma criança quer do bom e do melhor, então eu agradeço muito.

H. E você teve mais de uma mãe social? Qual é a tua experiência?

D. Tive 4 mães sociais.

H. E como foram essas trocas pra você?

D. Foi difícil né, porque a primeira mãe social foi super boa, super legal ficou pouco tempo com a gente.

H. Quem era?

D. Era, esqueci o nome dela faz muito tempo que ela saiu.

H. Tá.

D. Aí veio a segunda que era a Silvia, ela era bem agitada, bem diferente, totalmente diferente da primeira. Ai veio uma outra e a tia Mirtis

H. Tia Mirtis foi a última?

D. Isso, a última, é claro que dentro da casa nós tínhamos umas desavenças umas coisas que a gente gosta, que ela quer que eu faça que eu não concordo e tem né. Mas depois que veio gente de fora ficou bem melhor a gente se acertou mais, a gente agora é bem mais amiga.

H. E como foi a sua relação com seus irmãos de aldeia, seus irmãos de casa?

D. *Da aldeia assim olha tem muitos que desde que quando entrei esta lá na casa comigo né e que eu tenho contato com alguns, agora os outros se perderam no mundo né, não tenho contato tem uma menina que morava comigo que ainda está na rua, ela fugiu da aldeia e por coincidência ela foi parar lá perto da casa da minha avó né, ai outro dia eu vi ela na rua, ai falei meu Deus o que é que você esta fazendo aqui né, com um filho já no colo, ela fugiu e continua na rua sabe, a gente não tinha aquela amizade porque ela é totalmente diferente, porque eu não criticava nem nada. Mas eu vejo assim meu, que futuro cara ela tinha de tudo poderia estar estudando tinha curso pra ela esta fazendo.*

H. Quantos anos você ficou aqui na aldeia?

D. 13 anos.

H. Nesses 13 anos você teve os irmãos da sua casa?

D. *Isso. Tenho amigas.*

H. Têm amigas. Você tem alguma idéia da diferença de alguns caminharem tão bem e outros com tanta dificuldade?

D. Sei lá acho que é pela educação Vem de cada pessoa eu não consigo te dizer, que eu não me conformo que a pessoa tem de tudo e põe tudo a perder entendeu eu não consigo. As vezes eu acho que é por isso né, eles tinham demais, tinha muito ali não era cobrado muito entendeu. Tinha algumas pessoas que achavam que isso ia durar pra vida toda, que a aldeia ia ficar

bajulando eles a vida toda, que ia pagar tudo a vida toda, que ia dar comida e roupa lavada a vida toda e ai acabou né se perdendo. Pra mim é isso.

H. Como você acha que você percebeu que não ia ter isso a vida toda?

D. Porque assim, já desde criança eu um dia vou ter que sair daqui, porque eu via quando era pequena que os meninos iam saindo e muitos assim voltavam lá pra pedir coisa, pedir isso, pedir aquilo. Brigava com os diretores né ai eu falei isso eu tenho que fazer a minha vida pra não acontecer isso comigo, pra não voltar aqui e pedir nada pra eles né e continuar com a minha vida.

H. Denise, e fora a sua irmã que esteve com você aqui, você tem alguma outra moça ou rapaz que seja quase assim forte como se fosse um irmão pra você?

D. Como meus irmãos não, mas eu tenho as minhas amigas que eu moro com elas hoje que eu daria de tudo por elas.

H. Você mora com?

D. As minhas amigas.

H. – Aqui da Aldeia?

D. Não. Não dessa aldeia, da aldeia de Poá. As amigas que era aqui da aldeia não deu certo, cada uma acabou tendo filho, foi morar com o marido a outra preferiu morar com a mãe, mas a gente tem um super contato sabe. Quando a gente se vê é aquela festa, mais acabei ficando com as meninas de Poá, mas a gente se da muito bem.

H. E como você conheceu as meninas de Poá?

D. Foi com um projeto que teve né, da comunidade juvenil né e tinha que juntar as meninas maior de idade então acabou vindo 2 lá de Poá ficando junto com a gente com mais 3 meninas dessa aldeia, nós 5. Ai depois fechou a casa e a gente teve que se emancipar né e alugar uma casa pra gente e ai resolvemos morar junto.

H. E hoje quantas moram juntas?

D. Lá em casa mora 4.

H. Quatro. As outras 3 são de Poá

D. Isso. Duas de Poá né, uma que é prima da minha amiga e eu.

H. E durante todos anos que você morou na aldeia você manteve o contato com a sua família?

D. Todo tempo.

H. Como foi esse contato? A aldeia favorecia, não favorecia, eles viam aqui? Como que era?

D. Favorecia sim, tinha os dias de visita pra mim, final de ano, férias, feriados a gente poderia estar indo visitar nossa família, ficar lá, passar com eles.

H. A família tinha que vim buscar aqui quando vocês eram pequenos?

D. Quando a gente aprendeu ai, a gente ia sozinho mesmo pegava nossa mala e ia.

H. Com que idade você saia?

D. Já com 16 anos.

H. Mas antes disso?

D. Eles que viam buscar né, todas as férias todo mundo saia.

H. E seu pai e sua mãe saíram da rua?

D. Meu pai acabou né, que ele se envolveu com drogas, meu pai morreu assassinado com os vícios dele e como minha mãe não tinha condições de sustentar o vício dela ai ela acabou partindo pra bebida né e já faz uns 3 anos que ela morreu de cirrose. Então né eu já não tenho meu pai e nem minha mãe. Só tenho a minha avó e meus tios.

H. Mas durante o tempo que eles estavam vivos, eles tinham saído da rua?

D. Não, não, continuaram.

H. Então quando você fala que ia pro final de semana era pra casa da Avó?

D. Da minha Avó, mas minha mãe estava lá.

H. E você estudou, o que você fez?

D. Então eu estudei, ainda estudo pretendo fazer um curso de técnico de administração.

H. Você até?

D. 3º Colegial. Agora eu estou juntando dinheiro pra fazer um curso melhor.

H. Você teve alguma ajuda da aldeia financeira quando você saiu?

D. Tive sim a gente quando era pequena, tinha os padrinhos que apadrinhava a gente, então eles davam uma quantia na nossa conta né, então com essa

quantia eu consegui pelo menos comprar as minhas coisas da casa né, fogão essas coisas né. Ter tudo também já é demais né, é bom a gente lutar.

H. E esses padrinhos você conhecia?

D. Por carta só

H. Por carta?

D. Eles moravam muito longe.

H. Moravam longe. E quando você, quer dizer hoje você mora com amigas que você conheceu na aldeia, algumas das coisas que você tem na sua casa foram dadas através dos padrinhos. Eu entendi que você acabou de fazer estágio e agora você foi contratada né?

D. Isso.

H. Me diz uma coisa, quando você esta fora dessa grande família da Aldeia, você está sozinha, se você vai falar da sua vida, como é que você vê que as pessoas escutam? Você acha que as pessoas têm diferença, estranham quem foi morador de uma instituição?

D. Eu procuro não contar muito da minha vida e como eu fui criada aqui, porque eles de um jeito, desde pequeno a gente já vê que tem um bloqueio até na escola mesmo.

H. Na escola mesmo?

D. É tinha certa, o pessoal da aldeia é assim é assado sabe é uma coisa assim, por causa de uns que levava a fama. Aqui na região todo mundo conhece a aldeia, conhece o pessoal da aldeia, então eu procurava não contar da minha vida, eu tenho a minha vida lá fora e eu conto da minha vida a partir do momento que eu sai daqui e falo que fui criada em uma instituição né sem meus pais, mas conto da minha vida a partir do momento que eu sai daqui.

H. Isso que a gente esta falando é o que a gente chama de preconceito?

D. Isso, isso mesmo tem certo preconceito quanto a isso, da para sentir né.

H. E do jeito que a aldeia traz as crianças, se relaciona com a família, põe nas casas, cuida ou não, orienta ou não as mães. Que mais que você acha, hoje como adulta?

D. Hoje assim eu vejo, que antigamente as crianças respeitavam mais as mães social sabe, tinha uma certa educação sabe, uma coisa mais família entendeu. Hoje em dia não é mais a mesma coisa, é uma coisa como não sei, e como

agora as mães fazem entrevista é como se fosse, como posso dizer. Antes as mães participavam de um processo iam para o Rio de Janeiro fazer uma capacitação para cuidar especialmente das crianças que veio fragilizadas parecem que eram bem mais educadas, bem mais a gente se entrosava mais e agora hoje em dia meu eu não sei o que acontece, as crianças são muito mal educados na minha opinião, não dão valor para o que tem, não respeitam as mães sociais, pra mim não esta dando certo assim desse jeito, acho ainda que elas deveriam continuar com a capacitação das pessoas.

H. Mas elas não tem capacitação aqui em São Paulo?

D. É, é agora né.

H. Você não sabe o que aconteceu, você não tem uma idéia?

D. Não acho que é por causa de um diretor, uma diretora não sei mudou muita coisa, muita coisa mesmo. Acho que antigamente a gente era bem mais feliz né, hoje em dia eu não sinto mais isso na aldeia, existe muita falta de respeito, por serem pessoas diferentes, crianças diferentes e morar juntas.

H. Bom isso sempre foi assim,né?

D. É.

H. E me diz uma coisa Denise, você teve 4 mães sociais né?

D. Isso.

H. Elas saíram por algum motivo, porque quiseram ou porque a aldeia quis que elas saíssem. Como é que foi essa transição de uma Mãe para outra? Como é que foi pra você? Como é que você acha a aldeia fez? Como é que você avalia isso?

D. Pra mim foi difícil aceitar né, porque como que vai ser essa mulher na minha casa, minha tia já conhece meus gostos, sabe o que eu quero a gente come a comida dela, ai vai chegar uma outra mulher na minha casa vai mudar tudo não vai poder fazer isso, não vai poder fazer aquilo. Mas comigo nunca foi assim né, eu por mim eu aceitava, eu sempre fui na minha, sempre fui muito quieta hoje em dia que eu falo mais. Mas eu sempre fui na minha, muito quieta, eu sempre aceitei mas pelo que eu via a rebeldia no começo era difícil que as crianças da casa em aceitar uma nova Mãe né.

H. Denise como foi a sua saída da aldeia?

D. Assim.

H. Foi fácil, foi difícil?

D. Não foi difícil, foi muito fácil. Foi uma coisa que eu e as meninas se juntamos né, e pedimos para o diretor que a gente também queria ir para uma casa de jovens, que quem ia pra casa de jovens era só os meninos e a gente queria uma coisa assim. Muitas meninas gostavam de sair eu também gostava de sair e não podia sair né por causa dos menores tinha que dar exemplo essas coisas, porque a gente queria ter uma vida lá fora, então não foi difícil e foi uma felicidade quando eles disseram que a gente poderia ir pra casa de jovens.

H. E quanto tempo você ficou na casa de jovens?

D. Um ano só durou a casa.

H. Quem que era a dirigente?

D. A Clotilde que já cuidava da comunidade juvenil das meninas de Poá né, eram duas mães sociais lá, ai eles deslocou uma mãe pra ficar com a gente, a Clotilde era uma ótima profissional.

H. Hum, hum. Foi boa essa experiência pra você?

D. Foi, foi ótima, ótima, pra você ver né aqui na aldeia é uma coisa né, a gente tem nossas amigas, cada uma vive na sua casa é uma coisa diferente, depois quando passa a conviver junto que você conhece realmente a pessoa né. Eu conhecia realmente quem era que morava na minha casa, as outras meninas que moravam em casas diferente era aquela amizade, depois que a gente mora junto que a gente vê que realmente é diferente, que a gente realmente conhece a pessoa. Então a casa não deu certo foi uma coisa. Muita menina junto né, 12 meninas juntas, foi um absurdo. Ai acabou fechando

H. E você tinha quantos anos quando fechou?

D. Eu estava com 16, 17 anos.

H. Ai o que você fez?

D. Ai foi que surgiu a comunidade juvenil né, que é a casa assistida que eles falam. Ai a gente alugou uma casa com número menor de meninas né, ai tipo foi que a gente escolheu umas meninas, escolheu não, as meninas mais velhas que se juntaram.

H. E vocês moravam sozinhas?

D. Isso, sozinhas sem mãe social nenhuma.

H. Mas vocês não eram mais tuteladas pela aldeia?

D. Sim, ainda sim. Porque eles pagavam aluguel, davam comida.

H. Há ta.

D: Ainda sim, tínhamos que dar satisfação de algumas coisas sim. Mas ai não tinha aquele acompanhamento de uma mãe com a gente.

H. E deu certo?

D. Deu certo, mas ai tem os processos que tem ai hoje em dia acho que por questão de per capita, como posso dizer, estava muito cara eles não poderiam ficar bancando e ai acabou a gente se separando de novo.

H. Mais ai você já tinha 18 anos ou não?

D. Já, já estava com 18 anos já. Ai a gente foi pra um outro processo

H. Que é esse que você vive hoje?

D. Isso. Agora eu estou com as meninas já fazem 2 anos já e estou lá tranqüila.

H. Onde que é a casa que você mora?

D. Aqui perto, e eu vivo lá e minha família às vezes fala porque você não vai morar com a gente eu vejo não dá, eu não consigo, eu quero ter minha vida não sei. Minha irmã eu vejo ela lá, meu ela não consegue fazer nada ela não vai pra escola, sabe é muita gente lá na minha vó cria muita gente os netos dela muita criança, eu não consigo viver ali, ela não vai pra escola, não trabalha, porque a minha vó banca, minha vó cuida né, não consegue ir pra frente então eu não consigo, não conseguiria ir morar lá, visitar tudo bem minha família gosto muito mais não morar não.

H. E com a sua família social daqui você ainda tem contato?

D. Tenho contato, tenho com as meninas com a mãe social a gente não se vê sempre, mais se fala sempre.

H. A mãe social ainda está aqui?

D. Está ainda.

H. E você visita ela fora?

D. Não, entanto ela tem uma casa alugada lá quase perto da minha, então de vez em quando eu dou uma passada lá nos dias de folga dela, ou ela vaia lá na minha casa e é assim.

H. E há quanto tempo que você está contratada aqui?

D. Aqui já vai fazer, deixa eu ver, eu fui contratada já vai fazer 7 meses já. Mas eu trabalhei 2 anos de estagiária e gostava também, mais eu não penso em

ficar a vida toda aqui eu penso em terminar meu curso eu vou procurar uma coisa melhor.

H. E você está fazendo um curso de técnico de ..?

D. Vou fazer.

H. Ah vai fazer?

D. É o que eu pretendo fazer o ano que vem se Deus quiser eu vou fazer

H. E tem mais alguma coisa que você lembra que gostaria de falar sobre você em relação a este mundo aqui da aldeia?

D. Eu.. eu acho que não ah o que eu tinha pra falar é isso só sei que foi bom, mas tem muita gente que critica que ahhh, aldeia não, mais eu dou graças a Deus de ter vindo pra cá é muito bom.

H. E a sua irmã que veio pra cá e saiu, você acha que ela falaria coisas parecidas com você ou diferentes?

D. Diferentes, totalmente diferentes né. Porque ela sei lá, ela é, ela sabe acho que rolava aquelas coisas de inveja na casa. Há ele ganhou isso, eu não ganhei aquilo, essa aldeia é uma porcaria, você não, sabe. É aquela coisa ela tem a cabeça muito **pequeninha**, eu não gosto daqui, eu não gosto da Mãe social. Então ela vivia brigando com a minha tia, mãe social, com as outras tias, quando o pessoal cumpria o dia de folga sabe, essa tia é um saco vêm pra cá hoje entendeu.

H. Além da sua Mãe social e todas as mães enfim, que era aquela pessoa com que você estava todo dia, tinha mais alguém da aldeia que foi uma pessoa de alguma importância pra você?

D. Muitas, o primeiro diretor que chegou na aldeia que era o Luiz Marcos, a gente foi amigo, eu tenho amizade com ele até hoje a gente se fala pela internet, que ele mora longe, mora lá em Minas né, mas é um excelente profissional, eu adorava ele, todo mundo adora ele. Tem a Clotilde também que participou da casa de jovens minha amiga também hoje. Tem a Silvia que cuida da casa de jovens feminina de Santo Amaro, também muito minha amiga né, então tem muitos profissionais aqui que tenho amizade, tem uns que gente não é bom lembrar né, mas tem uns que são legais demais eu procuro sempre manter amizade.

H. Ta bom muito obrigado

Essa entrevista foi realizada em substituição a outra marcada para a hora e local – a Aldeia de Rio Bonito. O jovem que havia combinado o encontro não pode comparecer e só fui avisada quando já estava lá. A dirigente informou-me sobre a possibilidade de contatar uma jovem aldeana emancipada, que trabalhava no centro comunitário anexo. O contato foi feito e ela aceitou ser entrevistada; foi a única entrevista em cujo contato inicial foi pessoal, na hora e local onde se realizou a entrevista. Denise foi a mais jovem das entrevistadas e sua entrevista foi a mais curta. O fato de ter sido abordada pessoalmente e da conversa ter sido imediatamente após sua adesão pode ter influenciado, mas em minhas experiências anteriores, todos os jovens que não queriam ser entrevistados diziam não, face a face.

Após ter explicado o tema e objetivos da pesquisa e seus direitos como participante, Denise assinou o Consentimento Informado e o gravador foi ligado. Iniciei com pergunta semelhante à das entrevistas anteriores:

H: Denise: o que eu queria saber de você, e o seguinte. Quando você pensa em você hoje, “em quem sou eu”, pensando na tua história, na tua relação com a família biológica, com a aldeia, mãe social, casa e irmãos, em tudo que aconteceu ligado a você estar aqui na aldeia. O que te vêm na cabeça? O que é importante pra você?

Em resposta Denise nomeia como importantes sua família de origem: *“a família que veio comigo, eu tenho 7 irmãos os que passaram pelo que passei só foram 2 desde pequeno né. Então os que vieram comigo para a Aldeia, que ficaram até a idade comigo. E importante pra mim é a Aldeia e a família da Aldeia, portanto que tenho contato com a minha mãe social daqui, bastante, a gente somos super amigas, a gente conversa ela me ajuda bastante, vai à minha casa, almoça comigo, eu vou à casa dela, almoço lá, entendeu, eu tenho duas famílias agora né. A família dela, eu viajo pra casa dela, porque ela mora fora de São Paulo e pra mim é isso, é minha família.”*

A primeira resposta dá o tom de toda a entrevista: seu mundo afetivo é constituído por relações entramadas entre as duas pertinências sem

nenhuma descrição de conflitos de lealdade, sem justificações ou acusações.

Denise foi levada para a Aldeia com 6 anos, após passar por mais de um abrigo e morar na rua por aproximadamente dois anos, com seus pais e dois irmãos. Ambos os genitores tinham filhos de união anterior. O pai, três filhos e a mãe um, que já havia *“dado para a avó criar”*.

H: E o que trouxe vocês para a aldeia?

Em suas palavras: *“Foi porque meu pai não tinha condições de ficar com a gente, a gente tinha de tudo né nossa casa, nossa família, só que meu pai acabou perdendo tudo, ai a gente foi para na rua então ele não tinha condições de ficar com a gente. E minha Vó também não tinha condições né. Ai minha Vó denunciou meus pais e ai o juiz tirou a guarda deles, só que antes de vir pra cá nos passamos por vários lugares”*.

Após viverem mais de 10 anos na Aldeia, esses dois irmãos moram novamente com a avó: o irmão ele, quando era pequeno era muito agitado e quando ele saiu pra se emancipar, pra ir para casa de jovens, a ficou com medo que ele não conseguisse ficar lá, que tomasse um caminho errado ... *“porque dizem que lá fora é outro mundo aqui dentro é uma coisa lá fora é outro mundo. Ai minha avó resolveu tirar ele daqui e pegou a guarda dele e ele foi morar lá né, ele saiu daqui com 15 anos de idade né. Ai só ficou eu e minha irmã, ai depois minha irmã saiu voluntariamente né, pegou as coisas dela e foi morar com a minha avó e minha avó aceitou de braços abertos né, e eu não quis largar porque ia ficar muita gente lá sabe e minha avó já cuida dos netos dela, mais de não sei quantos neto dela.”*

Denise relata lembrar-se muito bem do tempo em que viveu na rua

“Foi muito ruim mesmo. Desde pequena eu já tinha uma cabeça assim, eu sempre fui muito quieta, mas sempre pensava que na aquela vida eu não queria ser que nem os meus pais, eu seria bem melhor que eles né. E que um dia eu lutaria muito, trabalharia muito pra dar o melhor para os meus irmãos, eu sempre fui assim querendo dar o bom e o melhor para os meus irmãos, só isso porque eu vi eles sofrendo eu não importava

comigo, eu me importava mais com eles porque a cabeça deles não era que nem a minha

As ações atuais de Denise seguem seus sonhos e planos infantis com muita determinação: *“a minha irmã até hoje eu brigo com ela, pra estudar, pra trabalhar”*. *Pensei sempre nos meus irmãos, você sabe que é muito difícil né, realizar um sonho assim leva muito tempo né. Mas todo final de semana eu estou lá com a minha família, eu vou visitar eles, visito minha irmã, ligo pra ela sempre pra saber como ela está, se está precisando de alguma coisa, entendeu. Mas é difícil, ...”*

E como é que você ganhou essa cabeça?

Perguntada como acredita que chegou a ter as idéias e ações presentes afirma que talvez tenha sido o sofrimento: *“por mais que eu tinha vergonha da situação que eu passava, entendeu. Por mais que eu pedia esmola na rua, por mais que eu passava fome, eu tinha vergonha daquilo eu não gostava. A minha família tinha tudo sabe, tinha casa e por uma besteira do meu pai acabou tudo, ele se envolveu com droga acabou levando minha mãe junto. Então a gente perdeu tudo fui parar na rua e eu não me conformava com aquilo, desde pequena eu já pensava em juntar dinheiro comprar uma casa e dar do bom e do melhor para os meus irmãos, só isso”*.

Denise atribui à Aldeia e à denuncia de sua avó a possibilidade de ter uma vida diferente de seus pais: *“se eu não tivesse a Aldeia, se minha avó não estivesse denunciado meus pais eu estaria na rua agora, poderia muito bem estar morta essa hora, poderia estar viciada com droga sabe, bebida ... pra conseguir uma grana poderia estar envolvida em muito mais coisas ruim entendeu. Então eu agradeço muito a Aldeia por eu ter vindo pra cá, porque tive do bom e do melhor, escola, comida, roupa lavada, tudo que eu sempre quis, que uma criança quer do bom e do melhor, então eu agradeço muito”*.

Teve 4 mães sociais e considera que as trocas foram difíceis. A primeira *“super-legal”* ficou pouco tempo. A segunda era bem agitada, bem diferente, totalmente diferente da primeira. Ai veio uma outra e finalmente a tia Mirtis, com quem teve desavenças mas agora é muito amiga.

Denise nunca perdeu o contato com a família. Mesmo seus pais morando na rua, visitava a avó e encontrava sua mãe lá. Seu pai foi assassinado pelo tráfico e, sem dinheiro para sustentar o vício, a mãe passou para a bebida e morreu de cirrose.

Em sua descrição essa história tem valor de exemplo, do que não fazer. Seus pais “fizeram besteira, se perderam”, mas além do sentimento de vergonha, Denise não tem nenhum outro sentimento negativo. Parece identificada com a foga da avó e desenvolve habilidades de cuidadora, tanto na família como profissionalmente. Em relação a outros aldeanos *“que se perderam no mundo”*, fica triste pelo desperdício de oportunidade: *“como uma menina que morava comigo que ainda está na rua, ela fugiu da aldeia e por coincidência ela foi parar lá perto da casa da minha avó né, ai outro dia eu vi ela na rua, ai falei meu Deus o que é que você esta fazendo aqui né, com um filho já no colo, ela fugiu e continua na rua sabe, a gente não tinha aquela amizade porque ela é totalmente diferente, porque eu não criticava nem nada. Mas eu vejo assim meu, que futuro, cara, ela tinha de tudo poderia estar estudando tinha curso pra ela esta fazendo...”*

Sua compreensão de porque alguns caminham tão bem e outros não é de que é algo interno, de uma incapacidade de compreender que o que estava sendo oferecido não era eterno: *“ Vem de cada pessoa eu não consigo te dizer, que eu não me conformo que a pessoa tem de tudo e põe tudo a perder entendeu eu não consigo. As vezes eu acho que é por isso né, eles tinham demais, tinha muito ali não era cobrado muito entendeu. Tinha algumas pessoas que achavam que isso ia durar pra vida toda, que a Aldeia ia ficar bajulando eles a vida toda, que ia pagar tudo a vida toda, que ia dar comida e roupa lavada a vida toda e ai acabou né se perdendo. Pra mim é isso.”*

Denise se descreve como observadora, desde pequena, quando via que os meninos iam saindo e muitos voltavam lá pra pedir coisas, e brigavam com os diretores e relata como foi buscando maneiras distintas de agir: *“tenho que fazer a minha vida pra não acontecer isso comigo, pra não voltar aqui e pedir nada pra eles né e continuar com a minha vida.”*

Atualmente não considera nenhum irmão social como um verdadeiro irmão, mas daria tudo pelas amigas com quem mora. Já morou com irmãs de casa mas elas tomaram outros caminhos. Uma teve filho, foi morar com o marido, outra preferiu morar com a mãe, mas permanecem unidas. *“Quando a gente se vê é aquela festa”*. Vive com três amigas em casa alugada e equipada com o dinheiro que tinha na poupança feita pelos padrinhos alemães, que só conhece por carta. Duas são aldeanas emancipadas da Aldeia de Poá. Moraram juntas em uma Casa de Jovens por um ano, um projeto que terminou, por ser muito caro, mas que deu oportunidade de conhecer outras jovens e poder escolher aquelas com quem tem mais afinidade. Na sua casa, além das duas jovens de Poá, mora uma prima de uma delas.

Quanto ao contato com a família de origem, sua experiência é de que a Aldeia favorecia, visitas e férias. Quando eram pequenos a família devia visitá-los na Aldeia, mas a partir dos 16 anos podiam ir sozinhos.

Denise completou o colegial e pretende fazer um curso de técnica em administração. Hoje trabalha na copa de um centro comunitário anexo à Aldeia. Está juntando dinheiro para esse curso e acha que *“ter tudo também já é demais né, é bom a gente lutar”*.

Em sua primeira resposta, Denise aponta como rede significativa duas famílias. A facilidade com que transita entre as duas parece facilitar o sentimento de autonomia e liberdade e permitir sua proximidade física com a Aldeia, em uma situação que pode ser considerada de muito bom prognóstico para uma jovem de 21 anos: trabalho com carteira assinada. Sua situação Autônoma e ao mesmo tempo protegida estimulou minha pergunta sobre preconceito. As pessoas estranham quem morou em Instituição?

Denise procura não contar muito da sua vida, como foi criada porque percebe preconceito desde que estava na escola. Em parte atribui a alguns aldeanos com mau comportamento. Prefere contar sua vida a partir do momento que saiu da Aldeia.

A facilidade com que transita entre as famílias, a alegria com que relata seu processo de emancipação, e a gratidão para com a Instituição, ao

mesmo tempo que no mundo-lá-de-fora não narra esses aspectos identitários, sugere que os sentidos atribuídos à Aldeia, às mães sociais e demais aldeanos, assim como a vergonhosa (em suas palavras) experiência de viver na rua, constituem um *self* privado que não deve vir a público. Denise está atravessando o caminho da Aldeia à cidade. Seu mais forte cartão de identidade adulta, que, em nossa sociedade é – “O que você faz?”, traz a assinatura da Aldeia. Talvez uma ponte entre duas identidades consideradas separadas.

Denise avalia a Aldeia “do seu tempo” como muito melhor. *“As crianças respeitavam mais as mães sociais sabe, tinha uma certa educação sabe, uma coisa mais família entendeu. Hoje em dia não é mais a mesma coisa, agora as mães fazem entrevista é como se fosse, como posso dizer... Antes as mães participavam de um processo, iam para o Rio de Janeiro fazer uma capacitação para cuidar especialmente das crianças fragilizadas parece que eram bem mais educadas, ... e agora hoje em dia meu eu não sei o que acontece, as crianças são muito mal educados na minha opinião, não dão valor para o que tem, não respeitam as mães sociais, pra mim não está dando certo assim desse jeito, acho ainda que elas deveriam continuar com a capacitação das pessoas.”*

Denise atribui a mudança para pior à falta de capacitação das mães. Supõe que hoje elas não fazem mais cursos como no seu tempo.

Os processos de capacitação tem variado através dos anos, mas continuam acontecendo e ano a ano a direção tem procurado adequar essa capacitação às nossa realidades. Essa observação levanta questões em relação à piora das condições sociais do bairro, das famílias da periferia e, talvez, o que seria uma outra pesquisa, a influência das drogas, que no caso de Denise destroçaram

Denise mora perto da Aldeia e sua família às vezes fala porque ela não vai morar com eles. Afirma que: *“não dá, eu não consigo, eu quero ter minha vida não sei. Minha irmã eu vejo ela lá, meu ela não consegue fazer nada ela não vai pra escola, sabe é muita gente lá na minha vó cria muita gente os netos dela muita criança, eu não consigo viver ali, ela não vai pra escola, não trabalha, porque a minha vó banca, minha vó cuida né, não*

consegue ir pra frente então eu não consigo, não conseguiria ir morar lá, visitar tudo bem minha família gosto muito mais não morar não”.

Em todas as suas falas Denise repete: “*entende?”* e “*sabe?”* buscando confirmação para os sentidos que constrói para suas experiências. Essa maneira de se expressar é bastante freqüente em jovens de sua idade. Pode ser descrita como jogar o jogo “*de tenho minhas convicções, não vou mudar, mas preciso de confirmação*”. Um jogo de linguagem parte de uma forma de vida transicional.

Sua última mãe social, que ainda trabalha na Aldeia, tem uma casa alugada perto da dela, então de vez em quando ela dá uma passada lá nos dias de folga dela, ou a mãe vai visitá-la. Denise foi contratada há 7 meses. Mas trabalhou 2 anos como estagiária e também gostava do trabalho. Entretanto eu não pensa em ficar a vida toda nesse emprego; quer terminar o curso e procurar uma coisa melhor.

Termina dizendo que ter vivido na Aldeia foi bom, mas tem muita gente que critica, mas “*eu dou graças a Deus de ter vindo pra cá é muito bom*”. Acredita que sua irmã atribuiria significados muito diferentes à experiência semelhante e sua explicação para essa diferença é: “*ela tem a cabeça muito pequenininha*”.

À pergunta:

Tinha mais alguém da aldeia que foi uma pessoa de alguma importância pra você?

Denise responde: “*Muitas, o primeiro diretor que chegou na aldeia que era o Luiz Marcos, a gente foi amigo, eu tenho amizade com ele até hoje a gente se fala pela internet, ele mora longe, mora lá em Minas né, mas é um excelente profissional, eu adorava ele, todo mundo adora ele. Tem a Clotilde também que participou da casa de jovens minha amiga também hoje. Tem a Silvia que cuida da casa de jovens feminina de Santo Amaro, também muito minha amiga né, então tem muitos profissionais aqui que tenho amizade, tem uns que gente não é bom lembrar né, mas tem uns que são legais demais eu procuro sempre manter amizade.*”

Mapa de Associação de Idéias

Mãe Social					Aldeia				
Como cuidava	Como afetou	Vida Fora da Aldeia	Ações/Planos/Reflexões	Preconceito	Como qualifica	Como descreve os procedimentos	Rede criada a partir da Aldeia	Relação com a família biológica	Dirigente de Aldeia
								<p>O que eu queria saber de você, e o seguinte. Quando você pensa em você hoje, eu sou né? Pensando na tua história, a tua família de origem, na aldeia ou mãe social. Tudo que aconteceu ligado a você estar aqui na aldeia. O que te vêm na cabeça? O que é importante pra você?</p> <p>O que é importante pra mim é a minha família, a família que veio comigo, eu tenho 7 irmãos os que passaram pelo que passei só foram 2 desde pequeno né. Então os que vieram comigo para a aldeia. que ficaram até a idade comigo.</p>	
						<p>E importante pra mim é a aldeia e a família da aldeia,</p>			

<p>entanto que tenho contato com a minha mãe social daqui, bastante a gente somos super amigas, a gente conversa ela me ajuda bastante, vai à minha casa, almoça comigo, eu vou á casa dela, almoço lá,</p>			<p>entendeu eu tenho duas famílias agora né</p>				<p>A família dela viajo pra casa dela, porque ela mora fora de São Paulo e pra mim é isso, é minha família.</p>	<p>Você disse que tem 7 irmãos e quantos vieram pra aldeia? Só 2 comigo.</p>	
						<p>E com quantos anos você veio? Vim com 6 anos de idade.</p>	<p>Os 2 que vieram com você eram maiores ou menores? Tinha uma irmã menor que era 1 ano mais nova que eu e 1 irmão mais velho que eu, 1 ano mais velho que eu.</p>	<p>E o que trouxe vocês para a aldeia? Foi porque meu pai não tinha</p>	

							<p>condições de ficar com a gente, a gente tinha de tudo né nossa casa, nossa família, só que meu pai acabou perdendo tudo, ai a gente foi para na rua então ele não tinha condições de ficar com a gente. E minha Vó também não tinha condições né. Ai minha Vó.</p> <p>Sua Vó mãe dele? Mãe da minha mãe não tinha condições e ficar com a gente, ai a gente ficava na rua, ai minha Vó denunciou meus pais e ai o juiz tirou a guarda deles, só que antes de vir pra cá nos passamos por vários lugares.</p> <p>Com quantos anos você foi para o primeiro lugar? Acho que eu já tinha uns 5 aninhos né, não me lembro muito bem.</p> <p>Desse outro lugar você veio pra cá? Não desse outro lugar 1º eu fui conhecer as crianças, depois eu fui para outro</p>	
--	--	--	--	--	--	--	---	--

								<p>abrigo fiquei um tempo, depois fui para outro abrigo e depois de lá eu vim pra cá.</p> <p>Tudo isso em um ano? É acho que foi em um ano, isso foi em um ano.</p> <p>E os seus outros irmãos? Estão com a minha avó agora né, meu irmão ele, quando era pequeno ele tinha certo problema de, ele era muito agitado ai a minha avó</p> <p>ela falou assim: ele não vai conseguir ficar lá né , ele vai sair para um caminho errado,</p> <p>Ai minha avó resolveu tirar ele daqui e pegou a guarda dele e ele foi morar lá né, ele saiu daqui</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	---	--

porque dizem que lá fora é outro mundo aqui dentro é uma coisa lá fora é outro mundo.

quando ele saiu pra se emancipar, pra ir para casa de jovens,

			<p>e eu não quis largar porque ia ficar muita gente lá sabe e minha avó já cuida dos netos dela, mais de não sei quantos neto dela.</p>				<p>com 15 anos de idade né. Ai só ficou eu e minha irmã, ai depois minha irmã saiu voluntariamente né, pegou as coisas dela e foi morar com a minha avó e minha avó aceitou de braços abertos né,</p> <p>.</p>	
							<p>Me diz uma coisa Denise e quando você entrou na aldeia os outros irmãos que não entraram na aldeia ficaram onde?</p> <p>Então assim, 1 filho da minha mãe, a minha mãe deu pra minha avó criar né, que é meu irmão Alex do primeiro casamento que foi minha avó quem criou e os outros filhos do meu pai né separados deixou com a mulher dele, então né do mesmo pai e da mesma mãe são só nós 3 mesmo do mesmo pai e</p>	

								<p>dá mesma mãe.</p> <p>Então deixa eu entender direitinho. Sua mãe tinha um filho? Isso do primeiro casamento dela.</p> <p>Tinha um filho, o Alex? Isso.</p> <p>Ela separou desse primeiro casamento? Separou do Homem.</p> <p>Separou, e ? Ficou com meu pai.</p> <p>Ficou com seu pai? Isso.</p> <p>Quantos filhos eles tiveram? Tiveram 3 também.</p> <p>Três, com você? Com meu pai e com a minha mãe, três só.</p> <p>Isso com seu pai e com sua mãe. Três. Eu, meu irmão Denis e minha irmã Lonor</p> <p>Quem é a mais velha? Eu, das meninas sou eu.</p> <p>Então é você e dois irmãos? Isso.</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>Depois eles se separaram? Não, aí meu pai antes de ficar com a minha mãe ele tinha outros.</p> <p>Há ele tinha? Outros filhos já.</p> <p>E esses filhos do primeiro casamento do seu pai não são seus irmãos? São meus irmãos por parte de pai.</p> <p>São seus irmãos por parte de pai, é verdade e são quantos? São três.</p> <p>Três, e eles são mais velhos? São bem mais velhos.</p> <p>Homens ou mulheres? É são dois meninos e uma menina.</p> <p>Esses nunca foram quer dizer não foram esses que foram tirados pelo juiz? Não.</p> <p>Os que foram tirados da casa foram vocês três? Isso.</p> <p>E esse irmão do primeiro casamento da</p>	
--	--	--	--	--	--	--	---	--

			Agora eu entendi. Então me conta o que você acha que é importante eu saber					<p>sua mãe já era maior? Já era maior ele está com 27 anos agora, minha avó desde pequeno a minha avó cria ele.</p> <p>Há ele já estava sendo criado pela sua avó? Isso. Quando a minha avó conheceu o meu pai ele já estava.</p> <p>Ok. Então quando sua mãe se casou com seu pai, em algum momento eles perderam tudo? Isso.</p> <p>Foram pra rua? Isso.</p> <p>E vocês três estavam na rua? Isso.</p> <p>E você se lembra dessa época? Me lembro muito bem, foi muito ruim mesmo.</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

			<p>sobre o que você pensa em você mesma. O que você gosta? O que você não gosta? O que você acredita? O que você não acredita? O que você aprendeu de bom ou de ruim? Quando você pensa em você olhando tudo o que você é hoje. O que você tem pra me contar da sua vida aqui na aldeia e fora?</p> <p>Desde pequena eu já tinha uma cabeça assim, dizem as pessoas, eu sempre fui muito quieta, mas sempre pensava que na aquela vida eu não queria ser que nem os meus pais, eu seria bem melhor que eles né. E que um dia eu lutaria muito, trabalharia muito pra dar o melhor para os meus irmãos, eu sempre fui assim querendo dar o bom e o melhor para os meus irmãos, só isso porque eu vi eles sofrendo eu não importava comigo, eu me importava mais com eles porque a cabeça deles não era que nem a minha, a minha irmã até hoje eu brigo com ela, pra estudar, pra trabalhar.</p>					<p>de qual a irmã que você fala? A Leonor, que estava comigo.</p> <p>A Leonor é menor que você?</p> <p>É menor que eu, um ano.</p> <p>Essa que veio para a aldeia junto? Veio junto.</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--

			<p>Ta bom. Então você sempre pensou nos seus irmãos?</p> <p>Pensei nos meus irmãos, você sabe que é muito difícil né, realizar um sonho assim leva muito tempo né. Mas é assim todo final de semana eu estou lá com a minha família, eu vou visitar eles, visito minha irmã, ligo pra ela sempre pra saber como ela está, se está precisando de alguma coisa, entendeu. Mas é difícil, mas.</p> <p>E como é que você ganhou essa cabeça?</p> <p>D: Eu não sei, desde pequena eu achei sei lá, é com o sofrimento que a gente passa né, por mais que eu tinha vergonha da situação que eu passava, entendeu. Por mais que eu pedia esmola na rua, por mais que eu passava fome, eu tinha vergonha daquilo eu não gostava.</p>				<p>Ok. E voltou para sua avó? Isso e voltou pra minha avó.</p> <p>A minha família tinha tudo sabe, tinha casa e por uma besteira do meu pai acabou tudo, ele se envolveu com</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	--

			<p>e eu não me conformava com aquilo, desde pequena eu já pensava em juntar dinheiro comprar uma casa e dar do bom e do melhor para os meus irmãos, só isso.</p>		<p>E como é que foi quando você já tinha passado por essas dificuldades e como é que você chegou na aldeia, qual é a sua história na aldeia? O que você aprendeu? O que é bom, o que é ruim? O que te ajuda? O que hoje faz parte da Denise?</p>		<p>droga acabou levando minha mãe junto. Então a gente perdeu tudo fui parar na rua</p>	<p>se minha avó não estivesse denunciado meus pais eu estaria na rua agora, poderia muito bem estar morta essa hora,</p>
--	--	--	--	--	--	--	---	--

<p>E você teve mais de uma mãe social? Qual é a tua experiência?</p>	<p>E como foram essas trocas pra você?</p>				<p>pensando assim se eu não tivesse a Aldeia,</p> <p>Então eu agradeço muito a aldeia por eu ter vindo pra cá, porque tive do bom e do melhor, escola, comida, roupa lavada, tudo que eu sempre quis, que uma criança quer do bom e do melhor, então eu agradeço muito.</p>			<p>poderia estar viciada com droga sabe, bebida ou estar com a vida, por mais que a minha cabeça, pra conseguir uma grana poderia estar envolvida em muito mais coisas ruim entendeu.</p>	
--	--	--	--	--	---	--	--	---	--

<p>Tive 4 mães sociais.</p>	<p>Foi difícil né, porque a primeira mãe social foi super boa, super legal ficou pouco tempo com a gente.</p> <p>Quem era? Era, esqueci o nome dela faz muito tempo que ela saiu.</p> <p>Tá.</p>								
<p>Aí veio a segunda que era a Silvia, ela era bem agitada, bem diferente, totalmente diferente da primeira. Ai veio uma outra e a tia Mirtis</p>	<p>Tia Mirtis foi a última? D: Isso, a última, é claro que dentro da casa nós tínhamos umas desavenças umas coisas que a gente gosta, que ela quer que eu faça que eu não concordo e tem né. Mas depois que veio gente de fora ficou bem melhor a gente se acertou mais, a gente agora é bem mais amiga.</p>								

							<p>E como foi a sua relação com seus irmãos de aldeia, seus irmãos de casa?</p> <p><i>Da aldeia assim olha tem muitos que desde que quando entrei esta lá na casa comigo né e que eu tenho contato com alguns, agora os outros se perderam no mundo né, não tenho contato tem uma menina que morava comigo que ainda está na rua, ela fugiu da aldeia e por coincidência ela foi parar lá perto da casa da minha avó né, ai outro dia eu vi ela na rua, ai falei meu Deus o que é que você esta fazendo aqui né, com um filho já no colo, ela fugiu e continua na rua sabe, a gente não tinha aquela amizade porque ela é totalmente diferente, porque eu não criticava nem nada. Mas eu vejo assim meu, que futuro cara ela tinha de tudo poderia estar estudando tinha curso pra ela esta fazendo.</i></p>		
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

			<p>Como você acha que você percebeu que não ia ter isso a vida toda? Porque assim, já desde criança eu um dia vou ter que sair daqui,</p>		<p>Têm amigas. Você tem alguma idéia da diferença de alguns caminharem tão bem e outros com tanta dificuldade? Sei lá acho que é pela educação Vem de cada pessoa eu não consigo te dizer, que eu não me conformo que a pessoa tem de tudo e põe tudo a perder entendeu eu não consigo. As vezes eu acho que é por isso né, eles tinham demais, tinha muito ali não era cobrado muito entendeu. Tinha algumas pessoas que achavam que isso ia durar pra vida toda, que a aldeia ia ficar bajulando eles a vida toda, que ia pagar tudo a vida toda, que ia dar comida e roupa lavada a vida toda e ai acabou né se perdendo.</p>	<p>Quantos anos você ficou aqui na aldeia? 13 anos.</p>	<p>Nesses 13 anos você teve os irmãos da sua casa? <i>Isso. Tenho amigas.</i></p>		
--	--	--	---	--	---	---	---	--	--

			<p>ai eu falei isso eu tenho que fazer a minha vida pra não acontecer isso comigo, pra não voltar aqui e pedir nada pra eles né e continuar com a minha vida.</p>		<p>Pra mim é isso.</p> <p>porque eu via quando era pequena que os meninos iam saindo e muitos assim voltavam lá pra pedir coisa, pedir isso, pedir aquilo. Brigava com os diretores né</p>		<p>Denise, e fora a sua irmã que esteve com você aqui, você tem alguma outra moça ou rapaz que seja quase assim forte como se fosse um irmão pra você? Como meus irmãos não, mas eu tenho as</p>	
--	--	--	---	--	--	--	--	--

						<p>minhas amigas que eu moro com elas hoje que eu daria de tudo por elas.</p> <p>Você mora com? As minhas amigas.</p> <p>Aqui da Aldeia? Não. Não dessa aldeia, da aldeia de Poá. As amigas que era aqui da aldeia não deu certo, cada uma acabou tendo filho, foi morar com o marido a outra preferiu morar com a mãe, mas a gente tem um super contato sabe. Quando a gente se vê é aquela festa, mais acabei ficando com as meninas de Poá, mas a gente se da muito bem.</p>		
					<p>E como você conheceu as meninas de Poá? Foi com um projeto que teve né, da comunidade juvenil né e tinha que juntar as meninas maior de idade então acabou vindo 2 lá</p>			

e a gente teve que se emancipar né e alugar uma casa pra gente e ai resolvemos morar junto.

de Poá ficando junto com a gente com mais 3 meninas dessa aldeia, nós 5. Ai depois fechou a casa

E hoje quantas moram juntas?
Lá em casa mora 4.

Quatro. As outras 3 são de Poá
Isso. Duas de Poá né, uma que é prima da minha amiga e eu.

E durante todos anos que você morou na aldeia você manteve o contato com a sua família?
Todo tempo.

Como foi esse contato? A aldeia favorecia, não favorecia, eles viam aqui? Como que era?
Favorecia sim, tinha os dias de visita pra mim, final de ano, férias, feriados a

						<p>gente poderia estar indo visitar nossa família, ficar lá, passar com eles.</p> <p>A família tinha que vim buscar aqui quando vocês eram pequenos?</p> <p>Quando a gente aprendeu ai, a gente ia sozinho mesmo pegava nossa mala e ia.</p> <p>Com que idade você saia?</p> <p>Já com 16 anos.</p>		<p>Mas antes disso?</p> <p>Eles que vieram buscar né, todas as férias todo mundo saia.</p> <p>E seu pai e sua mãe saíram da rua?</p> <p>Meu pai acabou né, que ele se envolveu com drogas, meu pai morreu assassinado com os vícios dele e como minha mãe não tinha condições de sustentar o vício dela ai ela acabou partindo pra bebida né e já faz uns 3 anos que ela morreu de cirrose.</p> <p>Então né eu já não tenho meu pai e nem minha mãe. Só tenho a minha avó e meus tios.</p> <p>Mas durante o tempo que eles estavam vivos, eles tinham saído da rua?</p> <p>Não, não, continuaram</p> <p>Então quando você fala que ia pro final de semana era pra casa da Avó?</p> <p>Da minha Avó, mas minha mãe estava lá</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--	--	--

			<p>curso de técnico de administração.</p> <p>Você até? 3º Colegial. Agora eu estou juntando dinheiro pra fazer um curso melhor.</p>				<p>Você teve alguma ajuda da aldeia financeira quando você saiu? Tive sim a gente quando era pequena, tinha os padrinhos que apadrinhava a gente, então eles davam uma quantia na nossa conta né, então com essa quantia eu consegui pelo menos comprar as minhas coisas da casa né, fogão essas</p>		
--	--	--	---	--	--	--	--	--	--

				<p>Me diz uma coisa, quando você esta fora dessa grande família da Aldeia, você está sozinha, se você vai falar da sua vida, como é que você vê que as pessoas escutam? Você acha que as pessoas têm diferença, estranham quem foi morador de uma instituição? Eu procuro não contar muito da minha vida e como eu fui criada aqui, porque eles de um jeito, desde pequeno a gente já vê que tem um bloqueio até na escola mesmo.</p> <p>Na escola mesmo? É tinha certa, o pessoal da aldeia é assim é assado sabe é uma coisa assim, por causa de uns que levava a fama. Aqui na região todo mundo conhece a aldeia, conhece o pessoal da</p>			<p>coisas né.</p> <p>E esses padrinhos você conhecia? Por carta só Por carta? Eles moravam muito longe.</p> <p>Moravam longe. E quando você, quer dizer hoje você mora com amigas que você conheceu na aldeia, algumas das coisas que você tem na sua casa foram dadas através dos padrinhos. Eu entendi que você acabou de fazer estágio e agora você foi contratada né? Isso.</p>		
--	--	--	--	--	--	--	---	--	--

	<p>E do jeito que a aldeia traz as crianças, se relaciona com a família, põe nas casas, cuida ou não, orienta ou não as mães. Que mais que você acha, hoje como adulta? Hoje assim eu vejo, que antigamente as crianças respeitavam mais as mães social sabe, tinha uma certa educação sabe, uma coisa mais família entendeu.</p>			<p>aldeia, então eu procurava não contar da minha vida, eu tenho a minha vida lá fora e eu conto da minha vida a partir do momento que eu sai daqui e falo que fui criada em uma instituição né sem meus pais, mas conto da minha vida a partir do momento que eu sai daqui.</p> <p>Isso que a gente esta falando é o que a gente chama de preconceito? Isso, isso mesmo tem certo preconceito quanto a isso, da para sentir né.</p>					
--	---	--	--	--	--	--	--	--	--

Mas elas não tem capacitação aqui em São Paulo?
É, é agora né.

Bom isso sempre foi assim,né?
É.

H: Elas saíram por algum

Você não sabe o que aconteceu, você não tem uma idéia?
Não acho que é por causa de um diretor, uma diretora não sei mudou muita coisa, muita coisa mesmo. Acho que antigamente a gente era bem mais feliz né, hoje em dia eu não sinto mais isso na aldeia, existe muita falta de respeito, por serem pessoas diferentes, crianças diferentes e morar juntas.

E me diz uma coisa Denise, você teve 4 mães sociais né?

	<p>motivo, porque quiseram ou porque a aldeia quis que elas saíssem. Como é que foi essa transição de uma Mãe para outra? Como é que foi pra você? Como é que você acha a aldeia fez? Como é que você avalia isso?</p> <p>D: Pra mim foi difícil aceitar né, porque como que vai ser essa mulher na minha casa, minha tia já conhece meus gostos, sabe o que eu quero a gente come a comida dela, ai vai chegar uma outra mulher na minha casa vai mudar tudo não vai poder fazer isso, não vai poder fazer aquilo. Mas comigo nunca foi assim né, eu por mim eu aceitava, eu sempre fui na minha, sempre fui muito quieta hoje em dia que eu falo mais. Mas eu sempre fui na minha, muito quieta, eu sempre aceitei mas pelo que eu via a rebeldia no começo era difícil que as crianças da casa em aceitar uma nova Mãe né.</p>					Isso.				
--	---	--	--	--	--	-------	--	--	--	--

Denise como foi a sua saída da aldeia?
Assim.
Foi fácil, foi difícil?
Não foi difícil, foi muito fácil. Foi uma coisa que eu e as meninas se juntamos né, e pedimos para o diretor que a gente também queria ir para uma casa de jovens, que quem ia pra casa de jovens era só os meninos e a gente queria uma coisa assim. Muitas meninas gostavam de sair eu também gostava de sair

porque a gente queria ter uma vida lá fora, então não foi difícil e foi uma felicidade

e não podia sair né por causa dos menores tinha que dar exemplo essas coisas,

quando eles disseram que a gente poderia ir pra casa de jovens.

					<p>Clotilde era uma ótima profissional.</p> <p>Helena – Hum, hum. Foi boa essa experiência pra você?</p> <p>Foi, foi ótima, ótima, pra você ver né aqui na aldeia é uma coisa né, a gente tem nossas amigas, cada uma vive na sua casa é uma coisa diferente, depois quando passa a conviver junto que você conhece realmente a pessoa né. Eu conhecia realmente quem era que morava na minha casa, as outras meninas que moravam em casas diferente era aquela amizade, depois que a gente mora junto que a gente vê que realmente</p>	<p>E quanto tempo você ficou na casa de jovens? Um ano só durou a casa.</p> <p>Quem que era a dirigente? A Clotilde que já cuidava da comunidade juvenil das meninas de Poá né, eram duas mães sociais lá, ai eles deslocou uma mãe pra ficar com a gente, a</p>			
--	--	--	--	--	---	--	--	--	--

<p>E vocês moravam sozinhas? Isso, sozinhas sem mãe social nenhuma.</p>					<p>é diferente, que a gente realmente conhece a pessoa. Então a casa não deu certo foi uma coisa. Muita menina junto né, 12 meninas juntas, foi um absurdo. Ai acabou fechando</p>	<p>E você tinha quantos anos quando fechou? Eu estava com 16, 17 anos.</p> <p>Ai o que você fez? Ai foi que surgiu a comunidade juvenil né, que é a casa assistida que eles falam. Ai a gente alugou uma casa com número menor de meninas né, ai tipo foi que a gente escolheu umas meninas, escolheu não, as meninas mais velhas que se juntaram.</p>			
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

<p>Mas ai não tinha aquele acompanhamento de uma mãe com a gente</p> <p>Mais ai você já tinha 18 anos ou não?</p> <p>Já, já estava com 18 anos já. Ai a gente foi pra um outro process</p>		<p>Que é esse que você vive hoje?</p> <p>Isso. Agora eu estou com as meninas já fazem 2 anos já e estou lá tranqüila.</p>			<p>E deu certo?</p> <p>Deu certo, mas ai tem os processos que tem ai hoje em dia acho que por questão de per capita, como posso dizer, estava muito cara eles não poderiam ficar bancando e ai acabou a gente se separando de novo.</p>	<p>Mas vocês não eram mais tuteladas pela aldeia?</p> <p>Sim, ainda sim. Porque eles pagavam aluguel, davam comida.</p> <p>Há ta.</p> <p>Ainda sim, tínhamos que dar satisfação de algumas coisas sim</p>		<p>lá e minha família às vezes fala porque você não vai morar com a gente eu vejo não dá, eu não consigo, eu quero ter minha vida não sei. Minha irmã eu vejo ela lá, meu ela não consegue fazer nada ela não vai</p>	
--	--	---	--	--	---	---	--	---	--

		<p>Onde que é a casa que você mora? Aqui perto, e eu vivo</p>						<p>pra escola, sabe é muita gente lá na minha vó cria muita gente os netos dela muita criança, eu não consigo viver ali, ela não vai pra escola, não trabalha, porque a minha vó banca, minha vó cuida né, não consegue ir pra frente</p>	
		<p>então eu não consigo, não conseguiria ir morar lá, visitar tudo bem minha família gosto muito mais não morar não.</p>					<p>E com a sua família social daqui você ainda tem contato? Tenho contato, tenho com as meninas com a mãe social a gente não se vê sempre, mais se fala sempre.</p>		

<p>A mãe social ainda está aqui? Está ainda</p>		<p>E há quanto tempo que você está contratada aqui? Aqui já vai fazer, deixa eu ver, eu fui contratada já vai fazer 7 meses já. Mas eu trabalhei 2 anos de estagiária e gostava também, mais eu não penso em ficar a vida toda aqui eu penso em terminar meu curso eu vou procurar uma coisa melhor.</p>	<p>E você está fazendo um curso de técnico de ..? Vou fazer. Ah vai fazer? É o que eu pretendo fazer o ano que vem se Deus quiser eu vou fazer</p>		<p>E tem mais alguma coisa que você lembra que gostaria de falar sobre você em</p>		<p>E você visita ela fora? Não, entanto ela tem uma casa alugada lá quase perto da minha, então de vez em quando eu dou uma passada lá nos dias de folga dela, ou ela vaia lá na minha casa e é assim.</p>		
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

relação a este mundo aqui da aldeia?

Eu.. eu acho que não ah o que eu tinha pra falar é isso só sei que foi bom, mas tem muita gente que critica que ahhh, aldeia não, mais eu dou graças a Deus de ter vindo pra cá é muito bom

**E a sua irmã que veio pra cá e saiu, você acha que ela falaria coisas parecidas com você ou diferentes?
Diferentes, totalmente diferentes né. Porque ela sei lá, ela é, ela sabe acho que rolava aquelas coisas de inveja na casa. Há ele ganhou isso, eu não ganhei aquilo, essa aldeia é uma porcaria, você não, sabe. É aquela coisa ela tem a cabeça muito pequenininha, eu não gosto daqui, eu não gosto da Mãe social. Então ela vivia brigando com a minha tia, mãe social, com as outras tias, quando o pessoal cumpria o dia de folga sabe, essa tia é um saco vêm pra cá hoje entendeu.**

										<p>Além da sua Mãe social e todas as mães enfim, que era aquela pessoa com que você estava todo dia, tinha mais alguém da aldeia que foi uma pessoa de alguma importância pra você? Muitas, o primeiro diretor que chegou na aldeia que era o Luiz Marcos, a gente foi amigo, eu tenho amizade com ele até hoje a gente se fala pela internet, que ele mora longe, mora</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

									<p>lá em Minas né, mas é um excelente profissional, eu adorava ele, todo mundo adora ele. Tem a Clotilde também que participou da casa de jovens minha amiga também hoje. Tem a Silvia que cuida da casa de jovens feminina de Santo Amaro, também muito minha amiga né, então tem muitos profissionais aqui que tenho amizade, tem uns que gente não é bom lembrar né, mas tem uns que são legais demais eu procuro sempre manter amizade.</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

LINHA NARRATIVA DA ALDEIA

Como qualifica	Como descreve os procedimentos	Rede criada a partir da Aldeia	Relação com a família biológica	Dirigente de Aldeia
<p>importante pra mim é a aldeia e a família da aldeia, Se eu não tivesse vindo para a Aldeia poderia estar morta eu agradeço muito a aldeia por eu ter vindo pra cá tive do bom e do melhor, escola, comida, roupa lavada, tudo que uma criança quer do bom e do melhor .algumas pessoas achavam que isso ia durar pra vida toda a Aldeia ia ficar bajulando eles a vida toda ia pagar tudo a vida toda .a gente teve que se emancipar alugamos uma casa e ai resolvemos morar junto. A Aldeia deveria continuar com a capacitação das</p>	<p>Vim com 6 anos de idade Meu irmão saiu pra se emancipar, Fiquei 13 anos na Aldeia. a Aldeia dava demais, não era cobrado muito A Aldeia fez um projeto - comunidade juvenil juntou as meninas maior de idade duas de Poá e três de Rio Bonito moraram juntas depois fechou a casa A Aldeia favorecia o contato com a família da gente tinha os dias de visita, no final de ano, férias, feriados a gente poderia visitar nossa família, Quando a gente aprendeu ia sozinha, pegava nossa mala e ia. com 16 anos. agora as mães fazem entrevista</p>	<p>viajo pra casa da família dela, e pra mim é isso, é minha família. eu tenho contato com alguns Tenho amigas da Aldeia. Não tenho relações tão fortes como com meus irmãos eu tenho as minhas amigas que eu moro com elas hoje que eu daria de tudo por elas. São da aldeia de Poá. As amigas da aldeia, uma acabou tendo filho, foi morar com o marido a outra preferiu morar com a mãe a gente tem um super contato acabei ficando com as meninas de Poá, mas a gente se da muito bem.</p>	<p>Importante pra mim é a minha família, a família que veio comigo, eu tenho 7 irmãos os que passaram pelo que passei são 2 Tinha uma irmã 1 ano mais nova que eu e um irmão 1 ano mais velho que eu. meu pai não tinha condições de ficar com a gente a gente tinha de tudo meu pai acabou perdendo tudo a gente foi para na rua E minha Vó, mãe da minha mãe também não tinha condições a gente ficava na rua minha Vó denunciou meus pais o juiz tirou a guarda deles, antes de vir pra cá nos</p>	<p>o primeiro diretor que chegou na aldeia, o Luiz Marcos eu tenho amizade com ele até hoje a gente se fala pela Internet, ele mora em Minas é um excelente profissional eu adorava ele, todo mundo adora ele a Clotilde também que participou da casa de jovens a Sílvia que cuida da casa de jovens feminina de Santo Amaro elas são minhas amigas tem muitos profissionais com quem tenho amizade</p>

peessoas
gostávamos de sair e não
podia sair por causa dos
menores
tinha que dar exemplo
a gente queria ter uma vida lá
fora
não foi difícil, foi uma
felicidade
eles disseram que a gente
poderia ir pra casa de jovens.
Foi uma ótima experiência
Na aldeia cada uma vive na
sua casa é diferente
quando passa a conviver
junto, você conhece realmente
a pessoa
a casa não deu certo
12 meninas juntas, foi um
absurdo
A casa assistida deu certo,
mas estava muito cara
eles não poderiam ficar
bancando
a gente acabou se separando

antes as mães participavam de
um processo, iam para o Rio de
Janeiro
fazer capacitação para cuidar das
crianças que vêm fragilizadas
pedimos para o diretor para irmos
para uma casa de jovens
quem ia pra casa de jovens eram
só os meninos
Um ano só durou a casa.
A Clotilde que já cuidava da
comunidade juvenil das meninas
de Poá
eram duas mães sociais lá
eles deslocaram uma mãe pra
ficar com a gente
Eu estava com 16, 17 anos.
Depois surgiu a comunidade
juvenil, uma casa assistida
a gente alugou uma casa com
número menor de meninas
a gente escolheu umas meninas
as meninas mais velhas que se
juntaram.
Morávamos sozinhas

Lá em casa mora 4.
Duas de Poá, uma que é prima
da minha amiga e eu.
Tive ajuda financeira
quando eu era pequena, tinha
os padrinhos
eles davam uma quantia na
nossa conta
eu consegui pelo menos
comprar as minhas coisas da
casa, fogão etc.
Só conhecia os padrinhos por
carta. Eles moravam muito
longe.
Tenho contato com as meninas
e com a mãe social
a gente não se vê sempre, mas
se fala sempre.
ela tem uma casa alugada perto
da minha
eu dou uma passada lá nos dias
de folga dela
ela vai lá na minha casa

passamos por vários lugares.
Acho que eu já tinha uns 5
aninhos
depois eu fui para outro abrigo
fiquei um tempo
depois fui para outro abrigo
depois de lá eu vim pra cá.
acho que foi em um ano,
meu irmão quando era pequeno
tinha certo problema
ele era muito agitado
minha avó achou que ele não ia
se adaptar na casa de jovens
minha avó resolveu tirar ele
daqui e pegou a guarda dele
ele saiu daqui com 15 anos
ficamos eu e minha irmã
minha irmã saiu voluntariamente
foi morar com a minha avó
minha avó aceitou de braços
abertos
a minha mãe deu o filho mais
velho para minha avó criar
meu irmão Álvaro, do primeiro
casamento

de novo.
só sei que foi bom, mas tem
muita gente que critica
eu dou graças a Deus de ter
vindo pra a Aldeia

A Aldeia pagava aluguel, dava
comida.
tínhamos que dar satisfação de
algumas coisas sim.
não tinha aquele
acompanhamento de uma mãe
com a gente.

os outros filhos do meu pai ele
deixou com a mulher dele
do mesmo pai e da mesma mãe
são só nós 3 mesmo
Os irmãos de pai são bem mais
velhos.
São dois meninos e uma
menina.
Nós morávamos na rua
Me lembro muito bem, foi muito
ruim mesmo
A minha família tinha tudo, tinha
casa
por uma besteira do meu pai
acabou tudo
ele se envolveu com droga
acabou levando minha mãe
junto
a gente perdeu tudo fui parar na
rua
minha avó denunciou meus pais
Quando eu era pequena a
família vinha buscar
todas as férias todo mundo saia.
Meu pai se envolveu com

drogas,
morreu assassinado com os
vícios dele
minha mãe não tinha condições
de sustentar o vício dela
acabou partindo pra bebida
faz uns 3 anos que ela morreu
de cirrose
eu já não tenho meu pai e nem
minha mãe
Só tenho a minha avó e meus
tios.

Eles sempre ficaram na rua
Quando eu visitava minha avó
minha mãe estava lá.
minha família às vezes fala
porque não moro com eles
não dá, eu não consigo, eu
quero ter minha vida
Eu vejo minha irmã, ela não
consegue fazer nada
ela não vai pra escola, não
trabalha
é muita gente lá, minha vó cria
os netos dela muita criança

eu não consigo viver ali,
minha vó banca, minha vó cuida
né,
ela não consegue ir pra frente
Minha irmã contaria coisas
totalmente diferentes
ela tem a cabeça muito
pequeninha
eu não gosto daqui, eu não
gosto da Mãe social
ela vivia brigando com a minha
tia, mãe social
com as outras tias, quando o
pessoal cumpria o dia de folga

Mãe Social				
Como cuidava	Como afetou	Vida Fora da Aldeia	Ações e reflexões	Preconceito
	<p>tenho contato com a minha mãe social somos super amigas, a gente conversa ela me ajuda bastante, ela vai à minha casa, almoça comigo, eu vou à casa dela, almoço lá, A minha mãe social ainda está na Aldeia As trocas foram difíceis a primeira mãe social foi super boa, super legal ficou pouco tempo com a gente. Aí veio a segunda, a Silvia, ela era bem agitada bem diferente, totalmente diferente da primeira Ai veio uma outra e a tia Mirtis É claro que dentro da casa nós tínhamos umas desavenças</p>	<p>Agora eu estou com as meninas já fazem 2 anos estou lá tranqüila. É aqui perto, e eu vivo lá eu não conseguiria ir morar com minha avó visitar tudo bem, mas não morar não. eu fui contratada já vai fazer 7 meses eu trabalhei 2 anos de estagiária e gostava também</p>	<p>eu tenho duas famílias agora né. e eu não ir para a casa da minha avó ia ficar muita gente lá sabe minha avó já cuida de não sei quantos netos Desde pequena eu já tinha uma cabeça assim eu sempre fui muito quieta sempre pensava que eu não queria ser que nem os meus pais eu seria bem melhor que eles um dia eu lutaria muito, Trabalharia muito pra dar o melhor para os meus irmãos eu sempre quis dar o bom e o melhor para os meus irmãos, porque eu vi eles sofrendo eu não importava comigo, eu me importava mais com eles</p>	<p>Eu procuro não contar muito da minha vida como eu fui criada aqui desde pequena a gente já vê que tem um bloqueio até na escola o pessoal da aldeia é assim é assado por causa de uns que levava a fama na região todo mundo conhece a aldeia, conhece o pessoal da aldeia eu procurava não contar da minha vida eu tenho a minha vida lá fora eu conto da minha vida a partir do momento que eu sai daqui falo que fui criada em uma</p>

depois que veio gente de fora
ficou bem melhor
a gente se acertou mais, a gente
agora é bem mais amiga.
antigamente as crianças
respeitavam mais as mães sociais
tinha uma certa educação, uma
coisa mais família
a gente se entrosava mais
hoje em dia as crianças são muito
mal educados
não dão valor para o que tem, não
respeitam as mães sociais
Pra mim foi difícil aceitar a troca
minha tia já conhece meus gostos
sabe o que eu quero
a gente come a comida dela
chega uma outra mulher na minha
casa vai mudar tudo
eu aceitava, sempre fui muito
quieta
havia rebeldia no começo
era difícil para as crianças da casa
aceitar uma nova Mãe

porque a cabeça deles não era
que nem a minha
eu brigo a minha irmã até hoje
pra estudar, pra trabalhar.
todo final de semana eu estou lá
com a minha família
eu vou visitar eles
visito minha irmã
ligo pra ela sempre pra saber
como ela está
se está precisando de alguma
coisa
é com o sofrimento que a gente
aprende
eu tinha vergonha da situação
que eu passava
eu pedia esmola na rua, eu
passava fome
eu tinha vergonha daquilo eu
não gostava.
eu não me conformava com
aquilo
desde pequena eu já pensava
em juntar dinheiro
comprar uma casa e dar do bom

instituição, sem meus pais
conto da minha vida a partir
do momento que eu sai
daqui.
tem certo preconceito
quanto a isso,

e do melhor para os meus
irmãos.

Eu poderia estar morta, poderia
estar viciada com droga ou
bebida pra conseguir uma grana
poderia estar envolvida em
muita coisa ruim
desde pequena e não pedir
nada pra eles
continuar com a minha vida.
eu estudei até o 3º Colegial
pretendo fazer um curso de
técnico de administração.
Agora eu estou juntando
dinheiro pra fazer um curso
melhor.

Ter tudo também já é demais, é
bom a gente lutar.
eu não penso em ficar a vida
toda aqui
eu penso em terminar meu
curso
eu vou procurar uma coisa
melhor.

Intervenções para confirmação, detalhamento ou esclarecimento	Intervenções para obter explicação sobre qualificações	Intervenções para especificar aspectos relacionados aos temas
<p>H: Denise: você disse que tem 7 irmãos e quantos vieram pra aldeia?</p> <p>H: E com quantos anos você veio? H:</p> <p>H: Os 2 que vieram com você eram maiores ou menores?</p> <p>H: E o que trouxe vocês para a aldeia? </p> <p>H: Sua Vó, mãe dele?</p> <p>H: Com quantos anos você foi para o primeiro lugar?</p> <p>H: Desse outro lugar você veio pra cá?</p> <p>H: Tudo isso em um ano?</p> <p>H: E os seus outros irmãos?</p> <p>H: Me diz uma coisa Denise e quando você entrou na aldeia, onde os outros irmãos que não entraram na aldeia ficaram?</p> <p>H: Então deixa eu entender direitinho. Sua mãe já tinha um filho?</p> <p>H: Tinha um filho, o Alex?</p> <p>H: Ela separou desse primeiro casamento?</p> <p>H: Separou, e ?</p> <p>H: Ficou com seu pai?</p>	<p>H: E como é que você ganhou essa cabeça?</p> <p>H: Têm amigas. Você tem alguma idéia da diferença de alguns caminharem tão bem e outros com tanta dificuldade?</p> <p>H: Como você acha que você percebeu que não ia ter isso a vida toda? H:</p> <p>H: E durante todos anos que você morou na aldeia você manteve o contato com a sua família?</p> <p>H: Como foi esse contato? A aldeia favorecia, não favorecia, eles viam aqui? Como que era?</p> <p>H: A família tinha que vim buscar aqui quando vocês eram pequenos?</p> <p>H: Com que idade você saia?</p> <p>H: Mas antes disso?</p> <p>H: Mas elas não têm capacitação aqui em São Paulo?</p> <p>H: Você não sabe o que aconteceu, você não tem uma idéia?</p> <p>H: Elas saíram por algum motivo, porque quiseram ou porque a aldeia quis que elas saíssem.</p> <p>Como é que foi essa transição de uma Mãe para outra? Como é que foi pra você?</p>	<p>H: E como foi a sua relação com seus irmãos de aldeia, seus irmãos de casa?</p> <p>H: Denise, e fora a sua irmã que esteve com você aqui, você tem alguma outra moça ou rapaz que seja quase assim forte como se fosse um irmão pra você?</p> <p>H: E você estudou, o que você fez?</p> <p>H: Você até? H: Você teve alguma ajuda da aldeia financeira quando você saiu?</p> <p>H: Denise, como foi a sua saída da aldeia?</p> <p>H: Foi fácil, foi difícil?</p> <p>.H – Hum, hum. Como foi essa experiência pra você?</p> <p>H: Ai o que você fez?</p> <p>H: E vocês moravam sozinhas?</p> <p>H: Mas vocês não eram mais tuteladas pela aldeia?</p> <p>H: E com a sua família social daqui você ainda tem contato?</p> <p>H: Além da sua Mãe social e todas as mães enfim, que era aquela pessoa</p>

H: Quantos filhos eles tiveram?
H: Três, com você?
H: Isso com seu pai e com sua mãe.
H: Quem é a mais velha?
H: Então é você e dois irmãos?
H: Depois eles se separaram?
H: Ah, ele tinha?
H: E esses filhos do primeiro casamento do seu pai não são seus irmãos?
H: São seus irmãos por parte de pai, é verdade e são quantos?
H: Três, e eles são mais velhos?
H: Homens ou mulheres?
H: Esses nunca foram quer dizer não foram esses que foram tirados pelo juiz?
H: Os que foram tirados da casa foram vocês três?
H: E esse irmão do primeiro casamento da sua mãe já era maior?
H: Ah, ele já estava sendo criado pela sua avó?
H: Ok. Então quando sua mãe se casou com seu pai, em algum momento eles perderam tudo?
H: Foram pra rua?
H: E vocês três estavam na rua?
H: E você se lembra dessa época?
H: de qual a irmã que você fala?
H: A Leonor é menor que você?

Como é que você acha a aldeia fez? Como é que você avalia isso?

com que você estava todo dia, tinha mais alguém da aldeia

que foi uma pessoa de alguma importância pra você?

H: Me diz uma coisa, quando você esta fora dessa grande família da Aldeia, você está sozinha, se você vai falar da sua vida, como é que você vê que as pessoas escutam?

Você acha que as pessoas têm diferença, estranham quem foi morador de uma instituição?

H: Na escola mesmo?

H: Isso que a gente esta falando é o que a gente chama de preconceito?

H: Essa que veio para a aldeia junto?

H: Ok. E voltou para sua avó?

H: Tá bom. Então você sempre pensou nos seus irmãos?

H: E você teve mais de uma mãe social? Qual é a tua experiência?

H: E como foram essas trocas pra você?

H: Quem era?

H: Tá.

H: Tia Mirtis foi a última?

H: Quantos anos você ficou aqui na aldeia?

H: Nesses 13 anos você teve os irmãos da sua casa?

H: Você mora com?

H: – Aqui da Aldeia?

H: E como você conheceu as meninas de Poá?

H: E hoje quantas moram juntas?

H: Quatro. As outras 3 são de Poá

H: E seu pai e sua mãe saíram da rua?

H: Mas durante o tempo que eles estavam vivos, eles tinham saído da rua?

H: E esses padrinhos você conhecia?

H: Por carta?

H: Bom isso sempre foi assim, né?

H: E me diz uma coisa Denise, você teve 4 mães sociais né?

H: E quanto tempo você ficou na casa de jovens?

H: Quem que era a dirigente?

H: E você tinha quantos anos quando fechou?

H: Ah, tá.

H: E deu certo?

H: Mais ai você já tinha 18 anos ou não?

H: Que é esse que você vive hoje?

H: Onde que é a casa que você mora?

H: A mãe social ainda está aqui?

H: E você visita ela fora?

H: E há quanto tempo que você está contratada aqui?

H: E você está fazendo um curso de técnico de ..?

H: Ah vai fazer?

H: Então quando você fala que ia pro final de semana era pra casa da Avó?

Intervenções de recapitulação, reiteração da pergunta inicial

H: Agora eu entendi. Então me conta o que você acha que é importante eu saber sobre o que você pensa em você mesma. O que você gosta? O que você não gosta? O que você acredita? O que você não acredita? O que você aprendeu de bom ou de ruim? Quando você pensa em você olhando tudo o que você é hoje.

O que você tem pra me contar da sua vida aqui na aldeia e fora?

H: E como é que foi quando você já tinha passado por essas dificuldades e como é que você chegou na aldeia, qual é a sua história na aldeia?

O que você aprendeu? O que é bom, o que é ruim? O que te ajuda?

O que hoje faz parte da Denise? H: Moravam longe. E quando você, quer dizer hoje você mora com amigas que você conheceu na aldeia, algumas das coisas que você tem na sua casa foram dadas através dos padrinhos.

Eu entendi que você acabou de fazer estágio e agora você foi contratada né?

H: E do jeito que a aldeia traz as crianças, se relaciona

com a família,

põe nas casas, cuida ou não, orienta ou não as mães.

Que mais que você acha, hoje como adulta?

H: E tem mais alguma coisa que você lembra que

gostaria de falar

sobre você em relação a este mundo aqui da aldeia?

H: E a sua irmã que veio pra cá e saiu, você acha que

ela falaria coisas parecidas com você ou diferentes?

H: Ta bom muito obrigado

H. Então Suely, como eu te expliquei, eu to querendo saber sobre você. Quando hoje você pensa em quem você é, você pensa na sua relação com a família biológica, com a Aldeia, com mãe social, com os irmãos, com que outras coisas? O que você acha que tem em você hoje que é importante?

S. Hoje o que tenho de importante, além de me manter bem, manter forças, manter os filhos minha casa, é acho que minha família da Aldeia é importante, sabe? Tanto que eles vêm me procuram a gente conversa, a gente sai é importante, mas acho que depois que você sai da Aldeia, acho que fica mais forte o laço da família biológica. Porque, eu nem sei te explicar, acho que fica mais forte. Ficou mais forte pelo menos o meu laço com a minha família biológica, entendi que eu nem sabia que gostava tanto deles como eu gostava, como eu descobri hoje, entendeu?

H. E durante os anos de aldeia você manteve contato com sua família biológica?

S. Sim, mas menos do que mantenho hoje.

H. E quem é sua família biológica?

S. O Mauro, a Sonia, a Sara, o Rubens, o Clovis e os filhos deles.

H. São seus irmãos? E os pais?

S. Não, não tenho.

H. Não tem. Você chegou a conhecer?

S. Não.

H. Como você foi pra Aldeia?

S. Morava no Tatuapé, morava no Rio, meus pais morreram ai a gente não tinha com quem ficar, ai eles trouxeram a gente do Rio, a minha tia, irmã da minha mãe, trouxe a gente do Rio pra São Paulo. Fomos morar no Tatuapé, moramos lá um tempo só que 7 pra uma pessoa e solteira é complicado, a gente bagunça muito.

H. Quantos anos você tinha?

S. Uns 2 anos.

H. Uns 2 anos. Então você tinha irmãos maiores?

S. Tinha.

H. Tá. E a baixo de você?

S. Ninguém, eu sou a mais nova. Ai a gente no geral bagunçávamos muito, ai ela começou a ficar doente, psiquiatricamente falando, ai ela colocou a gente em uma FEBEM, na FEBEM de Tatuapé. Ficamos lá alguns dias, aí tinha um medico da família que ela conheceu que ajudava ela, ajudava a gente, né? Ele ficou muito bravo porque ela colocou a gente na FEBEM, ai ele foi buscar a gente na FEBEM e conheceu a Aldeia, ai ele fez com que ela tirasse a gente da FEBEM e entregou a gente pra Aldeia.

H. Os 7 tinham ido pra FEBEM?

S. Ah, eu não me lembro.

H. Você não se lembra, você sabe...

S. Eu lembro que eu fui a Sonia foi, o Mauro foi e a Sara, agora os outros eu não me lembro.

H. E pra Aldeia foram quantos?

S. Que eu me lembro esses também, agora os outros eu não lembro não.

H. Por que eles eram maiores?

S. Eram.

H. Então você entrou na aldeia com 2 anos mais ou menos?

S. É por ai.

H. Suely, seus pais morreram como?

S. Hepatite, segundo algumas pessoas, eles morreram de Hepatite, ai quando eles morreram, morreu um seguido do outro, eu era amamentada ainda, eu não sei da minha mãe, pelo menos hepatite eu não peguei, alguns irmãos meus pegaram também hepatite foram tratados tudo direitinho e depois a gente veio pra cá, mas eu tenho uma foto, muito velha do casamento deles.

H. E essa sua tia, vocês mantiveram contato?

S. Ela mora aqui perto e de vez em quando a gente vai lá.

H. Quer dizer que durante os anos de Aldeia, ficaram você a Sonia, a Sara, o Mauro ...?

S. É, e a Silvina

H. Então os 5 cresceram juntos?

S. É mais ou menos né, porque logo depois a minha irmã saiu, ai depois a outra.

H. Por que elas chegaram na idade?

S. É acho que fizeram uma certa idade ai saíram e eu fiquei. Ficou eu a Sonia e o Mauro.

H. E em quanto você estava lá essas outras irmãs visitavam, vocês tinham contato?

S. Pouco. Eu sentia mais saudades então eu pedia pra ir na casa de jovens pra ver, né?

H. Conta um pouco da aldeia? Você na aldeia ...

S. Hoje em dia a aldeia a gente fala que foi uma coisa muito bacana, não foi uma, eu não digo uma mãe, porque acho que mãe é muito mais completo uma coisa muito mais, mãe aquilo foi uma, não tenho palavras, ela tentou passar pra gente que somos importantes, a gente somos seres humanos, precisamos de pessoas pra cuidar da gente, pra gente cuidar dessas pessoas, é carinho, então tudo isso, a gente tentou fazer uma família pra gente entende. Então a Aldeia foi legal, acho que os valores que hoje, eu achei que naquela jamais eu precisava.

H. E esses valores como você acha que eram passados? Como era a casa? Suas experiências com as mães?

S. Tinha mães que eram legais, mas têm outras que já não eram.

H. Você teve quantas mães?

S. A primeira foi a Laura, ela espancava a gente e a Sílvia, na verdade duas,

H. A Laura te espancava como?

S. Aquela mulher foi horrível, horrível. Eu usava fralda quando eu entrei na aldeia, eu tomava mamadeira, foi uma coisa muita traumática sabe que até hoje eu me lembro e fico muito triste em lembrar, porque quando eu entrei na aldeia eu usava fralda, tomava mamadeira, era criada como um bebê, meus irmãos me tratavam como um bebe, minha madrinha, minha tia irmã da minha mãe que criava a gente, me tratava como um bebê então era o centro das atenções, entende? Quando eu entrei na aldeia isso foi chutado de mim, arrancado de mim de uma forma muito brutal, de um dia pro outro eu parei de usar fralda, de um dia pro outro eu parei de chupar chupeta, eu parei de tomar mamadeira, eu fazia xixi na cama e apanhava de corda, entende? Então, nossa, isso foi coisa que marcou muito pra mim, muito mesmo eu acho que foi a pior parte da vida na Aldeia, pior foi esta, foi quando a gente tinha que ouvir

minhas irmãs apanhar de cabo de vassoura, fio, sabe, sem você poder fazer nada, ela matou um pintinho, fez minha irmã comer, é muito ruim, muito ruim mesmo, ela judiava de mais, essa parte foi horrível eu tinha vontade de fugir tinha vontade de morrer até meus 15 anos eu rezava pra minha mãe vim me buscar, 15,16 anos até os 17 anos, vai.

H. Mas você ainda estava morando lá, com a mesma mãe?

S. Não, eu sai da Aldeia, desde quando eu entrei na Aldeia.

H. Tá, mas deixa eu entender. E com essa mulher tão ruim você ficou quanto tempo?

S. Eu não lembro o tempo, mas ela ficou um tempo lá, ai descobriram, não me lembro como, parece que a minha irmã os meus irmãos mais velhos ... ai ela foi mandada embora, e a gente foi morar com a tia Silvia. Então o que acontece é que eu fui morar com a tia Silvia, só que quando eu entrei na aldeia eu era uma pessoa, quando eu sai dessa casa, daquela mulher eu fui pra casa da tia Silvia eu era outra entendeu. Então é assim, ela rezava, ficava com a gente, tinha um irmão que pegava dinheiro ela descontava em mim porque eu cuidava da casa, se eu queimasse um arroz ela descontava em mim entende, então isso tudo foi me deixando triste ai eu comecei me revoltar. Se eu ando direito o que eu ganho com isso, não ganho nada sabe, não ganho um elogio sabe, ninguém fala, ninguém consegue ver, reconhecer, ai então eu vou virar, ai eu virei mudei toda minha opinião, aí me enxergaram. Me colocaram pra fazer terapia, ai todo mundo começou a ficar preocupado, ela está com problema, isso dai eu não achei legal. Porque quando a gente apanhava lá, eu acho que ali a gente merecia, merecia não, teria que ter uma terapia, a gente ter saído dali e ter ido pra outra casa, foi tratamento diferente lá a gente era castigado aqui era outra coisa entende, então o que eu fiz, eu comecei a ver uma outra coisa ali e não quis mais saber de nada, agora pra mim chega eu fugia sabe, não pegava dinheiro de ninguém mas, eu fugia , não queria mais fazer nada, sabe, agredia as pessoas verbalmente isso pra mim, acho que foi tudo de lá dessa casa, a primeira.

H. E durante esse teu período de sofrimento, de revolta, tinha alguém com quem você se identificava, conversava mais, por exemplo?

S. Tinha a tia Teca que era psicóloga.

H. Tia?

S. Teca. Eu gostava muito dela, quando eu comecei a fazer terapia ela começou a me dar atenção tal, assim eu me senti importante pra alguém, acho que todo mundo quer ser importante pra alguém. Então eu não tinha ninguém, ninguém me ouvia eu pensava que ninguém me ouvia, ai de repente eu comecei a fazer terapia e alguém começou a se importar, pelo menos mostrou que eu era importante e começou a ser importante pra mim, então eu fazia desenho pra ela, tudo que eu fazia eu pensava nela, eu falava: será que ela vai gostar? Aí eu fazia e levava pra ela ver, eu não via a hora de chegar a terapia, eu não via o dia de chegar a terapia. Comecei a me comportar melhor por causa dela, tudo por causa dela, então ela pra mim, ela foi um... tudo

H. Ela trabalhava na aldeia?

S. Trabalhava. Ela era psicóloga acho, não lembro, ela fazia terapia com a gente, nem me lembro, mas ela trabalhava lá.

H. Você sabe o nome dela inteiro?

S. Teresa. Eu gostava muito dela, então ela arrumou, ai foi passando tempo além da terapia, acabou a terapia e ela continuou acompanhando, isso pra mim foi ótimo porque ela mostrou que gostava muito de mim, então ela tinha uma amiga e essa amiga dava aula de ginástica olímpica, ai ela me apresentou pra ela e eu comecei a fazer ginástica olímpica, ela que arrumou datilográfica pra mim, me incentivava ir, eu tinha reforço, ela quem me dava reforço, entendeu? Então ela foi muito legal pra mim, muito, muito importante.

H. Mais alguém na aldeia?

S. Não. Pra mim ela foi, assim, era a única pessoa que me dava aquela atenção e se eu quisesse chorar eu poderia chorar, senta e chorar com ela ali, ela me abraçava e falava. Suely, não fica assim, vai ficar tudo bem entendeu, e eu acreditava era a única pessoa entendeu, depois quando ela saiu tudo, ai passou a ser a tia Magui, a tia Magui era bacana.

H. E como é que a tia Magui era bacana?

S. Ela conversava muito com a gente, ela tentava, ela era atacadinha, ela era uma super mãe assim, ela dava bronca, dava puxão de orelha, colocava de castigo sabe, mas ela brigava muito por causa da gente, isso era muito legal

porque ela brigava, ela pisava e é ela é ela e pronto, entendeu? Aí ela brigava por causa da gente, então ela foi muito legal.

H. Você ficou lá até quantos anos na aldeia, dentro da aldeia?

S. Até uns 12 anos.

H. E depois?

S. Depois aos 13 eu fui embora, fui morar na casa de jovens. Com 14 fiquei na casa de jovens, com 15 eu me casei e fui embora.

H. E a casa de jovens como foi à experiência?

S. Ah, foi legal assim ...

H. Em que ano de escola você estava quando você estava indo pra casa de jovens?

S. 6º acho, eu lembro que estava na 6º porque engravidei da minha filha, ai eu parei né então foi mais ou menos isso ai.

H. Como foi engravidar da sua filha?

S. Ah, foi, não falando da minha filha entende, mas naquela época, naquele momento foi um pesadelo, foi um pesadelo, eu tive que escolher muitas coisa sabe, eu tive que optar por muitas, eu lembro que fiz opções erradas sabe, eu sofri muito.

H. Você teve que optar por o que, você pode dar um exemplo?

S. Por exemplo, deixar minha filha ou ter, entendeu? É uma das coisas que me deixou muito triste, assim, eu até entendo, sabe, que a Aldeia cria a gente como um filho eu não sei, o pessoal da Aldeia, da direção cria a gente como um filho talvez, mas acho que não justifica você chegar para um filho e falar você esta grávida, você vai tirar entende, então eu fiz opções, sabe, só que eu lembro que na época eu não pensei acho que pensei bem, eu perdi muita coisa por causa de essas minhas decisões.

H. Mas você teve a filha?

S. A Irene, sofri demais, demais, demais mesmo. Passei fome sabe, dormi na rua.

H. E o que você chama de decisão errada uma vez Tendo engravidado?

S. Primeiro acho que eu deveria, na época, por mais que você tenha, por isso que eu falo que a Aldeia tentou ser mãe entende, porque assim por mais que você tivesse psicólogo, psiquiatra, não sei o que, educação sexual, escola

particular, não sei o que, por mais que você tenha tudo isso, uma mãe é muito diferente, porque a mãe vai conversar com você, entra na sua cabeça diferente eu não sei te explicar, e talvez se tivesse ... hoje eu converso com a minha filha e eu explico pra ela sabe, eu acho que faltou pra mim mesmo a minha mãe, eu sentia muita falta dela. Uma decisão errada foi ter engravidado, entende, com a idade que engravidei começou ai tudo errado, segunda decisão foi ter peitado a Aldeia e saído de lá pra ir morar com ele entendeu, isso foi horrível ai depois dali pra frente.

H. Mas a aldeia te aceitaria grávida lá dentro?

S. Não, mas eles me deram a opção.

H. Mas a opção foi de tirar a criança? Não é uma opção fácil.

S. Depois eu fiquei sabendo que a tia Teça, que eu tanto amava, queria me adotar, Eu não sabia de nada entendeu, eu só fiquei sabendo disso, eu não sei, eu não consegui entender bem, mas eu acho que foi uma espécie de chantagem, foi como eu entendi. Disseram: a tia Teça, se você não estivesse grávida, a tia Teca ia te adotar. Então pra mim foi muito triste, porque eu tinha a tia Teca como uma pessoa muito importante pra mim, naquela época até mais que minha família, entende? Aí eu tinha que escolher e eu escolhi em ver o que vai dar, depois me separei, casei e me separei.

H. Você tem 3 filhos?

S. Tenho 3 filhos.

H. A Irene é essa que você teve com 14 anos?

S. Eu tive ela com 15, depois veio o Plínio eu tive ele com 17 anos e a Giovana que tive...

H. E o Plínio, você estava com outro companheiro?

S. Outro, isso, eu já tinha terminado meu casamento tudo não queria mais. Ai eu fui viver outra vida, ai fui tentar o meu, sozinha com a minha filha, ai foi passando o tempo, eu conheci uma outra pessoa então.

H. E você trabalhava, Suely?

S. Trabalhava.

H. Você trabalhava no que?

S. A eu fazia um monte de coisa, inclusive com pessoas erradas.

H Ai você viveu com o pai do Plínio por quanto tempo?

S. Não eu não vivi com ele não, fiquei com ele um tempo, ai não teve jeito.

H. O Plínio está com quantos anos?

S. 9 anos.

H. E a Giovana?

S. Fez 7 anos.

H. E a Giovana tem outro pai?

S. É, a Giovana tem outro pai

H. E com esse pai você viveu um tempo, ou não?

S. 6 anos.

H. Até pouco tempo então?

S. Até uns 3 anos atrás.

H. E essas experiências de maternidades, como é que você vê hoje?

S. Eu vejo como um aprendizado sabe, acho que tudo que a gente passa tanto bom quanto ruim, a gente temos que ver como uma lição. Então sofri, sofri fiz outras pessoas sofrerem também com as minhas burrices, eu não sofri sozinha, fiz meus filhos sofrerem e até hoje, por causa disso eles sofrem também, então não é fácil pra mim também não pra eles.

H. Suely, voltando um pouquinho pra olhar esse seu percurso na Aldeia: ele começou muito mal, com muita dificuldade, muito sofrimento, você disse que quando passou para tia Silvia, independentemente de ela ser boa ou ruim, você estava sofrida, revoltada né? Mas tem alguma coisa que você olha pra você hoje, e você acha que você aprendeu que faz parte de você, da tia Silvia? Da tia Teca tem, né?

S. Da tia Teca tem, né? Agora, da tia Silvia, acho que nem da Aldeia. Porque assim, meu percurso na aldeia foi legal, foi. Mas psicologicamente falando foi muito traumático pra mim, foi traumático sabe, então lembrando as coisas boas foi legal, mas lembrando desse lado, dessas partes, aí foi traumático pra mim.

H. Como é que você completou seus estudos com essas gravidezes e essas dificuldades todas?

S. Como eu te disse eu parei na 6^o série. Ai depois eu engravidei da minha filha a Irene, ai fiquei casada, ai passei por tudo aquilo tal, ai com uns 18 anos, uns 18 ou 20 anos por ai eu voltei a estudar, depois que tive a Giovana, minha ultima filha, briguei com o pai dela foi ai que começou a dar tudo errado entre a

gente, porque eu comecei a me impor, até então eu ficava quieta. Estava sem estudo, dependente dele ai comecei a falar não, pra mim eu quero estudar, eu quero fazer alguma coisa, não quero mais ficar em casa, então falei pra ele que eu queria estudar e ai começamos a brigar.

H. Brigar como?

S. Assim mesmo briga, fui terminei 6º,7º,8º depois fiz o 1º, 2º e 3º isso tudo brigando.

H. Alguém da aldeia ajudou de alguma maneira?

S. O Zé Maria.

H. O Zé Maria?

S. O Zé Maria, me ajudou muito com o curso de Auxiliar, muito, ele foi uma pessoa muito importante pra mim porque quando eu estava bem ele me ligava e a gente conversava e a gente ria, quando eu estava ruim a gente conversava e eu chorava e depois a gente ria, e ele falou não fica assim, você vai conseguir, você é uma pessoa determinada, ele me deu muita força.

H. Isso foi há uns 3 anos?

S. Atrás, né? Isso. Ele foi uma pessoa muito importante nessa época pra mim, muito mesmo, foi ele. Aí, contando com alguém, com uma, com outra, consegui fazer o curso.

H. E você fez esse curso de auxiliar de enfermagem com bolsa?

S. Alguém que pagou.

H. E quem intermediou isso?

S. Então o Zé Maria conversou com a Dona H. e a Dona H. foi a intermediadora.

H. Você teve algum padrinho na aldeia que fez alguma coisa pra você, como algumas pessoas que quando saem tem algum dinheiro?

S. Acho que todo mundo ali tem, né? Mas assim é pouco contato, nunca fazem ou é por carta, tive sim, mandavam carta, dinheiro.

H. E você usou esse dinheiro de alguma maneira?

S. Usei, quando eu sai da aldeia como eu te disse, menor, casada passei a ser emancipada.

H. Você casou de papel?

S. Casei, passei a ser emancipada e então passei a ser de maior, né? Então podia pegar esse dinheiro, e eu peguei esse dinheiro só que aí fiz burrada de novo, a beleza do meu marido na época. Falava assim: eu tenho que comprar uma moto, eu posso fazer mais bico e alguns serviços por fora e dá pra gente tirar um dinheiro a mais, pra gente alugar uma casa e morar só nós. Aí eu acreditei e comprei a moto, dali pra frente só por Deus.

H. Suely, quando você saiu nessa época tão difícil, com 15 anos, para ter sua filha nessa situação, teus irmãos, a Sonia etc. etc. Estavam próximos?

S. Quando eu sai de onde? Da Aldeia?

H. Da Aldeia, grávida.

S. Eu sai da aldeia.

H. Ou da casa de jovens, que seja ...

S. Estavam brigando, naquela época, pra mim, nem estava sendo importante.

H. Sei.

S. É isso.

H. Então nos últimos anos tem o Zé Maria, esse seu curso, essa sua formação importante.

S. Foi pra mim foi muito importante.

H. E durante esses últimos anos, você se encontra você se relaciona com irmãos de Aldeia, com irmãs de Aldeia?

S. Sim, como eu te disse, agora muito mais.

H. Agora muito mais?

S. Agora muito mais que lá na Aldeia, antes eu nem queria muito me relacionar, eu queria meio que esquecer. Né? Hoje em dia não, hoje em dia eles me ligam a gente conversa ontem o Fernando estava aqui entende, outro dia eu fui pra casa onde esta morando o Wilson, o negão. Fomos pra lá, ficamos conversando tudo, o João, de vez em quando a gente se encontra.

H. E aquele processo com a Regina têm alguma importância pra você?

S. Olha eu penso que esse contato com os ex-aldeanos veio a fortalecer depois que acabou esse curso que a gente teve, porque antes era só aqueles meninos ali e só. Hoje não, hoje eu converso com eles tento entender, às vezes um está brigando com o outro, e eu digo: isso é pouco, vamos

conversar, antes eu não queria nem saber, entendeu? Hoje não, hoje eu vejo bem diferente e eu penso que foi depois do curso, eu só não entendo o porquê, mas foi só depois, acho que veio fortalecer um pouco mais.

H. E nesse momento seus planos, sua vida atual?

S. Olha eu ando muito triste né? Mas eu queria, queria não, eu quero fazer faculdade, arrumar um serviço, criar meus filhos sair daqui dessa casa.

H. Essa casa é sua ou não?

S. É. Eu invadi, invadi mais paguei. É, eu acho que é isso, eu quero é isso, dar uma vida melhor para os meus filhos, diante das minhas condições talvez eu não tenha muito tempo com os meus filhos, muita atenção, isso eu não acho legal porque eu não tive na Aldeia e eu não quero passar isso pra eles. Então eu sofro muito de não ter tempo de ficar com eles, eu sofro muito de ter que trabalhar muito e não ter como ficar com eles na hora que precisa sabe, é isso.

H. E se você fizesse uma faculdade ou fizer do que você quer fazer?

S. De Enfermagem, antes eu queria Medicina, né? Mas diante das minhas condições é um sonho muito bem remoto, gosto de estudar.

H. Gosta de estudar?

S. Gosto, só que é difícil, né?

H. É difícil.

S. Você tem que escolher porque eu tenho meus 3 filhos, mas tenho que estudar, têm que estudar porque assim. Eu entendo que se eu não estudo fico desfalcada no mercado sabe, dessa forma como eu vou trabalhar, como eu vou fazer uma prova entendeu, então eu entendo que eu já estou meio que fora então eu fico triste por isso.

H. Por que você está meio que fora?

S. Porque assim eu terminei enfermagem já faz uns 3 anos e até agora não consegui arrumar serviço no hospital entende, eu queria ao menos já que não tem dinheiro pra fazer uma faculdade, ao menos fazer um curso de técnico de enfermagem só que eu preciso trabalhar, como eu preciso trabalhar pra que, eu preciso manter minha casa, meus filhos eu tenho conta pra pagar eu tenho meus filhos pra manter, então eu tenho que optar eu estou trabalhando eu tenho que optar, mesmo o pai dando pensão é pouco porque ninguém vive, eles não vivem com R\$ 150,00 reais por mês, sabe, então é tudo muito difícil/

tem dia que falta coisa aqui, sabe, e eu choro porque eu fui ter, porque isso tudo é culpa minha, entende, eu não posso resolver então eu começo a ficar mal, mal, ai eu saio vou fumar cigarro, ando por ai choro bastante, ai pra eles esta tudo bem, é tem que dar um jeito.

H. Suely, eu me lembro que nas conversas que tive com as outras pessoas apareceu uma coisa que eu passei a perguntar: quando você não esta próxima de pessoas que estiveram na Aldeia, que conhecem a sua história, se você está sozinha neste nosso mundo aqui fora, como é que você acha que as pessoas olham, se você conta que foi criada em uma instituição?

S. Quando eu falo que fui criada em uma instituição, eu acho que acabo chamando um pouco de atenção, mas pelo lado de dó, pelo lado de pena, pelo lado de coitada, é assim que a partir dali eu já sou vista como uma forma diferente, então eu não gosto que as pessoas me vêm dessa forma e é isso.

H. Tem mais alguma coisa que eu não perguntei, que você agora mobilizada, pensando na sua vida, acha que é um ponto que você quer me contar?

S. Há não sei, tem muita coisa que passou coisas difíceis que a gente não consegue se desligar, acho que não é só isso.

H. Obrigada Suely, depois eu mostro pra você.

Mapa de Associação de Idéias

Mãe Social		Aldeia							
Como cuidava	Como afetou	Vida Fora da Aldeia	Ações/Planos/Reflexões	Preconceito	Como qualifica	Como descreve os procedimentos	Rede criada a partir da Aldeia	Relação com a família biológica	Dirigente de Aldeia
		<p>Então Suely, como eu te expliquei, eu to querendo saber sobre você. Quando hoje você pensa em quem você é, você pensa na sua relação com a família biológica, com a Aldeia, com mãe social, com os irmãos, com que outras coisas? O que você acha que tem em você hoje que é importante?</p> <p>Hoje o que tenho de importante, além de me manter bem, manter forças, manter os filhos minha casa,</p>					<p>é acho que minha família da Aldeia é importante, sabe? Tanto que eles vêm me procuram a gente conversa, a gente sai é importante,</p>	<p>mas acho que depois que você sai da Aldeia,</p>	

							<p>acho que fica mais forte o laço da família biológica. Porque, eu nem sei te explicar, acho que fica mais forte. Ficou mais forte pelo menos o meu laço com a minha família biológica, entendi que eu nem sabia que gostava tanto deles como eu gostava, como eu descobri hoje, entendeu?</p> <p>E durante os anos de aldeia você manteve contato com sua família biológica? Sim, mas menos do que mantenho hoje.</p> <p>E quem é sua família biológica? O Mauro, a Sonia, a Sara, o Rubens, o Clovis e os filhos deles.</p> <p>São seus irmãos? E os pais? Não, não tenho.</p> <p>Não tem. Você chegou a conhecer? Não.</p> <p>Como você foi pra Aldeia? Morava no Tatuapé, morava no Rio, meus pais morreram ai a gente não tinha com quem ficar, ai</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>eles trouxeram a gente do Rio, a minha tia, irmã da minha mãe, trouxe a gente do Rio pra São Paulo. Fomos morar no Tatuapé, moramos lá um tempo só que 7 pra uma pessoa e solteira é complicado, a gente bagunça muito.</p> <p>Quantos anos você tinha? Uns 2 anos.</p> <p>Uns 2 anos. Então você tinha irmãos maiores? Tinha.</p> <p>Tá. E a baixo de você? Ninguém, eu sou a mais nova. Ai a gente no geral bagunçávamos muito, ai ela começou a ficar doente, psiquiatricamente falando, ai ela colocou a gente em uma FEBEM, na FEBEM de Tatuapé. Ficamos lá alguns dias, aí tinha um medico da família que ela conheceu que ajudava ela, ajudava a gente, né? Ele ficou muito bravo porque ela colocou a gente na FEBEM, ai ele foi buscar a gente na FEBEM</p>	
--	--	--	--	--	--	--	---	--

					<p>e conheceu a Aldeia, ai ele fez com que ela tirasse a gente da FEBEM e entregou a gente pra Aldeia.</p>		<p>Os 7 tinham ido pra FEBEM? Ah, eu não me lembro.</p> <p>Você não se lembra, você sabe... Eu lembro que eu fui a Sonia foi, o Mauro foi e a Sara, agora os outros eu não me lembro.</p>	
					<p>E pra Aldeia foram quantos? Que eu me lembro esses também, agora os outros eu não lembro não.</p>		<p>Por que eles eram maiores? Eram.</p>	
					<p>E pra Aldeia foram quantos? Que eu me lembro esses também, agora os outros eu não lembro não.</p>		<p>Suely, seus pais morreram como? Hepatite, segundo algumas pessoas, eles morreram de Hepatite, ai quando eles morreram, morreu um seguido do outro, eu era amamentada</p>	

						<p>Quer dizer que durante os anos de Aldeia, ficaram você a Sonia, a Sara, o Mauro ...? É, e a Silvina</p> <p>Então os 5 cresceram juntos? É mais ou menos né, porque logo depois a minha irmã saiu, aí depois a outra.</p> <p>Por que elas chegaram na idade?</p>	<p>ainda, eu não sei da minha mãe, pelo menos hepatite eu não peguei, alguns irmãos meus pegaram também hepatite foram tratados tudo direitinho e depois a gente veio pra cá, mas eu tenho uma foto, muito velha do casamento deles.</p> <p>E essa sua tia, vocês mantiveram contato? Ela mora aqui perto e de vez em quando a gente vai lá.</p>	<p>E em quanto você</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	-------------------------

					<p>Conta um pouco da aldeia? Você na aldeia ...</p> <p>Hoje em dia a aldeia a gente fala que foi uma coisa muito bacana, não foi uma, eu não digo uma mãe, porque acho que mãe é muito mais completo uma coisa muito mais, mãe aquilo foi uma, não tenho palavras, ela tentou passar pra gente que somos importantes, a gente somos seres humanos, precisamos de pessoas pra cuidar da gente, pra gente cuidar dessas pessoas, é carinho, então tudo isso, a gente tentou fazer uma família pra gente entende. Então a Aldeia foi legal, acho que os valores que hoje, eu</p>	<p>É acho que fizeram uma certa idade ai saíram e eu fiquei. Ficou eu a Sonia e o Mauro.</p>	<p>estava lá essas outras irmãs visitavam, vocês tinham contato? Pouco. Eu sentia mais saudades então eu pedia pra ir na casa de jovens pra ver, né?</p>	
--	--	--	--	--	---	--	--	--

<p>E esses valores como você acha que eram passados? Como era a casa? Suas experiências com as mães? Tinha mães que eram legais, mas têm outras que já não eram.</p> <p>Você teve quantas mães? A primeira foi a Laura, ela espancava a gente e a Silvia, na verdade duas,</p>	<p>A Laura te espancava como? Aquela mulher foi horrível, horrível. Eu usava fralda quando eu entrei na aldeia, eu tomava mamadeira, foi uma coisa muito traumática sabe que até hoje eu me lembro e fico muito triste em lembrar,</p>					<p>achei que naquela jamais eu precisava.</p>			<p>porque quando eu entrei na aldeia eu usava fralda, tomava mamadeira, era criada como um bebê, meus irmãos me tratavam como um bebe, minha madrinha, minha</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--	--	--	--

<p>de um dia pro outro eu parei de usar fralda, de um dia pro outro eu parei de chupar chupeta, eu parei de tomar mamadeira, eu fazia xixi na cama e apanhava de corda, entende?</p>	<p>Quando eu entrei na aldeia isso foi chutado de mim, arrancado de mim de uma forma muito brutal,</p> <p>Então, nossa, isso foi coisa que marcou muito pra mim, muito mesmo eu acho que foi a pior parte da vida na Aldeia, pior foi esta,</p>								<p>tia irmã da minha mãe que criava a gente, me tratava como um bebê então era o centro das atenções, entende?</p>	
--	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

<p>foi quando a gente tinha que ouvir minhas irmãs apanhar de cabo de vassoura, fio, sabe,</p>	<p>sem você poder fazer nada,</p>									
<p>ela matou um pintinho, fez minha irmã comer,</p>	<p>é muito ruim, muito ruim mesmo, ela judiava de mais, essa parte foi horrível eu tinha vontade de fugir tinha vontade de morrer até meus 15 anos eu rezava pra minha mãe vim me buscar, 15,16 anos até os 17 anos, vai.</p>									
							<p>Mas você ainda estava morando lá, com a mesma mãe? Não, eu sai da Aldeia, desde quando eu entrei na Aldeia.</p> <p>Tá, mas deixa eu entender. E com essa mulher tão ruim você ficou quanto tempo? Eu não lembro o tempo, mas ela ficou um tempo lá, ai</p>			

<p>e a gente foi morar com a tia Silvia. Então o que acontece é que eu fui morar com a tia Silvia,</p> <p>Então é assim, ela rezava, ficava com a gente, tinha um irmão que pegava dinheiro ela descontava em mim porque eu cuidava da casa, se eu queimasse um arroz ela descontava em mim entende</p>	<p>só que quando eu entrei na aldeia eu era uma pessoa, quando eu sai dessa casa, daquela mulher eu fui pra casa da tia Silvia eu era outra entendeu</p> <p>então isso tudo foi me deixando triste ai eu comecei me revoltar. Se eu ando direito o que eu ganho</p>						<p>descobriram, não me lembro como, parece que a minha irmã os meus irmãos mais velhos ... ai ela foi mandada embora,</p>			
---	---	--	--	--	--	--	---	--	--	--

	<p>com isso, não ganho nada sabe, não ganho um elogio sabe, ninguém fala, ninguém consegue ver, reconhecer, ai então eu vou virar, ai eu virei mudei toda minha opinião,</p>					<p>isso dai eu não achei legal. Porque quando a gente apanhava lá, eu acho que ali a gente merecia, merecia não, teria que ter uma terapia, a gente ter saído dali e ter ido pra outra casa, foi tratamento diferente lá a gente era castigado aqui era outra coisa entende,</p>	<p>ai me enxergaram. Me colocaram pra fazer terapia, ai todo mundo começou a ficar preocupado, ela está com problema,</p>			
	<p>então o que eu fiz, eu comecei a ver uma outra coisa ali e não quis mais saber de nada, agora pra mim chega eu fugia sabe, não pegava</p>									

	<p>dinheiro de ninguém mas, eu fugia , não queria mais fazer nada, sabe, agredia as pessoas verbalmente isso pra mim, acho que foi tudo de lá dessa casa, a primeira.</p>				<p>Tia? Teca. Eu gostava muito dela, quando eu comecei a fazer terapia ela começou a me dar atenção tal, assim eu me senti importante pra alguém, acho que todo mundo quer ser importante pra alguém. Então eu não tinha ninguém, ninguém me ouvia eu pensava que ninguém me ouvia, ai de repente eu comecei a fazer terapia e alguém começou a se importar, pelo menos mostrou que eu era importante e começou a ser importante pra mim,</p>		<p>E durante esse teu período de sofrimento, de revolta, tinha alguém com quem você se identificava, conversava mais, por exemplo? Tinha a tia Teca que era psicóloga.</p>		
--	---	--	--	--	---	--	--	--	--

então eu fazia desenho pra ela, tudo que eu fazia eu pensava nela, eu falava: será que ela vai gostar? Aí eu fazia e levava pra ela ver, eu não via a hora de chegar a terapia, eu não via o dia de chegar a terapia. Comecei a me comportar melhor por causa dela, tudo por causa dela, então ela pra mim, ela foi um... tudo

Você sabe o nome dela inteiro?
Teresa. Eu gostava muito dela, então ela arrumou, ai foi passando tempo além da terapia, acabou a terapia e ela continuou acompanhando, isso pra mim foi ótimo porque ela mostrou que gostava muito de mim, então ela tinha uma amiga e essa amiga dava aula de ginástica olímpica, ai ela me apresentou pra ela e eu comecei a fazer ginástica olímpica, ela que arrumou

Ela trabalhava na aldeia?
Trabalhava. Ela era psicóloga acho, não lembro, ela fazia terapia com a gente, nem me lembro, mas ela trabalhava lá.

datilográfica pra mim, me incentivava ir, eu tinha reforço, ela quem me dava reforço, entendeu? Então ela foi muito legal pra mim, muito, muito importante.

Mais alguém na aldeia?

Não. Pra mim ela foi, assim, era a única pessoa que me dava aquela atenção e se eu quisesse chorar eu poderia chorar, senta e chorar com ela ali, ela me abraçava e falava. Suely, não fica assim, vai ficar tudo bem entendeu, e eu acreditava era a única pessoa entendeu, depois quando ela saiu tudo, aí passou a ser a tia Magui, a tia Magui era bacana.

E como é que a tia Magui era bacana?

Ela conversava muito com a gente, ela tentava, ela era atacadinha, ela era uma super mãe assim, ela dava bronca, dava puxão de orelha, colocava de castigo sabe, mas ela brigava muito por causa da gente, isso era muito legal porque ela brigava, ela pisava e é ela é ela e pronto, entendeu? Aí ela brigava por causa da gente, então ela

			<p>porque engravidei da minha filha, aí eu parei né então foi mais ou menos isso aí.</p> <p>Como foi engravidar da sua filha? Ah, foi, não falando da minha filha entende, mas</p>		<p>foi muito legal.</p> <p>E a casa de jovens como foi a experiência? Ah, foi legal assim ...</p>	<p>Você ficou lá até quantos anos na aldeia, dentro da aldeia? Até uns 12 anos.</p> <p>E depois? Depois aos 13 eu fui embora, fui morar na casa de jovens. Com 14 fiquei na casa de jovens, com 15 eu me casei e fui embora.</p> <p>Em que ano de escola você estava quando você estava indo pra casa de jovens? 6º acho, eu lembro que estava na 6º</p>			
--	--	--	--	--	---	--	--	--	--

		<p>naquela época, naquele momento foi um pesadelo, foi um pesadelo, eu tive que escolher muitas coisa sabe, eu tive que optar por muitas, eu lembro que fiz opções erradas sabe, eu sofri muito.</p> <p>Você teve que optar por o quel, você pode dar um exemplo? Por exemplo, deixar minha filha ou ter, entendeu? É uma das coisas que me deixou muito triste, assim, eu até entendo, sabe, que</p> <p>então eu fiz opções, sabe, só que eu lembro que na época eu não pensei acho que pensei bem, eu perdi muita coisa por causa de essas minhas decisões.</p> <p>Mas você teve a filha? A Irene, sofri demais, demais, demais mesmo. Passei fome sabe, dormi na rua.</p>		<p>a Aldeia cria a gente como um filho eu não sei, o pessoal da Aldeia, da direção cria a gente como um filho talvez, mas acho que não justifica você chegar para um filho e falar você esta grávida, você vai dar, entende,</p> <p>E o que você chama de decisão errada uma vez Tendo engravidado? Primeiro acho que eu deveria, na época, por mais que você tenha, por isso que eu falo que a Aldeia tentou ser mãe entende, porque assim por mais que você tivesse psicólogo, psiquiatra, não sei o</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--	--

que, educação sexual, escola particular, não sei o que, por mais que você tenha tudo isso, uma mãe é muito diferente, porque a mãe vai conversar com você, entra na sua cabeça diferente eu não sei te explicar, e talvez se tivesse ...

hoje eu converso com a minha filha e eu explico pra ela sabe, eu acho que faltou pra mim mesmo a minha mãe, eu sentia muita falta dela. Uma decisão errada foi ter engravidado, entende, com a idade que engravidei começou ai tudo errado, segunda decisão foi ter peitado a Aldeia e saído de lá pra ir morar com ele entendeu, isso foi horrível ai depois dali pra frente.

Mas a opção foi de tirar a

Mas a aldeia te aceitaria grávida lá dentro?
Não, mas eles me deram a opção.

		<p>Você tem 3 filhos? Tenho 3 filhos.</p> <p>A Irene é essa que você teve com 14 anos? Eu tive ela com 15, depois veio o Plínio eu tive ele com 17 anos e a Giovana que tive...</p>	<p>criança? Não é uma opção fácil. Depois eu fiquei sabendo que a tia Teça, que eu tanto amava, queria me adotar, Eu não sabia de nada entendeu, eu só fiquei sabendo disso, eu não sei, eu não consegui entender bem, mas</p> <p>Então pra mim foi muito triste, porque eu tinha a tia Teca como uma pessoa muito importante pra mim, naquela época até mais que minha família, entende? Aí eu tinha que escolher e eu escolhi em ver o que vai dar, depois me separei, casei e me separei.</p>		<p>eu acho que foi uma espécie de chantagem, foi como eu entendi.</p>		<p>Disseram: a tia Teça, se você não estivesse grávida, a tia Teca ia te adotar</p>		
--	--	---	--	--	---	--	---	--	--

		<p>E o Plínio, você estava com outro companheiro?</p> <p>Outro, isso, eu já tinha terminado meu casamento tudo não queria mais. Ai eu fui viver outra vida, ai fui tentar o meu, sozinha com a minha filha, ai foi passando o tempo, eu conheci uma outra pessoa então.</p> <p>E você trabalhava, Suely?</p> <p>Trabalhava.</p> <p>Você trabalhava no que?</p> <p>Ah eu fazia um monte de coisa, inclusive com pessoas erradas.</p> <p>Ai você viveu com o pai do Plínio por quanto tempo?</p> <p>Não eu não vivi com ele não, fiquei com ele um tempo, ai não teve jeito.</p> <p>O Plínio está com quantos anos?</p> <p>9 anos.</p> <p>E a Giovana?</p> <p>Fez 7 anos.</p> <p>E a Giovana tem outro pai?</p> <p>É, a Giovana tem outro pai</p>							
--	--	---	--	--	--	--	--	--	--

		<p>E com esse pai você viveu um tempo, ou não? 6 anos.</p> <p>Até pouco tempo então? Até uns 3 anos atrás.</p>	<p>E essas experiências de maternidades, como é que você vê hoje? Eu vejo como um aprendizado sabe, acho que tudo que a gente passa tanto bom quanto ruim, a gente temos que ver como uma lição. Então sofri, sofri fiz outras pessoas sofrerem também com as minhas burrices, eu não sofri sozinha, fiz meus filhos sofrerem e até hoje, por causa disso eles sofrem também, então não é fácil pra mim também não pra eles.</p>		<p>Suely, voltando um pouquinho pra olhar esse seu percurso na Aldeia: ele começou muito mal, com muita dificuldade, muito sofrimento, você disse que quando passou para tia Silvia, independentemente de ela ser boa ou ruim, você estava sofrida, revoltada né? Mas tem alguma coisa que você olha pra você hoje, e você acha que você aprendeu que faz parte de você, da tia Silvia? Da tia Teca tem, né? Da tia Teca tem, né? Agora, da tia Silvia, acho que nem da Aldeia. Porque assim, meu percurso</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>Como é que você completou seus estudos com essas gravidezes e essas dificuldades todas?</p> <p>Como eu te disse eu parei na 6º série. Ai depois eu engravidei da minha filha a Irene, ai fiquei casada, ai passei por tudo aquilo tal, ai</p>			<p>na aldeia foi legal, foi. Mas psicologicamente falando foi muito traumático pra mim, foi traumático sabe, então lembrando as coisas boas foi legal, mas lembrando desse lado, dessas partes, aí foi traumático pra mim.</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>Brigar como? Assim mesmo briga, fui terminei 6º,7º,8º depois fiz o 1º, 2º e 3º isso tudo brigando.</p>	<p>ficava quieta. Estava sem estudo, dependente dele ai comecei a falar não, pra mim eu quero estudar, eu quero fazer alguma coisa, não quero mais ficar em casa, então falei pra ele que eu queria estudar e ai começamos a brigar.</p>				<p>Alguém da aldeia ajudou de alguma maneira? O Zé Maria.</p> <p>O Zé Maria? O Zé Maria, me ajudou muito com o curso de Auxiliar, muito, ele foi uma pessoa muito importante pra mim porque quando eu estava bem ele me ligava e a gente conversava e a gente ria, quando eu estava ruim a gente conversava e eu chorava e depois a gente ria, e ele falou não fica assim, você vai</p>		
--	--	---	--	--	--	--	---	--	--

						<p>conseguir, você é uma pessoa determinada, ele me deu muita força.</p> <p>Isso foi há uns 3 anos? Atrás, né? Isso. Ele foi uma pessoa muito importante nessa época pra mim, muito mesmo, foi ele. Aí, contando com alguém, com uma, com outra, consegui fazer o curso.</p> <p>E você fez esse curso de auxiliar de enfermagem com bolsa? Alguém que pagou.</p> <p>E quem intermediou isso? Então o Zé Maria conversou com a Dona H. e a Dona H. foi a intermediadora.</p> <p>Você teve algum padrinho na aldeia que fez alguma coisa pra você, como algumas pessoas que quando saem tem algum dinheiro? Acho que todo mundo ali tem, né? Mas assim é pouco contato, nunca fazem ou é por carta, tive sim, mandavam</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>E você usou esse dinheiro de alguma maneira? Usei, quando eu sai da aldeia como eu te disse, menor, casada passei a ser emancipada.</p> <p>Você casou de papel? Casei, passei a ser emancipada e então passei a ser de maior, né? Então podia pegar esse dinheiro, e eu peguei esse dinheiro só que aí fiz burrada de novo, a beleza do meu marido na época. Falava assim: eu tenho que comprar uma moto, eu posso fazer mais bico e alguns serviços por fora e dá pra gente tirar um dinheiro a mais, pra gente alugar uma casa e morar só nós. Aí eu acreditei e comprei a moto, dali pra frente só por Deus.</p> <p>Suely, quando você saiu nessa época tão difícil, com 15 anos,</p>					carta, dinheiro.		
--	--	---	--	--	--	--	------------------	--	--

			<p>antes eu nem queria muito me relacionar, eu queria meio que esquecer. Né?</p>				<p>Hoje em dia não, hoje em dia eles me ligam a gente conversa ontem o Fernando estava aqui entende, outro dia eu fui pra casa onde esta morando o Wilson, o negão. Fomos pra lá, ficamos conversando tudo, o João, de vez em quando a gente se encontra.</p> <p>E aquele processo com a Regina têm alguma importância pra você?</p> <p>Olha eu penso que esse contato com os ex-aldeanos veio a fortalecer depois que acabou esse curso que a gente teve, porque antes era só aqueles meninos ali e só. Hoje não, hoje eu converso com eles tento entender, às vezes um está brigando com o outro, e eu digo: isso é pouco, vamos</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

			<p>E nesse momento seus planos, sua vida atual? Olha eu ando muito triste né? Mas eu queria, queria não, eu quero fazer faculdade, arrumar um serviço, criar meus filhos sair daqui dessa casa.</p> <p>Essa casa é sua ou não? É. Eu invadi, invadi mais paguei. É, eu acho que é isso, eu quero é isso, dar uma vida melhor para os meus filhos, diante das minhas condições talvez eu não tenha muito tempo com os meus filhos, muita atenção, isso eu não acho legal porque eu não tive na Aldeia e eu não quero passar isso pra eles. Então eu sofro muito de não ter tempo de ficar com</p>				<p>conversar, antes eu não queria nem saber, entendeu? Hoje não, hoje eu vejo bem diferente e eu penso que foi depois do curso, eu só não entendo o porquê, mas foi só depois, acho que veio fortalecer um pouco mais.</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>Por que você esta meio que fora?</p> <p>Porque assim. eu terminei enfermagem já faz uns 3 anos e até agora não consegui arrumar serviço no hospital entende,</p>	<p>eles, eu sofro muito de ter que trabalhar muito e não ter como ficar com eles na hora que precisa sabe, é isso.</p> <p>E se você fizesse uma faculdade ou fizer do que você quer fazer?</p> <p>De Enfermagem, antes eu queria Medicina, né? Mas diante das minhas condições é um sonho muito bem remoto, gosto de estudar.</p> <p>Gosta de estudar?</p> <p>Gosto, só que é difícil, né?</p> <p>É difícil.</p> <p>Você tem que escolher porque eu tenho meus 3 filhos, mas tenho que estudar, têm que estudar porque assim. Eu entendo que se eu não estudo fico desfalcada no mercado sabe, dessa forma como eu vou trabalhar, como eu vou fazer uma prova entendeu, então eu entendo que eu já estou meio que fora então eu fico triste por isso.</p> <p>eu queria ao menos já que não tem dinheiro pra fazer uma faculdade, ao menos</p>						
--	--	---	---	--	--	--	--	--	--

		<p>eu tenho conta pra pagar eu tenho meus filhos pra manter, então eu tenho que optar eu estou trabalhando eu tenho que optar, mesmo o pai dando pensão é pouco porque ninguém vive, eles não vivem com R\$ 150,00 reais por mês, sabe, então é tudo muito difícil/ tem dia que falta coisa aqui, sabe, e eu choro porque eu fui ter, porque isso tudo é culpa minha, entende, eu não posso resolver então eu começo a ficar mal, mal, ai eu saio vou fumar cigarro, ando por ai choro bastante, ai pra eles esta tudo bem, é tem que dar um jeito.</p>	<p>fazer curso de técnico de enfermagem só que eu preciso trabalhar, como eu preciso trabalhar pra que, eu preciso manter minha casa, meus filhos</p>						
--	--	---	---	--	--	--	--	--	--

			<p>you are now mobilized, thinking about your life. I think it's a point that you want to tell me?</p> <p>Há não sei, tem muita coisa que passou, coisas difíceis que a gente não consegue se desligar, acho que não é só isso.</p>						<p>different, so I don't like that people come in this form and it is.</p>
--	--	--	---	--	--	--	--	--	--

LINHA NARRATIVA DA ALDEIA

Como qualifica	Como descreve os procedimentos	Rede criada a partir da Aldeia	Relação com a família biológica	Dirigente de Aldeia
<p>Hoje em dia a aldeia falo que foi uma coisa muito bacana eu não digo que foi uma mãe mãe é muito mais completo uma coisa muito mais aquilo foi uma ... não tenho palavras ela tentou passar que somos importantes que somos seres humanos precisamos de pessoas pra cuidar da gente pra gente cuidar dessas pessoas é carinho, então tudo isso a gente tentou fazer uma família a aldeia foi legal hoje eu tenho valores naquela época achei que não precisava. quando eu entrei na aldeia isso foi chutado de mim arrancado de mim de uma forma muito brutal isso foi coisa que me marcou muito foi a pior parte da vida na aldeia, isso dai eu não achei legal quando a gente apanhava lá</p>	<p>entregou a gente pra aldeia. Eu lembro que fui eu, a Sonia, o Mauro, e a Sara os outros eu não me lembro. Entrei na aldeia com 2 anos mais ou menos e a Silvina, também os 5 cresceram mais ou menos juntos logo depois a minha irmã saiu ai depois a outra. Chegaram a uma certa idade e saíram e eu fiquei. Ficou eu a Sonia e o Mauro. tínhamos pouco contato com os que saíram Eu sentia saudades pedia pra ir na casa de jovens pra ver eles ela ficou um tempo lá, ai descobriam não me lembro como irmã os meus irmãos mais velhos, falaram com a tia Magui ela foi mandada embora ai me enxergaram me colocaram pra fazer terapia ai todo mundo começou a ficar preocupado ela esta com problema, Fiquei na Aldeia até uns 12 anos.</p>	<p>minha família da aldeia eles vêm me procuram a gente conversa, a gente sai da aldeia quem ajudou foi o Zé Maria. com o curso de Auxiliar ele foi uma pessoa muito importante pra mim quando eu estava bem ele me ligava a gente conversava e a gente ria a gente conversava quando eu estava ruim eu chorava e depois a gente ria ele falou você você é uma pessoa determinada ele me deu muita força. fiz esse curso de auxiliar de enfermagem com bolsa o Zé Maria conversou com a Da. H. a Da. H. foi a intermediadora. todo mundo tem padrinho na aldeia é pouco contato, é por carta mandavam carta, dinheiro. <i>agora me relaciono muito mais com irmãos de aldeia lá na aldeia, antes eu não queria me relacionar eu queria meio que esquecer</i></p>	<p>depois que você sai da aldeia fica mais forte o laço da família biológica. eu nem sabia que gostava tanto deles como eu descobri hoje menos do que mantenho hoje. Mauro, a Sonia, a Sara, o Rubens, o Clovis os filhos deles. Não tenho pais. Não cheguei a conhecer. morava no Rio meus pais morreram a gente não tinha com quem ficar a minha tia irmã da minha mãe, trouxe a gente do Rio pra São Paulo Fomos morar no Tatuapé, um tempo 7 crianças pra uma pessoa e solteira é complicado a gente bagunça muito Eu tinha uns 2 anos. tinha irmãos maiores eu sou a mais nova. Minha tia começou a ficar doente, psiquiatricamente falando ela colocou a gente na FEBEM de Tatuapé</p>	<p>adultos significativos na Aldeia Tinha a tia Teca que era psicóloga. Eu gostava muito dela quando eu comecei a fazer terapia ela começou a me dar atenção eu me senti importante pra alguém todo mundo quer ser importante pra alguém eu não tinha ninguém ninguém me ouvia, eu pensava que ninguém me ouvia de repente eu comecei a fazer terapia alguém começou a se importar pelo menos mostrou que eu era importante e começou a ser importante pra mim eu fazia desenho pra ela, tudo que eu fazia eu pensava nela, eu falava será que ela vai gostar eu fazia e levava pra ela ver, eu não via a hora de chegar a</p>

a gente merecia alas. teria
que ter uma terapia,
teria que ter saído dali e ter
ido pra outra casa
a casa de jovens foi uma
experiência legal
eu até entendo que a aldeia
cria a gente como um filho
o pessoal da aldeia cria a
gente como um filho
mas não justifica falar para um
filho
você esta grávida, você vai ter
que dar
a aldeia tentou ser mãe
mas por mais que tivesse
psicólogo, psiquiatra
não sei o que, educação
sexual,
escola particular, não sei o
que,
por mais que você tenha tudo
isso
uma mãe é muito diferente,
eu não sei, eu não consegui
entender bem
eu acho que foi uma espécie
de chantagem
se você não tivesse grávida, a
tia Teca ia te adotar
pra mim foi muito triste
a tia Teca era uma pessoa
muito importante pra mim
naquela época até mais que
minha família
Tenho coisas importantes da
tia Teca
acho que nem da tia Sônia,

Depois aos 13 eu fui embora, fui
morar na casa de jovens.
Com 14 fiquei na casa de jovens,
com 15 eu me casei e fui embora.
estava na 6 quando engravidei da
minha filha, e parei a escola
fiquei sabendo que a tia Teca
queria me adotar

*Hoje em dia eles me ligam a
gente conversa
ontem o Luis Fernando estava
aqui
outro dia eu fui pra casa onde
esta morando o Wilson, o
negão.*
O contato com os ex-aldeanos
veio a fortalecer depois que
acabou esse curso
*antes era só aqueles meninos
ali
hoje eu converso com eles*

ficamos lá alguns dias,
ela conversou com um medico
da família que ajudava ela
ajudava a gente
ele ficou muito bravo porque ela
colocou a gente na FEBEM
ele foi buscou a gente lá e
conheceu a aldeia
ele fez com que ela tirasse a
gente da FEBEM
Meus pais morreram de hepatite
morreu um seguido do outro
eu era amamentada ainda
pelo menos hepatite eu não
peguei
alguns irmãos meus também
pegaram hepatite
foram tratados direitinho
eu tenho uma foto, muito velha
do casamento deles.
Minha tia mora aqui perto e de
vez em quando a gente vai lá.
eu usava fralda, tomava
mamadeira
era criada como um bebe
meus irmãos me tratava como
um bebe
minha madrinha, tia irmã da
minha mãe que criava a gente
me tratava como um bebe
eu era o centro das atenções

terapia,
eu não via o dia de chegar a
terapia.
Comecei a me comportar
melhor por causa dela,
tudo por causa dela, então ela
pra mim,
Ela era psicóloga acho, não
lembro,
ela fazia terapia com a gente,
Eu gostava muito dela
foi passando tempo acabou a
terapia
ela continuou acompanhando,
isso pra mim foi ótimo
ela mostrou que gostava muito
de mim,
ela tinha uma amiga que dava
aula de ginástica olímpica
ela me apresentou pra ela e
eu comecei a fazer ginástica
olímpica
ela arrumou datilográfica pra
mim, me incentivava ir
eu tinha reforço, ela quem me
dava reforço
ela foi muito legal pra mim,
muito, muito importante.
Pra mim ela foi a única pessoa
que me dava aquela atenção
se eu quisesse chorar eu
poderia chorar
sentar e chorar com ela ali
ela me abraçava e falava não
fica assim vai ficar tudo bem
eu acreditava, ela era a única
pessoa
quando ela saiu tudo, passou

nem da aldeia
Porque meu percurso na
aldeia foi legal
Mas psicologicamente falando
foi muito traumático

a ser a tia Magui
a tia Magui era bacana.
Ela conversava muito com a
gente
ela tentava, ela era atacadinha
ela era uma super mãe, ela
dava bronca,
dava puxão de orelha,
colocava de castigo
mas ela brigava muito por
causa da gente
isso era muito legal

Mãe Social				
Como cuidava	Como afetou	Vida Fora da Aldeia	Ações e reflexões	Preconceito
<p>Tinha mães que eram legais, mas têm outras que já não eram</p> <p>A primeira foi a Luisa ela espancava a gente e a Sônia, na verdade duas</p> <p>de um dia pro outro eu parei de usar fralda</p> <p>de um dia pro outro eu parei de chupar chupeta</p> <p>eu parei de tomar mamadeira</p> <p>eu fazia xixi na cama</p> <p>apanhava de corda</p> <p>ela matou um pintinho fez minha irmã comer</p> <p>minhas irmãs apanhavam de cabo de vassoura, fio</p> <p>a gente foi morar com a tia Sônia</p> <p>ela rezava, ficava com a gente</p> <p>tinha um irmão que pegava dinheiro</p> <p>ela descontava em mim porque eu cuidava da casa</p> <p>se eu queimasse um arroz ela descontava em mim</p>	<p>Aquela mulher foi horrível, horrível</p> <p>foi uma coisa muita traumática</p> <p>até hoje eu me lembro e fico muito triste em lembrar</p> <p>a gente tinha que ouvir sem você poder fazer nada</p> <p>é muito ruim, muito ruim mesmo</p> <p>ela judiava de mais</p> <p>eu tinha vontade de fugir</p> <p>tinha vontade de morrer</p> <p>até meus 15 anos eu rezava pra minha mãe vim me buscar</p> <p>15,16 anos até os 17 anos</p> <p>quando eu entrei na aldeia eu era uma pessoa</p> <p>quando eu sai daquela mulher eu fui pra casa da tia Sônia</p> <p>eu era outra</p> <p>isso tudo foi me deixando triste ai</p> <p>eu comecei me revoltar</p> <p>Se eu ando direito não ganho nada</p> <p>não ganho um elogio, ninguém fala,</p> <p>ninguém consegue ver, reconhecer</p> <p>então eu virei, mudei toda minha opinião</p> <p>eu não quis mais saber de nada</p> <p>agora pra mim chega,</p> <p>não pegava dinheiro de ninguém</p> <p>mas eu fugia</p>	<p>engravidar da minha filha</p> <p>não falando da minha filha agora</p> <p>naquela época, naquele momento</p> <p>foi um pesadelo</p> <p>eu tive que escolher muitas coisa</p> <p>eu tive que optar por muitas</p> <p>eu lembro que fiz opções erradas</p> <p>eu sofri muito.</p> <p>tive que optar, por exemplo, deixar minha filha ou ter</p> <p>eu fiz opções</p> <p>eu lembro que na época eu não pensei</p> <p>eu perdi muita coisa por causa de essas minhas decisões.</p> <p>sai da aldeia, menor, casei passei a ser emancipada.</p> <p>passei a ser de maior</p> <p>então podia pegar esse dinheiro</p> <p>eu peguei esse dinheiro só que ai</p> <p>burrada de novo</p> <p>a beleza do meu marido quis comprar uma moto</p> <p>pra fazer mais bico e alguns serviços por fora</p> <p>pra gente tirar um dinheiro a mais</p> <p>pra gente alugar uma casa e morar só nós.</p> <p>eu acreditei e comprei a moto, ai dali pra frente só por Deus.</p> <p>Tive a Irene, sofri demais, demais, demais mesmo.</p>	<p>Hoje é importante me manter bem</p> <p>manter forças, manter os filhos, minha casa</p> <p>comecei a falar eu quero estudar,</p> <p>eu vejo essas experiências como um aprendizado</p> <p>tudo que a gente passa tanto bom quanto ruim</p> <p>a gente temos que ver como uma lição</p> <p>Então sofri, sofri fiz outras</p> <p>pessoas sofrerem também com as minhas burrices</p> <p>eu não sofri sozinha, fiz meus filhos sofrerem</p> <p>até hoje por causa disso eles sofrem também</p> <p>então não é fácil pra mim também não pra eles.</p> <p>porque a mãe vai conversar com você</p> <p>entra na sua cabeça diferente</p> <p>eu não sei te explicar,</p> <p>hoje eu converso com a minha filha e eu explico pra ela</p> <p>faltou pra mim mesmo a minha mãe</p> <p>eu sentia muita falta dela.</p> <p>tento entender, às vezes um está brigando com o outro,</p>	<p>Quando eu falo que fui criada em uma instituição, acabo chamando um pouco de atenção</p> <p>pelo lado de dó, pelo lado de pena</p> <p>pelo lado de coitada</p> <p>a partir disso eu já sou vista de uma forma diferente</p> <p>eu não gosto que as pessoas me vêem dessa forma</p>

não queria mais fazer nada
agredia as pessoas verbalmente
foi tudo de lá dessa casa, a
primeira.

passei fome, dormi na rua.
uma decisão errada foi ter
engravido com a idade que
engravidiei
começou ai tudo errado
segunda decisão foi ter peitado a
Aldeia e saído pra ir morar com
ele
isso foi horrível ai depois dali pra
frente.

A Aldeia não aceitaria grávida lá,
mas eles me deram a opção.
eu tinha que escolher e eu escolhi
em ver o que vai dar
depois me separei, casei e me
separei.

Tenho 3 filhos.

tive a Irene com 15, depois veio o
Plínio, eu tive ele com 17 anos e a
Giovana que tive...

O Plínio tive com outro
companheiro
eu já tinha terminado meu
casamento

Ai eu fui viver outra vida
fui tentar o meu sozinha com a
minha filha
foi passando o tempo, eu conheci
uma outra pessoa
eu fazia um monte de coisa,
inclusive com pessoas erradas.
eu não vivi com o pai do Plínio,
fiquei com ele um tempo, ai não
teve jeito.

D. O Plínio tem 9 anos.

A Giovana fez 7 anos.

Ela tem outro pai

Com ele eu vivi 6 anos, até uns 3

vamos conversar, antes eu não
queria nem saber

hoje eu vejo bem diferente e
penso que foi depois do curso
só não entendo o porquê,
que eu preciso trabalhar
eu preciso manter minha casa,
meus filhos

eu tenho conta pra pagar
eu tenho meus filhos pra manter
mesmo o pai dando pensão é
pouco

ninguém vive, eles não vivem
com R\$ 150,00 reais por mês
é tudo muito difícil,

tem dia que falta coisa aqui
sabe e eu choro

porque isso tudo é culpa minha
eu ando muito triste

eu queria, queria não eu quero
fazer faculdade
arrumar um serviço
criar meus filhos,
sair daqui dessa casa.

A casa é minha, eu invadi, mais
paguei.

eu quero dar uma vida melhor
para os meus filhos
eu não tenho muito tempo com
eles

isso eu não acho legal

eu não tive na Aldeia

eu não quero passar isso pra
eles

eu sofro muito de não ter tempo
de ficar com eles

eu sofro muito de ter que
trabalhar muito

anos atrás.
eu parei na 6º série.
depois eu engravidei da minha
filha, fiquei casada, ai passei por
tudo aquilo
com uns 18 anos, 20 anos por ai,
eu voltei a estudar
depois que tive a Giovana, minha
ultima filha,
briguei com pai dela, foi ai que
começou a dar tudo errado entre a
gente
eu comecei a me impor, até então
eu ficava quieta.
Estava sem estudo, dependente
dele
eu quero fazer alguma coisa
não quero mais ficar em casa,
ai começamos a brigar.
terminei 6º,7º,8º depois fiz o 1º, 2º
e 3º, isso tudo brigando.

quero fazer curso de
Enfermagem,
antes eu queria Medicina
mas é um sonho muito bem
remoto
gosto de estudar só que é difícil
.
se eu não estudo fico
desfalcada no mercado
como eu vou trabalhar, como eu
vou fazer uma prova
eu entendo que eu já estou meio
fora então eu fico triste
eu terminei enfermagem já faz
uns 3 anos
até agora não consegui arrumar
serviço no hospital
queria ao menos fazer um curso
de técnico de enfermagem
eu não posso resolver então eu
começo a ficar mal, mal,
eu saio vou fumar cigarro, ando
por ai choro bastante

Intervenções para confirmação, detalhamento ou esclarecimento	Intervenções para obter explicação sobre qualificações	Intervenções para especificar aspectos relacionados aos temas
H.E quem é sua família biológica?	H Conta um pouco da aldeia? Você na aldeia ...	H. E durante os anos de aldeia você manteve
H. São seus irmãos? E os pais?	H. E esses valores como você acha que eram	contato com sua família biológica?
H. Não tem. Você chegou a conhecer?	passados? Como era a casa? Suas experiências com	H. E em quanto você estava lá essas outras irmãs
H. Como você foi pra Aldeia?	as mães?	visitavam, vocês tinham contato?
H. Quantos anos você tinha?	H. E como é que a tia Magui era bacana?	H. E durante esse teu período de sofrimento, de
H. Uns 2 anos. Então você tinha irmãos maiores?	H. Você teve que optar por o que, você pode dar um	revolta, tinha alguém com quem você se
H. Tá. E abaixo de você?	exemplo?	identificava, conversava mais, por exemplo?
H. Os 7 tinham ido pra FEBEM?	H. E o que você chama de decisão errada uma vez	H. E a casa de jovens como foi à experiência?
H. Você não se lembra, você sabe...	tendo engravidado?	H. Como foi engravidar da sua filha?
H. E pra Aldeia foram quantos?	H. Mas a aldeia te aceitaria grávida lá dentro?	H. E você trabalhava, Suely?
H. Por que eles eram maiores?	H. Mas houve a opção foi de tirar a criança?	H. E o Plínio, você estava com outro
H. Então você entrou na aldeia com 2 anos mais ou	H.E essas experiências de maternidades, como é que	companheiro?
menos?	você vê hoje?	H Ai você viveu com o pai do Plínio por quanto
H. Suely, seus pais morreram como?	H. Suely, voltando um pouquinho pra olhar esse seu	tempo?
H. E essa sua tia, vocês mantiveram contato?	percurso na Aldeia: ele começou muito mal, com muita	H. E a Giovana tem outro pai?
H. Quer dizer que durante os anos de Aldeia, ficaram	dificuldade, muito sofrimento, você disse que quando	H.E com esse pai você viveu um tempo, ou não
você a Sonia, a Sara, o Mauro ...?	passou para tia Silvia, independentemente de ela ser	H.Como é que você completou seus estudos com
H. Então os 5 cresceram juntos?	boa ou ruim, você estava sofrida, revoltada né? Mas	essas gravidezes e essas dificuldades todas?
H.Por que elas chegaram na idade?	tem alguma coisa que você olha pra você hoje, e você	H. Alguém da aldeia ajudou de alguma maneira?
H. Mas você ainda estava morando lá, com a mesma	acha que você aprendeu que faz parte de você, da tia	H.O Zé Maria?
mãe?	Silvia? Da tia Teca tem, né?	H.Isso foi há uns 3 anos?

H. Você ficou lá até quantos anos dentro da aldeia?
H. E depois?
H. Em que ano de escola você estava quando você estava indo pra casa de jovens?
H. Você tem 3 filhos?
H. A Irene é essa que você teve com 14 anos?
H. Você trabalhava no que?
H. O Plínio está com quantos anos?
H. E a Giovana?
H. Até pouco tempo então?
H. Brigar como?..
H. Você teve quantas mães?
H. A Laura te espancava como?
H. Tá, mas deixa eu entender. E com essa mulher tão ruim você ficou quanto tempo?
H. Tia?
H. Ela trabalhava na aldeia?
H. Você sabe o nome dela inteiro?
H. Mais alguém na aldeia?
H. Da Aldeia, grávida.
H. Ou da casa de jovens, que seja ...
H. Sei.
H. Mas você teve a filha?
H. Tem mais alguma coisa que eu não perguntei, que você quer me contar?

H. Então nos últimos anos tem o Zé Maria, esse seu curso, essa sua formação importante.
H. E durante esses últimos anos, você se encontra você se relaciona com irmãos de Aldeia, com irmãs de Aldeia?
H. Agora muito mais?
H. E aquele processo com a Regina têm alguma importância pra você?

H. E você fez esse curso de auxiliar de enfermagem com bolsa?
H. E quem intermediou isso?
H. Você teve algum padrinho na aldeia que fez alguma coisa pra você, como algumas pessoas que quando saem tem algum dinheiro?
H. E você usou esse dinheiro de alguma maneira?
H. Você casou de papel?
H. Suely, quando você saiu nessa época tão difícil, com 15 anos, para ter sua filha nessa situação, teus irmãos, a Sonia etc. etc. Estavam próximos?

Intervenções sobre vida presente e planos de futuro	Intervenção para introduzir o tema preconceito	
---	--	--

H. E nesse momento seus planos, sua vida atual?

H. Essa casa é sua ou não?

H. E se você fizesse uma faculdade ou fizer do que você quer fazer?

H. Gosta de estudar?

H. É difícil.

H. Por que você está meio que fora?

H. Suely, eu me lembro que nas conversas que tive com as outras pessoas apareceu uma coisa que eu passei a perguntar/, quando você não está próxima de pessoas que estiveram na Aldeia, que conhecem a sua história, se você está sozinha neste nosso mundo aqui fora, como é que você acha que as pessoas olham se você conta que foi criada em uma instituição?

Consentimento Informado

Eu, _____, aceito participar do estudo intitulado “ Da Aldeia à Cidade: Narrativas de Identidade de Jovens Adultos SOS” realizado por Helena Maffei Cruz sob orientação de Dra Rosa Maria S. Macedo.

Declaro estar ciente que esse estudo tem a finalidade de: Investigar os sentidos produzidos para Adulto Jovem, referidos a crianças e adolescentes criados até a maioria nas Aldeias Infantis SOS do Brasil – São Paulo, pelas práticas discursivas das autoridades responsáveis pela política de abrigamento e dos próprios participantes do processo; tendo como objetivos específicos. Explorar quais os sentidos atribuídos à família de origem e aos quatro pilares da missão da Instituição: casa-lar, mãe social e irmãos sociais, que constituem a família social, e aldeia, nas descrições dos participantes. Compreender a relevância destes sentidos na situação dos jovens adultos, frente às descrições socialmente aceitas de maioria.

Minha aceitação significa que concordo em participar em entrevistas gravadas

Fui assegurado de que esse estudo não oferece risco à minha saúde e que poderei me beneficiar dele com a oportunidade de ter um espaço onde possa conversar sobre minhas experiências sobre o tema desse estudo.

Declaro também que

- a) Estou aceitando voluntariamente, e sem remuneração, a participação nesse estudo, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão para isso;
- b) Posso deixar de participar do estudo, a qualquer momento, se eu desejar, sem que isso me cause nenhum prejuízo;
- c) Fui assegurado que minhas informações serão utilizadas somente para fins de pesquisa, cujos resultados serão sempre divulgados de forma a não me identificar;
- d) Poderei entrar em contato com a Profa Helena Maffei Cruz para tratar de qualquer situação relacionada à minha participação nesse estudo, caso eu julgue necessário.

Pesquisador Helena Maffei Cruz Assinatura _____

Participante _____ Assinatura _____

São Paulo, _____ de _____ de 2007

Aldeias Infantis SOS Brasil

AUTORIZAÇÃO

Eu _____, na qualidade de responsável técnico d_____

_____,
declaro que estou ciente do projeto de pesquisa sobre as perspectivas de futuro de jovens aldeanos-emancipados, das Aldeias SOS de São Paulo, e autorizo que o mesmo seja desenvolvido neste espaço pelas pesquisadoras Helena Maffei Cruz, responsável pela pesquisa e por Juliana F. Simões, me comprometendo a facilitar as condições necessárias para a realização do mesmo.

São Paulo, ___ de _____ de 2004
